

KATE EBERLEN

O primeiro dia
do resto da nossa
Vida



"Um livro adorável, romântico, engraçado
e muito inteligente." – Daily Mail





O primeiro dia
do resto da nossa
Vida



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KATE EBERLEN

*O primeiro dia
do resto da nossa*

Vida



Título original: *Miss You*

Copyright © 2016 por Kate Eberlen
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thalita Uba

preparo de originais: Raphani Margiotta

revisão: Cristhiane Ruiz e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rafael Nobre e Paula Cruz/ Babilonia Cultura Editorial

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E16p

Eberlen, Kate

O primeiro dia do resto da nossa vida [recurso eletrônico]/ Kate Eberlen;
tradução de Thalita Uba. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: *Miss you*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-622-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título.

16-36087

CDD: 823
CDU: 821.111

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARTE 1

CAPÍTULO 1

Agosto de 1997

Tess

Na cozinha lá de casa havia um prato pintado à mão que minha mãe tinha comprado durante umas férias em Tenerife. Ele continha os dizeres: *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.*

Eu nunca tinha dado atenção àquilo mais do que ao troféu do meu pai que ficava no canto da sala ou ao globo de neve de Nova York que meu irmão Kevin havia nos mandado num Natal, mas, no último dia de férias, não conseguia tirar aquela frase da minha cabeça.

Quando acordei, o interior da barraca estava brilhando, alaranjado como uma lanterna de abóbora. Abri o zíper da porta com cuidado para não acordar Doll e pus a cabeça para fora, em direção à luz ofuscante do dia. O ar ainda estava fresquinho e era possível ouvir o tilintar dos sinos ao longe. Anotei a palavra “plangente” no meu diário com um asterisco do lado para me lembrar de checá-la no dicionário quando chegasse em casa.

Dali do acampamento, a vista de Florença, repleta de abóbadas em terracota e torres de marfim branco que brilhavam contra o céu azul límpido, era tão perfeita que tive uma estranha sensação de melancolia, como se eu já estivesse com saudade de tudo aquilo.

Havia muitas coisas das quais eu não sentiria falta, como dormir no chão – depois de algumas horas, parece que as pedras estão penetrando nas suas costas –, trocar de roupa em um espaço com menos de 1 metro de altura ou caminhar até o banheiro e lembrar que esqueci o papel higiênico na barraca. Quando as férias chegam ao fim, é engraçado como parte da gente quer que elas nunca acabem e parte mal pode esperar para pôr os pés em casa.

Fazia um mês que estávamos viajando de trem de um país para outro. Descemos pela França e entramos na Itália, dormindo em estações de trem, tomando cerveja com holandeses nos acampamentos, ganhando queimaduras

do sol em trens lentos e pegajosos. Doll curti praias e coquetéis; eu preferia mapas e monumentos, mas nos demos bem como sempre, desde que nos conhecemos no primeiro dia na St. Cuthbert, aos 4 anos, e Maria Dolores O'Neill – fui eu que abreviei o nome dela para Doll – perguntou: “Quer ser minha melhor amiga?”

Éramos diferentes, mas combinávamos. Toda vez que eu dizia isso, Doll falava “Sim, sua bolsa fica ótima com meu vestido” ou “Seus brincos ficam perfeitos com minha pulseira” e, quando eu dizia que não era a isso que me referia, ela ria e dizia que sabia do que eu estava falando, mas eu nunca tinha certeza. A gente cria uma forma especial de se comunicar com as pessoas mais próximas, não é?

As lembranças que tenho dos outros lugares que visitamos naquelas férias são como cartões-postais: o anfiteatro iluminado de Verona contra o céu escuríssimo; a baía azul de Nápoles; as cores inesperadamente vibrantes do teto da Capela Sistina, mas... do último e despreocupado dia que passamos em Florença, às vésperas de minha vida mudar, consigo me lembrar com detalhes, quase minuto a minuto.

Doll sempre levava muito mais tempo do que eu para se arrumar de manhã porque nunca saía sem maquiagem completa, mesmo naquela época. Já eu gostava de passar algum um tempo sozinha, especialmente naquele dia, quando receberia os resultados das minhas provas e queria me preparar para saber se tinha alcançado a nota para entrar na universidade.

No caminho para o acampamento, na noite anterior, eu havia reparado na fachada iluminada de uma igreja bem no alto da estrada, bela e dissonante como uma caixinha de joias em uma floresta. À luz do dia, a basílica era bem maior do que eu imaginara e, à medida que eu subia os enormes degraus da escadaria barroca na direção dela, me dei conta de que aquele seria o lugar perfeito para um casamento – o que era estranho vindo de mim, já que eu nunca tinha namorado de verdade até então, e muito menos me imaginado em um longo vestido branco.

Do terraço da igreja, a vista era tão deslumbrante que fiquei com uma vontade incontável de chorar enquanto prometia solenemente a mim mesma – como a gente costuma fazer aos 18 anos – que, um dia, eu voltaria ali.

Não havia mais nada nem ninguém em volta, exceto a porta pesada de madeira da igreja, que se abriu quando a empurrei. Estava tão escuro lá

dentro, em contraponto com a claridade do lado de fora, que meus olhos precisaram de um tempo para se ajustarem ao breu. O interior era mais frio e com um cheiro típico de igreja, poeira misturada com incenso. Sozinha na casa de Deus, eu tinha total consciência do barulho que faziam meus chinelos enquanto eu subia os degraus até o púlpito. Eu estava olhando para o rosto gigantesco e impassível de Jesus, rezando para que minhas notas fossem boas, quando, de repente, a abside se encheu magicamente de luz.

Quando me virei, fiquei surpresa ao deparar com um cara magricela, mais ou menos da minha idade, parado ao lado de uma caixa presa na parede em que era possível inserir uma moeda para acender as luzes. O cabelo castanho e úmido estava jogado para trás e ele usava uma roupa ainda mais inadequada do que a minha: bermuda de corrida, regata e tênis. Houve um instante em que poderíamos ter sorrido um para o outro, ou até mesmo dito alguma coisa, mas o perdemos quando nós dois, de propósito, voltamos nossa atenção para a abóbada enorme de mosaico dourado e a luz se apagou outra vez fazendo um barulho alto, de forma tão decisiva e inesperada quanto quando tinha acendido.

Dei uma olhada para meu relógio, como que para dar a entender que eu gostaria de apreciar com mais calma aquela imagem icônica, quem sabe até contribuir com meu próprio minuto de eletricidade, se eu já não estivesse atrasada. Enquanto me aproximava da porta, ouvi o barulho de novo e, olhando para cima, para os traços solenes e iluminados de Cristo, senti como se o tivesse decepcionado.



Doll já estava pronta e maquiada quando voltei ao acampamento.

- Como era? – perguntou ela.
- Bizantina, eu acho – respondi.
- Isso é bom?
- É lindo.

Depois de uns *cappuccinos* e pãezinhos com recheio de creme – é impressionante como até mesmo as lanchonetes dos acampamentos são maravilhosas na Itália –, arrumamos as malas e decidimos ir direto para o correio central, onde eu poderia fazer uma ligação internacional e saber logo

as minhas notas. Mesmo que a notícia fosse ruim, eu queria ouvi-la. O que não aguentava mais era a incerteza de não saber o que o futuro me reservava. Caminhamos até o *centro storico* enquanto eu tagarelava sobre tudo, menos sobre o assunto que estava me preocupando.

Quando liguei para casa, o medo era tão ensurdecedor que me senti como se tivesse desaprendido a falar.

Minha mãe atendeu após um toque.

– Hope vai ler os resultados para você – disse ela.

– Mãe! – reclamei.

Mas era tarde demais. Minha irmãzinha Hope já estava na linha.

– Ler os resultados para você – repetiu ela.

– Então leia.

– A, B, C... – disse devagar, como se estivesse treinando o alfabeto.

– Isso não é maravilhoso? – perguntou minha mãe.

– O quê?

– Você tirou A em inglês, B em história da arte e C em religião e filosofia.

– É sério?

Tinham me oferecido uma vaga na University College London com a condição de que eu tirasse dois Bs e um C, então era mais do que eu precisava.

Pus a cabeça para fora do orelhão e fiz um sinal de positivo para Doll.

Do outro lado da linha, minha mãe estava festejando, depois Hope se juntou a ela. Imaginei as duas em pé na cozinha, ao lado da prateleira de bugigangas com o prato que dizia “Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida”.



A sugestão de Doll era que comemorássemos gastando todo o dinheiro que nos restava em uma garrafa de *spumante* sentadas a uma mesa na Piazza dela Signoria. Minha amiga tinha mais dinheiro que eu, pois trabalhara meio período em um salão durante as aulas, e ansiava por outra mesa ao ar livre desde Veneza, onde tínhamos, inadvertidamente, gastado o orçamento de um dia inteiro em um *cappuccino* na Piazza di San Marco. Aos 18 anos, Doll já

tinha um gostinho pelo glamour. Mas eram apenas dez da manhã e eu ponderei que, mesmo que decidíssemos fazer isso, ainda teríamos muito tempo antes de nosso trem noturno para Calais e provavelmente ficaríamos com dor de cabeça até lá. Sou pragmática mesmo.

– Você que sabe – disse Doll, decepcionada. – A comemoração é sua.

Havia tantas coisas que eu queria ver: a Galleria degli Uffizi, o museu Bargello, o Duomo, o Battistero, a igreja de Santa Maria Novella...

– A maioria é igreja, não é?

Doll não ia se deixar enganar pelos nomes em italiano.

Nós duas tínhamos sido criadas no catolicismo, mas, naquele momento de nossas vidas, Doll via a igreja como algo que a impedia de ficar na cama até mais tarde no domingo e eu achava legal me identificar como agnóstica, apesar de ainda me pegar rezando com frequência. Para mim, as igrejas da Itália eram importantes não tanto pela religião, mas pela história. Para ser sincera, eu era pretensiosa, mas tinha todo o direito de ser, porque estava prestes a me tornar universitária.

Depois de deixarmos nossas mochilas no guarda-volumes da estação, fizemos o circuito rápido do Duomo, tiramos fotos uma da outra na frente das portas douradas do batistério e depois pegamos uma rua secundária em direção à basílica de Santa Croce, parando em uma pequena *gelateria* artesanal que tinha acabado de abrir. O sorvete matinal satisfez o desejo de guloseimas de Doll. Cada uma escolheu três sabores dos tubos cilíndricos montados atrás do balcão de vidro como um enorme estojo de tintas.

Optei por algo refrescante: tangerina, limão e laranja.

– Muito com cara de café da manhã – desdenhou Doll, deliciando-se com marsala, cereja e chocolate *fondant*, que ela descreveu como excitantes e a mantiveram de bom humor por uma hora diante dos murais de Giotto.

A parte divertida de apreciar arte com Doll era que ela sempre dizia coisas como: “Ele não era muito bom com pés, não é?”

Quando saímos da igreja, eu sabia que Doll tinha esgotado sua cota de cultura e, além disso, o calor do meio-dia estava insuportável, então sugeri que pegássemos um ônibus até a antiga comuna de Fiesole, sobre a qual eu tinha lido no guia para turistas. Foi um alívio sentar à janela, com o vento no rosto.

A praça principal de Fiesole pareceu extraordinariamente tranquila depois das ruas lotadas de Florença.

– Vamos pedir o menu turístico para comemorar – falei, decidida a gastar o restinho do dinheiro que estava guardando para alguma emergência.

Então nos sentamos no terraço do restaurante, com a vista de Florença ao longe, como se fosse o pano de fundo de uma pintura de Leonardo Da Vinci.

– Alguma atividade educacional planejada para esta tarde? – perguntou Doll, limpando os cantos da boca depois de devorar um prato de *spaghetti al pomodoro*.

– Tem o teatro romano – admiti. – Mas posso ir sozinha, sem problemas...

– Esses malditos romanos chegaram a todos os lugares, hein? – disse ela, mas se deu por satisfeita em me acompanhar.

Éramos as únicas pessoas ali. Doll ficou deitada tomando sol em uma fileira de degraus de pedra enquanto eu explorava o lugar. Ela se sentou e começou a bater palmas quando subi no palco. Fiz uma reverência.

– Diga alguma coisa! – gritou Doll.

– *Amanhã, amanhã e ainda outro amanhã!*

– Continue! – pediu ela, pegando a câmera.

– Não me lembro do resto!

Pulei do palco e subi os degraus íngremes.

– Quer que eu tire uma foto sua?

– Vamos tirar juntas.

Com a câmera posicionada três degraus acima, Doll concluiu que conseguiria enquadrar nós duas com as montanhas toscanas ao fundo.

– O que os italianos falam no lugar de “xis”? – perguntou ela, configurando a câmera antes de descer correndo e parar ao meu lado a tempo do clique.

No meu álbum de fotografias, parece que estamos mandando beijo para a câmera. O papel adesivo está todo amarelado agora e o plástico que encobre a foto está quebradiço, mas as cores – pedras brancas, céu azul, ciprestes preto-esverdeados – estão tão vivas quanto na minha lembrança.



Com grilos invisíveis papeando nas árvores ao nosso redor, esperamos pelo ônibus de volta para Florença em um silêncio incomum.

Doll enfim revelou em que estava pensando.

– Você acha que ainda vamos ser amigas?

– Como assim?

Fingi não entender o que ela estava perguntando.

– Quando você for para a universidade e conhecer pessoas que entendem de livros e história, essas coisas...

– Não seja boba – respondi, com confiança.

Mas já tinha passado pela minha cabeça o pensamento ameaçador de que, no ano seguinte, eu provavelmente estaria passando as férias com pessoas que iriam querer ver até uma pequena coleção de vasos gregos pintados em um museu, ou que iriam gostar de comparar as obras de Michelangelo e Donatello e das outras Tartarugas Ninjas (como Doll se referia a eles).

Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.

Sentia uma pontinha de animação e frio na barriga sempre que me pegava pensando no futuro.

De volta a Florença, nós nos desviamos um pouco do caminho para tomar outro sorvete. Doll mais uma vez não conseguiu resistir ao de chocolate, agora com melão, e eu escolhi pera, cujo gosto parecia a essência de uma centena de peras Williams perfeitamente maduras, e framboesa, tão intenso e doce quanto a lembrança de um verão na infância.

A Ponte Vecchio estava um pouco menos movimentada do que mais cedo, o que nos permitiu admirar as vitrines das pequenas joalherias. Quando Doll viu uma pulseira prateada bem mais barata que as outras peças, entramos na loja e nos esprememos lá dentro.

O proprietário ergueu a corrente delicada com réplicas em miniatura do Duomo, da Ponte Vecchio, de uma garrafa de Chianti e do Davi de Michelangelo.

– É para criança – disse ele.

– Que tal eu levar para Hope? – perguntou Doll, ansiosa por gastar o resto do dinheiro.

Enquanto o homem envolvia a pulseira em um lenço e a colocava em uma caixinha de papelão estampada com uma flor-de-lis dourada, nós provavelmente imaginamos que minha irmã a guardaria em um lugar seguro e, de vez em quando, abríamos a caixa todas juntas e admiraríamos a pulseira com certa reverência, como se fosse uma relíquia preciosa.

Do lado de fora, a luz havia desaparecido dos prédios antigos e o barulho

da cidade tinha amenizado. Na brisa agradável, acordes suaves de jazz ecoavam de um clarinete. No meio da ponte, esperamos abrir um espaço no meio da multidão para conseguir tirar fotos nossas com o céu dourado de fim de tarde ao fundo. Era estranho pensar que iríamos aparecer nas fotos de todas aquelas pessoas, decorando suas lareiras, de Tóquio ao Tennessee.

– O filme ainda dá para duas fotos – avisou Doll.

Enquanto examinava a multidão, meus olhos pararam em um rosto vagamente familiar, mas que só consegui identificar ao vê-lo franzir a testa, confuso, quando sorri para ele. Era o menino que eu tinha visto na San Miniato al Monte de manhã. Os últimos raios de sol projetavam uma tonalidade vermelha em seu cabelo e ele agora usava uma camisa polo cáqui e uma calça de algodão e estava parado ao lado de um casal de meia-idade que pareciam ser seus pais.

Entreguei a câmera a ele.

– Pode tirar uma foto nossa, por favor?

Sua expressão perplexa me fez questionar se ele teria entendido; então, com o rosto pálido e cheio de sardas vermelho de vergonha, ele respondeu:

– Mas é claro. – Com uma voz que minha mãe teria chamado de “bem articulada”. – Digam “xis”.

– *Ics!* – dissemos Doll e eu em uníssono.

Na foto, nossos olhos estão fechados, rindo da nossa boba pronúncia de “xis” em italiano.



Com uma cabine de quatro leitos só para nós, ficamos deitadas nas camas de baixo, dividindo uma garrafa de vinho tinto e revivendo as lembranças das férias enquanto o trem atravessava a noite. Para mim, a viagem eram paisagens e lugares.

– Você se lembra das flores nas escadarias da Piazza di Spagna?

– Flores?

– Você passou as férias comigo mesmo?

Para Doll, eram os homens.

– Você reparou na cara daquele garçom na Piazza Navona quando eu disse que gostava de peixes grandes?

Agora nós sabíamos que *pesce* também tinha outro significado – relacionado à anatomia masculina, digamos – em italiano.

– Melhor refeição? – perguntou Doll.

– *Prosciutto* e pêssegos na feira de rua em Bologna. E você?

– Aquele negócio que parecia uma pizza de anchova e cebola em Nice estava delicioso...

– *Pissaladière* – esclareci.

– Boca suja!

– Melhor dia?

– Capri – disse Doll. – E você?

– Acho que hoje.

– Melhor...?

Doll pegou no sono, mas eu não conseguia dormir. Sempre que fechava os olhos, me via no quatinho que eu tinha reservado na residência estudantil da universidade – o que, até então, eu não tinha permitido que minha imaginação fizesse –, colocando, toda animada, meus pertences nas prateleiras, arrumando a cama com meu edredom e colando meu novo pôster da *Primavera* de Botticelli que rolava delicadamente de um lado para outro no bagageiro acima de mim. Em qual andar eu ficaria? Será que eu veria a BT Tower por cima dos telhados, como naquele quarto que eles tinham nos mostrado no dia de visita? Ou será que ficaria do lado da rua do prédio, com o topo dos ônibus vermelhos de dois andares passando sob a minha janela e o barulho repentino das sirenes da polícia que fariam parecer que eu estivesse em um filme?

O ar no vagão foi ficando mais frio à medida que o trem começou a subir os Alpes. Cobri Doll com a manta. Ela resmungou um agradecimento, mas não acordou, e eu fiquei feliz por ter um tempinho só para mim, só eu e meus planos, viajando de um estágio da minha vida para o próximo.

Devo ter pegado no sono nas primeiras horas da manhã. Acordei com o barulho do carrinho do café da manhã. Doll estava fitando com desânimo os pingos de chuva viscosos que perseguiam uns aos outros na janela à medida que o trem acelerava pelas planícies do norte da França.

– Eu não tinha imaginado este tempo – disse ela, entregando-me um copo plástico de café amargo e um croissant embrulhado em papel celofane.



Não é que eu estivesse esperando cartazes ou vizinhos rodeando a rua para me receber, mas enquanto eu caminhava pela Conifer Road depois de ter deixado Doll na frente da casa dela na Laburnum Drive, não pude evitar me sentir um pouquinho decepcionada por estar tudo exatamente igual. Nosso conjunto habitacional tinha sido construído no fim dos anos 1960. Provavelmente era o auge da modernidade na época, com casas retangulares metade de tijolinho claro à vista e metade de reboco branco, e gramados comunitários em vez de jardins. Todas as ruas tinham nomes de árvores, mas, com exceção de algumas cerejeiras espigadas que estavam florescendo, ninguém tinha se dado ao trabalho de plantar alguma. Havia casas que tinham uma varanda envidraçada na frente ou um jardim de inverno no corredor do andar de baixo, mas essas também pareciam pequenas caixas umas ao lado das outras. Depois de um mês longe, tinha ficado evidente para mim que eu tinha crescido demais para aquele lugar.

Minha mãe não sabia o dia exato do meu retorno, mas mesmo assim fiquei levemente surpresa por ela e Hope não estarem na janela ou mesmo sentadas no quintal da frente me esperando. A noite estava linda. Talvez minha mãe tivesse enchido a piscina inflável... Talvez estivesse barulhento lá dentro e elas não ouviram a campainha...

Por fim, uma figura pequena e familiar apareceu do outro lado do vidro jateado.

– Quem é? – perguntou Hope.

– Sou eu!

– Sou eu! – gritou ela de volta.

Nunca ficava claro se Hope estava brincando ou sendo pedante.

– É a Teca! – digo. – Por favor, Hope, abra a porta!

– É a Teca!

Eu sabia que minha mãe estava respondendo de algum lugar dentro da casa, mas não conseguia ouvir o que ela dizia.

Hope se ajoelhou para falar pela abertura da caixa do correio na parte de baixo da porta.

– Pego cadeira na cozinha.

– Use a do corredor – instruí pela abertura.

– Mamãe falou da cozinha!

– Está bem, está bem...

Por que minha mãe não veio logo? Fiquei subitamente exaurida e irritada.

Por fim, Hope conseguiu abrir a porta.

– Cadê a mamãe? – perguntei.

A casa estava levemente fria do lado de dentro e não havia o cheiro agradável de comida no ar.

– Está levantando – disse Hope.

– Ela não está bem?

– Só cansada.

– Papai ainda não chegou?

– Bar, acho – respondeu Hope.

Quando eu tirava a mochila das costas, minha mãe apareceu no topo da escada, mas, em vez de descer correndo, entusiasmada por me ver, ela percorreu os degraus bem devagar, apoiando-se no corrimão. Supus que fosse por causa dos chinelos que estava usando por baixo da calça esportiva rosa desbotada. Ela parecia distante, quase irritada, e não me olhou nos olhos enquanto enchia uma chaleira na pia.

Olhei para o relógio. Eram mais de oito horas. Tinha esquecido que anoitecia mais tarde na Inglaterra. Comecei a pensar que deveria ter procurado um orelhão e ligado para casa assim que saí do *ferry boat*, mas o fato de eu não ter feito isso não me parecia algo tão grave assim para minha mãe não falar comigo.

Reparei que o cabelo dela estava despenteado. Ela estava deitada quando cheguei. Só cansada, era o que Hope dissera. Tinha passado quatro semanas se virando sozinha.

– Posso fazer isso – ofereci, pegando a chaleira.

Percebi o primeiro sinal de alerta quando vi a quantidade de canecas sujas na pia da cozinha. Minha mãe deveria estar mesmo exausta, porque ela sempre mantinha a casa impecável.

– Cadê meu pai? – perguntei.

– Deve estar no bar – disse ela.

– Por que você não volta lá para cima e eu levo um chá para você?

Para minha surpresa, porque nada nunca dava muito trabalho para minha mãe, ela respondeu:

– Está bem. – E depois completou, como se tivesse acabado de lembrar que eu tinha viajado: – Como foram as férias?

– Ótimas! Foram ótimas!

Meu rosto doeu por ter sorrido para ela e não ter recebido nada em troca.

– E a viagem?

– Foi boa!

Ela já estava subindo a escada de volta.

Quando levei o chá lá para cima, a porta do quarto dos meus pais estava aberta e vi de relance o reflexo da minha mãe no espelho da penteadeira antes de entrar. Sabe quando você vê as pessoas de um jeito diferente no momento em que elas não sabem que você as está observando? Ela estava deitada com os olhos fechados, como se sua essência vital tivesse sido sugada, deixando-a sem nada por dentro, como uma sombra dela mesma. Fiquei olhando para ela por alguns segundos e de repente ela notou que eu estava parada ali.

Os olhos dela, brilhando de ansiedade, se fixaram nos meus, como se dizendo *Não pergunte na frente da Hope*. Então, quando viu que eu estava sozinha, eles se fecharam outra vez, aliviados.

– Vou ajudá-la a se sentar – falei.

Ela se apoiou em mim enquanto eu afofava os travesseiros atrás dela. Seu corpo pareceu leve e frágil. Meia hora antes, eu estava subindo pela Crescent, odiando como tudo era familiar e comum. Agora tudo se movia ao meu redor como um terremoto e eu queria desesperadamente que as coisas voltassem ao normal.

– Estou mal, Tess – disse ela, em resposta à pergunta que eu tive tanto medo de fazer.

Esperei que ela completasse dizendo: “Mas está tudo bem, porque...” Mas ela não disse.

– Mal como? – perguntei, tonta de pânico.

Minha mãe tinha sido diagnosticada com câncer de mama quando estava grávida da Hope. Ela não fez quimioterapia até Hope nascer, mas tinha se recuperado. Era obrigada a fazer check-ups regularmente, e o último, apenas alguns meses atrás, tinha dado normal.

– Estou com câncer nos ovários e avançou para o fígado – disse ela. – Devia ter ido ao médico antes, mas achei que fosse só uma indigestão.

Lá embaixo, Hope cantarolava uma música familiar, mas eu não consegui distinguir qual era.

Meu cérebro tentava se lembrar da minha mãe antes de eu viajar. Um pouco cansada, talvez, e preocupada, mas eu achava que era por causa das minhas provas. Ela sempre esteve ao meu lado: na cozinha na hora do café da manhã, fazendo Hope ficar quieta enquanto eu revia rapidamente minhas

anotações e, quando eu voltava para casa, sempre com uma caneca de chá e pronta para me ouvir se eu quisesse conversar, ou, se não quisesse, ela só ficava por perto, lavando a louça ou picando legumes, uma presença silenciosa de incentivo.

Como eu pude ter sido tão egoísta a ponto de não perceber? Como pude ter sequer tirado férias?

– Não havia nada que você pudesse fazer – disse minha mãe, lendo meus pensamentos.

– Mas no seu último exame estava tudo bem!

– No exame das mamas.

– E eles não examinaram o restante?

Minha mãe colocou um dedo nos lábios.

Hope estava subindo. A cantiga era *Atirei o pau no gato*, só que ela estava cantando *Atirei o pau no rato*.

– Dona Chica-ca admirou-se-se...

Nós nos forçamos a sorrir quando ela entrou no quarto.

– Tô com fome – disse ela.

– Certo. – Pulei da cama. – Vou fazer um lanche para você.

Se eu precisava de mais alguma evidência de quanto as coisas estavam ruins, foi a geladeira vazia. Embora nossa família não tivesse muito dinheiro, nunca faltou comida. De repente fiquei com raiva do meu pai. Lá em casa, a divisão das tarefas era bem tradicional: meu pai era o provedor do lar e minha mãe, a dona de casa. Mas será que ele não poderia ter se mexido, dadas as circunstâncias? Eu o imaginei no bar afogando as mágoas, enquanto os amigos pagavam cerveja para ele. Meu pai estava sempre choramingando com relação ao que o destino tinha reservado para ele.

Encontrei um pacote de macarrão instantâneo no armário e coloquei uma fatia de pão na torradeira.

Hope estava olhando para mim, mas minha mente estava tão atordoada, tentando assimilar tudo, que eu não conseguia pensar em nada para dizer a ela.

O macarrão começou a ferver no fogão.

Misturei o tempero e despejei-o em cima de uma torrada, relembrando o prato de massa perfeitamente *al dente* que tínhamos comido em Fiesole um dia antes, com o sabor de mil tomates em uma só colherada e Florença ao longe, como uma pintura de Leonardo. Tão distante agora, aquilo parecia ter

sido em outra vida.



O dicionário confirmou que a palavra “plangente” significa lamentoso e lastimoso. Vem do latim *plangere*: bater no peito em sinal de luto.

CAPÍTULO 2

Agosto de 1997

Gus

Passei a correr longas distâncias depois que meu irmão morreu porque era uma maneira aceitável de ficar sozinho. A preocupação das outras pessoas era quase a parte mais difícil de lidar. Se eu dizia que estava bem, elas olhavam para mim como se eu estivesse em negação; se admitisse que estava tendo bastante dificuldade, não havia jeito de elas melhorarem as coisas. Já quando eu dizia que estava treinando para uma meia maratona beneficente para arrecadar dinheiro para pessoas com lesões desportivas, as pessoas acenavam compreensivamente com a cabeça, satisfeitas, porque Ross tinha morrido em um acidente de esqui, então fazia sentido.

Na velocidade ideal, as batidas rítmicas dos tênis no chão conferiam uma espécie de esquecimento que tinha se tornado viciante. Era isso que me fazia levantar da cama todas as manhãs, até mesmo nas férias – apesar de que, em Florença, o pavimento irregular e os encontros repentinos e surpreendentes com o belo tornassem difícil manter o ritmo que me fazia esquecer onde eu estava ou quem eu era.

No último dia das férias, corri ao longo do Arno ao nascer do sol, atravessando cada ponte do rio em direções alternadas, depois fazendo a volta para espelhar o trajeto, com o brilho pálido do sol nos meus olhos em um sentido e o calor nas minhas costas no outro. Com apenas um ou outro varredor de rua ocasional como companhia, parecia que aquele lugar me pertencia, ou, talvez, que eu pertencia a ele. Com o nível de esforço cardiovascular que fazia as ideias flutuarem em minha mente, ocorreu-me que eu poderia voltar a Florença um dia, até mesmo morar ali, se quisesse. Nessa cidade histórica, eu poderia ser alguém sem história, a pessoa que eu quisesse ser, não importava quem fosse. Aos 18 anos, esse pensamento foi uma revelação para mim.

Na minha terceira travessia pela Ponte Vecchio, reduzi a velocidade e passei a caminhar para esfriar. Não havia mais ninguém por perto. As mercadorias brilhantes dos ourives estavam escondidas atrás de tábuas sólidas de madeira. Não havia nada que comprovasse que eu não tinha sido transportado quinhentos anos para o passado. E, de alguma forma, a cidade parecia menos real do que na noite anterior, agitada de turistas. Como um set de filmagem deserto.

Eu tinha voltado na esperança de encontrar a garota ali de novo. Não que eu soubesse o que dizer a ela – assim como nas duas primeiras ocasiões. Ao entregar a câmera de volta a ela, eu não tinha sequer tido coragem suficiente para fazer contato visual, então desperdicei também a terceira chance.

Parado na fila do sorvete ao lado da ponte, senti um tapinha no ombro e lá estava ela de novo, sorrindo como se nos conhecêssemos a vida toda e estivéssemos prestes a embarcar em uma aventura incrível juntos.

– Tem uma *gelateria* maravilhosa descendo a Via dei Neri. Lá dá para comprar seis *gelatos* pelo preço de um daqui! – informou.

– Não acho que eu conseguiria comer seis!

Minha tentativa de ser engraçadinho soou pomposa e depreciativa. Eu não tinha muita prática em conversar com garotas.

– Juro por Deus que, daquele lugar, você conseguiria!

Por que você não me mostra onde é? Ótimo! Vamos lá! Nenhuma das respostas que eu gostaria de ter dado estava à minha disposição com meus pais parados bem ali à minha frente. Em vez disso, fiquei olhando para ela como um idiota, com frases disputando em minha cabeça enquanto seu sorriso se transformava de radiante em levemente perplexo antes de ela sair correndo para acompanhar o passo da amiga.

Na parte norte do rio, Florença estava começando a despertar com a algazarra mecânica das venezianas dos bares à medida que eles iam abrindo. Enquanto eu chegava à Duomo Square, os raios do sol iluminaram as listras do Campanile e o ar foi repentinamente preenchido pelas badaladas dos sinos. Florença era um tipo de paraíso na Terra e seria impossível ser infeliz morando ali.

Encontrei meus pais no saguão do hotel quando eles estavam indo tomar café da manhã.

– A solidão do corredor de fundo! – disse meu pai.

Era isso que ele sempre dizia ao me ver depois de uma corrida, como se

significasse alguma coisa, quando, na verdade, era apenas o título de um filme que ele tinha visto na juventude.

Eu sempre me sentia irritado com meus pais, como um reflexo condicionado à presença deles.

Eu sabia, por ter ouvido conversas na escola, que férias toscanas de verdade significavam alugar uma casa de campo com piscina – se você já não tivesse, afinal, uma dessas –, cercada por oliveiras e paisagens de colinas sinuosas. Em vez disso, meu pai tinha reservado um hotel caro no centro de Florença. Nunca descobri como as convenções sociais são estabelecidas, mas estava ciente, fazia um bom tempo, de que meu pai com frequência as entendia levemente errado. Sem ter frequentado uma escola particular, mas agora capaz de bancar uma para os filhos, ele aparecia em um dia voltado aos esportes de blazer e gravata, ao passo que os pais descolados, que iam ao Festival de Cannes ou tinham contas bancárias nas ilhas Cayman, usavam jeans, camisa polo e mocassins sem meias, como se estivessem competindo por um prêmio de “traje mais informal”. Como estudante liberal do ensino médio, eu defendia o direito de qualquer um se vestir como bem entendesse; como filho dele, eu morria de vergonha.

– Quem é que vai querer queijo a esta hora da manhã?

Meu pai inspecionou a mesa do bufê. Ele era o tipo de homem que fazia comentários em voz alta, como se convidasse o recinto todo a concordar com ele.

– Acho que é isso que os alemães comem – respondeu minha mãe em voz baixa, para não ser ouvida.

– Nunca se ouve falar das taxas de câncer de cólon dos alemães, não é? – ponderou meu pai. – Com todas aquelas salsichas defumadas...

– Para onde vocês vão hoje? – perguntei quando voltamos à mesa com os pratos cheios.

Excursões para outras cidades turísticas importantes nas redondezas estavam inclusas no pacote Tesouros da Toscana. Desde que tive que parar o ônibus duas vezes para vomitar na nossa primeira ida a Assis, eu agora passava os dias em Florença sozinho, visitando as galerias e as igrejas no meu ritmo, experimentando uma sensação maravilhosa de leveza por estar longe dos meus pais.

– Pisa – disse meu pai.

Como alguém que não acreditava em enjoos em viagens, ele não

conseguia esconder sua irritação perante o meu fracasso em aproveitar as férias ao máximo e a recusa da agência em reembolsar o custo proporcional.



Embora o centro da cidade já estivesse ficando cheio de grupos de turistas, que seguiam obedientemente atrás das sombrinhas erguidas pelos guias, foi bastante fácil escapulir por uma ruela lateral mais escura. Eu havia caminhado tanto na última semana que tinha o mapa de Florença na cabeça. Minha primeira peregrinação diária era o mercado coberto perto da basílica de San Lorenzo, seu ar gélido fundido com o aroma defumado dos frios. Alguns vendedores já me reconheciam. Na barraca de frutas, o polegar treinado do velho homem pairava por cima de uma pirâmide de pêssegos em busca de uma fruta perfeitamente madura. Na *salumeria*, a *mamma* simpática me deu toda a atenção em minha busca por um recheio para meu pãozinho, oferecendo pequenas fatias de diferentes salames para que eu provasse ou cheirasse, como um vinho refinado. Como era meu último dia, presenteei a mim mesmo com *un'etto* de um caro *prosciutto di San Daniele*. Ela arrumou as fatias finíssimas com muito cuidado em camadas sobrepostas em uma folha de papel brilhante.

– *Ultimo giorno* – disse a ela, arriscando algumas palavras em italiano. É meu último dia. – *Ma ritorno* – acrescentei – mas eu volto –, como se falar aquilo em voz alta tornasse minha intenção mais real.



Tinha comprado um caderno, encapado com um papel florentino pintado à mão, para levar comigo para as galerias de arte, porque desenhar me permitia olhar as pinturas mais de perto sem me sentir tão constrangido por isso. Arte sempre havia sido minha melhor matéria no colégio, se você considerá-la uma matéria. Meu pai não considera. Quanto mais eu estudava a arte em Florença, mais desejava ter tido coragem de me inscrever em história da arte na universidade. Não era apenas a aplicação talentosa da tinta na tela ou em afrescos que me fascinava, era o que o artista pensava. Será que eles acreditavam nas histórias religiosas que retratavam de forma tão humana,

com santos e apóstolos vestidos como cidadãos florentinos comuns, ou será que pintavam só para sobreviver?

Tinham me direcionado para a medicina, porque estava “no sangue”, como meu tutor no colégio determinou, como se isso fosse algum tipo de mutação genética. Todo mundo sempre dizia que eu poderia observar quadros no meu tempo livre. Agora, inspirado por essa cidade onde a arte e a ciência tinham florescido lado a lado, eu me perguntava se sequer haveria um jeito de combinar as duas. Talvez eu voltasse à Galleria degli Uffizi um dia como professor visitante de anatomia. Ao menos, como médico, eu teria recursos para retornar. Arte não dava dinheiro, meu pai sempre dizia. “Nem mesmo Van Gogh conseguiu viver de arte!”

Comi o meu *panino* sentado nos degraus do Palazzo Vecchio, batendo o pé no ritmo da música do violonista de rua só para parecer que eu estava fazendo alguma coisa. O tempo que eu passava sozinho parecia se arrastar e minha patética timidez impedia conversas com estranhos. Talvez eu me saísse melhor se meu amigo Marcus estivesse comigo. Era para estarmos viajando juntos, mas ele engatara um romance com uma menina de uma escola da mesma rede que a nossa na festa de formatura e, é claro, tinha preferido fazer sexo em Ibiza a rodar a Europa comigo. Nossa experiência com garotas era nula e acho que tanto Marcus quanto eu nos conformamos com a ideia de que o sexo só aconteceria na universidade. Por esse motivo eu nutria uma admiração ressentida por Marcus, embora ele tivesse me deixado com a decisão nada agradável de cancelar nossas férias ou viajar sozinho.

Mais ou menos na mesma época da minha formatura, um dos pacientes do meu pai, que havia quebrado uma coroa do dente comendo um pedaço de panforte, expressou sua surpresa ao saber que seu dentista nunca tinha ido à Toscana. A crítica subentendida fez meu pai se mexer.

– O que você acha? – perguntara ele, empurrando um folheto para mim na mesa da cozinha certa manhã enquanto eu comia meu cereal às pressas antes de ir de bicicleta para meu emprego temporário de verão no novo gastropub da cidade.

– Ótima ideia!

Era legal vê-lo focado em um plano outra vez.

– Quer ir com a gente?

– É sério?

De alguma forma, com a boca cheia de cereal, emiti um ruído horroroso

de entusiasmo inesperado.

Como dentista, meu pai nunca esperava mais do que um leve aceno de cabeça às suas perguntas, então, quando cheguei em casa do trabalho, a viagem de férias já estava marcada e paga.

Disse a mim mesmo que seria indelicado não aceitar a generosidade dos meus pais, mas a verdade era que eu não passava de um covarde.



Enquanto dava uma olhada nos turistas que fotografavam a réplica da estátua do Davi de Michelangelo, comecei a me perguntar se eu reconheceria, afinal, aquela garota se a visse de novo. Eu achava que ela era alta e tinha cabelo longo e castanho. Não havia nada de muito marcante nos traços dela, mas, quando sorria, seu rosto de repente se enchia de travessura e familiaridade, como se houvesse algum segredo emocionante que só ela soubesse e estivesse prestes a compartilhar apenas comigo.

A Via dei Neri era uma ruazinha estreita que se estendia em direção à Piazza Santa Croce e eu passara direto pela *gelateria* quando a tinha atravessado. Era apenas uma portinha com um interior escuro. Para a minha primeira casquinha, escolhi *nocciola* e *limone*, copiando o que o italiano à minha frente tinha pedido; era a cremosidade deliciosa das avelãs combinada de forma perfeita com a acidez cítrica refrescante. Voltei para a Santa Croce tomando o sorvete e, em seguida, voltei e pedi mais um, de pistache e melão, e fiquei sob a sombra fresca da *gelateria*, analisando cada novo cliente na esperança de ver aquela menina de novo.

No calor da tarde, atravessei as multidões da Ponte Vecchio até os Jardins de Boboli. Quanto mais eu subia, mais o número de turistas diminuía, e, no terraço lá de cima, encontrei-me totalmente sozinho ao lado do lago ornamental. O sol ainda estava muito quente, mas se escondia por trás de um véu de umidade que esmaecia a visão da cidade como o verniz desbotado de uma velha obra de arte. Um trovão distante ribombou nas colinas e o ar ficou pesado com a chuva iminente. Então abri meu caderno de rascunho e desenhei o contorno borrado do Duomo.

De repente, um raio ofuscante atravessou o crepúsculo artificialmente amarelado, conferindo uma definição surreal aos arbustos bem aparados e

iluminando a água azul-esverdeada. Enquanto eu erguia a câmera, uma garça branca, que eu achava que fosse uma estátua da fonte de mármore ornamental no meio do lago, alçou voo, surpreendendo-me. Ela voou por sobre a água, o bater de suas asas o único som ou movimento no ar inerte.

Então me ocorreu que eu não tinha pensado em Ross desde o café da manhã.

Por um instante, vi o rosto de meu irmão me fitando por uma nuvem de neve densa que caía, seus dentes brancos, os flocos repousando em seu cabelo escuro penteado para trás, seus olhos escondidos por trás dos óculos de esquiador.

Uma chuva fraca respingou no meu desenho. Fechei o caderno e fiquei parado por uns instantes com a cabeça erguida na direção do céu, curtindo a água quente, até que o brilho de um raio me lembrou de que eu estava em um dos pontos mais altos da redondeza e deveria me proteger. À medida que eu descia com pressa os degraus agora escorregadios de mármore, bandos de turistas emergiam dos jardins, erguendo seus guias de viagem brilhantes acima da cabeça.

Havia um sentimento de camaradagem enquanto estávamos amontoados sob a pequena marquise do Palazzo Pitti; um ou outro de nós estendia o braço de vez em quando para testar a força do temporal e julgar se valia a pena dar uma corrida ou esperar.

Ao meu lado, três meninas americanas mais ou menos da minha idade, com mochilas pesadas nas costas, consultavam seu guia, tentando descobrir como chegar ao acampamento. Eu conhecia o trajeto, havia passado por lá no meu percurso até a Piazzale Michelangelo durante minha corrida na manhã anterior, mas não tinha certeza se seria gentil ou invasivo dizer a elas. Uma das garotas era bem bonita. Senti que estava ficando vermelho antes mesmo de falar.

– Não pude deixar de ouvir. Posso ajudar?

Minha voz soou como se estivesse vindo de outra pessoa, inicialmente rouca, depois alta e descontrolada.

– Você é britânico, não é? – perguntou a menina bonita. – O seu sotaque é TÃO fofo!

– Você também está acampando? – quis saber outra.

– Não. Estou em um hotel – confessei, incapaz de pensar rápido o suficiente em nada mais legal para dizer.

– Por que não vamos todos tomar um aperitivo? – sugeriu a que falava alto.

– Na verdade, vou jantar com meus pais.

Como a chuva aliviou, fui embora com pressa, convencido de que elas estavam rindo de mim. Ross teria sabido exatamente como se comportar. Será que o charme era algo de nascença ou apenas uma questão de prática?

O temporal tinha afugentado as multidões da Ponte Vecchio. Parei para dar uma última olhada na paisagem, mas as colinas além da cidade estavam encobertas por uma nuvem baixa e a fachada listrada verde e branca da basílica de San Miniato al Monte, que eu conseguia ver iluminada à noite da piscina no telhado do hotel, tinha desaparecido.



As principais experiências para quem visita a Toscana estavam listadas na capa do guia colorido gratuito que tinha sido enfiado na nossa caixa de correio em um envelope branco grosso junto com nossas passagens.

Todas as noites, quando nos reuníamos para jantar, meu pai recapitulava as atividades do dia, contando as metas cumpridas nos dedos, como um escoteiro dedicado enumerando as medalhas conquistadas:

- Ruas de paralelepípedo de San Gimignano?

Atravessadas.

- A torre mais alta da Toscana?

Vencida.

- Famosos afrescos com cenas da vida de São Francisco pintados por Giotto?

Vistos. (E foram pinturas religiosas suficientes para o resto da vida!)

- A emoção do trovejar dos cascos dos cavalos no Palio di Siena?

A famosa corrida de cavalos só acontece em dois dias específicos do ano.

- Um aperitivo na famosa praça em formato de leque?

Consumido, apesar do preço exorbitante de um gim-tônica.

– Como foi Pisa? – perguntei aquela noite, enquanto esperávamos pelos cardápios em um restaurante caro com vigas e paredes de tijolo aparente que passavam a sensação de um salão de banquetes medieval.

– Maior do que parece.

Meu pai colocou os óculos de leitura, apesar de já saber exatamente o que iria pedir.

– A torre pendente é menor do que eu imaginava – disse minha mãe.

– Eles deviam organizar melhor as filas – reclamou meu pai, o que me fez concluir que eles não tinham conseguido subir no monumento e não podiam, portanto, considerar a missão cumprida.

• Torre de Pisa.

Fotografamos, mas não subimos.

Não era uma conclusão plenamente satisfatória para as férias.

– Há vários outros edifícios – disse minha mãe.

– A catedral e essas coisinhas. Abarrotadas de turistas, é claro.

Nada na descrição deles me deu um motivo para querer ir até lá um dia e, se eu fosse, isso só lembraria meu pai do assento desperdiçado no ônibus, então eu não disse nada.

– Ah, sim, *buona sera* para você também – disse meu pai quando o garçom chegou para anotar nossos pedidos. – Vamos querer o bife florentino.

Descobrir o melhor lugar para apreciar o “prato típico mais famoso” de Florença tinha sido um projeto do meu pai desde o início das férias. Ele pediu conselho ao motorista que nos buscou no aeroporto em nossa primeira noite e a todos os recepcionistas do hotel. Agora estávamos sentados no restaurante recomendado por uma maioria de cinco contra um.

Cobrada por quilo, a *bisteca alla fiorentina* não era apenas um prato, mas um espetáculo preparado em uma plataforma elevada dentro do salão de refeições do restaurante. Primeiro, a costela era suspensa por um chef que usava um chapéu branco; uma faca enorme era afiada rapidamente, em golpes dramáticos; depois, uma fatia bem grossa de carne, suficiente para alimentar um gigante, era cortada e pesada antes de ser posta em um carrinho e trazida até a mesa para nossa aprovação. Meu pai ficava todo satisfeito quando as outras mesas emitiam “ohs” e “uaus” prontamente a cada fase do ritual. Eu não queria estragar aquele pequeno prazer dele, mas, por dentro, estava me contorcendo de vergonha.

– O que você aprontou hoje? – perguntou meu pai quando a carne foi levada para a cozinha e tivemos que conversar de novo.

– Andei, basicamente. Fui até os Jardins de Boboli.

Silêncio.

– Vi uma garça, para falar a verdade.

– Garça? Estamos muito longe da costa, não? Tem certeza de que não era uma cegonha?

– Foi meio estranho, porque no começo eu achava que fosse parte da estátua, aí ela simplesmente decolou, como se a pedra tivesse ganhado vida.

Meus pais trocaram olhares. “Excêntrico” era a palavra que minha mãe às vezes usava para me descrever. “Avoado” ou “insolente” eram as expressões do meu pai. Nas descrições rápidas que os pais davam de seus filhos, eu era aquele que vivia no mundo da lua.

Cometi o erro de falar sem pensar:

– Foi o tipo de coisa que faz você pensar que teve uma visão, sabe? Digo, talvez todas aquelas visões de São Francisco tivessem, na verdade, uma explicação neurológica. Talvez houvesse algo de diferente no cérebro dele...

Percebi, tarde demais, que “cérebro” era uma das palavras que não dizíamos mais. Algumas palavras desencadeavam associações inevitáveis. Nos últimos meses, o vocabulário falado lá em casa tinha diminuído drasticamente.

Agora meus pais estavam ambos olhando para o nada.

Minha negligência os tinha feito pensar na lateral da cabeça de Ross, no tamanho do curativo que não conseguia esconder o fato de que havia uma parte faltando.

Será que uma parte do cérebro de meu irmão tinha se espalhado pela neve?, eu me perguntei. Será que a equipe de resgate a tinha coberto com mais neve? E quando a neve derreteu, na primavera, será que ainda havia fragmentos de crânio na montanha?

Se essas férias eram uma tentativa de superar a morte de meu irmão, não foram muito bem-sucedidas. A última vez que tínhamos viajado durante as férias, Ross estava conosco. Férias de inverno, muito diferentes do calor pegajoso de Florença, mas ainda assim férias em família. Quando alguém pensa em férias, sempre lembra das paisagens e do clima, mas, de alguma forma, sempre se esquece do confinamento de estar junto, refeição após refeição. Ross costumava dominar a conversa, brincando com meu pai e tirando sarro da minha cara enquanto minha mãe o observava com admiração. Agora, sua ausência fazia com que ele parecesse quase mais presente.

Conhece aquela expressão “Tem um elefante branco na sala”? Você é o elefante, Ross!

Pensei que ele gostaria dessa descrição. De vez em quando, eu me pegava conversando com meu irmão na minha cabeça, apesar de não termos tido esse tipo de relacionamento quando ele estava vivo. Eu ficava surpreso, em retrospecto, com quanto nós tínhamos em comum só por sermos da mesma família. Ross era a única pessoa que entenderia como meus pais eram dignos de pena durante o luto, mas, mesmo assim, como ainda conseguiam ser irritantes.

– Você precisa encarar a realidade – disse meu pai por fim. Eu não sabia ao certo se aquilo era uma repreensão para mim ou uma instrução para ele mesmo. – Você precisa lidar com o que está à sua frente.

O que estava à frente dele era um bife enorme, torrado por fora, porém pingando sangue na tábua de madeira na qual foi servido.

Meu pai olhou para o garçom.

– Eu gostaria que o chef assasse para nós, se não for muito incômodo! – rosnou ele.

Imaginei a cara do chef quando o garçom voltou para a cozinha. Durante meu emprego temporário, eu tinha aprendido que os clientes que mandavam a carne de volta para ficar bem passada eram considerados ainda mais inferiores na hierarquia do desprezo do que os lavadores de prato.

Quando a carne voltou para nós, estava marrom-clara por inteiro, como se tivesse passado dez minutos em um micro-ondas.

Meu pai a cortou grosseiramente.

– Quantas fatias você quer, Angus?

– Uma.

– Só?

– Angus nunca foi de comer muito – ponderou minha mãe.

Ross tinha um apetite enorme. Será que era sensível demais da minha parte ouvir uma comparação implícita?

Eu era completamente diferente de Ross. Meu irmão era moreno, bonito e robusto; eu tinha herdado a estatura esguia de minha mãe e, apesar de meu cabelo não ser tão alaranjado quanto o de meu pai, puxei o suficiente do rosto sardento dele para ser chamado de ruivo na escola.

Ross era capitão dos times de rúgbi e remo e representante de turma; eu gostava de futebol e nunca tinha sido considerado para o conselho dos representantes. O emprego temporário de verão de Ross, depois de ter saído da escola, tinha sido como salva-vidas na piscina pública da cidade. Ser um

salva-vidas era algo de que se orgulhar, ao contrário de trabalhar na cozinha. Não que Ross um dia tenha salvado alguma vida, apesar de várias meninas terem fingido se afogar na esperança de serem resgatadas por ele. Ross tinha começado sua própria versão de *S.O.S. Malibu* em Guildford.

Nunca tive certeza se a verdade era que meus pais não eram muito bons em esconder sua preferência óbvia ou se eu era, de fato, tão medíocre em comparação ao Ross. Esse não era um assunto de que se podia falar sem parecer chorão, então nunca falei, a não ser, ocasionalmente, para Marcus, que sabia como Ross era de verdade. Será que era a destreza de Ross nos esportes que fazia com que os professores do nosso colégio fizessem vista grossa para suas outras atividades ou eles também viviam com medo dele? Às vezes, ficávamos especulando. Talvez Ross e seus comparsas mantivessem provas de falhas passíveis de punição cometidas pelo corpo docente da mesma forma que os garotos do ensino fundamental? Eu nunca saberia, porque ninguém dizia nada remotamente crítico sobre ele agora que estava morto.

Ficamos sentados em silêncio, mastigando a carne.

– Você deve estar ansioso para ir para a universidade... – disse minha mãe.

Será que meu desconforto era tão óbvio assim?

A verdade era que, apesar de estar contando as horas até a claustrofobia das férias passar, eu também estava bastante nervoso com relação ao que viria pela frente. Achava que provavelmente me sairia bem em medicina porque era bom em biologia e me interessava pelo funcionamento do corpo humano.

– Isso faz com que você pareça aqueles escritores de colunas de aconselhamento! – Ross tinha provocado em novembro passado, que agora parecia uma vida inteira atrás, o que, de certa forma, era.

Apesar do deboche dele – ou talvez porque isso tenha me feito pensar com mais afinco –, eu tinha ido bem na entrevista e me ofereceram uma vaga sob a condição de que eu tirasse três notas máximas nos exames de conclusão do ensino médio. Mas sempre me senti desconfortável em seguir os passos de meu irmão. Nas férias de Natal, eu tinha, na verdade, decidido perguntar se podia adiar meu ingresso por um ano para decidir se medicina era o que realmente queria.

Então aconteceu o acidente.

Quando voltei para a escola, o prazo para as inscrições estava se esgotando. Meu pai tinha ficado tão orgulhoso ao pensar que seus dois filhos se tornariam médicos. Fazer medicina ou, pelo menos, *não deixar* de fazer era a única coisa que eu podia fazer para agradá-lo.

Só no dia anterior, quando liguei para a escola para saber os resultados das minhas provas, com meus pais esperando no corredor do hotel, bem ao lado da porta, foi que me dei conta de que uma pequena parte de mim estava torcendo para não ter sido aprovado. Mas minhas notas foram boas o suficiente.

Percebi que não tinha respondido a minha mãe.

– Sim, estou bem ansioso agora – garanti.

Ao menos eu ia fazer sexo. Se a experiência de Ross servisse de embasamento para alguma coisa, médicos faziam sexo o tempo todo.

CAPÍTULO 3

Setembro de 1997

Tess

Hope estava surpreendentemente tranquila em seu primeiro dia de aula. Vestida com sua sainha cinza, a blusa polo branca e o casaco azul-marinho, ela correu até o quarto de minha mãe para um beijo de despedida.

– Tire uma foto, Tess – pediu mamãe.

Decidimos que eu levaria Hope, porque assim isso se tornaria uma rotina para ela. Minha irmã pareceu aceitar a mudança. Talvez parecesse natural para ela, visto que não demoraria muito para que fosse eu a levantar cedo para ir à escola todas as manhãs. Eu estava me preparando para gritos e choro infantis, mas, quando saímos de casa e minha mãe disse “Tchau!” lá de cima, foi a sua voz que ficou embargada pelo choro.

Mamãe e Hope eram inseparáveis. Minha irmã nasceu quando nossa mãe tinha 43 anos. “Uma reflexão tardia”, era como mamãe definia, porque nunca diria que Hope tinha sido um acidente. Com os outros filhos já crescidos, ela tinha tempo para fazer coisas como ler livros na biblioteca e assar bolos maravilhosos. A maioria das pessoas considerava Hope mimada. Tinha sido um bebê bonito, com seus vastos cachos louros, e recebia bastante atenção dos cinco adultos em casa – seis, se incluirmos Tracy, a namorada de Brendan. Todo mundo adorava pegá-la no colo e sacudi-la para que sorrisse. As pessoas diziam que foi por isso que ela demorou um pouco mais para andar, porque recebia tudo na mão. Minha mãe tinha tentado colocá-la na creche, mas Hope não aceitava ficar lá. Ela conseguia contar até mil aos 4 anos e sabia cantar qualquer cantiga infantil, o que provavelmente era bem mais do que a maioria das crianças da sua idade.

Hope caminhou bastante animada ao meu lado e seguimos até a fila das outras crianças pequenas no parquinho. Esperei ao lado do portão com os dedos cruzados com firmeza, rezando para que tudo desse certo e que a

escola fosse protegê-la de tudo que estava prestes a acontecer.

O silêncio perfeito depois daqueles primeiros segundos após o sinal tocar pareceu um presente, uma dádiva de Deus, a quem eu não devia ter abandonado. Então um som familiar me despedaçou.

Minha mãe costumava dizer que foram os berreiros de Hope que fizeram meus irmãos irem embora. Eu nunca soube ao certo se ela estava brincando ou não, porque ela sempre falava que estava na hora de eles voarem com as próprias asas. Minha mãe tinha um senso de humor afiado. Acho que era porque sempre foi inteligente mas não muito confiante, então ela desabafava as coisas e depois dava a entender que estava brincando, caso as pessoas reagissem mal.

Kevin tinha sido o primeiro a ir embora, para Londres, onde conseguiu uma bolsa, e depois foi morar nos Estados Unidos. Ele e meu pai nunca se deram bem, especialmente depois que Kevin se recusou a trabalhar com construção. Com a saída dele, as coisas ficaram mais tranquilas em casa, para dizer a verdade. Então Tracy engravidou e Brendan soltou a bomba de que eles estavam se mudando para a Austrália. Ele sempre se sentiu à sombra de Kev; essa era uma tentativa de ser melhor que ele. Foi então que Hope ganhou seu próprio quarto em vez de dormir no meu, mas a casa continuava barulhenta. Eu costumava passar o máximo de tempo possível na biblioteca da escola. Meu pai costumava passar o máximo de tempo possível no bar. As pessoas diziam que minha mãe tinha uma paciência de Jó.



Era natural que Hope ficasse agitada quando havia tantas preocupações em casa. Foi o que a Sra. Corcoran, a diretora da St. Cuthbert, falou. Ela achou que seria melhor se eu entrasse na escola com a Hope para reconfortá-la. Eu podia ajudar com as outras crianças. A assistente da professora dos alunos da pré-escola estava em licença-maternidade, então seria bom ter mais um par de mãos à disposição.

Aceitei a proposta de bom grado. Com uma turma de trinta crianças pequenas, não havia tempo para pensar em mais nada que não fosse pôr e tirar casacos, chapéus, aventais de pintura e roupas de educação física, localizar sapatos perdidos, monitorar idas ao banheiro, garantir que as mãos

estivessem limpas e distribuir fatias de maçã na hora do intervalo.

Em casa, minha mãe dormia bastante por causa da morfina. Costumamos imaginar que quando alguém está para morrer, essa pessoa tentará dizer tudo o que tinha para dizer, mas não é assim que acontece. Era quase como se não quiséssemos pôr um fim antes de o fim realmente chegar e tivéssemos medo de deixar tudo pronto e depois não ter nada para fazer além de esperar.

Mas eu disse a minha mãe que a amava. Dizia isso a ela todos os dias e depois comecei a falar toda vez que ela ia dormir ou quando eu tinha que sair do quarto para preparar um lanche para Hope ou algo assim, até que começou a soar um pouco estúpido. Não dá para imaginar que dizer “Eu te amo” possa se tornar banal, dá?

É claro que eu dizia outras coisas, como:

– Você não precisa se preocupar conosco porque vamos nos virar.

Ao que ela respondia:

– Eu sei que vão.

Quase nunca conversávamos sobre como faríamos isso, porque eu não queria que parecesse que era *eu* quem tinha um problema.

Um dia minha mãe segurou minha mão e, olhando nos meus olhos para demonstrar que estava falando sério, disse:

– Você precisa ir para a universidade.

– Eu vou, não se preocupe.

Deixar as coisas vagas significava que nenhuma de nós tinha que encarar a questão óbvia: “Como fazer isso?”

Ajudei minha mãe a montar uma caixinha de lembranças para Hope. Era uma caixa de sapatos coberta com retalhos de tecido cor-de-rosa das cortinas que ela tinha feito quando o quarto dos meninos virou o quarto de Hope. Ela bordou “Hope” no retângulo que cortamos para a tampa com uma fita de seda amarela de sua caixa de costura. Eu coleí e grampeei o tecido. A caixa estava linda; difícil era saber o que colocar nela. Não havia muitas evidências físicas do cotidiano de minha mãe com Hope. Pais tiram muitas fotos de seus primogênitos, mas a animação parece esmaecer com os outros filhos. Nós conseguimos encontrar uma foto linda de Hope bebê, toda sorridente. E minha mãe ditou a receita da sobremesa preferida de Hope. Usando o microfone e o gravador de brinquedo de Hope, minha mãe gravou uma mensagem para minha irmã. Por fim, tirou o crucifixo de ouro que sempre usava e me pediu que colocasse na caixa de sapatos.

– Você não vai querer, vai, Tess?

Eu não tinha certeza se ela ficaria mais feliz se eu dissesse que sim ou se desse a ela o consolo de dá-lo a Hope. O crucifixo foi para a caixa. Mas Hope logo notou a ausência dele e, como minha mãe não queria tocar no assunto antes da hora, o crucifixo saiu da caixa e esta voltou para seu esconderijo embaixo da cama. Mais de uma vez, minha mãe perguntou:

– Conseguimos pensar em mais alguma coisa para colocar na caixa? Que tal um CD? O *Greatest Hits* do ABBA? Ela adora aquela música que tem crianças cantando...

De certa forma, eu queria que nunca tivéssemos começado aquilo, ou então deveríamos ter escolhido uma caixa menor, porque os poucos itens que sacolejavam ali dentro eram símbolos insuficientes do amor de minha mãe.

Uma das perguntas que eu fiz, enquanto estávamos costurando e pregando – como donzelas vitorianas, minha mãe dizia –, quando era mais fácil conversar porque nós duas estávamos envolvidas em outra atividade, foi: Caso houvesse vida após a morte, minha mãe poderia me enviar algum tipo de sinal?

Isso a fez rir.

– Não posso fazer você ter fé, Tess – disse ela. – Esse é um passo que você tem que dar sozinha e, depois, tudo vai fluir.

– Mas você pode tentar, por favor? Só um sinalzinho?

– Se você usasse a imaginação para acreditar em vez de duvidar... – disse ela, daquele jeito levemente exasperado que fazia com que suas críticas parecessem elogios.



Brendan e Kevin vieram cada um de um canto do mundo, os dois usando terno. Brendan, inflado com o sucesso, oscilava entre o papel de filho pródigo e a confusão irritante do desastre iminente; Kevin, torneado e bem-vestido, usava sapatos marrom-claros bicudos e calça cinza justa exibindo os músculos de suas panturrilhas sob o tecido levemente brilhante, e só conversava sobre problemas – os dele, não os de minha mãe.

Depois de visitar nossa mãe no hospital, meu pai os levou até o bar e, quando voltaram para casa tarde da noite, havia uma atmosfera

estranhamente alegre em torno dos três, que cambaleavam e cheiravam a cerveja.

– Como nos velhos tempos – disse meu pai, com um braço em torno de cada filho, relembrando uma tradição feliz de que ele teria gostado, mas que nunca tinha acontecido de verdade.



No fim, só eu fiquei ao lado da cama de minha mãe. Não sei se ela queria isso ou se não teve tempo de fazer todas as despedidas individuais. Era quase como se ela tivesse esperado para ver todos os filhos e, depois, estivesse com pressa de partir. Talvez ela tenha pensado que os meninos precisavam voltar ao trabalho. Minha mãe sempre colocou os outros acima de si mesma.

O dossel em torno da cama passava uma falsa sensação de privacidade e nós podíamos ouvir tudo o que os outros diziam do outro lado.

– Você acha que dá tempo de eu tomar um café? – perguntou Brendan.

Talvez eu devesse ser grata a ele por ter me proporcionado o último lampejo de sorriso dela, um sorriso conspirador – *Ouça o que ele está dizendo!*

Em um instante, ela estava ali; então a luz nos olhos dela se apagou.

Achei que estivesse preparada para aquele momento, mas, quando percebi que ela estava morta, fiquei tão chocada quanto se tivesse acontecido sem aviso prévio. Permaneci sentada segurando a mão dela até sentir que não era certo não compartilhá-la com os outros.

Os homens choraram imediatamente. Eu, não. Toda aquela agitação e o choro movidos a ressaca pareciam socos no meu estômago vazio.

Hope também não gostou e gritou para eles pararem.

– Shhh! – disse ela, colocando o dedo nos lábios. – Mamãe está tentando dormir!

Eu disse a ela para dar um beijo em nossa mãe e depois a levei até a cantina do hospital para comer salsicha e batatas fritas e, para espanto dela, um saco inteiro de balas.



Quando coloquei Hope na cama aquela noite, ela perguntou a que horas veria nossa mãe no dia seguinte (ela estava aprendendo as horas na pré-escola) e eu respondi que nossa mãe tinha ido para o Céu.

– Por quê?

– Para ver os anjos – improvisei.

– E Jesus – disse Hope.

– Sim.

– E a vovó e o vovô e a Lady Di e a Madre Teresa...

Hope listou todas as pessoas para quem tinha rezado nos últimos tempos.

Eu nunca tinha entendido o propósito do Céu; não até agora. Será que isso era um sinal?

Esperei pelo silêncio que indicava que Hope tinha pegado no sono, então comecei a caminhar de fininho em direção à porta.

– Teca?

– Sim?

– Quando a mamãe vai voltar?

O que eu deveria dizer?

– Ela não vai voltar, Hope. Mas ela ainda nos ama.

– Ela nunca vai deixar de amar a gente – disse Hope.

Apesar de estar escuro no quarto, eu sabia que ela não estava chorando. Para Hope, aquela era uma simples constatação porque minha mãe já tinha dito aquilo; e diria de novo e de novo na fita cassete.



Muitos parentes vieram da Irlanda – coisa que nunca tinham feito quando minha mãe estava viva. A vinda dela para a Inglaterra com meu pai nos anos 1970 deixara seus irmãos magoados porque, como irmã mais velha, eles achavam que era ela quem deveria ter cuidado do pai deles quando a mãe morreu ainda jovem. Eu conhecia meus tios, minhas tias e meus primos muito pouco, apenas de ficar sentada com eles numa fria sala de estar tomando chá em xícaras especiais, daquelas usadas só por visitas, durante a parte chata das férias na Irlanda que meus pais chamavam de “cumprir tabela”. Nenhum deles conhecia Hope, mas, mesmo assim, reivindicaram o direito de passar a mão na cabeça dela com olhos cheios de lágrimas, ou

então de envolvê-la em abraços apertados, algo de que ela não gostou nem um pouco.

– Chega de beijo! – gritou, enrijecendo o corpo.

– É uma figura, hein? – disse minha tia Catriona, acrescentando, em um sussurro alto carregado de pesar: – Você precisa cuidar dela agora, Teresa, e de você mesma também, porque dizem por aí que é genético. É algo terrível que isso paire sobre todos nós.

Mesmo com minha mãe morta, tive a sensação de que ela ainda estava tentando culpá-la.



Na minha opinião, Hope não devia ir ao funeral, mas meu pai e Brendan queriam que ela fosse e Kev disse que ninguém nunca se importava com suas opiniões, o que era uma boa maneira de se livrar da obrigação de dizer alguma coisa. Então eles eram meio que a maioria. Só que eu tinha certeza de que minha mãe não iria querer que ela fosse.

– Ela disse isso para você? – perguntou meu pai.

– Não.

Essa era uma das muitas coisas que eu devia ter perguntado a ela. Que estupidez a minha. Todo aquele tempo que tivemos e eu nunca ousei perguntar o que ela queria para o funeral.

– Pois então – disse meu pai.



Hope estava bem, balançando de um lado para outro ao ritmo levemente lento do órgão e da interpretação hesitante de “I Have a Dream”, do ABBA, quando entramos. Ela ficou parada entre mim e meu pai enquanto cantávamos “How Great Thou Art”, que era o cântico preferido de minha mãe. Todos rezamos o Pai-Nosso, incluindo Hope, e meu pai olhou para mim por cima da cabeça dela como que para dizer: *Eu tinha razão!*

Acho que ela não tinha sequer reparado no caixão até Brendan se levantar para ler seu poema.

Pensando bem, Kev e eu devíamos tê-lo impedido. Acho que nós dois

estávamos tão chocados com a ideia de Brendan, dentre todas as pessoas, ter escrito um poema que nenhum de nós cogitou perguntar se podíamos ler primeiro. Na verdade, talvez tenhamos nos sentido um pouquinho envergonhados por não termos escrito nada.

Se você ler a seção de óbitos do jornal, vai ver que não é só porque algo rima que é tocante, a não ser para o autor. Foi a rima de Brendan de “Sempre lavava minhas meias” com “Agora está deitada numa caixa de madeira” que captou a atenção de Hope.

– Numa caixa de madeira? – repetiu ela, sua voz zunindo em meio ao silêncio.

– Shhh! – disse meu pai.

– Teca, a mamãe está naquela caixa?

– Você precisa ficar quietinha agora, Hope; estamos na igreja.

Costumava funcionar quando era minha mãe quem falava, mas minha voz não tinha sido convincente o suficiente.

– A mamãe está no Céu com Jesus! – declarou Hope.

O padre Michael se aproximou de nós.

– O corpo de sua mãe está na caixa, Hope, mas a alma dela foi para o Céu – sussurrou ele, despejando seu mau hálito em cima dela.

Os gritos eram estridentemente altos quando carreguei Hope, que se debatia, para fora da igreja. Como uma menina tão pequena poderia entender a separação entre o corpo e a alma? Eu devia ter confiado nos meus instintos. Funerais não eram lugar para crianças. Eu sabia disso. Pior de tudo: eu sentia que tinha decepcionado minha mãe.

Era fim de setembro. Ventava muito, algumas poucas nuvens brancas corriam pelo céu azul e as árvores começavam a ficar amareladas; um dia lindo demais para algo tão triste. Hope parou de gritar assim que saímos da igreja e começou a lutar para sair dos meus braços. Ela se afastou da igreja pulando, perseguindo folhas que por acaso caíam no asfalto. O caminho tinha pequenos pedaços de confete esmagados, resquícios de algum casamento: ferraduras cor-de-rosa, borboletas brancas, corações amarelo-limão. Fiquei parada observando-a, pensando que, se ela conseguisse pegar alguma folha, certamente seria um sinal. É claro que ela não pegou. As folhas do outono têm o hábito de se afastarem quando você pensa que está na cola delas e a coordenação de Hope nunca foi das melhores. Antes que a frustração se transformasse em fúria, eu a arrastei pela rua para comer um McFlurry.

Então perdemos o que quer que o padre Michael tivesse para dizer sobre minha mãe ser uma mãe e uma esposa dedicada, o CD de Charlotte Church “Pie Jesu” ressoando e o caixão sendo enterrado, que é algo que você deve ver para sentir que aquele é mesmo o fim. Eu me pergunto se é por isso que minha mãe às vezes ainda aparece nos meus sonhos e acordo com aquela sensação adorável de alívio – eu *sabia* que não podia ser verdade! – antes de meus neurônios se reorganizarem e me trazerem de volta à realidade.

Ela era membro da comunidade e os amigos dela se juntaram para organizar o velório no salão da igreja. Na pequena cozinha ao lado do altar havia uma linha de produção de mulheres de avental que preparavam travessas de sanduíches e miniquiches, *scones* e bolos caseiros, tigelas de plástico enormes de salgadinhos e bandejas de enroladinhos de salsicha superquentes, enquanto outras empunhavam as chaleiras enormes de chá que costumavam usar na Feira de Natal e serviam xerez para as mulheres e uísque para os homens.

Não demorou muito para que a atmosfera mudasse de sóbria para animada e as pessoas comesçassem a relatar suas histórias. Minha tia Catriona contou que, quando recebeu a notícia da morte da irmã, tinha ido até o quarto da casa que fora dela e tinha sentido um aroma forte. Não se dizia que, quando as pessoas retornavam, elas, às vezes, traziam uma fragrância consigo? Ela teve certeza de que, por um instante, Mary estava lá, antes de se lembrar de que tinha colocado um aromatizador com odor de “brisa de outono” no quarto porque estava com um leve cheiro de mofo.

Meu pai se deleitava com qualquer um que ouvisse a história de como eles se conheceram. Ele tinha voltado para sua cidade natal na Irlanda para o funeral da avó e avistara minha mãe do outro lado do salão lotado e a luz do amor que brilhava nos olhos dela.

Aquela expressão, “a luz do amor”, me fez pensar nos olhos de minha mãe um pouquinho antes do fim. Era uma boa descrição. Às vezes, meu pai podia surpreender. Você olhava para ele e se perguntava o que tinha feito uma pessoa tão gentil e inteligente como minha mãe se sentir atraída por ele, e então você tinha um vislumbre.

– Nós nos conhecemos em um velório e agora estamos nos despedindo em um!

A frase de encerramento dele foi ficando cada vez mais chorosa e tolerante à medida que a noite foi passando. As pessoas apertavam o braço

dele e diziam palavras de consolo como “É o ciclo da vida, Jim” ou “Você tem muitas lembranças felizes para ajudá-lo a superar”.

– Ah, ela era uma esposa maravilhosa para mim! – respondia ele, o que era verdade, apesar de eu nunca tê-lo ouvido dizer isso a ela.

Eu não achava que ele tinha sido, nem de longe, um marido maravilhoso para ela, mas minha mãe nunca reclamou.

“Seu pai tem muitas preocupações na cabeça” ou “Seu pai trabalha muito todos os dias para pôr comida na mesa” eram as desculpas de costume para justificar o fato de ele passar mais tempo jogando ou no bar do que em casa. Não que qualquer um de nós ansiasse pela presença dele em casa, porque sempre havia uma atmosfera de ameaça em torno de meu pai.

– É a bebida, não a pessoa – minha mãe o tinha defendido mesmo depois daquela noite terrível em que ele ficou sabendo que ela estava pagando aulas de balé para Kev escondida com o dinheiro da limpeza da casa. Na ocasião, Brendan teve que montar nas costas dele, batendo com as panturrilhas para segurá-lo enquanto eu saía pela rua gritando para que os vizinhos chamassem a polícia porque achava que ele ia matá-los.



Quando enfim escureceu, a atmosfera estava bastante festiva, com aquele fedor de bebida e as emoções exageradas que geralmente se vê em casamentos de membros da família que não se viam há muito tempo.

Kev empurrou o piano para o palco e tocou sua música de festas, “Danny Boy”, que ele provavelmente tocou algumas vezes em Nova York no Dia de São Patrício porque lá essa data é ainda mais importante do que na Irlanda. Kev nunca foi tão bom de canto quanto de dança, mas ele era afinado o suficiente e a performance provocou um silêncio estupefato na sala antes de as pessoas começarem a aplaudir e a dizer a ele como nossa mãe teria ficado orgulhosa.

– Que tal nos presentear com uma música, Jim? – sugeriu alguém.

Após um instante de protesto, meu pai respondeu:

– Ah, está bem.

Então subiu ao palco, onde ficou em pé, apoiado no piano e, com Kev o acompanhando, cantou “I Will Love You”, do The Fureys.

Não restou um único olho seco depois daquilo. Para mim, não era tanto ouvir aquelas palavras, mas mais ver meu pai e Kev juntos e saber como isso teria deixado minha mãe feliz. No fim, o momento de silêncio reflexivo foi quebrado por uma vozinha surpreendentemente alta e clara ao meu lado:

– Brilha, brilha, estrelinha, quero ver você brilhar. Lá em cima flutuar, com diamantes a brilhar. Brilha, brilha, estrelinha, quero ver você brilhar!

Havia uma seriedade no rosto de Hope e em seu corpinho robusto, com os dedos fazendo os gestos de brilho que ela tinha aprendido na escola, que teria tornado a apresentação cômica, se não tivesse sido tão tocante.

Quando ela terminou, todos aplaudiram, mas, ao contrário de Kevin e de meu pai, Hope não se satisfez com a atenção. Na verdade, ela nem pareceu notar.

– Que tal você agora, Teresa? – gritou tia Catriona. – Não ouvimos você cantar nada.

Para ser honesta, acho que ela só quis me dar uma oportunidade, mas a maneira como falou fez parecer que eu não queria contribuir.

– Não sei cantar – protestei.

– Não tem problema, Teca – disse Hope. – Todo mundo tem coisas em que é bom e coisas em que não é tão bom.

O que souu tanto como minha mãe que todo mundo, fora Hope, riu.

– Está bem. Este era o poema preferido de minha mãe – falei, perguntando-me por que eu não tinha pensado em sugeri-lo para a cerimônia. – “A ilha do lago de Innisfree”. Partirei já, e para Innisfree partirei. Um pequeno barraco construirei, de argila e vime feito. Com nove renques de feijão e uma colmeia para mel ali viverei, e solitária na clareira, com o rumor das abelhas, montarei meu leito. E certa paz ali terei, pois a paz goteja lenta...

Enquanto eu recitava as palavras, devagar e regularmente, tentando não deixar a voz oscilar para deixá-la orgulhosa, perguntei-me se minha mãe desejava paz e solidão longe do caos barulhento de nossa família. E, enquanto olhava para os rostos dos amigos e parentes dela, pensei que talvez todos nós estivéssemos achando que o poema descrevia uma espécie de paraíso para ela, o que nos fez sentir mais calmos com relação a toda aquela injustiça. Talvez seja por isso que as pessoas falem do consolo da poesia.

Quando terminei, o salão estava em silêncio.

– Hora de ir para a cama – falei para Hope, aproveitando a oportunidade

para nos despedirmos antes que a cantoria e a bebedeira recomeçassem, e com elas a probabilidade de o humor mudar da afeição para a ofensa de uma hora para outra.



Hope avistou a borboleta no canto da janela do banheiro enquanto eu dava banho de banheira nela. Era uma daquelas brancas com um pontinho preto em cada asa.

– Quer sair – disse ela.

Então, sem pensar muito, abri a janela e a borboleta voou em direção à luz moribunda.

Foi só quando me ajoelhei e comecei a enxaguar os cabelos de Hope que me perguntei como é que a borboleta tinha entrado. Havia umas flores no quintal dos fundos que atraíam borboletas no verão, mas geralmente eram aquelas alaranjadas, e eu nunca tinha visto uma delas dentro de casa antes. Aliás, não era um pouco tarde para borboletas? Será que ela entrou para se aquecer?

Ou talvez a borboleta fosse o sinal que eu havia pedido a minha mãe e tudo que eu tinha feito foi soltá-la no frio.



Na manhã seguinte, enquanto meu pai ainda roncava no andar de cima e Hope estava assistindo a *Teletubbies*, Brendan veio do hotel e avisou que Kevin já tinha ido para o aeroporto.

Aparentemente, houve uma discussão enorme no salão da igreja algumas horas depois de termos vindo para casa, na qual Kevin criou coragem para revelar que Shaun, o homem com quem estava dividindo o quarto do hotel, não era de fato um colega que estava passando por aqui para uma reunião de negócios, mas sim seu companheiro há dois anos, companheiro, ele tinha gritado aos prantos, que ele sequer pôde apresentar à família no funeral da própria mãe!

O fato de Kevin ser gay não foi muito chocante para mim ou para Brendan (acho que nem, para dizer a verdade, para meu pai, que sempre

desconfiou por causa da dança), mas assumir isso em um funeral, disse Brendan, bem, não era muito adequado, não é?

Meu pai, agora a “pobre vítima” duas vezes, tinha choramingado para o padre Michael:

– Perdi a mulher e o filho no mesmo dia!

Então isso tinha dado a Kevin a oportunidade de listar todos os ressentimentos que ele nutria desde a adolescência. Ironicamente, foi Shaun quem salvou o dia, chegando em um táxi e arrastando Kev de volta para o hotel depois de ter ouvido as lamúrias beligerantes dele pelo telefone.

– Ele pareceu ser um cara bacana – disse Brendan.

Passou pela minha cabeça que talvez Kevin tivesse, consciente ou inconscientemente, criado uma oportunidade para uma saída dramática – ele sempre foi teatral – para se livrar de qualquer obrigação familiar. Ou talvez nunca tenha passado pela cabeça dele, assim como parecia não passar pela de Brendan, que éramos três com uma irmãzinha prestes a fazer apenas 5 anos e um pai alcoólatra irresponsável.

– Quero conversar com você sobre o que vai acontecer com Hope – falei, tentando tocar no assunto.

– Ela vai superar antes do que você pensa – disse Brendan. – Crianças são assim.

Ele tinha dois filhos pequenos, então entendia dessas coisas. E morava do outro lado do mundo. O que é que eu pensei que ele iria fazer? Mas teria sido legal se alguém tivesse simplesmente perguntado se eu estava bem.



Deixei para cancelar minha matrícula na universidade no último minuto. Não porque esqueci ou porque me distraí, mas porque acho que estava esperando por algum tipo de milagre.

Esperei até meu pai e Hope levarem Brendan ao aeroporto para ficar sozinha em casa.

A mulher do escritório de alojamento estudantil foi brusca.

– Está absurdamente em cima da hora.

– Minha mãe morreu, então eu estava ocupada com o funeral.

– Oh. Eu sinto muito.

Eu ainda não tinha descoberto um jeito de responder a isso. “Está tudo bem” não resolvia. “Eu também” parecia impertinente.

– Não é culpa sua – falei. O que também não se aplicava.

Houve uma pausa constrangedora.

– Receio que não poderemos reembolsar o depósito a não ser que encontremos outra pessoa para ocupar o quarto – a mulher disse por fim. – O que, preciso dizer, é bastante improvável a esta altura. Obviamente, informo a você se algo mudar.

– Obrigada.

Desliguei o telefone e foi nesse momento que chorei. Soluços altos e angustiados. Parece egoísta, não? Mas não era apenas o fim do meu sonho. Era o fim do sonho de minha mãe também. Ir para a universidade era o nosso projeto.

Não sei por quanto tempo chorei, sentada na cozinha que parecia tão vazia sem ela, até finalmente parar e me pegar olhando para o prato que dizia: *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.*



Todos os livros sobre luto afirmam que, quando uma criança pequena perde um dos pais, o pior que você pode fazer é mudar as coisas. Você pensaria que um recomeço ou uma mudança de cenário seriam boas ideias, mas os livros dizem que não. A criança já sofreu mudanças demais. Ela precisa de um pouco de estabilidade. Suponho que tenha sido assim para Hope com o prato.

Eu o guardei em um armário, mas Hope reparou assim que chegou e exigiu seu retorno. Então ele permaneceu na prateleira de bugigangas da cozinha. Às vezes ele me deixava magoada; às vezes, deprimida; outras vezes, com tanta raiva que queria tacá-lo no chão – que são todos os estágios do luto, afirmam os livros.

CAPÍTULO 4

Setembro de 1997

Gus

É difícil parecer descolado com sua mãe atrás de você carregando um monte de coisas que ela comprou para a sua vida de estudante, como almofadas diversas, um kit de primeiros socorros, uma agenda de mesa e uma escova sanitária com suporte de cerâmica.

Quando meus pertences finalmente foram empilhados no meio do quarto, nós três ficamos parados em silêncio, sem ter o que dizer. Era apenas um quarto, com uma cama de solteiro, um guarda-roupa embutido e uma mesa, o penúltimo de um corredor de quartos parecidos, todos com as portas abertas aguardando seus novos inquilinos. Ficava no segundo de quatro andares, então não tinha uma vista tão bacana quanto a do quarto do showroom do folheto, mas era nos fundos do prédio, longe da rua. Meu pai e eu ficamos parados olhando pela janela, observando os galhos de duas árvores grandes cujas folhas estavam começando a ficar secas.

– Pelo menos você não está no térreo – disse minha mãe. – Vamos guardar isso tudo?

Meu pai e eu trocamos um raro olhar de empatia.

– Acho que Angus quer organizar as coisas da maneira dele – disse, dando um leve, porém decidido, puxão no braço de minha mãe.

– Ah! – Os olhos dela ficaram repentinamente cheios d'água quando percebeu que tinha chegado a hora, antes do previsto, de dizer adeus. – Não deveríamos pelo menos almoçar com ele?

A despedida continuava sendo adiada. Meu coração ficou apertado com a perspectiva de perambular pelo local olhando os cardápios, com meu pai tirando os óculos e lendo os pratos em voz alta. Mas não disse nada. Era preferível passar mais uma ou duas horas de constrangimento a me despedir com a culpa de não ter me comportado direito.

Meu pai deu uma olhada no relógio.

– Só temos mais vinte minutos de estacionamento gratuito. O carro está parado no subsolo do supermercado.

– Está bem, então.

Minha mãe ficou na ponta dos pés para me dar um beijo no rosto, depois me segurou à distância de um braço por um instante, como se estivesse me avaliando. Como sempre, senti que ela tinha me julgado um pouco inadequado.

Por cima do ombro dela, reparei que uma menina de cabelo cor-de-rosa e mochila parou do lado de fora da minha porta, olhou para mim, em seguida para o número na porta, depois para um pedaço de papel que estava segurando, antes de seguir em frente.

Achei que meu pai fosse me dar um aperto de mãos como fazia com os amigos do clube de golfe. Mas então, do nada, ele me entregou uma sacola de plástico alaranjada.

– É preciso gastar umas 5 pilas para não precisar pagar o estacionamento...

Era uma garrafa de champanhe.

– Mas isto... – Custa bem mais que 5 pilas, era o que eu ia dizer. É claro que custa. – É muito generoso!

– Não tome tudo de uma vez!

Vê-lo sorrindo com o sucesso da surpresa me fez lembrar que, um dia, ele fora uma pessoa capaz de se divertir.

Fomos todos até o saguão da frente juntos.

– Pegou as chaves?

– Sim!

– É o início de um novo futuro para você – começou minha mãe, mas aí ela se perdeu nas palavras e eu sabia que ela estava, na verdade, pensando no futuro de Ross, que tinha sido tirado dele.

– Trabalhe duro! – disse meu pai.

– Acho que não tenho muita escolha! – respondi, o que pareceu agradá-lo.

Fiquei olhando para eles enquanto iam embora, o casaco caramelo dela e o blazer dele reforçando a classe e a origem dos dois em contraste com o fundo de grafite. Então voltei para o quarto, com uma estranha sensação de vazio. Livre do sufocamento do luto da minha família, eu esperava criar uma nova identidade, mas, estranhamente, parecia que não havia nada dentro de

mim.

A menina de cabelo cor-de-rosa estava colando com Durex um pedaço de papel em sua porta que dizia *Quarto da Nash*, em uma letra cursiva grande e marcada.

– Meio institucional, não é? – disse ela, abrindo a porta para me mostrar o seu quarto, que tinha uma janela extra por ser no canto do prédio.

Ela já tinha pendurado uma espécie de móbile, com pedacinhos de espelho que refletiam os raios fracos do sol do outono e lançavam um padrão tremulante de luzes pelo carpete bege sujo.

– Tive sorte, não é? – disse ela. – Nem tinha um quarto ontem, mas alguém desistiu na última hora. Nash, aliás. Apelido de Natasha.

Apontei com a cabeça para o aviso na porta.

– Dã! – disse ela.

Nash jogou o cabelo para trás de um jeito dramático que me fez pensar se eu deveria fazer algum comentário sobre ele.

– Angus – falei.

– Sêrio?

Será que esse era um nome tão surpreendente assim?

– Parece escocês – disse ela, esclarecendo, suponho, que ela não tinha detectado nenhum sotaque escocês.

– Meu pai é escocês.

– Então como devo chamar você?

Claramente, Angus não servia.

Na escola, nós nos chamávamos pelo sobrenome. Eu era o MacDonald, então as pessoas reduziam para Mac, ou, às vezes, para “fazendeiro”, por conta de uma canção infantil que cita os bichos na fazenda do velho MacDonald.

– Que tal Gus? – sugeriu ela.

Ninguém nunca tinha me chamado de Gus. Eu até que gostei. Minha nova identidade tinha um nome.

– Gus, com certeza – respondi rapidamente, estendendo a mão para selar o acordo.

– Qual a sua altura?

As pessoas não veem problema em fazer essa pergunta, apesar de não imaginarem perguntar qual o peso de uma pessoa gorda, ou até mesmo a altura de uma pessoa baixa.

– 1,95 metro.

Eu não conseguia pensar em nada para perguntar a ela.

– Eu ofereceria café. Se tivesse.

– Você bebe champanhe? – indaguei sem pensar.

– Que pergunta ridícula!

Meu pai teria ficado horrorizado com a ideia de eu abrir uma garrafa antes das seis e bebê-la quente nas canecas de porcelana tiradas do armário de madeira que minha mãe tinha providenciado, mas isso só tornou o gosto ainda melhor.

– Divinamente delicioso, meu bem! – disse Nash.

Ela era um pouco como Sally Bowles em *Cabaret*. Não que se parecesse com a Liza Minnelli, com seu macacão alado preto e os tênis sem cadarço, mas havia uma pitada da mesma excentricidade inibida. Passou pela minha cabeça que talvez ela me enxergasse como o personagem inocente, possivelmente gay, de Michael York que tinha acabado de chegar à cidade grande.

– O que você vai estudar? – perguntei, encolhendo-me com a qualidade prosaica do meu papo.

– Adivinhe?! – disse ela, relaxando na cama, que já tinha sido arrumada com lençóis pretos e um edredom vermelho. Havia um pôster de Che Guevara bem atrás da cabeça dela.

– Política?

Ela pareceu surpresa.

– Letras e teatro, na verdade. – Ela me estudou com atenção. – Psicologia?

Fiquei lisonjeado por ser assim que eu parecia para ela. Gostei da ideia de parecer o tipo de pessoa que estuda psicologia.

– Medicina.

– Ah. Você deve ser inteligente.

– Nada de especial.

– Vou ser atriz – anunciou ela.

Talvez com o objetivo de parecer um pouquinho misterioso, falei:

– Não tenho certeza do que quero ser.

Ela riu.

– O quê?

– Você vai ser médico, ora!

Ao ouvir isso de uma pessoa que eu tinha acabado de conhecer, no início da minha nova identidade, o inevitável me deprimiu.

Servi o resto do champanhe, virando-o como se fosse água.

– Acha que devemos procurar alguma coisa para comer? – perguntou Nash, repentinamente a pessoa sensata e menos bêbada de nós dois.

O restaurante mais próximo era grego. Eles não serviam comida até as seis, mas o garçom nos deixou sentar e tomar alguma coisa. Nash, que já tinha ido à Grécia, disse que iríamos pedir retsina. O gosto azedo era como o ar no chuveiro da escola depois que as zeladoras tinham limpado.

Nash foi bem direta:

– Em quem você votou?

Nascidos em 1979, éramos a geração Thatcher. Não conhecíamos nada que não fosse o governo conservador, mas em maio deste ano, as mudanças tinham varrido o país.

– Não sou muito político.

Tentei eludir a pergunta porque eu não tinha, na verdade, votado.

– Então você é pró-Tory – disse Nash. – Se você não estiver preparado para desafiar o *status quo*...

Eu nunca havia pensado nisso por esse ângulo. Tinha sido criado para pensar que era rude perguntar sobre a opinião política das pessoas.

– Futebol ou rúgbi? – quis saber ela.

– Futebol e corrida.

– Então você é um menino de escola pública que não se encaixava direito – deduziu ela, sacudindo o guardanapo e acenando na direção do garçom, que estava montando uma grande mesa.

Encolhi-me com a precisão da leitura dela.

– Aposto que seu pai é médico.

– Ele é dentista.

– Um médico frustrado, então. Pior ainda!

Nunca tinha me ocorrido que talvez o desejo de meu pai de ter dois filhos médicos fosse, na verdade, sua própria ambição. Será que ele não tinha atingido a pontuação suficiente? Será que a Nash era muito perceptiva ou apenas muito rude?

– O que vamos pedir? – perguntou ela, folheando o cardápio. – Sou vegetariana, por sinal.

As frases dela soavam como desafios, como se esperasse que eu

discutisse com ela.

Fora um prato chamado *moussaka*, que era praticamente indistinguível de todas as outras bandejas de picadinho que eles nos serviam na escola, eu nunca tinha experimentado comida grega antes, então deixei que ela escolhesse. Os garçons trouxeram pratinhos de molhos oleosos, lascas de queijo borrachudo frito e cestas cheias de pão sírio quentinho, que se acomodaram muito bem no meu estômago, sugando o retrogosto da resina e me fazendo concordar que uma jarra do vinho tinto da casa seria uma boa ideia.

Minha memória daquela noite é enevoada. Houve debates, risadas e choros. Os pais de Nash eram divorciados; o pai dela tinha se casado outras duas vezes depois e a mãe dela agora morava com outra mulher. Ela parecia ter um monte de meios-irmãos e meias-irmãs em vários países ao redor do mundo. Nash se referia ao pai como um idiota, mas claramente sentia falta da afeição dele. Uma sensação de alívio me inundou quando percebi que essa mulher, que parecia tão sofisticada, também era insegura.

– E a sua família? – perguntou ela.

– Nada a dizer.

– Quanto mistério.

– Ou muito comum?

– Algum irmão ou irmã?

Um segundo se passou.

Vi o rosto de Ross olhando para mim em meio à neve densa que caía, os dentes brancos, os olhos escondidos por trás dos óculos de esqui.

– Não – falei.

Isso não é totalmente mentira, Ross.

– Olhe – acrescentei rapidamente –, não estou interessado em ser definido pelo lugar de onde venho nem por quem são meus pais. Sempre me senti um estranho na minha família e na escola. Agora estou livre para ser quem eu sou de verdade.

– Então, quem você é? – perguntou ela.

– Não faço ideia.

Nash confundiu minha resposta com sagacidade.



Acordei vestido na manhã seguinte, mas me sentindo bem, quase plenamente alerta, até me levantar e descobrir que meu crânio tinha sido substituído por uma caixa de aço rígida que esmagava os tecidos do meu cérebro a cada movimento leve. Pesei a alternativa de voltar para debaixo do edredom ou queimar os resquícios do álcool.

Em meio aos meus pertences ainda encaixotados no chão, localizei minha bolsa desportiva e tirei uma bermuda e os tênis de corrida. Depois de uma busca desesperada pela chave, vi que a tinha deixado na porta quando a tranquei, apesar de não me lembrar de ter feito isso. Eu não conseguia, para dizer a verdade, me lembrar de ter voltado para o quarto, apesar de, quando saí na chuva e comecei a trotar uma corridinha lenta, um filme da noite anterior começar a passar na minha cabeça, congelando imagens aleatórias de um constrangimento acalorado. Meu cabelo tinha mesmo ficado preso na videira de plástico pendurada no teto do restaurante grego quando me levantei para ir ao banheiro? Nós realmente tínhamos quebrado pratos e dançado em um círculo frenético com os convidados de um casamento?

As calçadas da cidade estavam escorregadias, com uma lama suja que respingava nas minhas pernas e penetrava no tecido dos meus tênis brancos, mas a chuva era fria e purificante, achatando meu cabelo e escorrendo pelo meu rosto quando eu jogava a cabeça para trás.

As ruas estavam razoavelmente vazias, apenas um ou outro ônibus passava e espirrava água. Eu não fazia ideia de para onde estava correndo, mas decidi virar à esquerda quando cheguei a um cruzamento principal, entrando em uma região mais abastada, com imobiliárias, um bar com mesas do lado de fora e cestas de gerânios vermelho-arroxeados que balançavam com a brisa úmida, e uma banquinha de jornal recém-aberta. Olhando ao redor, notei que eu tinha percorrido três quarteirões do caminho em volta de um círculo mais ou menos quadrado. Meu alojamento ficava a pouco mais de 1,5 quilômetro. Comprei uma garrafa de leite. A chuva estava começando a diminuir quando resolvi voltar e minha ressaca tinha passado.

No banheiro masculino, um cara grande e de peito largo estava se secando de forma exibida, exatamente como os jogadores de rúgbi faziam na escola para garantir que você admirasse o tamanho dos músculos e dos pênis deles.

Ele ficou olhando para minhas pernas cheias de lama.

– Enchi a cara ontem à noite. Fui correr para queimar o álcool – falei, e vi

que subi no conceito dele.

De volta ao quarto, encontrei uma chaleira novinha em uma caixa intitulada *Cozinha*, junto com um pacote de café instantâneo da melhor qualidade, uma latinha de Coffee Mate e umas latas de feijão. Minha mãe tinha pensado em tudo e agora eu me sentia culpado de ter relutado em deixar que me ajudasse a desencanaixotar tudo, como ela queria.

Com duas canecas de café nas mãos, eu estava prestes a dar um chute na porta de Nash quando tive outro flashback.

Nós tínhamos nos beijado? Tínhamos. Bem na frente da porta dela. Um selinho; depois, um beijo de língua; depois, olhando para mim com os olhos semiabertos, ela tinha perguntado se eu queria entrar, e era óbvio que poderíamos ter feito sexo, mas eu tinha murmurado algo sobre aquilo não ser uma boa ideia.

Nash não fazia muito o meu tipo. Eu sequer sabia que tinha um tipo até então.

Tomei as duas canecas de café, depois saí para a palestra de apresentação do curso de medicina.



Havia um zunido de nervosismo quase palpável em meio à multidão de estranhos reunidos do lado de fora do anfiteatro e estrondou uma onda de risadas quando o estudante que estava mais perto da grande porta de madeira tentou girar a maçaneta e descobriu que estava aberta.

– O primeiro passo para se tornarem aprendizes independentes – pontuou acidamente o professor de sua tribuna enquanto preenchíamos as fileiras de cadeiras, lançando olhares disfarçados ao redor para ver se os outros estavam tirando casacos ou pegando blocos de notas.

Ao longo das fileiras, reconheci dois rostos do dia da entrevista. Um menino de óculos reagiu com sobriedade ao meu aceno de cabeça de reconhecimento; uma menina de lenço desviou o olhar com timidez.

– Qual de nós você acha que vai desmaiar? Sempre tem um que acaba desmaiando quando vê um cadáver pela primeira vez... – sussurrou o cara ao meu lado.

Estiquei o indicador para apontar para a menina de cabelo curto bem

louro sentada logo à nossa frente, que se virou subitamente, como se tivesse detectado o breve movimento em sua direção. Ela tinha uma beleza clássica, com maçãs protuberantes e um jeito britânico. Os olhos dela se fixaram nos meus por um instante e pude sentir o rubor se espalhando por meu rosto.

O nome dela era Lucy, meu vizinho descobriu quando tivemos um intervalo para tomar café e acabamos dividindo uma mesa na cantina. O dele era Toby.

Se eu tivesse chegado um instante mais tarde ao anfiteatro ou me espremido no fim de uma fileira de cadeiras em vez de começar uma nova, provavelmente teria conversado com outras pessoas. Ou será que não é assim que funciona? Será que Lucy e eu sempre estivemos destinados a tomar café juntos? Se eu tivesse me sentado ao lado de Jonathan, o cara de óculos, será que teria passado os anos da minha faculdade jogando xadrez e também seria um oncologista de renome? Achamos que escolhemos nossos amigos, mas, talvez, seja apenas obra do acaso.



Eles nos levaram ao laboratório de anatomia na primeira semana. Suponho que a ideia era que encarássemos isso de uma vez por todas. No corredor do lado de fora, todo mundo estava falando alto, mas o silêncio se instaurou quando entramos. O ar estava pesado de substâncias químicas.

Eu tinha tentado me preparar imaginando todo tipo de gente quando os sacos fossem abertos, mas os rostos que eu esperava eram de pessoas mais velhas. No entanto havia um homem jovem, cuja lateral do rosto ficou desfigurada ao bater com a cabeça na calçada quando um caminhão virou à esquerda e atingiu a bicicleta dele.

Toby desmaiou ao meu lado. Ajudei a carregá-lo para fora do laboratório, deitando-o no chão com as pernas erguidas e apoiadas em uma cadeira, e me sentei ao lado dele, fingindo ser um cara calmo, até ele se sentir disposto a voltar lá para dentro. Àquela altura, os outros estudantes da nossa mesa tinham tido permissão para tocar no corpo e aprenderam como os órgãos seriam acessados em um procedimento cirúrgico. As aulas de anatomia não iriam começar efetivamente até o segundo semestre, nosso tutor garantiu. Até lá, teríamos várias oportunidades para nos acostumarmos com a experiência.



– Você está bem? – perguntou Lucy mais tarde, enquanto estávamos na fila do refeitório.

A preocupação no rosto dela me fez perguntar a mim mesmo se ela havia notado minha dificuldade no laboratório. Ela ficou tão meiga e bonita por um momento que, em uma tentativa cínica de fazê-la gostar de mim mais do que de Toby, senti-me tentado a contar a ela sobre Ross. Mas me contive porque não podia suportar a ideia de meus novos amigos ficarem empáticos ou refrearem o vocabulário quando estivessem perto de mim.

Passei minha vida toda à sua sombra, Ross. Não vou mais fazer isso.

CAPÍTULO 5

Dezembro de 1997

Tess

Hope faria o papel de jumentinho em sua primeira peça de Natal. Ninguém achava que ela participaria depois de toda a confusão que causou por não permitirem que ela fosse um anjo. A verdade é que eu não entendia por que ela não podia ser um anjo, já que havia vários deles, mas a Sra. Madden, professora da pré-escola, disse que as pessoas não ajudavam Hope em nada ao cederem à vontade dela o tempo todo. Para ser justa com a Sra. Madden, não acho que era porque Hope não se parecia com um anjo ou não se comportava como um, mas sim porque sua professora estava simplesmente cansada de tantas perguntas.

O Natal era uma época confusa para Hope.

– A mamãe está com os anjos *mensageiros*? – perguntava ela, fazendo com que eles parecessem algum tipo de gangue de motoqueiros. – A Virgem Maria é igualzinha à Nossa Senhora.

– Porque é a mesma, Hope.

– Por que ela se chama “Virgem”?

– É só um outro nome.

Fiz uma máscara de jumento para ela só para o caso de ela mudar de ideia. E quando, no ensaio geral, a Sra. Madden mencionou, em uma última tentativa de incluí-la, que apenas o jumentinho, além do Menino Jesus, tinha um cântico só sobre ele, Hope decidiu subir ao palco. No fim das contas, assumiu o papel com muita seriedade e ficou muito irritada quando outras crianças se intrometeram na música *dela*, até que se chegou a um acordo de que Hope cantaria o primeiro verso sozinha e, depois, o resto da turma podia se juntar a ela no refrão que dizia “bata os sinos esta noite, Belém! Belém!”

Hope tinha assistido a tantos ensaios sentada do lado de fora que sabia onde cada um devia ficar. Em meio aos versos de outro cântico, dava para

ouvi-la dizendo ao camelo que ele não estava no lugar certo. Muitas mães comentaram comigo, depois, que minha mãe teria ficado orgulhosa, seus sorrisos forçados dando a entender que elas deixariam passar dessa vez.

Hope não era popular, nem mesmo com as outras crianças. Seria de pensar que pessoinhas de 4 ou 5 anos são novas demais para isso, mas não são. Enquanto tomava conta dela no parquinho, eu a observava contornar círculo após círculo desenhado no asfalto em algum tipo de busca empenhada dela própria, torcendo para que alguma das outras crianças pedisse para ser sua amiga. Hope não parecia perceber, mas aquilo partia meu coração.

Quando conversei sobre isso com meu pai, ele simplesmente falou as mesmas coisas de sempre sobre Hope ser mimada. Se as pessoas apenas a deixassem sozinha, dizia ele, logo ela entraria nos eixos – sem entender que as pessoas estavam, de fato, deixando-a sozinha. Eu não podia, contudo, dizer isso para ele.



Brendan ligava da Austrália a cada duas semanas, mas não foi de muita ajuda quando contei a ele sobre minhas preocupações com Hope.

– Suponho que seja natural se sentir solitário quando se tem 5 anos e perdeu a mãe – disse ele. – Você se preocupa demais.

“Suponho que você também fosse ficar preocupado se tivesse 18 anos e dessem sua irmãzinha para você tomar conta”, eu quis responder a ele. Mas isso teria sido infantil.

Na hora do almoço no último dia do semestre, a Sra. Corcoran mandou avisar que queria me ver. Enquanto esperava em uma cadeira dura do lado de fora da sala dela, eu tinha certeza de que ela ia me advertir quanto ao comportamento de Hope ou algo pior, mas, quando ela me chamou para entrar, disse que a escola ia colocar um aviso de oferta de emprego para professor-assistente, mas que, se eu quisesse, o emprego era meu.

– Um acordo mutuamente benéfico – foi como ela chamou.



– Não tem por que você não receber pelo trabalho que faz – disse Doll

enquanto assistíamos a *Sintonia de amor*.

Ela tinha adquirido o hábito de aparecer lá em casa com um filme e algo para comer toda sexta à noite, quando meu pai estava no bar. Geralmente escolhia algo romântico, alegando que nós duas poderíamos derramar umas boas lágrimas.

– Só até Hope ficar bem – acrescentava ela.

Usávamos muito essa frase. Quando Hope ficar bem. Como se fosse apenas uma solução temporária. Peguei alguns livros da lista do meu curso emprestados na biblioteca para não ficar muito atrasada, caso algum milagre permitisse que eu fosse, afinal, para a universidade.

Eu meio que esperava que Doll fosse argumentar, mas nós duas sabíamos que não havia escolha. Meu pai tinha que trabalhar, não podia cuidar de Hope, mesmo que fosse capaz de lidar com uma criança pequena. Qualquer outra alternativa era impensável.

– Sei quanto você queria ir para a universidade, então estou triste por você, mas estou feliz por mim – admitiu Doll, pegando uma fatia de pizza. – Você acha que isso faz de mim uma boa amiga ou uma pessoa egoísta horrível?

– Uma pessoa egoísta horrível, é óbvio – respondi, dando uma risada fraca.

Nós duas ficamos olhando para a tela da TV por um tempo.

– Você acredita em alma gêmea? – Doll finalmente perguntou.

– Depende do que você quer dizer com “alma gêmea” – respondi, com aquela voz não intencionalmente rude que acaba saindo quando se está lutando para conter as lágrimas, não por causa do romance no filme, no qual não está prestando muita atenção, mas por causa da sensação de que ainda ficará presa por algum tempo.

– Aquela pessoa, em algum lugar, que está destinada a você.

– Parece improvável, não?

– Por quê? – perguntou Doll, tentando lutar com elegância com um fio infinito de muçarela.

– Acha provável que exista apenas uma pessoa em toda a humanidade? Quero dizer, e se a pessoa destinada a você morar na floresta amazônica, ou falar árabe, ou algo assim? E como você poderia saber, de qualquer forma? Porque, se você achar que alguém é seu Par Perfeito e ele não for, então talvez você tenha perdido a chance de encontrar sua alma gêmea de

verdade...

– E o Sr. Darcy?

Como todo mundo, nós duas éramos apaixonadas por Colin Firth na série de TV *Orgulho e preconceito*.

– Aquilo era nos anos 1800 – respondi. – Não dava para conhecer tantas pessoas.

– Você não é nada romântica!

Minha mente vagueou pelos grandes pares românticos da literatura. Será que eles realmente tinham se encontrado porque estavam destinados um ao outro ou apenas porque moravam próximos? Catherine e Heathcliff dividiam a mesma casa, Romeu e Julieta eram ambos de Verona. Será que esse negócio de alma gêmea não estava relacionado ao fato de que a emoção que chamamos de amor, que eu ainda não tinha vivenciado, era tão poderosa que fazia você acreditar que aquela era a única pessoa no mundo para você? Não era mais uma questão de definição do que de destino?

Na tela, Meg Ryan e Tom Hanks finalmente se encontraram no topo do edifício Empire State.

– Ela podia ter encontrado algo melhor, não acha? – perguntou Doll enquanto passavam os créditos finais. – Ele é um bom ator, mas não é nada sexy, não é?

– Desculpe, qual de nós não é nada romântica? – provoquei.

– Então, se houvesse alguém no mundo todo, neste momento, quem seria? – quis saber Doll.

Era o tipo de conversa que tínhamos quando voltávamos da escola caminhando. Naqueles dias, era o Robbie Williams, apesar de eu sempre admitir que, se nossos caminhos tivessem se cruzado, ele teria escolhido a Doll, porque ela é delicada e loura e os meninos gostam disso.

– George Clooney? – sugeri.

Plantão médico era o seriado sobre o qual as assistentes das professoras da St. Cuthbert comentavam. A atração pelo George Clooney era algo que eu tinha em comum com um monte de mulheres de meia-idade, cuja conversa frequentemente girava em torno de assuntos como veias varicosas e menopausa.

– Um pouquinho velho para você, não acha? – observou Doll.

– Nunca vou encontrá-lo, vou?

– Você sempre teve uma queda por homens mais velhos.

– Como é que você chegou a essa conclusão?

– *Mulherzinhas*, lembra? Você não se importou quando Jo ficou com aquele professor velho em vez do Laurie. É o único livro que eu li até o final – admitiu ela quando me viu olhando-a perplexa. – Só porque você me obrigou.

– Então, quem seria? – senti-me obrigada a perguntar.

– Se estamos falando de alguém famoso, Tom Cruise.

– É, ele é maravilhoso.

– Ele é baixo demais para você – disse Doll imediatamente, como se eu estivesse planejando roubá-lo.

Ela se levantou e tirou a fita do videocassete.

– E dos caras que a gente conhece? – perguntou.

Eu estava prestes a dizer que esse tipo de coisa não tinha passado pela minha cabeça nas últimas semanas quando ouvi meu pai se atrapalhando com as chaves na porta da frente, então me apressei em esconder os restos de pizza. Nunca dava para saber qual seria o estado de espírito dele depois do bar.

Uma nuvem de curry entrou na sala com ele.

– Então vocês comeram pizza, meninas? – perguntou ele ao ver a caixa na mesa.

– Comemos.

– Sobrou alguma coisa para mim?

Ele ergueu a tampa da caixa de um jeito brincalhão em vez de ameaçador.

– Desculpe!

– Quanto custa uma pizza dessas, afinal?

– Foi Doll que pagou – respondi rapidamente.

– Você tem um emprego, então? – perguntou meu pai.

– Tenho, Sr. Costello. Estou trabalhando em tempo integral no salão agora.

Enquanto eu terminava o ensino médio, Doll tinha feito curso profissionalizante e conquistado um diploma; mas desde os 13 anos ela trabalhava à noite e nos fins de semana no salão de beleza mais chique da cidade, onde começou limpando o chão e agora era cabeleireira júnior.

– Veja só – disse meu pai, dando uma olhada para mim.

– Me ofereceram um trabalho também – me ouvi contando a ele, meu coração ficando apertado com a inevitabilidade de aceitar a oferta da Sra.

Corcoran. – Vou me tornar assistente de professora depois do Natal.

– É você quem vai pagar a pizza, então – disse meu pai.

Não foi um “muito bem”, nem nada assim. Meu pai não tinha me perdoado por escolher ir para a universidade em vez de trabalhar, apesar de eu não ter ido.

Doll e eu trocamos olhares.

– Bem, vou indo – disse Doll.

– Vou com você – falei, torcendo para que meu pai estivesse dormindo quando eu voltasse.

Era de pensar que, com a morte de minha mãe, passaríamos a nos entender melhor, mas ele parecia mais mal-humorado do que nunca. Talvez fosse um dos estágios do luto dele.



O ar frio era refrescante depois de ter passado a noite toda dentro de casa.

– Ah, esqueci! Minha mãe disse para vocês passarem o Natal com a gente – anunciou Doll.

– Sério?

– Todos vocês.

Quase chorei de gratidão. Eu andava superpreocupada com o Natal. Não tinha conseguido decidir se devia pegar o pinheirinho no sótão ou decorar a sala com correntinhas de papel, pois poderia parecer desrespeitoso. Sempre que eu tentava tocar no assunto com meu pai ele dizia:

– Natal? Não está acontecendo mais cedo a cada ano?

E toda vez havia uma desculpa – o bar, a sinuca, o jogo – para não conversarmos sobre o assunto.

Os cartões que tínhamos recebido estavam empilhados na mesa do corredor, com exceção do que Hope tinha feito na escola no formato de uma árvore de Natal, tão cheio de cola e purpurina que nunca secou direito. Esse ficava na prateleira de bugigangas na cozinha e, todas as manhãs, enquanto comia seu cereal de chocolate, Hope olhava para ele e dizia, em uma imitação bastante boa do sotaque irlandês da Sra. Corcoran:

– Isso está muito bom mesmo, Hope, não está?

Eu morria de medo de fazer o almoço de Natal. Minhas habilidades na

cozinha eram inexistentes. Por sorte serviam almoço na escola, porque, à noite, tudo que eu fazia eram torradas com feijões enlatados, torradas com macarrão ou torradas com Marmite. Ocasionalmente, quando meu pai ganhava algum dinheiro nas corridas de cavalos, ele chegava em casa com um pacote de batatas fritas e iscas de peixe, mas, na maioria das vezes, ele comia no bar ou no restaurante Taj Mahal depois de fechado.

Certo domingo, tentei fazer um assado para o jantar – o prato preferido de Hope, frango com pequenas salsichas –, mas errei o tempo e não removi a bandeja plástica de debaixo do frango antes de colocá-lo no forno. O creme do bolo era para ser de ovos batidos, só que eu bati demais, então, em vez de ficar leve, ficou gorduroso e impossível de espalhar. Depois disso, meu pai começou a nos levar aos domingos ao Carvery, onde o bufê era livre e você podia comer quanto aguentasse por 4,99 libras e crianças não pagavam – tinha, inclusive, uma sorveteria à qual Hope ia sem parar. Isso até meu pai decidir que, apesar do bom custo-benefício, já bastava. O Carvery não abria no dia de Natal.



Antes de Hope nascer, minha mãe e eu sempre íamos fazer compras de Natal em Londres. Raramente comprávamos alguma coisa, mas víamos todas as vitrines de Natal das lojas de departamentos, às vezes arriscando entrar para uma borrifada clandestina de Chanel N° 5 quando a vendedora da seção de perfumes estivesse de costas para nós. “Se você se casar com um homem rico, Tess, esse vai ser o perfume que ele vai comprar para você”, minha mãe dizia. Eu sabia que levar Hope era arriscado, mas achei que talvez ela fosse gostar de toda aquela decoração e de novos ares.

Foi um erro parar em frente à Hamleys. Quando tentei sair dali, Hope literalmente grudou na calçada, sua força de vontade muito mais pesada do que ela própria. Lá dentro, logo avistou a montanha de bichinhos de pelúcia.

– Você pode tocar neles com cuidado e delicadeza. Com delicadeza, Hope! Cuidado. Agora ponha de volta, por favor, Hope... Ponha de volta!

Acabei tendo que comprar a girafa, que estava a ponto de perder o rabo quando chegamos ao caixa. Não consegui acreditar no preço. Meu pai tinha me dado uma nota de 20 libras para nos divertirmos, mas só sobrou o

suficiente para comer um McLanche Feliz no almoço. A essa altura, seria mais prudente ir para casa, mas já era 23 de dezembro e eu ainda não tinha comprado os presentes da Sra. Neill e de Doll e queria ver alguma coisa para elas na Selfridges.

Depois que Doll e eu fizemos 15 anos, tivemos permissão para ir a Londres nos feriados se guardássemos dinheiro suficiente dos nossos bicos aos sábados. Adorávamos caminhar pela cidade, descobrir todos os bairros residenciais e fantasiar sobre morar juntas ali um dia. Doll queria um apartamento moderno com vista para o Hyde Park; eu preferia uma daquelas casinhas pintadas com cores vibrantes na Portobello Road. A ideia era que eu seria bibliotecária ou trabalharia em uma livraria e Doll seria uma das vendedoras da seção de perfumaria da Selfridges que usam aqueles uniformes impecavelmente brancos e oferecem a você uma massagem facial gratuita.

A Oxford Street estava abarrotada de compradores de última hora. Não havia outra opção a não ser continuar andando com a multidão, o que era bastante cansativo para alguém da minha altura, mas muito mais para Hope. Quando ela não aguentou mais o aperto e o barulho, parou, exausta.

– Vamos lá, Hope. Estamos quase chegando.

As colunas da Selfridges estavam logo adiante.

– Hope! Estamos atrapalhando todo mundo!

Olhares iniciais de empatia mudaram para desaprovação quando o berreiro começou.

– Hope! Por favor! O que mamãe ia pensar desse comportamento?

Eu tinha jurado nunca usar a memória de minha mãe como ameaça e, assim que disse aquilo, desejei não ter dito, mas a pergunta a tinha distraído pelo tempo de que eu precisava para pegá-la no colo e carregá-la. Ela começou a se debater e me chutar.

– Me solte!

– Só se você prometer se comportar.

– Me solte!

Os gritos estavam ficando cada vez mais altos, o rosto dela estava quente e molhado de lágrimas, e então, de repente, ela parou, inclinando a cabeça para o lado, como um tordo. Meus ouvidos vasculharam o burburinho do trânsito e detectaram o ruído de uma banda tocando “Noite feliz” em algum lugar no caminho para a Selfridges.

Devemos ter ficado paradas ali por meia hora ouvindo os cânticos, o rosto

de Hope se iluminando à medida que ela reconhecia cada melodia. Ela sabia a letra inteira de “Num berço de palha” e “Os três reis do acidente”, como ela chamava a música “Os três reis do Oriente”, e as cantou inteirinhas, sem vergonha alguma. Quando a banda parou para um intervalo, dei a ela uma moedinha de 50 centavos para colocar na caixa de coleta deles.

– Você é um anjinho – disse a mulher do Exército da Salvação para Hope.

– Sou o jumentinho – corrigiu Hope.

A Selfridges estava completamente lotada e todos os balcões de cosméticos eram altos demais para Hope. Quando tentei despertar o interesse dela com uma borrifada de perfume no dorso de sua mão, ela começou a tossir sem parar. Escolhi depressa uma caixa de sabonetes artesanais com lindas embalagens florais para a Sra. O’Neill e um conjunto de água de colônia e hidratante corporal Rive Gauche, a fragrância preferida de Doll na época.

– Gostaria de sacolas separadas, por favor – falei à atendente quando enfim chegou a nossa vez na fila.

O objetivo eram as sacolas amarelo-vibrante da Selfridges.

– São 28 libras, senhora.

Enquanto remexia na minha bolsa, pude sentir que a fila atrás de mim estava ficando impaciente e tive a sensação horrível e deprimente de que algum trombadinha espertinho tinha roubado minha carteira em meio à multidão. Finalmente a encontrei no fundo de minha bolsa.

– Aqui!

Assim que estendi as duas notas para a atendente, percebi que Hope não estava mais segurando a minha mão nem parada ao meu lado.

– Hope?

Nem sinal dela.

Meu peito ficou apertado, como se eu tivesse me esquecido de como respirar. Fique calma. Ela deve estar por aqui, em algum lugar. Olhei para a multidão. Havia centenas, talvez milhares de pessoas no piso térreo da loja. Aonde ela tinha ido? As pessoas estavam amontoadas nas escadas rolantes, subindo e descendo, e em todos os lugares havia espelhos refletindo mais pessoas. Mas nada de Hope.

– Hope?

Com o dinheiro ainda na mão, comecei a andar no meio de toda aquela gente perscrutando por cima dos topos dos balcões de vidro brilhantes à

procura dela. Será que ela estava se escondendo? Mas seria tão atípico de Hope se esconder... Sempre que eu tentava brincar de esconde-esconde com ela, ela não entendia a ideia.

“... nove, dez, estou indo te pegar!”

“Estou aqui!”, gritava ela atrás da cortina.

Será que tinha fugido? Hope nunca fugia. Ela esperneava e chutava, mas não fugia.

Era como um pesadelo, só que, em vez de gritar e nada sair da minha boca, eu estava gritando e ninguém estava prestando atenção.

Alguém a deve ter levado! Por favor, meu Deus, não! Não permita que alguém a tenha pegado!

A porta giratória lançava as pessoas na rua. Será que alguém estava com um carro do lado de fora esperando, um carro com janelas pretas? Com certeza as pessoas teriam visto se alguém a tivesse levado, certo? Mas eu atraía uma série de olhares de desaprovação e ninguém tinha perguntado: “Aquela criança é sua?” Todo mundo estava ocupado demais fazendo compras.

Por favor, Deus! Vou acreditar em você se a trouxer de volta para mim!

Quando comecei a rezar ave-marias na minha cabeça, de repente tive um lampejo de inspiração. *Você é um anjinho.*

Do lado de fora, me esquivei para um lado e para outro, sem ligar para com quem eu estava trombando em minha pressa de chegar até a banda do Exército da Salvação de novo.

Uma sirene de ambulância soou nas proximidades. Por favor, Deus, não permita que ela tenha tentado atravessar a rua e sido atropelada por um dos grandes ônibus vermelhos!

Acalme-se. Ela vai estar parada ao lado da lixeira, bem onde estávamos ouvindo a banda.

Ela não estava! Eu a tinha perdido! Eu realmente a tinha perdido! E fui idiota de ter saído da loja, porque, se ela estivesse procurando por mim, não iria me encontrar agora!

A banda começou um novo cântico.

– *Um jumentinho, ploc, ploc, ploc, ploc, vai pela noite fria...*

Em meio ao pânico, eu não tinha visto Hope parada bem ao lado do maestro. Ela estava se recusando terminantemente a segurar a mão da mulher com a caixa de coleta, que parecia bem preocupada.

– Pare com esses abraços! – gritou Hope quando eu a espremi nos meus braços. – Pare, já falei.



Ela adormeceu no trem para casa, um retrato da inocência, a mãozinha segurando o pescoço da girafa, o rosto macio do bichinho perto do seu. Quando analisei tudo com calma, fiquei impressionada de como ela tinha encontrado o caminho pelo meio da loja até a banda. Isso não provava que ela era tão inteligente quanto qualquer outra criança, se não mais? Era algo a se contar à Sra. Corcoran.

Ou não. Porque isso implicaria admitir que eu a tinha perdido.

Uma mulher de meia-idade sentada de frente para nós com suas compras de Natal acenou com a cabeça e sorriu, simpática.

– Que Deus a abençoe!

– Você devia tê-la visto mais cedo – falei. – Gritando a plenos pulmões.

– Nunca critique suas crianças – advertiu ela. – Há muitas outras pessoas na vida que farão isso por você.

Normalmente, eu teria explicado que não era mãe de Hope, mas aqueles segundos ou minutos – nem sei quanto tempo durou – cataclísmicos sem ela me fizeram perceber que Hope era muito mais importante do que qualquer outra coisa. De repente ficou claro como uma epifania que eu tinha uma escolha: continuar pensando que a vida era injusta e ficar amargurada e ressentida ou continuar cuidando dela. Isso foi, na verdade, um alívio. E era verdade o que Brendan tinha me dito na última vez em que eu havia choramingado de leve ao telefone. Não estudar literatura inglesa não me impedia de ler livros, certo?

Pensei em uma coisa que minha mãe sempre dizia. *Se você fizer algo com o coração feliz, isso lhe trará felicidade.*

Ou, como Doll, a única pessoa para quem eu contei sobre o incidente, afirmou:

– Você perdeu sua irmã, sua *esperança*, mas depois a encontrou de novo – disse ela, fazendo uma brincadeira com o significado do nome de Hope.

CAPÍTULO 6

Dezembro de 1997

Gus

À medida que os dias ficavam mais curtos, comecei a me sentir mais em casa em Londres. O outono tornou a experiência de viver na cidade mais intensa. Quando saíamos das aulas da tarde, já estava escuro, com as luzes dos postes brilhando sob a chuva e o ar tomado por rajadas apetitosas de comida apimentada. Multidões tremiam nas paradas gotejantes dos ônibus, reunidas alegremente em seu sofrimento. No verão, a sensação era a de ser um turista; porém, se você estivesse ali quando o inverno se aproximasse, era porque tinha que estar.

Na tradicional Noite da Fogueira, Lucy, Toby e eu nos juntamos à massa de pessoas que se acotovelavam para subir o morro Primrose e ficamos admirando a cidade vasta e iluminada que se esparramava abaixo de nós. Enquanto gritávamos nossos ooohs e aaahs com a queima de fogos de artifício, ficava óbvio que Toby e eu gostávamos de Lucy. Havia uma competição não verbalizada entre nós, que ela fingia não ver.



No primeiro dia das férias, a maioria dos estudantes juntava toda a roupa suja e saía da cidade. Lucy estava ávida para ver a família; Toby, para encontrar os amigos da escola; Nash ia pegar um avião para encontrar o pai. Todos estavam ansiosos por algo que estava me enervando: passar o Natal em casa.

Inventava motivos para não ir: passava as manhãs estudando na biblioteca para as provas de janeiro e as tardes na Galeria Nacional, repassando da Renascença até a Paris do final do século XIX. Quando descobri que o Teatro Nacional disponibilizava um lote de ingressos baratos poucas horas antes da

apresentação da noite, segui para o sul da cidade em vez de para o norte na minha corrida matinal, atravessando o Tâmsa cinza na hora em que os primeiros transeuntes começavam a pipocar na ponte, e fiquei esperando na fila da bilheteria, com o ar gelado do rio cortando meus ossos.

No dia anterior à noite de Natal, ocorreu-me que eu não tinha comprado nenhum presente ainda, o que me deu uma desculpa para adiar meu retorno para casa por mais algumas horas.

Antigamente, minha mãe sempre comprava os presentes que eles ganhariam de nós: de mim, pastilhas de chocolate com menta para ela e bombons de licor para meu pai. De Ross, uma coleção de sabonetes artesanais e um kit de bolas de golfe. A ideia era que pagássemos a ela com a nossa mesada, mas nunca pagávamos. Éramos responsáveis por embrulhar os presentes (apesar de ser ela quem sempre deixava papel, tesoura e fita adesiva em cima de nossa cama ao lado dos presentes) e, na manhã de Natal, ela fingia surpresa quando os pacotes eram abertos. Este ano eu estava determinado a fazer com que minha mãe ficasse genuinamente maravilhada quando abrisse meu presente, mesmo que eu não fizesse ideia do que comprar para ela.

Fui até a Selfridges, onde eles costumavam nos levar para ver o Papai Noel quando éramos crianças. Depois meu pai, Ross e eu nos empanturrávamos com sanduíches de rosbife repletos de mostarda e pickles na Brass Rail, enquanto minha mãe ouvia os conselhos das vendedoras sobre cremes faciais e testava cores de batom no dorso da mão na seção de perfumaria. Então íamos de carro até a Regent Street, Ross e eu no banco de trás, virando nossas cabeças para ver as luzes.

A antiquada porta giratória da loja desencadeou uma lembrança do meu irmão empurrando-a o mais rápido possível para desequilibrar os consumidores desavisados. Na seção masculina do térreo comprei um conjunto de cantil e bloco de resultados para golfe revestidos com tartan em uma caixa de madeira. No setor feminino da loja, escolhi um kit da Yardley com talco e óleo de banho em uma caixinha amarrada com um laço cor de lavanda e fui para a fila da caixa.

À minha frente, havia uma mulher alta com uma garotinha agitada em uma das mãos e duas caixas na outra. Os presentes dela pareciam muito mais sofisticados que os meus e fiquei um pouco inseguro sobre o kit da Yardley. Ela estava conversando com a menininha com tanta paciência que quase tive

coragem de pedir a opinião dela, mas então chegou sua vez no caixa e, enquanto a mulher remexia na bolsa, a garotinha fugiu por entre as pernas das pessoas.

De repente, eu estava na frente da fila.

– Posso ajudar?

Peguei a caixinha preta, azul e prateada que a mulher tinha abandonado e a comparei com a minha.

– Namorada ou mãe? – perguntou a atendente.

Pude sentir o rubor se espalhando pelo meu rosto e queimando as pontas das minhas orelhas.

– Mãe – murmurei.

O meio sorriso consciente dela completou a minha humilhação.

– É provavelmente mais seguro ficar com o Yardley, então – disse a atendente, pegando a caixa da minha mão.

Por um instante, fiquei tentado a comprar o outro produto por mera provocação. E se minha mãe fosse mais jovem e descolada do que ela presumia? Ou talvez eu pudesse dá-lo a Lucy. Nós tínhamos feito planos indefinidos quanto a nos encontrarmos entre o Natal e o ano-novo. Mas eu não fazia ideia de que perfume ela usava – se é que usava algum.



Meu pai me pegou na estação, debruçando-se sobre o banco do carona para abrir a minha porta.

– Estão dizendo que pode ser que neve.

Ele era uma espécie de meteorologista amador e tinha um barômetro de mogno em nosso corredor, mas aquela afirmação estava permeada por camadas mais profundas de significado.

– Vamos torcer para que não – respondi.

Ficamos sentados em silêncio, olhando para a frente como que desafiando qualquer floco de neve errante a cair durante o curto trajeto para casa.

A guirlanda e o laço de tartan de costume estavam na porta e havia um pinheiro de verdade no corredor, mas a coroa do advento que Ross e eu tínhamos feito no inverno em que pegamos varicela fora aposentada. Minha mãe surgiu da cozinha com seu avental festivo. As mãos dela estavam

cobertas de farinha, então demos beijinhos no ar e depois ela me olhou de cima a baixo como se esperasse notar alguma mudança em mim.

Durante o jantar, em nossa sala de jantar quase nunca usada, meu pai mostrou-se ávido por me bombardear de perguntas sobre órgãos e glândulas. Lembro-me de ele se comportar de maneira similar com Ross na época da faculdade dele. Talvez Nash estivesse certa com relação a ele ser um médico frustrado. Ross era mais combativo que eu e não tinha medo de desafiá-lo.

Minha hesitação tornava meu pai ainda mais persistente. E, mesmo assim, quando minha mãe pediu que ele me deixasse em paz, eu quase desejei que ele tivesse continuado, porque o silêncio na sala era tão agudo quanto um grito inaudível de dor.

A mesa de jantar tinha sido polida ao extremo, os copos e os talheres brilhavam. Com toda sua atenção voltada para a limpeza e a perfeição, minha mãe deixara a casa tão esterilizada quanto o consultório de meu pai.

– Mais vinho? – perguntou minha mãe.

Eu mal tinha tocado na minha taça, mas a dela tinha sido enchida e esvaziada três vezes. O gargalo da garrafa tilintou de leve na borda da taça de minha mãe. Meu pai ficou olhando. Ela colocou a garrafa com cuidado na mesa e pegou a taça. Então a campainha tocou.

– Quem será? – perguntou meu pai.

– Devem ser os cantores natalinos!

Minha mãe pareceu superanimada com a distração. Quando ela abriu a porta da frente, o som que chegou à sala de jantar não foi um cântico, mas um grito exagerado de contentamento.

– Que surpresa adorável! – A voz dela foi ficando mais alta à medida que atravessava o corredor em direção à sala de jantar. – Adivinhem quem é! Gordon? Angus?

A namorada de Ross, Charlotte, seguiu-a até a sala. Ela usava um casaco comprido lilás com lapela que em qualquer pessoa menos elegante ou mais magra talvez parecesse uma bata, mas em Charlotte lembrava uma estrela de cinema. Ela segurava um cubo embrulhado em um papel inapropriadamente barato e alegre.

– Por favor, não se levantem! – disse. – Não quero atrapalhar o jantar de vocês.

– Você não está atrapalhando! – falei, ridiculamente grato a ela por mudar a dinâmica do jantar.

– Vou pegar uma bebida para você.

Meu pai acionou seu modo “anfitrião jovial”, do qual eu tinha me esquecido que ele era capaz.

A sala de jantar parecia aconchegante e normal de novo.

– Algo sem álcool. – Charlotte largou o presente e tirou as luvas de couro pretas. – Estou de carro.

– No seu próprio carro? Que maravilha! – disse minha mãe.

– É só um Peugeot pequenininho.

Meu pai abriu uma garrafa de água tônica. Cubos de gelo estalaram no copo enquanto o gás formava uma espuma em cima deles e o aroma leve e amargo fluía pela mesa.

– Um Peugeot, é?

Com um dar de ombros, o casaco da Charlotte caiu nas costas da cadeira, exibindo um forro escorregadio de cetim. Por baixo, ela usava camisa polo básica e calça jeans preta. Seu cabelo longo era tão preto e brilhante que quase parecia azul; seu rosto era impecável. No porta-retratos em cima da lareira da sala de estar, com ela e Ross vestidos como Gomez e Morticia Adams em uma festa de Halloween, havia algo de quase vampiresco na beleza dela, mas agora, com os lábios pálidos do frio, ela parecia uma modelo fotografada por David Bailey nos anos 1960: deslumbrante e, de certa forma, um pouquinho vulnerável.

– Então você é residente agora? – perguntou meu pai. – Ou eu deveria dizer “residenta”?

Os lábios pálidos dela formaram um sorriso contido.

– Alguma área na qual você queira se especializar? Clínica geral?

– Cirurgia cardíaca – respondeu ela em tom casual.

Por algum motivo, soltei um pequeno ronco de risada.

Charlotte me impressionou desde a primeira vez em que Ross a trouxe para casa, no verão no fim do segundo ano dele. Meu pai tinha acabado de colocar uma jacuzzi no deque. Charlotte usava um biquíni branco minúsculo. Nunca tinha visto uma mulher usar tão pouca roupa antes. Ela pareceu irresistivelmente indiferente a mim. Eu sequer sabia que ela tinha me notado por trás dos óculos de estrela de cinema.

– Está gostando da medicina, Angus? – perguntou ela.

– Estou. É difícil, claro – murmurei, sentindo-me com 13 anos outra vez.

– Não tão difícil quanto ser cirurgião cardíaco – disse minha mãe. –

Caramba! Acho que deve ser a mais difícil...

– É uma área competitiva – reconheceu Charlotte.

– Fico me perguntando... – começou minha mãe.

Os olhos dela estavam com aquela expressão marejada e não focada que indicava que estava pensando que especialidade Ross teria escolhido.

– Enfim – disse Charlotte, tomando um gole da água tônica. – Isso é para o futuro.

– É bom ter ambições, de qualquer forma – disse meu pai. Ele não parecia acreditar que ela tinha muitas chances. – Então, vai passar o Natal em casa?

A casa da mãe dela ficava a apenas alguns quilômetros da nossa, apesar de Charlotte e Ross terem se conhecido na universidade.

“Já comi mulheres em cinco continentes”, ele me disse uma vez, enquanto fazia a barba antes de um encontro. “E aí a melhor foda de todas mora a cinco minutos da minha casa.”

– Só hoje e amanhã. Trabalho no dia 25 – respondeu ela.

– Bem-vinda à vida real! – disse meu pai.

Eu só conseguia me lembrar de um Natal em que ele tinha sido chamado para prescrever antibióticos para um abscesso.

– E no ano-novo? – perguntou minha mãe baixinho.

– Sim, no ano-novo também.

– É provavelmente melhor assim – disse meu pai.

– Sim – respondeu Charlotte.

O silêncio pareceu interminável.

– Mas que gentil vir nos visitar! Não foi gentil, Gordon?

Charlotte empurrou o pacote na direção de minha mãe.

– É só uma lembrancinha.

– Não precisava! Mas que gentileza! – agradeceu ela. – Vou buscar o seu.

Pelo tempo que minha mãe demorou, fiquei me perguntando se ela realmente tinha comprado um presente para Charlotte ou se estava embrulhando alguma coisa que tinha comprado para a improvável chance, mesmo com todas as suas listas meticulosas de Natal, de ter se esquecido de alguém.

– Onde você está morando? – perguntei, para quebrar o silêncio.

– Em Battersea. Conhece?

– Não.

– É bastante conveniente.

– Estive no Teatro Nacional.

Para chegar a esse comentário aleatório gritante, meus processos cerebrais saltaram de Battersea para o único lugar ao sul do rio que eu conhecia.

Charlotte me fitou com desdém.

– Que sorte a sua – disse ela, com uma leve pitada de ironia.

– Dá para comprar ingressos baratos no dia da apresentação – falei, para esclarecer as coisas para meu pai, que pareceu perplexo. – Eu corro – acrescentei.

– Eu também– disse Charlotte.

– Talvez vocês acabem correndo juntos um dia desses! – foi como meu pai tentou participar da conversa, mas o comentário bobo dele pôs fim ao assunto.

Minha mãe voltou com um pacote macio nas mãos e o entregou a Charlotte.

– Devo abrir agora? – perguntou Charlotte.

Ela rasgou o papel, exibindo um conjunto de cachecol e luvas de tricô da Marks & Spencer.

– Hum... – disse ela, enrolando o cachecol no pescoço. – Isso vai me manter bem quentinha!

Charlotte apontou para o cubo em cima da mesa, que minha mãe desembrulhou, revelando uma caixa com uma amarílis cor-de-rosa dentro.

– Você planta o bulbo e nasce uma flor linda – explicou Charlotte.

– Sempre me perguntei se isso dava certo – disse minha mãe em tom de dúvida, virando a caixa para ler as instruções.

– É claro que dá! – falei, desanimado por ver que Charlotte estava enfiando os ombros magros nas mangas acetinadas do casaco.

O cachecol de tricô vermelho combinava tão pouco com o traje dela quanto o embrulho que ela estava segurando quando chegou. Fiquei me perguntando quanto tempo ela levaria até arrancá-lo.

– Bem, preciso ir – disse ela.

Charlotte cumprimentou minha mãe com um beijinho e então, estendendo a mão para meu pai, permitiu com relutância que ele lhe desse um abraço.

Para que não parecesse que eu também estava esperando receber um beijo ou um abraço dela, corri para a frente da porta para vê-la sair.

– Obrigado por ter vindo – agradei. – Eles ficaram superfelizes.

Charlotte ergueu os olhos para mim. Reparei que eram esverdeados,

como os de um gato.

– Você ficou tão alto, Angus – comentou ela. – Caramba, acho que está mais alto do que Ross agora.

– Ele teria odiado isso!

Aquilo foi espontâneo e fiquei envergonhado na mesma hora pelo fato de a única referência que fiz a ele ter sido tão irreverente.

A testa de Charlotte se enrugou de leve, como se ela estivesse analisando a veracidade daquela afirmação, e então, para meu alívio, ela sorriu, um sorriso genuíno, como se estivesse se lembrando de algo agradável.

– Você tem toda a razão! Teria mesmo! – comentou, dando um aperto leve no meu braço antes de sair no frio.



Apesar de sermos só nós três, minha mãe estava em pé antes de o sol nascer no dia de Natal para colocar o peru enorme no forno. Eu não tinha dormido bem e desci as escadas assim que ouvi o barulho das assadeiras. A cozinha já estava envolta em uma névoa quente de vísceras dos miúdos que ela estava cozinhando para o molho. Tomei a xícara de chá que ela me serviu e disse que ia sair para correr.

– Vá matar o tédio – disse ela.

Do lado de fora, o ar estava opaco com a neblina congelante, e a calçada, coberta pela geada que grudava de leve na sola dos meus tênis. Com visibilidade zero, me peguei correndo devagar, como se algum instinto primitivo tivesse se apossado de mim, levando meu cérebro a achar que eu era cego e precisava de proteção contra os obstáculos que pudessem surgir no caminho. Não conseguia chegar à velocidade preciosa em que os pensamentos deixavam meu corpo e nada mais importava a não ser o ritmo palpitante dos pés tocando no chão.

Subitamente consciente dos passos de outra pessoa, desacelerei e parei.

Talvez vocês acabem correndo juntos um dia desses!

Um homem que eu não conhecia passou por mim correndo. Ele devia ter comido alho na noite anterior. O odor acre impregnava o nevoeiro branco à medida que a respiração pesada dele se dissipava até só restar o silêncio.



Havia um cheiro de queimado quando voltei para casa. Minha mãe estava parada na pia da cozinha esfregando a panela chamuscada do molho. Ela não se virou quando encostei na porta, mas, pelo ângulo de seus ombros, eu diria que estava chorando.

Tomei um banho bem longo, curtindo a água quente escorrendo pelo meu rosto gelado.

Quando desci, meu pai estava sentado à mesa da cozinha com seu traje de Natal de costume: suéter de tweed grosso sobre uma camisa xadrez e calça de veludo cotelê.

Eu tinha notado um leve ar de impaciência nele desde a minha volta, como um homem no acostamento esperando o pessoal da seguradora chegar.

Minha mãe exibiu um de seus pratos de Natal.

– Salmão defumado e champanhe?

– É um pouco cedo, não? – perguntou ele.

– Alguns de nós estão em pé há horas!

Eu ouvia a mesma discussão toda manhã de Natal desde que me entendia por gente. Meu pai dava sempre a mesma resposta:

– Bem, só se vive uma vez.

Mas é claro que ele não ia dizer isso este ano.

Antigamente, só me permitiam tomar meia taça de champanhe, mas aos 18 anos, pelo visto, eu podia tomar quanto quisesse. A bebida deslizou pela minha garganta como um creme.

– Acho que não vale a pena acender a lareira da sala – comentou minha mãe.

Nos últimos anos, essa era uma tarefa de Ross. Eu não consegui distinguir se ela estava dando a entender que eu devia fazer isso este ano ou indicando que ela ficaria mais feliz em não ir até a sala de estar, onde estaria rodeada de fotos dele.

– Por que não trocamos presentes aqui na cozinha? – sugeri.

– Gostoso e aconchegante – respondeu meu pai imediatamente.

– Por que não?

Minha mãe pareceu quase animada com a quebra da tradição.

Ela me deu um pijama, um *voucher* de dez aulas na autoescola e, do meu pai, ganhei um podômetro.

– Vamos dar uma olhada – exigiu ele, deixando claro que era a primeira vez que estava vendo aquilo.

– Ele conta quantos passos você deu! – exclamou minha mãe.

Eu nunca iria usá-lo, mas reconheci o que aquele presente representava. Quase conseguia ouvir minha mãe dizer às amigas: “Não consigo pensar em nada para o Angus. Tudo que ele faz agora é correr!”

Meu pai pareceu satisfeito com o presente que lhe dei, mas havia alguma coisa na maneira como minha mãe disse “Oh! Lavanda!” quando abriu o dela que me fez perceber que ela não gostava da fragrância. Depois virou a bela caixa de um lado para outro nas mãos.

– Ross sempre costumava comprar sabonetes artesanais da Yardley para mim – sussurrou guturalmente.

Uma farpa de ressentimento furou a bolha de algodão que o champanhe tinha formado em torno de mim.

“Não, não costumava!”, tive vontade de dizer. “Era você que comprava! Por que ele tem que ser um santo?”

O relógio tiquetaqueou na parede. O peru chiava no forno.

– Deus do Céu, como está tarde! – exclamou meu pai de repente. – Eu disse ao Brian que ia jogar golfe com ele!

– Por que não leva Angus com você? – sugeriu minha mãe.

Senti uma leve hesitação nele.

– Você quer vir?

Eu sabia que ele teria preferido que eu dissesse não, mas minha mãe parecia igualmente ansiosa para que eu saísse de casa.



Esperei por meu pai no corredor. Ele desceu as escadas balançando as chaves do carro em meio a uma nuvem de algum perfume que eu nunca tinha sentido nele antes.

Dirigimos vários quilômetros até o clube de golfe. Havia alguns frequentadores assíduos no saguão e uma mulher solitária sentada à mesa ao lado da lareira. Quando abri a porta, ela ergueu os olhos esperançosos, depois os abaixou outra vez ao ver que eu não era a pessoa que estava esperando.

– O que vai ser?

Meu pai colocou um braço em torno do meu ombro, empurrando-me em direção ao bar.

Pedi uma caneca de cerveja amarga, pois sabia que ele não hesitaria em verbalizar seus pensamentos sobre quem bebia cervejas suaves a qualquer um disposto a ouvir.

– Duas canecas da sua melhor cerveja! – disse ele alto para o bartender, virando-se para mim depois. – Acho que nunca tomamos uma juntos, não é?

– Acho que não.

Nós dois sabíamos que não. Meu aniversário de 18 anos em abril passara sem que ninguém tivesse realmente percebido.

– Os pubs de Londres prestam ou você é do tipo que prefere vinhos? – perguntou.

– Não fui a muitos.

– Mais barato na universidade, não é?

Eu não sabia se ele queria que eu fosse bom de copo ou se aquilo era uma armadilha.

– Acho que sim!

– Ele acha que sim! – disse meu pai, como que para convidar os outros no bar para o nosso papinho de machos.

Houve alguns sorrisos, mas ninguém mordeu a isca.

Ele virou o copo.

– Mais uma? – perguntei.

– Melhor não – respondeu ele. – Não quando estou dirigindo. Olhe, enquanto você termina a sua, eu preciso tirar água do joelho.

Fiquei parado no bar, tentando ignorar o gosto amargo da cerveja quente enquanto a engolia.

Meu pai voltou com a mulher em quem eu tinha reparado quando entramos.

– Angus, você não vai acreditar! Esta é a Samantha, minha nova assistente na clínica!

– Não tão nova assim! – discordou ela, dando uma risadinha e olhando para ele, não para mim, enquanto apertávamos as mãos.

Como a maioria das assistentes que eu havia conhecido, ela tinha uma beleza clínica, com cabelo curto, belos dentes e brincos pequenos e delicados de brilhantes. Usava uma calça jeans clara e justa, enfiada dentro das botas de couro, e um casaco felpudo azul-claro. Uma echarpe de seda com bordas

azul-marinho e uma estampa de fivelas douradas estava pendurada em seus ombros, destoando de leve do resto do traje dela. Imaginei que aquele fosse o presente de Natal dele para ela. Ela ainda não tinha idade para echarpes de seda.

– Quanto tempo faz? – meu pai perguntou a ela.

– Sete meses – respondeu ela.

– Já? Então, você é sócia daqui? – perguntou ele, como se alguém fosse acreditar que ela era o tipo de garota que iria sair de casa sozinha para praticar suas tacadas na manhã de Natal.

– Meu pai é – respondeu ela. – Estou passando o Natal com meus pais. – Ela olhou nos meus olhos pela primeira vez, como se nós dois soubéssemos como isso era doloroso. – Melhor eu voltar.

No carro a caminho de casa, eu não conseguia decidir o que sentia, se é que sentia alguma coisa. Se Samantha era a maneira que ele tinha encontrado de conseguir algum reconforto, que bom para ele. Eu supunha que ela não tinha sido a primeira. Minha mãe provavelmente desconfiava – ela mesma fora assistente dele. Então será que a sugestão dela de que eu o acompanhasse tinha sido maquiavélica? De uma coisa eu tinha certeza: ela não iria querer saber por mim.

– Samantha parece legal – arrisquei, com um quê de cumplicidade.

– O quê? Ah, sim, ela é boa pessoa – respondeu meu pai, mantendo os olhos fixos na estrada.

Havia um brilho amarelado de neve iminente na luz que se dissipava.

Quando entramos na rua de casa, meu pai se lembrou subitamente de seu álibi.

– Não sei onde Brian se meteu! – exclamou.

– Nós chegamos meio tarde – falei.

Meu pai se virou e me deu aquele tipo de sorriso maroto que eu só o tinha visto dar para Ross.

– Deve ter sido isso!



– Uma menina ligou querendo falar com você – anunciou minha mãe quando entramos em casa.

- Ah? – surpreendeu-se meu pai.
- Não *você*, Gordon. Angus. Uma menina.
- Uma menina, é?

Meu pai sorriu de novo para mim.

- Você pegou o nome dela? – perguntei.
- Você pegou o nome dela?! – repetiu ele, maravilhado.

Em uma frase eu tinha me transformado do filho sobre qual ele tinha dúvidas em um Casanova.

– A ligação estava ruim. Ela disse que ligava de novo mais tarde. Espero que não ligue enquanto estivermos comendo.

O telefone tocou bem quando minha mãe estava me perguntando se eu queria creme inglês, chantili ou os dois com meu bolo de frutas cristalizadas.

– É para você! – avisou meu pai, dando uma piscadinha ao me passar o telefone.

Fui até o corredor, meu coração acelerando de leve enquanto eu limpava a garganta antes de falar. Mas não era Lucy, era Nash.

- E aí, como vão as coisas? Tudo bem?
- Tudo – respondi. – Tudo tranquilo. E você?

– Um desastre completo! Só estou aqui há dois dias. A nova namorada do meu pai é uma vaca. Não conheço ninguém! Olhe, meu pai disse que pagaria para algum amigo meu vir passar o ano-novo aqui...?

– Onde, exatamente, você está? – perguntei, pensando em Nova York, Bruxelas ou uma das muitas outras cidades onde o pai da Nash tinha imóveis.

– No chalé no vale de Isère – respondeu ela. – Você esquia, não é?

– Não – menti. – Então não seria a melhor...

– Ah, por favor, Gus. Pense em croissants, café bom e um monte de vinho tinto. Por favor, vai?

– Desculpe... Não vai dar, Nash. Obrigado pelo convite...

Desliguei e fiquei olhando para a série de cartões de Natal que decoravam o corredor. Neve nas igrejas, neve nas árvores, os patinadores da pintura de Bruegel, um galho coberto de gelo com um tordo americano empoleirado nele, neve brilhante no telhado do estábulo natalino – será que nevava mesmo no Oriente Médio? –, um filhote de labrador fofo com um chapéu de Papai Noel derrapando na neve. Fileira após fileira de imagens delicadas e brancas cintilando suas saudações nevadas. Ninguém se deu conta?

Vi o rosto de Ross olhando para mim em meio à neve densa que caía, os

dentes brancos, os olhos escondidos por trás dos óculos de esqui espelhados. Flocos de neve assentavam em seu cabelo escuro jogado para trás.

– Qual era o convite, afinal? – perguntou meu pai quando voltei à mesa.

Reprisei a conversa com Nash mentalmente, caso houvesse alguma outra coisa que eles pudessem ter ouvido e eu tivesse que explicar.

– Nada – respondi.

– Nada, é?

Eu odiava a ideia de nós dois sermos homens de segredos.

– Escute, você se importa se eu guardar isso aqui para depois? Estou cheio...

Ele me deu uma olhada magoada. O fio amistoso que nos ligava era frágil e, agora, eu o tinha rompido.

No meu quarto, fiquei olhando para os flocos de neve que caíam além da janela, pensando nessa mesma época no ano passado.



A neve tinha começado a cair à medida que a luz ia se esvaindo. Já não era seguro esquiar fora da pista, mas fazê-lo quando não dava nem para ver para onde você estava indo era simplesmente loucura.

– Por que é que você subiu, se não queria descer esquiando? – quis saber Ross.

A estratégia de meu irmão era sempre me fazer me sentir idiota primeiro.

– Achei que você fosse querer descer pelo caminho de sempre...

– Já descemos pelo “caminho de sempre” – retrucou ele em tom debochado, tirando sarro de mim.

– Não sob essas condições. Vai ser bastante perigoso mesmo assim...

– “Bastante perigoso mesmo assim”! – Outra repetição zombeteira, seguida pela provocação inevitável que nunca falhava em me forçar a fazer coisas que eu não queria fazer: – Caramba, você é uma bichona mesmo.

Ross olhou para o declive. Eu olhei para o declive. Então ele olhou para mim, seus olhos brilhando com o desafio.

– O último a chegar lá embaixo vai ter que beber! – Ele colocou os óculos e saiu, pulando direto para o “Já” quando eu ainda estava no “Um, dois, três e...”, exatamente como em todas as corridas que disputamos.

Eu quase o segui. Quase. Mas não segui.

Já tinha ouvido aquelas ameaças tantas vezes que elas tinham perdido o efeito. Nem sequer desci esquiando pela pista demarcada. Aquela pequena onda de triunfo foi diminuindo enquanto eu estava parado sozinho no teleférico, deslizando lentamente em meio à neblina densa, quando enfim aceitei a derrota.

De volta ao hotel, fiquei parado à janela do bar, olhando para a visibilidade zero do lado de fora.

Depois de alguns minutos, meus pais me encontraram. Minha mãe havia passado a tarde toda no spa e estava bastante cor-de-rosa e reluzente; meu pai tinha encerrado as atividades do dia quando começou a nevar e já tinha tomado banho e se trocado para o jantar.

– Cadê o Ross?

– Ele quis descer esquiando. Para mim, já tinha dado.

Não contei a eles sobre Ross não ter pegado a pista. Não havia por que preocupá-los sem necessidade.

Depois de quase uma hora, minha mãe começou a ficar agitada e a olhar para o relógio a cada dois minutos.

– Ele deve ter encontrado algum conhecido e ido tomar alguma coisa – ponderei.

– Ou foi para o quarto se secar – disse meu pai.

– Parece que o tempo está abrindo agora – reparou minha mãe. – Talvez ele tenha procurado abrigo e esperado até passar...

Estávamos todos ansiosos imaginando possíveis cenários que explicassem o atraso incomum.

Acho que talvez todos nós estivéssemos com medo por Ross. Minha mãe não aceitava ser vista como alguém apreensivo; meu pai se deliciava com a coragem e a valentia do filho mais velho e não queria ser visto questionando isso; minha ansiedade crescente era agravada por não ter contado tudo a eles.

– Vocês acham que deveríamos alertar alguém? – perguntei finalmente. – É que eu acho que ele estava pensando em esquiar fora da pista...

– O quê? Por que diabos você não disse isso antes?

Meu pai já tinha decidido me culpar.

Quando definimos o que deveríamos fazer sob aquelas circunstâncias e a equipe de resgate foi enviada, já tinham se passado três horas desde que eu tinha visto meu irmão pela última vez. Eles o encontraram às nove da noite,

ainda vivo, mas com hipotermia, um braço quebrado e lesões catastróficas na cabeça. Aparentemente, apenas um minuto, mais ou menos, depois de termos nos separado Ross bateu em uma árvore em alta velocidade. Eles conseguiram determinar a hora com precisão porque o relógio que ele usava no braço quebrado tinha parado. Sempre o imaginei voando em meio à imensidão branca, olhando para trás para ver se eu o estava alcançando, perdendo aquela fração de segundo crucial de que precisava para evitar o obstáculo iminente.

– Por que é que você o deixou ir...? – gritou minha mãe para mim quando viu a maca.

–... sozinho? – completou meu pai.

Eles deviam saber que eu não teria conseguido impedi-lo, mas precisavam culpar alguém e não podiam culpar Ross, porque ele, claramente, iria morrer. E aqueles que morrem jovens sempre viram heróis ou santos.

CAPÍTULO 7

Dezembro de 1997

Tess

Na manhã de Natal, acordei com o barulho distante das panelas. Saltei da cama e corri para o andar de baixo de pijama e descalça. Na cozinha, minha mãe estava agachada, analisando o progresso do peru pela janela do forno. Ela se virou e sorriu para mim.

– Como foi a Missa do Galo?

– Sabia que não podia ser verdade!

Eu estava explodindo de alegria quando corri na direção dela com os braços abertos. Então acordei, a sensação de felicidade extraordinária dissipada pela decepção.

O quarto estava escuro, os cobertores e a colcha rosa de chenile eram mais pesados que meu edredom. O aroma quente de peru assado e o barulho inconfundível de alguém cozinhando subiam da cozinha. O quarto de hóspedes dos O'Neill, lembrei.

Fiquei me perguntando quanto tempo meu sonho tinha durado. Será que foram alguns minutos ou só um segundo? Como é que o cérebro fazia isso? Como a consciência do sono conseguia construir uma história utilizando os cheiros e sons ao redor? E por que eu tinha que acordar tão cedo? Fechei os olhos com força, tentando trazer minha mãe de volta, mas ela se fora.

Era esse o sinal?, pensei subitamente.

Minha mãe podia ter dito qualquer coisa, mas ela mencionou a missa.

Hope estava dormindo na cama ao lado, a um braço de distância.

– Feliz Natal, Teca! – disse ela, abrindo os olhos. – Natal, Teca! – repetiu maravilhada.

Não acho que algum dia eu tenha visto Hope triste. Obstinada, sim, zangada sem motivo algum, sim, mas ela sempre fora desse jeito. Às vezes eu olhava para minha irmã e me questionava se ela sequer sentia falta de nossa

mãe. Nunca perguntei, porque não queria deixá-la triste. Às vezes eu me indagava: se uma criança de 5 anos consegue superar, por que eu não consigo?

– Como foi a Missa do Galo? – perguntou a Sra. O’Neill quando nos reunimos na sala para abrir os presentes.

– A mesma coisa de sempre – respondeu Doll sem hesitar.

Ela sempre soubera mentir muito melhor do que eu, ao simplificar as coisas, apostando em conseguir se livrar daquilo em vez de criar uma história para explicar a nossa ausência caso alguém da congregação nos dedurasse.

Fiquei me perguntando se teria sido a culpa por ter ido ao pub na noite anterior em vez de à igreja que tinha, subconscientemente, colocado aquelas palavras na boca de minha mãe. A presença dela ainda parecia tão forte que eu me sentia um pouco desorientada.

– Quais são os meus presentes? – perguntou Hope.

Com o dinheiro que meu pai tinha dado, comprei um CD player para ela em nome dele. E um CD de cânticos natalinos como meu presente. Do Papai Noel ela ganhou uma meia de Natal cheia de guloseimas, apesar de ele, na verdade, não visitar a casa dos O’Neill ou a nossa: Hope ficava bastante assustada com a ideia de um homem gordo e barbudo entrando em casa escondido à noite.

Comprei para meu pai umas meias do Homer Simpson em nome de Hope e uma garrafa de Jameson para eu mesma dar, porque esse era o uísque que minha mãe comprava para ele. Meu pai pareceu agradavelmente surpreso, como se não esperasse ganhar nada.

Então foi a minha vez de abrir o pacote com os brincos da Accessorize que eu tinha comprado em nome de Hope para mim.

– Qual é o seu presente para a Teca? – Hope perguntou ao meu pai.

Eu devia ter percebido que tinha que ter comprado alguma coisa para mim em nome dele também. Fiquei me sentindo uma idiota por sempre ter acreditado na surpresa de minha mãe quando ela abria o perfume barato que ele dava a ela todos os anos.

– Ora, bem – respondeu meu pai com certo desconforto –, eu não sabia direito o que comprar para você, Tess, então achei melhor você mesma comprar alguma coisa.

Ele se levantou, tirou o maço de notas preso por um clipe do bolso de trás da calça e pegou, primeiro, uma nota de 5, depois, ciente de que a Sra.

O'Neill o estava observando, mais cinco notas de 10 libras, o que era generoso, mas eu teria preferido que ele tivesse pensado em um presente para mim.

Minha mãe sempre me dava um diário comum que ela personalizava com uma capa de tecido bordada com meu nome e o ano. Era o primeiro Natal que eu não ganhava um diário desde os meus 10 anos.

Na hora do almoço, havia uma caixa de lembrancinhas natalinas tradicionais: tubinhos de papelão recheados com pequenos mimos e embrulhados em forma de bombons. Eles devem ser abertos à força, por duas pessoas, cada uma segurando uma extremidade. Quando se partem, quem fica com o pedaço maior da embalagem ganha o presente que estava dentro dela. Nunca tivemos isso lá em casa, por causa do custo. Depois da surpresa causada pelo estalo quando a primeira embalagem se partiu, Hope ficou obcecada e deu a volta na mesa insistindo em abrir todos, colocando todas as lembrancinhas na bolsinha rosa que Doll tinha dado a ela, mas permitindo que nós, após um breve debate, ficássemos com as coroinhas de papel.

– O Natal é todo voltado para as crianças, não é mesmo? – ponderou o Sr. O'Neill em várias ocasiões, como que para relembrar a si mesmo.

A Sra. O'Neill assou um peru inteiro, com salsichas extras para Hope, e, de sobremesa, serviu sua receita especial, sorvete de creme com confeitos, jujubas e gotas de chocolate, pois ela tivera filhos suficientes para saber que crianças nem sempre gostam de panetone.

À tarde, meu pai e o Sr. O'Neill foram para o bar e eu e Hope nos acomodamos em frente à enorme TV com a Sra. O'Neill para assistir ao especial de Natal da Disney. Depois de Doll e eu termos lavado a louça, ela sugeriu que fôssemos dar uma volta.



Havia uma trilha idílica e bem iluminada que passava à beira da água em direção ao sol invernal. Quando as cores estavam nebulosamente suaves desse jeito, dava para ver por que a cidade, em seus tempos áureos, atraía artistas, incluindo o pintor William Turner. Hoje, a maioria das casas vitorianas onde os londrinos abastados costumavam passar as férias virou asilos ou albergues voltados para a tal “assistência social”, um grupo

heterogêneo de viciados e pessoas com problemas mentais que perambulam pela cidade durante o dia. Guirlandas sujas estavam penduradas nas janelas sem vida.

Havia algumas outras pessoas na rua, caminhando para “queimar” o almoço. Sem os bipes e os ruídos de costume das máquinas caça-níqueis dos fliperamas, meus ouvidos se focaram em trechos de conversas.

– Que triste para aqueles meninos... – disse uma senhora mais velha de cadeira de rodas para uma mulher mais nova que a estava empurrando.

– Uma tragédia...

Será que conversavam sobre alguma perda pessoal ou sobre uma perda da família real?

Supus que os dois homens na faixa dos 30 anos que estavam caminhando em nossa direção fossem irmãos que tinham vindo passar o Natal em casa. Ou será que eram um casal gay? À medida que eles se aproximavam, um deles secou a Doll. Então, não.

–... esse é o negócio de viver o sonho... – falava o outro.

Pela aparência dele – calça jeans barata e jaqueta de couro com cor de diarreia –, eu não achava que as coisas tinham saído do jeito que ele esperava.

– Qual você acha que era o sonho? – perguntei a Doll.

– Que sonho?

– Deixe pra lá.

Sempre ouço as conversas das outras pessoas e crio histórias em minha cabeça. Minha mãe também era assim. Saíamos para tomar um café na orla e conversávamos normalmente, mas, quando o casal da mesa ao lado saía, começávamos, na mesma hora, a discutir tudo o que tínhamos ouvido:

“Ele está se sentindo culpado com relação a alguma coisa... Não acreditei nele quando disse que sentia muito, você acreditou? Você acha que ela era amante dele...?”

Doll não era de fazer muito isso, porque geralmente ela mesma tinha muito a dizer.

Descemos até a praia. A maré baixara e o mar estava muito calmo, com ondas que eram meros rastelos de seda quebrando na areia plana e molhada.

– Marulhando com ruídos baixos na orla...

– O quê? – perguntou Doll.

– É do poema de minha mãe.

– Ah.

Será que havia um limite para o luto? Três meses? Seis? Nem mesmo Doll teria paciência para sempre. Já não era hora de “me conformar” ou de “superar”, ou será que essas eram simplesmente coisas ditas por aqueles que nunca tinham sofrido uma perda?

– Na Itália, as pessoas visitam os parentes falecidos no dia de Natal – disse Doll. – Tem floriculturas do lado de fora dos cemitérios. É uma ideia legal, não acha?

Pensei no túmulo de minha mãe, no final de uma fileira no cemitério. Aparentemente, era preciso esperar a terra assentar antes de colocar uma lápide, então ainda não tínhamos feito isso. Eu odiava pensar nela deitada lá com pessoas que ela não conhecia, sob a sujeira de flores mortas e ursinhos de pelúcia encharcados pela chuva. No túmulo ao lado havia uma lápide preta brilhante em formato de coração que trazia a mensagem: “Para sempre, em nossos *corações*”, o que minha mãe teria odiado, porque ela sempre fora bem rígida com relação a ortografia e pontuação. *Devia ter ido ao cemitério hoje*, pensei. Não havia feito isso porque eu não tinha a sensação real de que ela estava lá.

– Fred diz que é como incluí-los na festa – continuou Doll.

– Fred? – perguntei, voltando à realidade.

– Fred Marinello. O pai dele é italiano.

– Dã!

O que eu estava perguntando, e ela sabia, era: como é que ela tinha ficado tão próxima de Fred de repente? Aliás, Fred era o capitão do time de futebol e o cara mais descolado do nosso ano na escola. Aos 16 anos, ele tinha assinado um contrato com um clube amador de futebol da cidade – o jogador mais novo a assinar um contrato – e recentemente, diziam os rumores, andava sendo sondado pelo Arsenal. A história ganhara uma matéria de duas páginas no jornal local com a manchete “Fred na série A?”. Fred era o que havia de mais próximo de uma celebridade na cidade e todas as meninas do nosso ano gostavam dele.

Agora que parei para pensar, ele estava no pub na noite passada com um grupo de amigos e eu tinha visto Doll trocar umas palavras com ele no caminho para o banheiro e apontar para mim, como que para dizer: “Estamos sentadas ali.”

– Ele vai ao salão para depilar as pernas com cera – disse ela rindo. –

Parece que alguns jogadores da série A depilam, para melhorar a aerodinâmica.

– Ou para provocar os outros!

Eu ri. Doll, não. Ela levava sua profissão muito a sério. Queria trabalhar com estética desde os 5 anos e ganhara uma boneca de Natal com cabelo que crescia quando você cortava. Por ser a caçula da família e a única menina, ela tinha permissão para experimentar todos os tocos de batom e os potinhos secos de rímel da Sra. O'Neill. Uma vez, quando tínhamos uns 7 anos, Doll me usou como modelo, deixando minha mãe horrorizada e fazendo nossas famílias se sentarem em fileiras diferentes na missa por várias semanas.

– Aliás – disse Doll –, ele nos convidou para uma festa de ano-novo.

– Fred? Nós?

– Bem, eu, mas perguntei se você podia ir também.

– Obrigada, mas não, obrigada – respondi.

– Ora, vamos. Se você for, podemos ficar o tempo que quisermos. Você sabe como minha mãe é.

A Sra. O'Neill encorajava nossa amizade porque eu era a amiga que lia livros e sabia qual era o dever de casa e o que tínhamos que levar para as aulas de culinária, esse tipo de coisa. Já minha mãe sempre teve um pouco de receio da influência de Doll sobre mim.

– E Hope? – perguntei, procurando uma desculpa. – Meu pai deve querer ir para o bar.

– Ela pode ficar na minha casa, não pode? – retrucou Doll.

– Mas não tenho nada para vestir.

– Agora você parece a Cinderela.

– Então já está tudo combinado, não é? – perguntei.

– Você irá ao baile – respondeu Doll.



Foi só quando Fred Marinello abriu a porta na noite de ano-novo que caiu a ficha. O sorriso dele era como o de uma propaganda de pasta de dentes. Ele tinha dentes tortos quando criança, mas havia perdido alguns deles recentemente ao bater a boca na trave do gol, então agora apresentava uma fileira completa de coroas brancas e alinhadas.

Os olhos dele percorreram o corpo de Doll de cima a baixo.

Depois, como se só então tivesse me visto atrás dela:

– Tess!

Eu era tão alta quanto Fred, mesmo de sapatilhas, e homens como ele não sabiam como lidar com isso.

– Sinto muito por sua mãe – disse ele. – Era uma boa pessoa. Seu cabelo desse jeito combina com você, por sinal.

Geralmente eu prendia meu cabelo longo encaracolado para mantê-lo sob controle, mas hoje Doll tinha insistido em alisar cada cacho e dividi-lo de lado, de modo que metade escorria pelo meu rosto. Quando eu mexia a cabeça, ainda conseguia detectar um cheiro leve de queimado.

– Foi Doll que fez – respondi.

– O que tem de talentosa tem de bonita...

Fred deu um beijo na boca de Doll.

Fiquei me sentindo uma estúpida. Eu era boa em inventar histórias sobre as vidas das pessoas que eu não conhecia, mas não tinha percebido o primeiro grande romance da minha melhor amiga. Ao relembrar a conversa recente que tivemos sobre alma gêmea e toda aquela coisa sobre famílias italianas, era bastante óbvio, realmente.

– Desde quando? – perguntei a Doll no quarto dos pais de Fred, onde deixamos nossos casacos e demos uma checada nos nossos dentes para ver se não havia manchas de batom.

– Eu não tinha certeza se era sério – foi a desculpa de Doll por não ter me contado.

– É sério?

– Ele me chama de Maria D.!

– E você gosta disso?

Era como ela era chamada pelos professores quando faziam a chamada. Para distingui-la de Maria Lourdes, que era Maria L.

– Acho que soa mais adulto – respondeu Doll, alisando o vestido justo de renda preta.

Olhei para meu reflexo. Ficar parada ao lado de Doll parecia enfatizar minha altura, porque ela era mignon e perfeita. Em ocasiões sociais, eu sempre me sentia constrangida ao lado dela, como uma dama de companhia censuradora em vez de a melhor amiga. Eu usava uma calça jeans preta e uma blusa de veludo vermelha com uma gola meio molenga na frente que

lembrava um pouco o estilo dos anos 1950 e, para combinar, o batom Rubi da paleta que eu tinha dado para Doll de presente de Natal. Às vezes eu achava que tinha nascido na era errada quando se tratava de moda. Com pernas longas e quadris estreitos, eu ficava bem de calça, mas meu tronco era duas vezes maior que o normal. Corpo de nadadora, minha mãe costumava dizer, depois que uma das medalhistas das Olimpíadas de Barcelona se tornou uma espécie de musa e fez propaganda de produtos de beleza.

Eu não conseguia distinguir se a estranha sensação que estava tendo era inveja pelo fato de Doll estar seguindo em frente sem mim – não que eu gostasse de Fred e, mesmo que gostasse, ele era muita areia para o meu caminhãozinho – ou se era por simplesmente estar irritada com ela por não ter me contado a novidade. Será que eu agia de maneira tão patética que minha melhor amiga nem pensara em me contar que estava saindo com o namorado de seus sonhos?



A maioria das pessoas da festa era do nosso ano da escola, apesar de haver alguns agregados que pareciam ser jogadores de futebol. Até onde eu sabia, os convidados estavam divididos em três grupos básicos. Os que sabiam sobre minha mãe, que, em sua maior parte, sorriam para mim ou me perguntavam “Como você está?”, para o que a única resposta era “Bem”. Havia também os que não sabiam e perguntavam se eu estava gostando da universidade, então eu tinha que contar a eles, mesmo que não quisesse tocar no assunto – decidi que “Obrigada” era a melhor resposta para quando as pessoas diziam que sentiam muito, mas aí parecia que elas haviam dito “Gostei da sua blusa” ou algo assim. Por fim, havia o grupo de pessoas novas, às quais eu não tinha autoconfiança suficiente para me apresentar.

A maioria dos meus colegas trabalhava de verdade agora e aspirava assumir uma hipoteca e comprar um conjunto de aparelho de jantar, enquanto eu tinha regredido – retrocedido tanto que passava os dias na escola primária que todos nós havíamos frequentado.

– Céus, a Sra. Corcoran, sempre morri de medo dela! – disse Cerise McQuarry.

– Eu ainda morro!

Estávamos tomando Cava Rosé na cozinha. Naquela época, só se tomava cava. Ninguém tinha sequer ouvido falar em prosecco.

– Sortuda essa Doll, hein? – disse Cerise. – A Que Mais Provavelmente Se Casará Com um Milionário... – complementou referindo-se às expectativas expressas no nosso livro anual da escola.

– Isso se Fred ficar milionário e eles se casarem – retruquei.

Cerise me deu uma olhada que eu recebia muito na escola. Ela era A Que Mais Provavelmente Se Tornará Modelo, o que provavelmente foi o motivo pelo qual mencionou o livro anual, mas, por ora, trabalhava na caixa nº 7 da Boots.

Eu era A Que Mais Provavelmente Se Tornará Professora, talvez por ser um pouquinho CDF e pedante. Ser professora era o que minha mãe queria para mim, mas eu nunca tive certeza. Muito menos agora. A sala dos funcionários na St. Cuthberth era dividida em uma hierarquia rígida. As assistentes sentavam juntas para comer seus sanduíches, enquanto as professoras se sentavam do outro lado, reclamando da grade curricular nacional e da quantidade de trabalho que tinham que levar para casa. Não me parecia uma vida muito agradável.

Eu nunca fui boa em festas. Ser alta e tímida é pior do que ser baixinha e tímida, porque as pessoas se aproximam presumindo que você deve ser confiante, então, se você fica um pouco travada, elas pensam que é antissocial. O outro problema é que muitos homens são baixos, então dizem coisas do tipo “Você é uma mulher alta, hein?”, o que me coloca na defensiva.

Havia um, contudo, que era tão alto que precisava se abaixar quando ia de um cômodo para outro. Nossos dedos se tocaram quando ambos fomos pegar o último enroladinho de salsicha e fizemos aquela coisa: “Você... Não, você... Pode pegar”. Eu nem estava com fome, mas olhar para a comida indicava que estava fazendo alguma coisa em vez de ficar simplesmente parada ali sozinha.

– Fred disse que você é amiga da Maria...

Levei um segundo para processar.

– Eu a chamo de Doll – falei. – Por causa de “Dolores”. Você sabia que Maria Dolores significa “Maria das Dores”? – divaguei.

– Ela não parece muito pesarosa agora! – respondeu ele, olhando para a

sala de estar. – Sou Warren, aliás.

– E você é o que de Fred?

– O quê? Ah, sou o goleiro do time dele.

Nós dançamos e foi até bom sentir uma mão grande e carnuda em torno da minha cintura e ganhar um beijo de verdade quando soaram as doze badaladas. Warren era tão alto e encorpado que me fez sentir quase delicada e mignon em seus braços.

– Vamos lá, pegue seu casaco – murmurou ele no meu ouvido.

– Acho que não, muito obrigada!

Afastei-me dele, empertigada como uma freira.



– Ele realmente achou que eu fosse fazer sexo com ele depois de um beijo? – perguntei a Doll no caminho para casa.

O silêncio dela disse tudo.

– Meu Deus, você e Fred? Vocês...? – perguntei, sentindo-me subitamente bem sóbria.

O motivo pelo qual eu tinha me sentido isolada na festa não tinha nada a ver com a morte de minha mãe. Todos eles estavam fazendo sexo. E eu ainda era virgem.

– Desculpe, Tess – disse Doll.

Por não ter me contado, foi o que ela quis dizer.

Então me lembrei de que, quando começamos a pensar em meninos, nos revezávamos em turnos para praticar nossa técnica de beijos no espelho do quarto de Doll, o que era estranho, quando você pensa no assunto, já que algo frio e plano nunca vai ser parecido com lábios humanos e você mantém os olhos abertos para checar a própria performance, coisa que as pessoas, em situações amorosas, não fazem.

Desde então, tanto eu quanto Doll tínhamos saído com meninos, mas nada além de um milk-shake na orla ou um cinema. Sempre contávamos uma à outra os avanços no contato físico, comparando mordidinhas de amor e quão longe tínhamos ido em uma escala de um a dez, apesar de ser difícil avaliar a experiência, visto que nenhuma de nós tinha ido “até os finais”. O que parecia ser um “cinco” em um ano passava a ser apenas

um “dois” no ano seguinte.

Agora Doll tinha chegado ao “dez” e eu provavelmente não tinha chegado nem ao seis, já que não gostava muito que os meninos pegassem nos meus seios, muito menos lá embaixo.

– É bom? – perguntei.

– É absolutamente fantástico. Bem melhor do que eu pensava.

– Você ama o Fred? – perguntei, sentindo-me com 12 anos de novo.

– Acho que sim – disse Doll. – Às vezes não consigo acreditar. Fred Marinello!

Era uma noite fria. Nossa respiração formava nuvens de fumaça e nossos passos produziam um ruído metálico na calçada. Olhei para a cúpula de estrelas.

– Não é estranho pensar que milhares de casais vão se encontrar pela primeira vez esta noite? – divaguei. – E alguns deles vão durar duas semanas e outros ainda vão estar juntos daqui a vinte anos, mas nenhum deles sabe disso ainda...

Doll olhou para mim como se eu estivesse maluca.

– Warren é legal – disse ela. – Trabalha com televendas.

Eu não estava pensando em Warren. Nem estava pensando em mim. É só que, às vezes, quando estou olhando para o céu limpo da noite, o universo parece tão vasto e aleatório que é estranho pensar em como nossos pequenos momentos na Terra podem conter tanto significado.

– Ele tem um carro da empresa – disse Doll, como se isso arrematasse a questão.

– Olhe, sei que você acha que sou seletiva – falei –, mas, quando Warren disse “Venha! Fred disse que você está precisando de um bom trato!”, não foi a cantada mais sedutora que já ouvi.

– Ops! Lamento.

– Mas estou muito feliz por você e pelo Fred – afirmei, porque achava que era o correto a dizer. – Só fico um pouco triste porque não vamos nos ver mais com tanta frequência. O que provavelmente faz de mim uma pessoa egoísta e horrível!

– Somos duas, então!

Rimos. Por um instante, tínhamos voltado ao normal. Então tornamos a ficar quietas, porque as coisas não eram tão simétricas assim.



Dava para ouvir Hope da rua. Meu pai e o Sr. O'Neill tinham ido ao bar e a Sra. O'Neill não queria tocar o CD de novo, já que estava ficando tarde.

– Ela realmente gosta das músicas de Natal, não é?

A Sra. O'Neill tinha criado quatro meninos, além de Doll, mas eu nunca a tinha visto tão esgotada quanto depois de uma noite com Hope.

– Posso levá-la para casa – sugeri.

– A esta hora? – questionou a Sra. O'Neill. – Com o quarto de hóspedes já arrumado?

Eu disse a Hope que ela poderia levar o CD player para o quarto se sossegasse, mas antes disso escovei seus dentes e vesti o pijama nela. Para garantir que iria se comportar, deitei-me na cama ao lado em vez de tomar um drinque com Doll e a mãe dela.

O CD tocava “Então é Natal” quando Hope finalmente pegou no sono.



Fiquei deitada de barriga para cima pensando em resoluções de ano-novo.

Quando era pequena, costumava anotá-las com a minha melhor letra e enrolá-las em pequenos pergaminhos com linhas coloridas da caixa de costura de minha mãe. Então as prendia nos puxadores das gavetas da cômoda no meu quarto.

Vou sempre lavar a louça.

Vou ajudar mais minha mãe.

Vou guardar minha mesada.

Fazia tempo que eu tinha parado de anotá-las, mas ainda as tomava na minha cabeça – todo mundo faz isso, não faz? –, porém agora não conseguia pensar em nenhuma.

Um ano atrás, minha mãe e eu tínhamos passado a virada do ano juntas, com a árvore de Natal prateada brilhando, o show anual de ano-novo de Jools Holland passando na TV e um pequeno copo de Baileys. Minhas resoluções eram bastante pragmáticas: estudar muito para conseguir ingressar na universidade; guardar dinheiro suficiente do meu emprego aos sábados no One Stop para viajar no verão.

– Quais são as suas? – lembro-me de ter perguntado a ela.

– As minhas são sempre as mesmas, Tess – respondera ela. – Ser feliz com tudo que tenho.

Para ser sincera, eu tinha ficado irritada com ela, porque achava que, se minha mãe não fosse tão certinha, ela teria chegado mais longe na vida. Era uma mulher inteligente, lia tão rápido que conseguia devorar dois ou três livros por semana. Ela sabia responder a todas as perguntas do *Show do milhão*. Podia ter feito algo melhor com a própria vida.

Agora me ocorria que talvez eu não tivesse entendido o que ela queria dizer.

Será que o fato de que a *resolução* de minha mãe era ser feliz significava que ela não era *verdadeiramente* feliz?

Será que ela não se sentia realizada?

Por que não tínhamos conversado sobre todas essas coisas?

Por que ela não tinha me dito o que estava pensando em vez de me dar aquele sorriso irritante que dizia “*Você logo vai descobrir*”?

Por que, quando ela podia ter me dito alguma coisa, só me perguntou como tinha sido a Missa do Galo?

E o que é que eu deveria deduzir de uma maldita borboleta?

Virei o rosto para a parede com um uivo silencioso, meus ombros sacudindo à medida que lágrimas quentes escorriam em cascata pelas minhas faces. Encolhida como um bebê, com as pernas pressionadas contra o peito, soluzei sem parar até quase conseguir sentir minha mãe se debruçando por cima de mim, preocupada, como sempre fazia quando eu era pequena e tinha febre.

Em *Um romance do outro mundo*, que Doll tinha alugado em uma sexta-feira em que se confundiu e achou que era uma comédia romântica, Juliet Stevenson tinha chorado tanto que Alan Rickman voltou dos mortos para ficar com ela.

Mas não havia nenhuma flanela úmida na minha testa, nenhuma frase acalentadora do tipo: “Pronto, pronto! Você vai se sentir melhor logo, logo, eu prometo!”

No friozinho de um quarto onde normalmente ninguém dormia, eu sentia tanta falta de minha mãe que meu coração chegou a doer.

– Não é que eu não consiga me virar – confessei a ela baixinho. – É só que sinto saudade de encontrar você em casa quando chego da escola porque

a casa parece vazia demais. Sinto falta de conversar com você na cozinha e também de não conversar porque nós duas estamos prestando atenção em uma conversa alheia. Eu simplesmente sinto muitas saudades, mãe! Não é a mesma coisa sem você aqui...

De repente, pensei em como ela ficaria triste por me ver assim, chorando sem parar e deixando os travesseiros da Sra. O'Neill encharcados.

– Sinto muito, mãe.

E quase consegui ouvir a resposta dela:

– Eu também sinto muito, Tess. Também não é o que eu queria, você sabe.

CAPÍTULO 8

Dezembro de 1997

Gus

Ross morreu ao meio-dia do dia 31 de dezembro.

A decisão estava estampada na cara dos meus pais aquela manhã, apesar de eles não terem me contado. Se eu tivesse pedido, será que eles teriam permitido que eu ficasse no quarto? Não pedi porque parecia ser algo privado entre eles e Ross. Eles é que o tinham colocado no mundo e passado cinco anos com ele antes de eu aparecer. Eu só atrapalharia. Então não tive a chance de dizer adeus, porque ninguém queria encarar o que estava prestes a acontecer. “Faleceu” é bem mais fácil do que “foi desligado dos aparelhos”. Teria sido uma despedida vazia, de qualquer forma, já que ele tinha sofrido morte cerebral. A única diferença que eu consegui detectar quando me chamaram para entrar foi que as máquinas tinham parado de zunir e bipar. O quarto estava totalmente em silêncio. Fiquei feliz por ele ter ido quando ainda estava claro em vez de pouco antes da meia-noite, com fogos de artifício estourando e carros buzinando na rua lá fora.

Voltamos para casa dois dias depois em um voo cheio de esquiadores de ressaca, com exceção do único lugar vazio ao meu lado. Após muita discussão, meus pais decidiram cremar o que tinha sobrado do corpo dele, depois de doar os órgãos, e espalhar as cinzas no mar. Ross sempre amou o mar. Ele sempre falava de tentar quebrar o recorde da travessia do Atlântico a remo.

Exatamente um ano depois, no dia da virada, meus pais e eu fomos até Lymington para pegar o *ferry boat* até a ilha de Wight. Viajamos em silêncio, o ruído ritmado dos limpadores de para-brisa marcando o tempo à medida que os pneus deslizavam pela água que escorria pela M3. Ao meu lado, no banco de trás, havia um buquê grande de lírios brancos.

Meu pai tinha posto na cabeça que remaríamos até a baía no mesmo

barquinho a que tínhamos direito quando alugávamos o chalé costeiro no verão e jogaríamos as flores na mesma região da baía onde tínhamos espalhado as cinzas na última primavera. Mas, quando paramos do lado de fora do chalé, chovia tanto e o vento estava tão forte que parecia que havia alguém arremessando bolas gigantes de água no carro, balançando-o com a força das rajadas. Pelas janelas embaçadas, era impossível distinguir onde o jardim terminava e começava o mar.

O meio-dia se passou com todos nós torcendo por uma pausa repentina e milagrosa no mau tempo. Ninguém disse nada. Depois de esperar por uma boa hora sem sinal de que o tempo iria melhorar, meu pai ligou o carro do nada e voltamos para Yarmouth, a fúria dele com o fracasso da missão tão avassaladora dentro do interior confinado do BMW quanto o aroma dos lírios.

– Que tal deixarmos as flores ao lado do *ferry boat*? – sugeriu quando nos aproximamos da cidade.

– Em vez disso, por que não vamos até aquele pequeno cais perto do bar? – perguntou minha mãe, olhando para mim em busca de apoio. – Onde vocês costumavam ir catar caranguejos?

Enquanto descíamos o píer escorregadio debaixo de uma sombrinha que não cobria todos nós, eu me perguntei por que Ross não podia ter um túmulo normal em um lugar que já fosse triste em vez de transformar toda essa ilha, com nossas lembranças ensolaradas de uma infância de castelos de areia e sorvetes, em um lugar onde nunca mais poderíamos ser felizes de novo.

No píer, minha mãe se atrapalhou com o celofane barulhento com que a florista envolvera os lírios antes de finalmente rasgá-lo e entregá-lo para eu segurar enquanto eles dois jogavam as flores.

– Um, dois, três!

Os olhos deles se fecharam enquanto as jogavam, como se estivessem fazendo um pedido. O buquê mergulhou na água. Ficamos parados observando-o se mover para cima e para baixo, atacado pela chuva. Peguei-me torcendo para que ele não afundasse – porque isso pareceria, de alguma forma, errado – e, ao mesmo tempo, para que não fosse arrastado para a orla pela maré para não termos que passar por todo aquele ritual de novo. Após alguns minutos, achei que talvez fosse melhor que afundasse mesmo, porque nunca iríamos embora a não ser que alguma coisa acontecesse.

Minha mãe finalmente suspirou e disse, com um sorriso carinhoso na voz:

- Aposto que ele já deu duas voltas ao mundo.
 - Aposto que sim! – concordou meu pai com entusiasmo.
- Até mesmo as cinzas de Ross eram aventureiras e heroicas.

Os dois se viraram e olharam para mim como se tivessem esquecido que eu estava ali.

Eles teriam preferido que tivesse sido eu, Ross.

É claro que teriam.



Voltamos para casa em silêncio.

Minha mãe foi direto para o andar de cima. Meu pai se serviu uma dose de uísque e ligou a TV.

No meu quarto, enquanto olhava pela janela preta, me lembrei de como eu ficava ouvindo os burburinhos dos adultos nas noites de queijos e vinhos que meus pais organizavam no andar de baixo ou as gargalhadas esporádicas de meu pai com as histórias de Ross enquanto eles tomavam uísque juntos. Agora os trechos daquelas risadas gravadas de algum programa de TV se misturavam aos soluços abafados de minha mãe no quarto de Ross, ao lado do meu.

Abri a janela, enfiando o rosto no ar gelado e estático, impressionado com a escuridão e o silêncio agora que a chuva tinha parado. Em Londres, nunca escurecia totalmente; sempre havia uma névoa fina alaranjada no céu noturno. Pensei na Noite da Fogueira e no rosto de Lucy todo dourado enquanto ela olhava para cima com uma fascinação infantil assistindo à cascata brilhante de fogos de artifício no céu. Londres nunca ficava em silêncio. Sempre havia o burburinho do metrô ou o grito irritante de um alarme de carro.

Enquanto meus ouvidos se ajustavam ao silêncio, percebi a reverberação leve de uma música de festa vinda de uma casa distante. Parou para a contagem regressiva para a meia-noite; uma multidão distante de estranhos gritava “Cinco, quatro, três, dois, um!” em meio à explosão dissonante de cornetas; uma introdução confiante do primeiro verso de “Auld Lang Syne” se dissipou na batida do baixo de uma música dançante.

O céu agora estava limpo. Provavelmente havia milhões de pessoas no

mundo olhando para ele, fixando suas resoluções nas estrelas.

Ao fechar a janela, remexi minha mala até encontrar o pedaço de papel no qual Lucy tinha anotado o número de telefone dela, depois desci as escadas e liguei antes que mudasse de ideia.

– Quem é? – perguntou a mulher.

Pude ouvir o burburinho de pessoas comemorando ao fundo.

– Gus – falei, tentando manter a voz o mais baixa possível, para não haver chance de meus pais escutarem.

Pensei ter ouvido a mulher gritar “É ele!”. E então Lucy atendeu.

– Feliz ano-novo! – falei.

– Feliz ano-novo!

Houve uma pausa breve, então nós dois falamos ao mesmo tempo:

– Lembra que falamos sobre nos encontrar...

– Olha, quer se encontrar...?

Risadas nervosas.

– Que tal amanhã?



A silhueta familiar do casaco de lã de Lucy e seu rosto sorridente quando me avistou caminhando pela plataforma na direção dela fizeram a vida voltar a correr pelas minhas veias. Eu tinha dito a meus pais que decidira retornar logo para Londres para estudar. Aquilo passava uma sensação satisfatoriamente rebelde, como se eu estivesse fugindo de casa.

Fomos até a orla no carro de Lucy. Fazia apenas duas semanas que não nos víamos, mas ela estava cheia de novidades. Novidades alegres, felizes, normais, sobre ter ido a uma reunião na escola para pegar seu boletim repleto de notas máximas; feito compras com a irmã nas liquidações do shopping Bluewater; e ter levado a sobrinha pequena, Chloe, à pantomima nos Jardins de Inverno, em Margate, de onde elas tiveram que ir embora porque a menina ficou apavorada com a senhora cômica interpretada por um homem.

Contei a ela sobre minhas idas ao Teatro Nacional, que pareciam ter sido muito tempo atrás.

– Sozinho? Não foi meio estranho?

– Um pouco – admiti. – Talvez possamos ir juntos um dia desses...

– Com certeza – assentiu ela.

Paramos em uma das ruazinhas que levavam até a praia lá embaixo. Ela manobrou o carro com uma confiança invejável, fazendo uma baliza para estacionar em uma vaga pequena bem rente ao meio-fio.

– Então, como foi seu Natal? – perguntou.

Eu não tinha nenhuma história divertida, como a da vovó Cynthia, que, aparentemente, sofria de uma demência leve e jogou uma jarra d’água em cima do panetone para apagar as chamas.

– Tranquilo – respondi.

Não era como a praia que eu conhecia. Na ilha de Wight, a areia era clara e fina, como açúcar refinado, mas aqui era grossa e escura, como areia de cimento, e formava um declive tão íngreme para o canal da Mancha que era difícil manter o equilíbrio. Tínhamos que enterrar a sola dos tênis para ficar em pé. Na primeira vez em que Lucy escorregou na ladeira, eu segurei a mão dela, encoberta pela luva, para puxá-la de volta e soltei assim que ela se equilibrou de novo. Na segunda vez, continuei segurando enquanto subíamos até o calçadão bem acima da praia.

– Vamos tomar um café! – sugeri quando passamos pela vitrine de um café italiano retrô.

O calor vaporoso do lado de dentro relaxou a tensão.

– Este lugar é famoso pelo sorvete – contou Lucy, pedindo um chocolate quente em seguida.

– Vou querer um sundae! – pedi à atendente. Vi que Lucy estava rindo. – O que foi? Eu adoro sorvete.

– Você é tão...

Ela procurou uma palavra.

– Idiota?

– Original.

Lucy escolheu a palavra com cautela.

– E isso é bom? – perguntei.

– É muito fofo! – garantiu, ficando vermelha logo em seguida, como se tivesse dito demais.

– Você é muito fofa – eu me ouvi dizendo.

Estiquei a mão por cima da mesa de fórmica cor-de-rosa. Ela tinha tirado as luvas, mas seus dedos estavam gelados. Entrelacei-os com carinho nos meus, soltando a mão dela rapidamente quando a garçonete voltou com

nossos pedidos.

Lucy tomou um gole de seu copo alto de vidro, então o colocou depressa de volta na mesa.

– Qual é o problema?

– O creme de cima é morno, mas o líquido por baixo está fervendo...

– Queimou a boca?

– Um pouquinho.

– Tome um pouco de sorvete.

Enchi minha colher de sorvete de creme e ofereci a ela. Ela hesitou antes de abrir os lábios. Senti uma contração de excitação na minha braguilha quando ela abocanhou a colher inteira e limpou os cantos da boca com um guardanapo de papel.

– Melhor? – perguntei.

– Sim, obrigada, doutor!

O silêncio que se seguiu ficou carregado de pensamentos não verbalizados enquanto eu ponderava e engolia e ela mexia o chocolate quente, a colher batendo de vez em quando no vidro.

– Podemos ir para a minha casa, se você quiser – sugeriu.

– Tudo bem – respondi com cautela, perguntando-me se uma calça jeans e uma camisa xadrez seriam adequadas para conhecer a família dela.

– Meus pais estão levando vovó de volta para Rye.

– Rye? – repeti.

– Ela está em um asilo. Pertinho de Rye.

– É uma viagem e tanto, não?

Eu não estava falando da distância.

– Mais ou menos uma hora e meia. Eles vão tomar chá lá.

Nem ela.

Lucy continuou mexendo o chocolate quente.

– Por que você não coloca um pouco de sorvete nisso aí? Para dar uma esfriada?

Ela deu uma risadinha.

– Você é engraçado...

Eu sabia que não era engraçado, nem divertido, por sinal, mas na companhia dela eu me sentia bem, como se todas as minhas emoções congeladas estivessem gradualmente começando a degelar.



A casa da família dela ficava em uma propriedade arborizada em uma área residencial nobre da cidade. O casarão tinha características do estilo tudoriano, com traves de madeira elegantes e um brasão de vitral na porta da frente, e havia sido construído em uma época em que os terrenos eram abundantes e as pessoas que podiam bancar lugares como esse esperavam um jardim decente na frente e nos fundos da casa. Havia um Volvo parado na entrada semicircular quando entramos, o que me deixou com medo de que alguma coisa tivesse impedido os pais dela de irem para Rye. Lucy leu a minha mente. O carro era da sua mãe, ela disse. Eles tinham ido com o Audi do pai. Ela dividia o Renault Clio no qual estávamos com a irmã do meio.

– Quantas irmãs você tem? – perguntei, achando cada vez mais difícil ficar de papo furado em meio a toda a ansiedade quanto ao que talvez pudesse acontecer.

– Duas. A mais velha, Helen, é casada e tem a Chloe e mais um bebê a caminho. A do meio, Pippa, está no Canadá.

– Vocês são próximas?

– Somos todas bem diferentes, mas nos damos superbem. Não consigo imaginar como é ser sozinho...

Lucy me deu um olhar tão inquisitivo que me perguntei se ela teria adivinhado.

Eu nunca tinha dito que era filho único, mas sabia que essa era uma oportunidade de corrigir essa falsa impressão, talvez a última que eu teria e em que ainda conseguiria me safar.

Não falei nada.

Ironicamente, Ross costumava dizer que eu mentia muito mal porque não conseguia inventar desculpas rápido o suficiente. Na época, meus silêncios me entregavam. Agora, pareciam fazer com que eu parecesse um pouquinho misterioso e indecifrável.

– Não é de admirar que você seja tão... – Ela hesitou.

Torci para que não dissesse “mimado”. Era disso que os filhos únicos costumavam ser tachados, não era?

– Independente.

O corredor espaçoso estava tomado por brinquedos de plástico coloridos. Um cavalo de montar amarelo com crina azul se sobrepunha como um

gigante sobre os outros animais de fazenda e de zoológico bem menores espalhados por ali.

– Minha mãe cuida da minha sobrinha duas vezes por semana – disse ela.

– Para que Helen possa trabalhar meio período.

– O que Helen faz?

– Ela é clínica geral.

O pai de Lucy era clínico geral, a mãe dela era enfermeira, uma irmã era clínica geral e a outra estava estudando para ser fisioterapeuta. Imaginei como meu pai ficaria impressionado com essa situação.

– Café? – ofereceu Lucy.

Eu a segui até uma cozinha ampla que, ao contrário da nossa, estava cheia de toda aquela parafernália que uma família feliz possui – diferentes ímãs de geladeira com listas, cartões de táxis e desenhos de criança; caixas de cereal abertas em cima da mesa, uma tigela de comida de gato e uma de água no chão.

– Não repare na bagunça. Eu não sabia que você viria aqui.

– Eu gostei.

Ela olhou para mim como se eu estivesse brincando. O ruído da água enchendo a chaleira pareceu excessivamente alto.

Dei um pulo quando senti uma coisa peluda roçando em minhas pernas e, quando olhei para baixo, vi um gato ruivo.

– Esse é o Marmelada. Ele não costuma gostar de estranhos! Você tem algum bichinho?

– Tive um porquinho-da-índia quando era pequeno, mas uma raposa o pegou.

– Ah!

O rosto de Lucy se fechou e eu dei um chute mental em mim mesmo por ter jogado um balde de água fria nas coisas.

Parecíamos ter voltado à estaca zero. Ou talvez pior que isso, como se tivéssemos acabado de nos conhecer e estivéssemos com dificuldade para manter a conversa fluindo.

– Café ou chá?

– Café, por favor.

O pote de café solúvel no balcão só tinha a quantidade suficiente para uma pessoa. Lucy se esticou para pegar outro no armário acima.

– Aqui, deixe que eu...

Em um instante eu estava atrás dela, meu braço esticado para pegar o pote; no outro, ela tinha virado de frente para mim e estávamos nos beijando e, com meus olhos fechados com força, tudo que eu consegui ouvir foi o borbulhar da chaleira elétrica quando a água atingiu a temperatura de ebulição e ela desligou sozinha.

Lucy tinha gosto de chocolate. Tudo que eu queria fazer era beijá-la e beijá-la sem parar, segurando o rosto dela nas mãos, inspirando o aroma de limão do seu cabelo brilhante. No começo, ela ficou imóvel, com os braços parados e soltos ao lado do corpo, mas, quando me afastei para olhá-la, ela colocou as mãos delicadamente na minha lombar naquele ponto exato que me fez contorcer e enrijecer de prazer.

Então ela pegou minha mão e me guiou para fora da cozinha.

Eu queria chutar para longe os brinquedos e pegá-la de jeito no chão de parquet do corredor; na escada acarpetada, com as quinas pressionando nossas costas; no patamar da escada, nós dois refletidos no espelho de corpo inteiro da parede.

– Não trouxe nenhuma... – gaguejei enquanto ela abria a porta com uma plaquinha de porcelana pintada que dizia *Quarto da Lucy*.

– Não tem problema. Eu tomo pílula – sussurrou ela.

Aquela frase foi tão perspicaz e inesperada que a espontaneidade se foi, juntamente com a minha ereção.

Todos os tipos de questionamento estavam voando pela minha cabeça enquanto eu observava Lucy se despir, dobrando cada peça de roupa em uma pilha organizada no banco de sua penteadeira. Eu tinha presumido que, assim como eu, ela era virgem, sem ter ninguém com quem pudesse me comparar. Será que ela havia planejado isso? E, se sim, há quanto tempo? E por que eu não tinha notado? Ou será que ela tinha feito sexo com outras pessoas? Não o Toby, seria?

Quando ficou só de calcinha e sutiã, ela ergueu a ponta do edredom e se enfiou na cama. Desejei ter me despido ao mesmo tempo, porque agora ela estava olhando para mim. Então me virei, tirei a camiseta, a calça e as meias e me deitei na cama ainda com a cueca boxer. Era uma cama de solteiro. Não tinha como nós dois ficarmos deitados ali sem nos tocarmos, mas nenhum de nós ousou se mexer.

Meus pés estavam para fora. Ela estava completamente imóvel. Como seria estranho se alguém entrasse aqui agora! Será que ela havia mudado de

ideia? Ou será que estava esperando por mim? Na cozinha, meu desejo era tão urgente que eu mal conseguia me conter. Agora, não sabia por onde começar.

– Nervoso?

– Sim.

Eu não sabia por que estávamos sussurrando. Éramos as únicas pessoas na casa.

– Você já fez isso antes?

– Não exatamente...

– O que isso significa?

– Significa que não – admiti.

A risada dela apaziguou o medo que me dominava.

– Nem eu.

– Somos estudantes de medicina – falei. – Devíamos entender de anatomia e essas coisas. Vamos fazer o seguinte... – Eu me apoiei no cotovelo. – Que tal eu... examinar você?

– Está bem... – concordou ela, incerta.

– Apenas relaxe e me diga: isso dói?

Dei um beijo na orelha dela.

– Não!

Ela riu de novo.

– E isso?

Dei um beijo no ombro dela.

– Não!

– E isso?

Beijei o peito dela, acima do sutiã.

– Isso é gostoso – respondeu ela, suspirando.

– Vamos olhar mais de perto.

Puxei o edredom um pouco para baixo a fim de expor o contorno de renda do sutiã, então dei um beijo ali. Ela sorriu e fechou os olhos.

Eu me enfiei debaixo do edredom, minha língua passeando até o meio da barriga dela, na direção do elástico de sua calcinha, e dei-lhe um beijo logo acima da linha dos pelos púbicos.

De repente, seus braços e suas pernas estavam em torno de mim, sua boca na minha, enquanto lutávamos para ficar nus. Quando fechei os olhos e senti que ela estava se abrindo para mim, lembrei-me do rosto dela na Noite da

Fogueira, todo dourado de fascinação, e fogos de artifício começaram a explodir na minha cabeça.

Depois, ficamos deitados nos braços um do outro, pele contra pele, respirando a respiração do outro. Meus olhos assimilaram a organização e a feminilidade do quarto. As cortinas eram estampadas com rosas cor-de-rosa antiquadas, enquanto a penteadeira branca combinava com os armários embutidos; no carpete rosa, havia um par de pantufas no formato de dois coelhos cinza fofos.

Lucy seguiu meu olhar.

– Presente de Natal. Para falar a verdade, são bem quentinhos!

– Espero que não deem cria...

Ela deu uma risadinha.

– Há quanto tempo você toma pílula? – perguntei, sem conseguir me conter.

– Dois meses.

Dois meses! Tentei recapitular. Novembro. Noite da Fogueira.

– Helen disse que, se eu quisesse fazer, deveria estar preparada.

Ela tinha discutido a questão com a irmã mais velha!

– Comigo?

Assim que fiz a pergunta, percebi que ela não ia, de jeito algum, responder: “Não, com outra pessoa.”

– Claro que com você, seu bobo!

– Pena que eu não sabia!

– Você queria?

Sorri e a apertei.

– Claro que sim.

– Quando?

– Desde a primeira vez que eu a vi – respondi, o que era o tipo de coisa que Ross teria dito.

Isso era verdade, me perguntei, enquanto começávamos a nos beijar de novo? Ou eu tinha dito aquilo só para fazê-la feliz?

Nossa segunda vez foi mais exploratória e prolongada e nos deixou em um estado maravilhado de satisfação, sem perceber o tempo passar.

Quando nos demos conta de que já tinha escurecido e que os pais dela logo estariam de volta, foi uma loucura para nos vestirmos e sairmos de casa.

Lucy me levou até a estação e tive que correr para pegar o trem para

Londres.

Sem fôlego e entre beijos, decidimos que no dia seguinte ela também voltaria para lá. Estudaríamos para nossas provas de janeiro juntos.

Ela correu para acompanhar o trem quando ele arrancou da plataforma, segurando minha mão pelo tempo que deu, antes de soltar e acenar.

– Mal posso esperar para *estudar* mais! – gritei.

Daquele momento em diante, aquele seria nosso código especial.

Fiquei sentado no vagão olhando para a noite, o aquecedor assoprando sem resultado nos meus pés. Eu ainda conseguia sentir o cheiro de Lucy na minha pele, senti-la no meu corpo e, quando fechei os olhos, ainda ouvia os gemidos agudos dela. Naquele compartimento barulhento e exposto ao vento, a vida pareceu repentinamente suportável. O reflexo de um rosto na janela sorriu para mim e, por um instante, não reconheci a mim mesmo.

PARTE 2

CAPÍTULO 9

1998

Gus

— Você tirou a sorte grande!

Meu amigo Marcus e eu, sentados em uma mesa ao ar livre no pub Gloucester Arms, observamos Lucy, usando uma minissaia jeans e uma regata rosa, desaparecer dentro do recinto para pegar outra rodada de cervejas.

Por algum motivo obscuro – Marcus não falou isso, mas eu sabia o que ele estava pensando –, aquele exemplo quase perfeito de feminilidade tinha se apaixonado por mim. A aprovação descarada dele me deixou ainda mais orgulhoso da minha namorada, não somente por causa do rosto bonito e do corpo lindo dela, mas por conta da maneira atenciosa com a qual ela conversava com ele sobre seu curso e sua vida em Bristol, onde ele estudava direito. A vida universitária de Marcus parecia ter muito a ver com debates sociológicos e beber. O menino retraído que eu conhecia tinha se tornado um tagarela.

Depois de servir outra rodada de cervejas, Lucy nos deixou para que passássemos o resto da noite juntos. Ela tinha combinado ir ao cinema com umas amigas.

— Tenho certeza de que vocês têm muita conversa para botar em dia – disse ela.

Nós dois ficamos observando-a se afastar, seu cabelo brilhando, dourado, sob o sol do fim de tarde.

Dentro do bar, a semifinal da Copa do Mundo estava passando em um telão e o ambiente subitamente se encheu de comemorações. Inclínamos o pescoço para ver quem tinha acabado de marcar. Um a um.

— Você acha que vai para os pênaltis? – perguntou Marcus.

— É possível.

– O Brasil tem que vencer, não é?

– É o que se espera.

Nossa amizade era baseada em reticências compartilhadas em vez de conversas. Ambos mais inclinados a observar do que a participar, tínhamos nos conhecido no final da fila da cantina no nosso primeiro dia no internato, analisamos um ao outro de cima a baixo e descobrimos que éramos torcedores do Arsenal, apesar de termos aprendido rápido a não comemorar essa aliança em público. Em nossa escola, futebol era para pirralhos e maricas; homens de verdade jogavam rúgbi. No campo, minha velocidade e as habilidades de Marcus nos ajudavam a escapar das piores pancadas. No dormitório e nos banheiros, cuidávamos e tomávamos o partido um do outro. O fato de meu irmão ter sido monitor aquele ano não me garantiu proteção alguma contra as agressões sem motivos. Ironicamente, Ross sempre fora um defensor da filosofia “O que não o mata o deixa mais forte”. Como na maioria das amizades entre garotos, sempre houve um pouco de rivalidade amigável entre mim e o Marcus. Estudando-o agora, após um ano, eu suspeitava que tivesse crescido mais do que ele. No último ano da escola, vislumbrávamos festas estudantis selvagens, nas quais as garotas pulariam para a cama conosco e de manhã para fora dela quando percebessem a besteira que tinham feito. Agora eu começava as minhas frases com “nós” e entendia sobre estimulação clitoriana – e não somente por ter lido nos livros. Fiquei sabendo que o relacionamento de Marcus em Ibiza não tinha dado muito certo e, apesar de ter dormido com algumas meninas desde então, ele ainda tinha que encontrar uma namorada séria e ainda chamava sexo de “meter”.

Os médicos são conhecidos por saírem para se divertir tanto quanto trabalham, mas Lucy e eu éramos ridiculamente velhos. Quase todo sábado de manhã, eu acordava e ela, já em pé, me entregava uma caneca de café antes de se espremer outra vez na cama estreita e me dar um beijo com gosto de pasta de dentes. Lucy fazia sexo do mesmo jeito que fazia a maioria das coisas, com muita pesquisa minuciosa. Todos os artigos de revistas que ela tinha lido sobre o assunto recomendavam que você falasse sem reservas sobre o que gostava, então tínhamos nos tornado experts em dar prazer um ao outro. Às vezes ela perguntava se eu tinha alguma fantasia e eu sempre respondia que estava feliz com as coisas exatamente como eram, porque tinha certeza de que essa era a resposta correta.

Obviamente, não contei nada disso a Marcus.

No segundo ano de faculdade, Marcus tinha planejado alugar uma casa com uns caras do corredor do dormitório dele; Lucy e eu dividiríamos um apartamento.

– Então é “amô”? – perguntou Marcus, meio de saco cheio.

Lucy e eu chamávamos sexo de “fazer amor”. Nós podíamos dizer coisas como “Eu amo isso” ou “Amei a noite” ou até “Eu amo quando você é engraçado/bobo/sério”. Contudo, as palavras “Eu te amo”, por si sós, permaneciam não ditas, como se tivessem o poder de lançar um feitiço irrevogável sobre nós. Uma vez eu achei tê-la ouvido sussurrá-las durante um orgasmo particularmente intenso, mas não tinha certeza, e é óbvio que não podia pedir para ela confirmar.

– Seja lá o que “amô” significa! – respondi, tentando mostrar a Marcus que eu estava tranquilo com relação a isso.

A verdade era que eu não sabia se amava Lucy. Eu gostava muito dela. Era fácil de conviver e ela gostava mais de mim do que qualquer outra pessoa na minha vida, prestando atenção em tudo que eu dizia, até mesmo em coisas sem importância como preferir manteiga de amendoim com pedaços a sem. Talvez isso fosse coisa de menina? Eu não sabia, porque ela era minha primeira namorada. Eu me sentia constantemente surpreso e afortunado por ela se interessar por mim. Será que isso era amor? Durante o silêncio que se seguiu, Marcus e eu tomamos goles longos, respeitáveis, da nossa cerveja.

– Não contei a Lucy sobre Ross até hoje – confessei de repente.

Eu também não entendia isso. Será que era mesmo porque eu não queria que ela ficasse toda empática e insistisse em conversar sobre o assunto? Ou será que eu estava nutrindo um medo irracional de que Ross ainda tivesse o poder de arruinar as coisas que eu prezava – como minha escolha, no ensino fundamental, de ser goleiro na escola, a que eu tive que renunciar quando ele deslocou meu ombro, e o Toffee, meu porquinho-da-índia, cuja gaiola ele tinha esquecido aberta “acidentalmente”?

Marcus refletiu sobre minha confissão por tanto tempo que eu estava começando a me perguntar se ele tinha, afinal, ouvido. Até que afinal ele disse:

– Não tem por quê, eu acho.

O alívio foi imenso.

– Uma nova história para você.

– Sim.

– Ross era pirado demais – disse Marcus. – Que Deus o tenha, é claro.

A partida tinha ido para os pênaltis.

A conversa foi suspensa enquanto assistíamos ao Brasil ir para a final.

– Você ainda joga squash? – perguntei.

– Sim. Você ainda corre?

– Todas as manhãs.

Minha rota de costume – e era importante ter uma rota de costume para que os pensamentos não interferissem no vácuo meditativo que a corrida proporcionava – me levava até as sujas ruas principais de Camden, subindo pela Parkway e entrando pelos portões do paraíso silencioso do Regent’s Park. No inverno, a gelo na grama, o toque rosado da aurora no céu e as estruturas delicadas das árvores, embaçados pela minha respiração enevoada, conferiam à paisagem a sensação de uma pintura impressionista. Na primavera, eu me peguei reparando em belezas de menor escala, como os vasos de pedra, transbordando de tulipas nos simétricos jardins italianos perto da Euston Road, e as pétalas dos botões de magnólia, que pareciam de cera. O verão trouxe coroas de flores nas pégulas do círculo central, que minha rota circundava antes de um tiro em uma reta longa pelos campos, passando pela casa das girafas no zoológico, por cima do canal e atravessando, na volta, a encosta mais baixa do morro Primrose.

Em dias de sol, os donos dos cafés montavam as mesas e cadeiras ao longo da rua larga e curva, o que me levava de volta à ponte ferroviária. Era uma daquelas regiões chiques de Londres onde os negócios tradicionais não conseguiam mais competir com a demanda por café e comida fresca e deliciosa. Durante o ano, eu tinha testemunhado uma lavanderia sendo dilacerada, reformada e transformada em uma cantina italiana.

Um dia, o dono, que fizera boa parte do trabalho sozinho, estava se contorcendo em cima de uma escada quando passei. Parei e ofereci ajuda para endireitar a placa, que dizia Piattini. Desde então, tínhamos trocado um *Buon giorno!* amigável enquanto ele anotava com giz os pratos especiais do dia em um cavalete. As descrições eram sem firulas – *polenta con funghi trifolati, salsiccia al finocchio, granita alla mandorla*; os cheiros que vinham da cozinha, de dar água na boca.

No dia em que reparei nas palavras Precisa-se de garçom em cima do cardápio, passei direto, como de costume, mas então parei, virei e corri de

volta. Salvatore me chamou para fazer um teste uma noite, depois me pagou pelas horas trabalhadas e perguntou se eu gostaria de um emprego. Acho que fiquei mais orgulhoso dessa conquista do que de ter passado nas provas do primeiro ano.



– Vai passar o verão em Londres? – perguntou Marcus.

– Esse é o plano.

O apartamento que Lucy tinha encontrado para nós ficou disponível no fim do ano acadêmico e, agora que eu tinha um emprego, não precisaria ir para casa em momento algum.

– Como estão seus pais?

– Bem, eu acho.

Eu ligava para eles a cada duas semanas, mais ou menos. Desde a última vez que estivera em casa, meu pai tinha trocado os azulejos do lavabo de baixo e instalado um sistema de segurança com sensores de movimento, ambos os projetos, eu suspeitava, pensados para manter a cabeça dele longe de problemas mais complicados. Minha mãe tinha começado a trabalhar com retalhos. Quando eles me perguntavam se estava tudo indo bem, eu dizia que sim. A única maneira que eu conseguia encontrar de dar a eles alguma alegria era me formando médico. Uma foto minha usando um capelo na lareira da sala de estar seria algo para exibir aos amigos deles. Se fosse só por mim, eu provavelmente teria sucumbido à pressão do curso, mas Lucy garantia que nós dois nos dedicássemos, me enchendo o saco para manter meu portfólio atualizado e me ajudando com minhas autoavaliações.

“Não é uma tese de filosofia. Tudo que eles querem saber é o que você poderia ter feito melhor. Você está estudando para curar pessoas doentes, não para mudar a vida delas”, dizia ela.

– E você? – perguntei a Marcus. – Algum plano?

– Estava pensando em fazer um mochilão – respondeu ele, erguendo os ombros de um jeito que me fez entender por que ele tinha vindo me ver.

Por um instante, fiquei tentado pela ideia de voltar à Itália e curtir as férias que não tínhamos conseguido passar juntos no ano anterior. Mas a necessidade de ganhar meu próprio dinheiro era mais urgente. Apesar de

meus pais nunca terem mencionado o custo da minha educação, eu estava decidido a ser o mais independente deles possível.



Lucy deu um abraço em Marcus quando nos despedimos dele na estação de Paddington. Quando ele se virou para me dar um aperto de mão formal, eu meio que desejei que homens pudessem se abraçar também. Eu tinha amigos na faculdade, como Toby, apesar de termos passado a nos ver menos desde que Lucy e eu começamos a namorar, e Jonathan, aquele cara sério que conheci no dia da entrevista, com quem às vezes eu saía para beber, quando ele não estava jogando xadrez, mas ninguém me conhecia como Marcus. Nash era a pessoa mais próxima de uma confidente que eu tinha, mas minha amizade com ela deixava Lucy desconfortável. O comentário mais crítico que eu já tinha ouvido Lucy fazer sobre Nash era que ela era “um pouco demais”. Nash era bem mais explícita, especialmente quando estava bêbada, acusando-me de me acomodar com a opção mais fácil, alguém que não me desafiava, ao que eu sempre respondia com: “E qual o seu problema com isso?”

O que a irritava ainda mais, apesar de sempre acabarmos rindo à beça.



O apartamento ficava no sétimo andar de um prédio grande em um conjunto habitacional entre Camden e a Euston Road. A localização, a apenas dez minutos a pé do hospital, era conveniente e nós tínhamos vista para o norte e o leste da rua principal e também para Camden, Gospel Oak e Hampstead Heath. A princípio, o deserto sinistro de concreto coberto por grafites passava uma sensação de hostilidade, mas, depois que nos familiarizamos com as rotas para entrar e sair, não parecia mais tanto com uma zona de guerra.

Lucy e eu pegamos um quarto, as amigas dela, Harriet e Emma, os outros dois. Até entrar na universidade, eu nunca tinha sido exposto à companhia de mulheres, mas achava, no geral, mais agradável do que o ambiente exclusivamente masculino da escola. Lá, minha relutância em participar dos rituais de iniciação, como aquele em que um cara enfia o saco escrotal na sua boca, era condenada como uma atitude afeminada; no apartamento, bastava

eu estar assistindo a um programa de esportes na TV no sábado à tarde para ser considerado inequivocamente macho.

Todos dividíamos as tarefas de casa. Eu me voluntariei para tirar o lixo (antes de descobrir que o elevador quebrava com frequência) e fazer as compras de casa uma vez por semana. Mergulhei de cabeça na função, procurando os lugares mais baratos para necessidades básicas como leite e papel higiênico, escarafunchando o mercado da Inverness Street aos sábados à tarde em busca de liquidações quando as barracas estavam fechando.

Sob a tutela de Stefania, esposa de Salvatore e chef no Piattini – onde eu continuava trabalhando nos fins de semana –, desenvolvi um interesse por cozinhar.

– Quantos tomates quatro pessoas conseguem comer? – perguntou Lucy quando cheguei em casa com uma caixa que tinha me custado uma libra.

Mas ela tinha que admitir que, assados com um pouquinho de azeite de oliva, eles rendiam um molho delicioso para massas, especialmente com um pouquinho de queijo parmesão gratinado em cima.

Comecei a ansiar pelo ritmo metódico de lavar e picar os legumes, de mexer, provar, sentir o sabor e criar algo delicioso, como uma *ribollita*, a partir de alguns ingredientes crus. Era uma boa maneira de desacelerar no fim de um dia cheio de rondas no hospital, mais barato e nutritivo que comprar refeições prontas ou pegar em restaurantes para levar para casa e era algo que eu podia fazer para todas as minhas colegas de quarto para compensar a eficiência delas nos outros afazeres domésticos, como aspirar a casa e limpar o banheiro, que eram sempre realizados antes que eu pudesse sequer perceber que precisavam ser feitos.

Em outubro, quando meus pais, que estavam curiosos acerca do meu “esquema de moradia”, anunciaram que estavam vindo passar o dia em Londres e me pediram que reservasse uma mesa em um restaurante para o almoço de domingo – “algum lugar bacana que você não conseguiria bancar por conta própria” –, eu os surpreendi servindo, em vez disso, uma *porchetta* recheada com erva-doce, pimenta e alho, acompanhada por batatas assadas com alecrim e salada.

– Isto está realmente muito bom, Lucy!

Meu pai estava fazendo aquela coisa constrangedora que os pais fazem: tentando flertar com ela.

– Gus é responsável por tudo – disse ela. – Sou um zero à esquerda na

cozinha!

– Gus? – perguntou minha mãe. – Ora, isso é uma surpresa. Uma ótima surpresa!

Não ficou claro se ela estava falando do meu apelido, da evidência da minha heterossexualidade ou do fato de eu cozinhar. O orgulho infantil que eu senti por enfim demonstrar um talento que Ross nunca exibiu foi imediatamente seguido por uma onda de medo de que minha mãe fosse fazer uma comparação em voz alta em vez de só na cabeça dela. Ela não fez. O dia foi um sucesso. Mas não era algo que eu quisesse repetir.

– Seus pais são legais – disse Lucy mais tarde.

Seus pais. Eu os tinha apresentado como “minha mãe” e “meu pai”, sem nem mencionar seus nomes – Caroline e Gordon. Eu nem tinha certeza se Caroline e Gordon teriam soado aceitáveis para eles.

– Você acha que eles gostaram de mim? – perguntou Lucy.

Eu não sabia nem se eles gostavam de mim.

– Tenho certeza que sim. Eles só não são do tipo que expressa muito afeto.

Nunca tinha parado para pensar no porquê disso. Talvez, por serem ambos filhos únicos, eles não precisassem; talvez, como pessoas que tinham ascendido à classe média depois de uma vida bastante simples, eles não soubessem muito bem como deveriam se comportar.

– Você não é como eles – disse Lucy.

– Isso é um alívio – respondi, feliz pelo fato de a curiosidade dela ter sido satisfeita sem a necessidade de levá-la até nossa casa fria e sem vida.

Os pais de Lucy estavam acostumados com os namorados das filhas e me tratavam com o equilíbrio certo entre carinho e desconfiança. A mãe dela, que me instruiu a chamá-la de Nicky logo de cara, era calorosa e hospitaleira. Ao cozinhar, ela sempre fazia questão de pedir minha opinião sobre quanto curry colocar em um prato ou quanto tempo deixar um pedaço de carne assando. Quando eu me mexia para ajudar a tirar a mesa, ela enfatizava como era bom encontrar um homem que não achava que lavar a louça se resumia a colocar as panelas na pia e deixá-las lá. O pai de Lucy, por outro lado, nunca me disse para chamá-lo de Bill. A carranca cautelosa dele sempre fazia com que me comportasse de um jeito levemente desastrado, enfiando a manga na tigela de cereal ou tropeçando no rastelo enquanto eu o ajudava a limpar as folhas do quintal.

A vida familiar deles era mais informal do que aquela com a qual eu estava acostumado. Você podia dormir até mais tarde no domingo, se quisesse, e preparar uma torrada para si mesmo a qualquer hora do dia. Quando Nicky me perguntou se eu gostaria de passar o Natal com eles, aceitei de imediato o convite com um entusiasmo quase inconveniente e disse a meus pais que ia trabalhar até tarde no restaurante na noite de Natal, ficando impossibilitado de visitá-los, o que era, afinal, verdade, apesar de saber que eu provavelmente teria conseguido uma folga.

A família de Lucy fez um amigo-oculto antes do almoço. Meu presente foi um par daquelas pantufas macias enormes no formato do cachorrinho Gromit; já eu, depois de muita discussão, escolhi uma máquina de fazer bolhas de sabão para a irmã mais velha de Lucy, Helen, que encantou a filhinha dela, Chloe. Helen era a irmã de quem eu menos gostava. Ela tinha aquele jeito frio e desapegado, típico de clínicos gerais, de avaliar as pessoas que fazia a gente se sentir como se ela tivesse detectado sintomas de que não tinha gostado muito.

Quando uma vez disse a ela, meio brincando, meio falando sério, que achava que não queria ser clínico geral porque não conseguia me imaginar sentado sozinho em um consultório com confiança suficiente para diagnosticar até mesmo um resfriado comum, ela retrucou, sem humor algum, que a maioria dos resfriados é causada por vírus e não há muito o que fazer com relação a eles a não ser aconselhar o paciente a se manter bem hidratado até o sistema imunológico cumprir seu papel.

– Mas e aquele caso em mil que talvez possa virar meningite?

– Todos nós nos preocupamos com isso.

– A questão é – falei – que não consigo me ver capaz de tomar uma decisão com relação àqueles 99 por cento...

– Você vai conseguir quando tiver trinta pacientes sentados na sala de espera lendo exemplares cheios de orelhas de revistas de fofocas – respondeu ela de pronto. – Nem é uma boa ideia pensar muito nessas coisas.

A irmã do meio, Pippa, era bem mais divertida: um pouco alvoroçada e com tendência a se ofender, mas também rápida em demonstrar afeto. Comparada às outras duas, ela era um pouco rebelde. Depois de ter sofrido de bulimia na adolescência – em uma família cheia de médicos, esse era o tipo de coisa sobre a qual eles falavam à mesa –, ela agora se mantinha magra como uma vareta fumando escondida um cigarro atrás de outro nos fundos do

quintal. Era a “carente”, segundo aqueles rótulos que as famílias colocam em suas crianças.

– Lucy é o quê, então? – perguntei a Nicky quando senti que nosso relacionamento estava bem estabelecido o suficiente para me envolver nesse tipo de conversa.

– Lucy é a que não causa problemas – disse ela.

– Provavelmente porque todo mundo sempre cuidou de mim – ponderou Lucy.

– Percebe o que quero dizer? – perguntou Nicky.

Para falar a verdade, Lucy podia ser um pouquinho carente também. Por exemplo, quando eu contava casos dos clientes no Piattini, ela sempre dizia, fazendo um biquinho:

– Acho que você gosta desse emprego mais do que da faculdade de medicina.

E eu tinha que garantir a ela que não, que eu gostava de ser estudante de medicina (código para: “Gosto de estar com você”); era só que, no restaurante, eu tinha contato com todo tipo de pessoa, com todo tipo de história, explicava.

– No hospital também – ponderava ela.

– Sim, mas todo mundo está doente!

Lucy frequentemente achava que eu tinha dito algo engraçado quando, na verdade, não era minha intenção.



Fizemos nosso almoço de Natal no meio do dia, usando coroas de papel na cabeça, passando molhos e tigelas de legumes pela mesa, nos servindo de molho de cranberry direto da molheira. Imaginei meus pais na sala de estar silenciosa, comendo a entrada de salmão defumado religiosamente com os talheres corretos, e senti uma pontada horrível de culpa.

Depois do almoço fomos para a sala de estar e ficamos em torno da lareira para abrir os presentes. Depois de uma longa busca encontrei o que achei ser o presente perfeito para Lucy. Tínhamos ido a uma festa de Natal a fantasia do diretório estudantil como Sandy e Danny de *Grease – Nos tempos da brilhantina*. Lucy ficara linda com o cabelo preso em um rabo de cavalo,

usando um vestido dos anos 1950 com um cinto de plástico branco que ela havia encontrado em um bazar. Todo mundo a elogiou. Quando vi uma bolsa dos anos 1950 de verdade, pendurada no braço de um manequim com um vestido parecido com o dela na vitrine de uma loja que vendia roupas americanas *vintage* na Neal Street, paguei mais do que tinha planejado gastar.

Sem o vestido, contudo, a bolsa parecia mais uma tranqueira do que algo *vintage*, com o fecho levemente enferrujado, o tecido plastificado quebradiço e rachado nos cantos. Enquanto eu me esforçava para explicar, Pippa não conseguiu conter a gargalhada e Helen olhou para mim como se eu tivesse entrado na casa com alguma coisa nojenta grudada no sapato.

– Eu amei! – disse Lucy, colocando a bolsa de volta na caixa com cuidado e me entregando um pacote pesado com meu nome.

Dentro havia uma prancheta com folhas de rascunho, alguns lápis de desenho e uma caixa de madeira de aquarelas.

Era um presente que refletia exatamente a generosidade e a natureza prática dela. Lucy não se interessava muito por arte – nas duas exposições a que tínhamos ido juntos, ela começara rápido a olhar para o relógio –, mas sabia que eu gostava de pintura e sempre me encorajava.

– Gus queria ser artista quando era pequeno – contou à família.

– Não consigo imaginar o Gus criança – disse Helen.

– Eu consigo, ele tem uma carinha bem de menino – disse Pippa.

– Quem é Gus? – perguntou vovó Cee.

– Então desenhe alguma coisa, ora! – desafiou Pippa.

Então, aos olhos de toda a família, que me observava com uma postura amigável em vez de crítica, fiz um esboço do Marmelada, que estava dormindo em frente ao fogo.

– Mas está muito bom! – exclamou Lucy quando virei a prancheta.

Eu não sabia ao certo se devia me sentir lisonjeado ou um pouquinho ofendido pela surpresa dela.

Arranquei a folha e entreguei a ela.

– Vou emoldurar!

– Você sabe desenhar pessoas? – perguntou Pippa.

– Nunca tentei, na verdade.

– Tente agora! – sugeriu ela. – Vai!

Mantive a prancheta quase perpendicular à minha coxa para impedir qualquer um de ver meus esforços e fiz meu melhor para capturar o rosto de

Lucy. Notei que havia uma infantilidade na expressão dela que não mudava muito, estivesse ela cansada, entediada ou feliz. Não tinha percebido isso antes de tentar desenhá-la, mas, assim que comecei, vi que, em todas as fotografias na lareira da família dela, Lucy estava quase sempre com a mesma cara. Já as minhas fotos na lareira lá de casa me pegavam com tudo quanto é tipo de expressão, de furioso a totalmente imbecil.

Quando permiti que a família visse o desenho, eles pareceram satisfeitos. Fiquei bastante orgulhoso da maneira como capturei a aura de contentamento dela.

– Faz você parecer uma daquelas bonecas que dormem quando a gente as inclina para trás – disse Pippa, espiando por cima do ombro da irmã. – Que é exatamente a sua cara, para falar a verdade! Talvez você devesse ter sido artista, Gus!

– Mas não dá dinheiro, não é? – comentei, com o que achei que fosse a quantia adequada de modéstia.

– Nem mesmo Van Gogh vendeu um quadro em vida – disse Lucy.

Era uma das coisas que as pessoas que não entendiam nada de arte sempre diziam. A outra era que a arte moderna, que era vendida por muito dinheiro, não era arte de verdade. Mas eu não queria estragar a festa entrando em um debate sobre o sexo dos anjos.



– Desculpe pela Pi – disse Lucy quando estávamos deitados abraçados na cama de solteira dela aquela noite.

– Eu gosto dela. É divertida.

Então me arrependi de ter dito aquilo quando Lucy falou:

– Eu provavelmente devia ser mais divertida.

– Você é *muito* divertida – garanti, torcendo para que ela não me pedisse para avaliar em uma escala de zero a dez, como por vezes fazia com adjetivos.

– Daqui a uma semana vai fazer um ano – disse Lucy.

Levei um tempo para entender que ela estava falando de nós. Será que eu tinha que comprar um cartão? Ou flores? Ou os dois?

– Sim – falei.

– Parece que faz menos ou mais tempo para você?

Provavelmente devia haver uma resposta certa, mas eu não sabia qual era. O tempo devia passar mais rápido quando você estava se divertindo, então acho que tinha que dizer que parecia menos, mas não estava cem por cento certo. Eu nunca havia pensado nisso por esse ângulo.

– Parece que faz mais ou menos um ano – respondi, incerto, sentindo-me trapaceiro quando ela riu como se eu estivesse tentando dizer algo espirituoso.

CAPÍTULO 10

1999

Tess

O vestidinho de festa cor-de-rosa que eu tinha comprado para Hope dizia 7-8 na etiqueta, mas já estava bem justo nela e o tecido elástico de paetês enfatizava todos os pontos errados. Hope não era propriamente gorda, mas o corpo dela tinha um formato meio de barril, as pernas eram robustas e os joelhos, um pouco tortos. Eu tinha mandado cortar o cabelo dela bastante curto pouco depois de uma epidemia de piolhos na escola e os fios estavam todos espetados por causa da tática de passar o vestido pela cabeça. Hope se analisou no espelho.

– Você está uma boneca – disse ela.

Que eram exatamente as mesmas palavras que a Sra. Corcoran havia dito quando ela usara aquele vestido no último dia de aula. Hope tinha parado de dizer as coisas que minha mãe costumava dizer. Todas as frases reconfortantes dela tinham sido substituídas pelas observações da Sra. Corcoran, quase como se minha mãe a tivesse abandonado.

– Você tem uma libra para o câncer de mama? – perguntou Hope quando saímos de casa para caminhar até a escola.

– Sim – garanti a ela, passando a mão na bolsa. – Mas não é exatamente *para* o câncer de mama, Hope, é *contra* o câncer de mama.

Não sei se fui a única pessoa que ficou um pouquinho incomodada quando todas as menininhas da escola gritaram “Oba!” depois que a Fundação Contra o Câncer de Mama foi anunciada como a instituição que a escola iria ajudar e, portanto, elas poderiam usar cor-de-rosa no dia sem uniforme. A escolha da instituição não foi apenas por minha causa e de Hope, por sinal. Quando você perde alguém, descobre que quase todo mundo parece ter um amigo ou um parente que já foi afetado. É de pensar que isso colocaria o próprio sofrimento em perspectiva, mas isso não acontece.

Hope não tagarelava como a maioria das crianças da idade dela, então, em nossas caminhadas até a escola, eu propunha jogos como o de contar, em que você tinha que escolher uma categoria, como flores ou animais. Percorríamos o caminho até a rua principal procurando e enumerando o que tínhamos visto. Em geral, a lista de Hope era muito maior que a minha porque ela tinha visto todas as florzinhas roxas que cresciam em um muro, ou dentes-de-leão e margaridas em um quintal.

Mas o jogo preferido de Hope era o do silêncio, no qual fazíamos a primeira parte caladas e depois dizíamos uma à outra quais sons tínhamos ouvido. Hope sempre vencia esse porque ela ouvia não apenas a porta de um carro batendo ou os pneus no cascalho da entrada de uma casa, mas o tique-taque do semáforo ou um trequinho de música do rádio de um carro, que ela quase sempre conseguia identificar.



– Ergam as mãos as que trouxeram sua libra para o câncer de mama – pediu a professora da turma de Hope quando as crianças se sentaram no carpete à sua frente.

– Não é para o câncer de mama, é contra o câncer de mama!

– Obrigada pela correção, Hope. Agora, você gostaria de se voluntariar para coletar todo o dinheiro para mim?

– Não.

Uma explosão de risadas ecoou pela sala.

O fato de Hope ser um pouquinho diferente aparecia mais agora do que na pré-escola, quando várias delas ainda não interagiam muito. Mesmo as meninas prodígio – sempre há uma ou duas em cada turma, em geral as mais altas e mais inteligentes, com mães bacanas que conversaram com elas sobre algumas crianças terem mais dificuldades – tinham desistido de tentar incluir Hope em suas brincadeiras de casinha ou de médico porque ela se recusava a cooperar ou a fazer o papel que lhe davam.

Nos primeiros anos, Hope tinha sido convidada para os aniversários das outras crianças, mas isso tinha diminuído agora que elas estavam fazendo coisas com grupos menores de amigas, como ir ao cinema ou ao parque aquático. Chamar Hope implicava me chamar também, e isso era um pouco

estranho, já que eu não era da mesma idade nem mãe e as crianças me chamavam de senhorita Costello.

Por outro lado, nós economizávamos nos presentes e era mais confortável manter uma distância profissional. Tem-se uma posição privilegiada como assistente de professora. Durante o dia, você descobre muitas coisas pessoais sobre a vida da família das crianças, como o fato de a irmã de 16 anos de Chantelle ter ficado grávida para ganhar o próprio apartamento e a mãe de Kaylie achar que alguém na família era um “maldito de um zero à esquerda” (frase que sempre se ouvia dentro da casa das bonecas quando era a vez de Kaylie fazer o papel de mãe na hora da brincadeira).

Hope não parecia perceber que estava sendo excluída, mas eu me sentia angustiada toda vez que colocava convites nas pastas das crianças e não havia nenhum envelopinho pardo com o nome Hope.

Aconteceu a mesma coisa na “boatezinha” da escola, o que foi um tanto complicado, na verdade, porque não existia nada no mundo que Hope amasse mais do que música, mas ela estava dançando sozinha, como se houvesse uma cerca invisível em torno dela que mantinha as outras crianças a distância.

O DJ de costume era Bryan Leary, que tocava na igreja músicas como “Magic Moments”, do Perry Como, mas, dessa vez, a secretária da Sra. Corcoran teve que encontrar uma outra pessoa – o Music Man, era o que dizia o pôster dele – porque Bryan havia tido um problema com o encanamento de casa.

O novo DJ era bem mais jovem. Ele começou com uma música chamada “I Am The Music Man”, tirando instrumentos musicais de debaixo da mesa, meio que como Mary Poppins e sua bolsa mágica, e logo em seguida soltou “Hit Me Baby One More Time”, fazendo algumas funcionárias franzirem a testa.

Ao abaixar o volume, o Music Man falou ao microfone:

– Quem sabe brincar de Estátua Musical?

Mãos se ergueram. A música ficou mais alta.

– Oh, baby, baby...

Hope adorou a música, mas não entendeu direito a ideia da brincadeira. A reação dela quando ele parava a música era ficar irritada em vez de parar de dançar.

Rezei em silêncio para o Music Man não tirá-la da brincadeira.

– Certo, crianças – disse ele. – Isso foi só um ensaio. Desta vez, quando a música parar, vocês param, está bem?

As instruções não podiam ter sido mais claras, mas Hope estava em seu próprio mundinho. Acho que o Music Man deve ter visto a expressão de pânico no meu rosto enquanto eu me aproximava de fininho do final do corredor para ficar perto de Hope quando ela fosse eliminada.

– Desta vez, vocês têm que ouvir com muita atenção...

A música parou; quatro crianças, não. Emma e Kaylie saíram por conta própria, Patrick teve que ser avisado.

– Você foi eliminada, Hope – sussurrei.

As crianças fizeram um coro:

– Hope está roubando!

Olhei desesperada para o DJ. Ele voltou a tocar a música e parou quase imediatamente, então a turma inteira foi eliminada.

– Quem quer outra brincadeira? – perguntou. – Façam barulho! Vocês chamam isso de barulho? Não consigo ouvir vocês! Quem quer outro jogo? Façam barulho!

Era um comando tão improvável que algumas das crianças mais espertas deram uma olhada para a Sra. Corcoran, buscando confirmação, antes de gritar:

– Eeeeeuuu!

– Vamos fazer uma competição de dança. Quem conhece esta música?

Os acordes iniciais de “Tragedy”, do Steps.

A mão de Hope se ergueu, junto com a de quase todas as meninas da sala.

– Quem vai dançar esta música?

A mão de Hope permaneceu firme no ar.

– Muito bem, então. Comecem a dançar. E lembrem-se: estou de olho!

Quando Hope começou a executar uma sequência elaborada de passos e mexer a boca junto com a letra da música, reparei que algumas das outras meninas estavam tentando repetir os mesmos passos, mas nenhuma delas acertava o ritmo como Hope. As professoras começaram a cutucar umas às outras e a apontar para ela. Espremida como uma salsicha em um vestido rosa brilhante que tinha subido pelas coxas até quase a altura da calcinha, Hope estava totalmente alheia aos olhares.



- Sou uma dançarina fantástica – anunciou ela para meu pai aquela noite.
- Ah, é?
- O Music Man disse.
- O Music Man, é?
- Ela realmente é – confirmei. – Ela ganhou um doce na competição de dança, não foi, Hope?
- Onde você aprendeu a dançar? – perguntou meu pai.
- No *Top of the Pops* – explicou Hope.
- No *Top of the Pops*, é?
- Meu pai nunca prestava atenção de verdade. A maneira dele de se comunicar conosco se constituía simplesmente em repetir os finais das nossas frases.
- “Como um maldito papagaio”, dizia minha mãe.
- Estávamos em um restaurante, o que provavelmente significava que ele tinha ganhado nas corridas de cavalos.
- Talvez Hope pudesse fazer aulas de balé... – arrisquei. – Algumas das outras meninas têm várias apresentações.
- Balé? – perguntou meu pai. – Dá só uma olhada nela, Tess.
- Eu me xinguei mentalmente por ter usado aquela palavra. Aos olhos de meu pai, o balé tinha sido a derrocada de Kevin.
- Na idade delas, é mais se mexer de acordo com a música – disse a ele. – Falando sério, pai, você devia tê-la visto dançando.
- Aula de balé! – desdenhou meu pai. – Você acha que dinheiro dá em árvore? – questionou, com aquele tom de ameaça na voz que indicava o pior, e nós duas éramos espertas o bastante para não estender a discussão.



Quando Hope foi dormir, voltei para o banheiro para limpar a banheira e arrumar tudo. Peguei o vestido cor-de-rosa do chão de linóleo, onde ela o tinha largado.

Rosa era uma cor tão feliz, tão otimista para o câncer de mama. Se você me pedisse para associar uma cor, eu teria escolhido preto ou cinza-escuro.

Suponho que a ideia seja empoderar. A linguagem que as pessoas usam para se referir ao câncer sempre remete a luta, batalha e coragem, como se a

doença fosse uma ameaça externa que você tem que aniquilar. Mas, se a cura se tratasse apenas de ter a atitude certa, a maioria das pessoas sobreviveria, não é?

Eu vislumbrava o câncer mais como uma célula oculta dormente que eu tinha que vencer no quesito “esperteza”. Já havia lido artigos suficientes em revistas para saber que tinha que examinar meus seios regularmente. Nos meses seguintes à morte de minha mãe, eu me convencia de que encontrara vários nódulos e inchaços suspeitos, depois achava tudo uma perda de tempo ao ver que eles tinham desaparecido à época da minha consulta com o clínico geral.

Na terceira visita, fui atendida por uma médica nova.

– Seios estão sempre sujeitos às variações hormonais – explicou ela. – Então é melhor examinar uma vez por mês. Alguns dias depois da menstruação costuma ser uma boa época. Você pode me mostrar como faz o autoexame?

– Na cama – falei ao me deitar na maca, as mãos pairando em cima dos seios, sem querer tocá-los na frente dela.

Como uma boa menina criada no catolicismo, a combinação de receio com vergonha já era ruim o suficiente para mim no escuro, quando me apalpava escondida debaixo do edredom, com os avisos graves do padre Michael nas aulas de catequese sobre “os prazeres da carne” ecoando baixinho na minha mente.

– É mais fácil fazer isso em pé – disse a médica em tom casual. – O que eu faço é ficar parada na frente do espelho do banheiro, para que consiga dar uma checada e ver se há alguma diferença na aparência, na pigmentação ou alguma prega. Assim examino cada seio metodicamente.

Era reconfortante saber que ela também se examinava. Tornava aquilo, de alguma forma, mais clínico.

– Mas você sabe o que está procurando – falei.

Ela sorriu.

– Na verdade, Teresa, você está numa posição melhor do que a minha, porque conhece os próprios seios. Ou deveria. Você vai ficar mais autoconfiante com o passar do tempo. Acha que pode tentar?

Munida com o conselho dela, consegui diminuir as checagens levemente obsessivas para uma vez ao mês, mas, já que é Dia da Conscientização do Câncer de Mama, tranquei a porta do banheiro e tirei a blusa.

Sempre tive um pouco de vergonha dos meus seios, desde que eles cresceram muito rapidamente quando eu tinha 12 anos, indo do nada ao manequim 44 em menos de seis meses. Ainda me pegava respirando fundo antes de tocar, minha pulsação acelerando de medo enquanto eu apalpava cada seio, pressionando em espiral até chegar no mamilo, depois erguendo o braço e checando as axilas também. Não detectei nenhuma mudança. Respirei aliviada. Mais um mês tinha se passado e Hope continuava crescendo. Se conseguisse riscar mais 135 meses do calendário até ela fazer 18 anos, não haveria tanta importância se eu tivesse câncer e morresse depois.

Perguntei-me se todo mundo que era responsável por uma criança pequena se preocupava o tempo todo. Ou será que era só eu? A preocupação é algo difícil de admitir, não é? A última coisa que quer é que outras pessoas fiquem preocupadas por você estar se preocupando, então você tende a guardar tudo para si mesmo, o que provavelmente só piora tudo.



Na última tarde antes das férias de verão, Hope e eu fomos as últimas a deixar a escola depois de ficar procurando por um calçado perdido. Enquanto atravessávamos o parquinho deserto, nossos passos ecoando no silêncio repentino que se instaurou após quatrocentas crianças irem curtir o verão, eu me sentia feliz por mais um ano ter se passado. Tínhamos conseguido sobreviver sem muitos revezes. A boatezinha fizera maravilhas à autoestima de Hope. O tempo estava quente. As coisas estavam, definitivamente, melhorando.

- O Music Man! – reparou Hope.
 - Oi, Hope! – disse ele, abaixando-se para que ela batesse na mão erguida dele, mas ficando no vácuo, pois Hope não fazia essas coisas.
 - É o Music Man, Teca!
 - Teca?
 - Apelido de Teresa. Sou irmã dela – acrescentei, para explicar por que Hope não se dirigia a mim como senhorita Costello.
 - Gostei, bem melhor do que “senhorita” – disse ele.
- O sorriso dele me fez sorrir também.
- Bem, é preciso ser formal na escola, mas obrigada, mesmo assim.

– Eu estava torcendo para encontrar você – disse ele.
– Por quê?
– Acho que esqueci uma coisa no salão.
– Ah, tá. O que você esqueceu? – perguntei.
Ele pareceu constrangido.
– Esqueça essa última parte.
– Você não esqueceu uma coisa no salão? – esclareci, falando como uma professora.
– Eu só estava querendo ver você.
Percebi, de repente, que ele estava dando em cima de mim.
Doll teria sabido o que fazer: piscar os olhos; talvez tocar no braço dele por um segundo.
– E por quê?
Eu parecia tão frígida quanto uma freira.
– Queria saber se você gostaria de tomar um café um dia desses – disse ele.
– Hope teria que vir junto – soltei.
– Não tem problema, Teca – respondeu ele.
– Tess – corrigi. – As pessoas me chamam de Tess.



– Quem é o gato? – perguntou Doll.
Ela estava esperando por mim no portão em seu New Beetle cor-de-rosa com o teto conversível aberto e um sorvete para Hope.
Ele era gato? O Music Man – eu tinha ficado tão alvoroçada que nem tinha perguntado o nome dele – era mais ou menos da minha altura, com cabelo castanho curto e barba feita que o faziam parecer alguém que talvez usasse uniforme, como um bombeiro ou paramédico, e não exatamente o que você pensaria de um DJ.
– Ele é o Music Man – respondeu Hope.
– Entendo! – disse Doll, alongando o segundo “e” da palavra e me dando uma olhada sagaz enquanto eu colocava o cinto de segurança em Hope, como se eu o estivesse mantendo em segredo.
– Queria saber se você gostaria de tomar um café um dia desses.

Hope repetiu exatamente as mesmas palavras e a mesma entonação dele.

– Entendo – falou Doll outra vez enquanto ligava o carro.

Não é bem assim, eu ia dizer, mas não disse, porque parecia, de fato, especial conhecer alguém novo e um pouquinho mais velho, um homem, em vez de um menino, que tinha um emprego semiglamouroso. Se Doll não o tivesse visto, acho que eu teria guardado segredo, só por um tempo, até as coisas evoluírem um pouquinho mais. Mas eu provavelmente já estava me adiantando demais.



O Beetle rosa de Doll tinha sido um presente de Fred no aniversário de um ano de namoro deles. Fred agora era jogador da elite do futebol inglês e eles estavam prestes a se mudar para uma casa novinha em folha que tinham comprado na planta.

Os portões emitiram um bipe quando Doll apontou as chaves e se abriram bem devagar.

– Ainda falta fazer o paisagismo do jardim – disse Doll. – O que você achou?

Havia duas colunas enormes na entrada, como a frente de um templo.

– Incrível!

A Sra. O’Neil sempre comentava que era um milagre como Fred tinha se tornado bem-sucedido considerando como ele era no ensino fundamental.

– Achei que você ia gostar do estilo romano – afirmou Doll. – Tem uma jacuzzi e uma piscina na academia.

– Academia?

– Bem, é uma sala com espelhos por enquanto, até eles instalarem os equipamentos. Ainda falta fazer tanta coisa!

O salão tinha dois pisos, com uma escadaria hollywoodiana enorme que terminava em uma sacada.

– Hope, por que você não vai explorar a casa? – sugeriu Doll.

Hope a ignorou.

– Fred pode mesmo bancar isto? – perguntei.

Eu sabia que a renda dele tinha disparado depois dos rumores sobre a convocação para a Copa do Mundo da França no verão passado. Era uma boa

hora para ser um jovem e fotogênico atacante inglês. Mesmo assim, a casa devia ter custado uma fortuna.

– Eu realmente espero que sim – respondeu Doll. – O empresário dele cuida de toda a parte financeira. É mais barato do que comprar em Londres e ele disse que é ótimo para a imagem Fred ainda amar a cidade natal e sua paixão de infância, é claro. A revista *Hello!* vai vir daqui a duas semanas! Tive que parar de trabalhar para ajeitar tudo!

– O que aconteceu com seu emprego?

Desde que Doll começara a namorar Fred, nós nos falávamos mais ao telefone do que pessoalmente. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que ela tinha mencionado o salão.

– Simplesmente não tenho mais tempo, Tess, com todas as estreias e eventos beneficentes. Já viu o diamante rosa que Fred me deu por causa do câncer de mama?

Ela esticou o cordão delicado de ouro para me mostrar a pedra brilhante.

– *Contra* o câncer de mama – corrigiu Hope.

Doll olhou para ela.

– Tenho que usar um vestido diferente em cada evento, depilar as pernas, fazer um monte de coisas, então ainda passo metade do tempo no salão! – continuou. – Você acha que eu deveria arranjar uns cachorros? Sempre aparecem aqueles cachorrinhos brancos na *Hello!*, não aparecem? Ou um bebê. Mas não vou querer que eles façam cocô no chão. O mármore absorve manchas, sabia? O decorador de interiores só me contou depois que já tinha sido instalado, senão talvez eu tivesse optado por um piso de carvalho. Nada de vinho tinto. Não no andar de baixo.

– Seria difícil providenciar um bebê de um dia para outro... – falei, perguntando-me se ela teria soltado aquela informação para analisar a minha reação.

– Não vou chegar a esse ponto. Minha mãe iria ter um treco, não é? Já é ruim o bastante o fato de morarmos juntos. Quando minha mãe viu a planta, falou: “Bem, tem cinco quartos, afinal.” Ela diz a si mesma que vamos esperar até o casamento.

– Vocês vão se casar?

– O empresário dele quer que a gente espere pela convocação da seleção inglesa. Assim não vamos ter que pagar pelo casamento!

– É o empresário dele que decide?

– Não se preocupe, ele é meu fã número um, Tess. Não quer Fred caindo na farra nas boates com essas vagabundas que só querem ibope.

Apontei discretamente com a cabeça na direção de Hope. Nunca se sabe o que ela poderia repetir.

– Meu Deus! Hope! – gritou Doll.

O sorvete de Hope estava escorrendo pelas mãozinhas dela.

– Pare de pingar sorvete no meu mármore! – Doll exigiu aos berros.

Em outra ocasião, nós teríamos rido da estupidez daquelas palavras, mas o temperamento instável de Hope estava tomando conta dela. Era quase como se uma sombra obscura se apossasse do seu rosto. Ela ficou parada com a cara amarrada para nós. Acho que eu preferia os gritos.

– Será que tem alguma coisa errada com ela? – sussurrou Doll.

Meu sangue subiu na hora.

– Foi você que comprou esse maldito sorvete para ela!

– Só estou dizendo o que Fred diz.

– Fred é pediatra agora, então?

Vi no rosto de Doll que ela achou que eu a estava acusando de algo muito pior.

– Quero dizer médico de crianças.

– Você e suas palavras estranhas!

Eu odiava quando Doll dizia isso, tentando se fazer passar por ignorante, porque ela não era, não mesmo. Na verdade, era só um jeito de fazer eu me sentir mal.

– Ela tem que aprender – disse Doll.

– Aprender o quê? Que o mármore absorve manchas? Não está no currículo escolar. Você nem sabia disso até o seu maldito decorador falar!

– Eu não quis...

– É só baunilha – falei, pegando um lenço de papel. – Olhe, não dá nem para ver.

Eu estava de joelhos, esfregando o chão, à beira das lágrimas.

De repente Doll percebeu que as coisas tinham fugido do controle.

– Desculpe, Tess...



O que tinha acontecido com Doll? Era como se ela tivesse perdido a noção das coisas importantes em seu novo mundinho de superfícies de granito polido e pisos aquecidos. Ou talvez ela estivesse realmente se afastando de nós, pensei, e não apenas se mudando para uma casa nova.

– Não gosto de Doll – disse Hope quando voltávamos para casa.

Será que tem alguma coisa errada com ela? As palavras de Doll ficaram ecoando em minha cabeça. Eu sabia que algumas pessoas pensavam isso. Às vezes, eu mesma pensava, mas Hope era tão esperta em tantos sentidos... Não podia haver nada de errado com ela, podia? Ela sabia as letras das músicas de todos os CDs lá de casa. Todos nós as sabíamos agora, incluindo as mudanças engraçadas que Hope fazia quando não entendia alguma palavra. Eu até tinha pegado meu pai cantando “*chique chita*”, em vez de “*chiquitita*”, ao cantarolar uma música do ABBA enquanto fazia a barba. Ele ficou todo acanhado ao me ver por trás da barba branca de espuma.

É uma palavra esquisita, “acanhado”, não é? Não tem nada a ver com “canho”, lucro ilícito, mas os próprios livros de linguística afirmam que a origem dessa parte do termo é obscura.

Minha mãe sempre dizia: “Hope simplesmente é ela mesma.” E também: “O mundo não seria um lugar entediante se fôssemos todos iguais?”

Mas, às vezes, eu queria poder perguntar a ela se, lá no fundo, ela também não se preocupava.



O Music Man ligou aquela noite. Gostei por ele ter dado a cara a tapa. Era bem mais maduro do que aqueles joguinhos do tipo deixar-passar-uns-dois-dias-para-não-parecer-afoito. Descobri que o nome dele era Dave Newbury e que era encanador. Então ele não teria problemas com o meu pai, pensei, colocando a carroça na frente dos bois de novo.

Quando nos encontramos ao pé da torre do relógio na tarde seguinte, ocorreu-me que eu nunca tinha ido a um encontro, se é que aquilo era um encontro, com alguém que eu não conhecesse desde o ensino fundamental. Eu estava muito nervosa e atipicamente sem ideias para puxar papo. Tentei imaginar o que alguém que estivesse olhando para a gente pensaria. Será que parecíamos um casal ou será que era óbvio que não nos conhecíamos?

– Você fica bonita com esse vestido – disse Dave.

O dia estava quente, então eu tinha colocado um vestido estampado sem mangas que comprara na liquidação da Principles, mas o fato de ele ter reparado fez eu me perguntar na mesma hora se devia ter optado pelo bom e velho jeans. Ou será que ele estava querendo dizer que eu não ficava bonita com a calça que usava para trabalhar? O que é que eu deveria responder? “E você fica bonito com essa camisa”? Talvez soasse como se eu estivesse fazendo uma piada. Ele ficava mesmo, aliás. Era de mangas curtas com listras azuis e brancas que deixavam os olhos dele ainda mais azuis do que eu me lembrava. Parecia que alguém a tinha passado com cuidado. Eu me perguntei se ele ainda morava com a mãe e deixava que ela cuidasse das roupas dele ou se morava sozinho.

– Hope adorou a competição de dança – comentei enquanto caminhávamos com minha irmã entre nós. Ela segurava em uma mão um pirulito gigante que Dave tinha comprado para ela e na outra a cordinha de um balão de hélio em formato de golfinho.

– Você é uma grande fã do S Club 7, não é, Hope? – perguntou Dave, começando a cantar o refrão do último hit deles, “Bring It All Back”, e fazendo todos os movimentos da coreografia ao lado dela.

Naquela fração de segundo antes de os braços de Hope se erguerem no ar, eu previ o que iria acontecer, mas não fui rápida o suficiente para evitar. Com a cordinha livre da mão de Hope, o balão partiu na direção do céu. Todos nós ficamos observando-o subir e então, como se tivesse percebido subitamente que ele não iria voltar, Hope começou a pular com as mãos no ar, lamentando sua incapacidade de alcançá-lo.

– Não se preocupe – Dave tentou acalmá-la. – Vamos comprar outro para você.

– Não, não precisa, mesmo! – eu disse a ele.

Já tinha sido muito generoso da parte dele comprar duas coisas para ela. Eu não queria que ele pagasse por mais uma. Só que, agora que Hope já tinha ouvido a oferta, ela apelou para a tática de “ficar grudada na calçada”, o que já era chato o bastante quando estávamos só nós duas, mas muito pior com alguém que a gente mal conhecia. As pessoas que passavam ficavam olhando para nós porque Hope era velha demais para esse tipo de comportamento. E o que é pior: o vendedor de balões não tinha outro golfinho e ela não estava preparada para se contentar com um peixe, um navio pirata ou mesmo o

cavalinho do *My Little Pony*.

– Hope! Pare! Apenas pare!

Eu estava farta dela e constrangida na frente de Dave, que, depois de ter oferecido um cata-vento, balas e até mesmo uma bola de praia presa a uma rede, agora estava parado um pouco distante de nós com o pirulito gigante de Hope na mão e uma expressão de derrota no rosto.

A única coisa que funcionava com Hope era distraí-la, então me agachei perto dela na calçada.

– Sabe para onde eu acho que o golfinho está indo? – perguntei, numa tentativa para acalmá-la.

Hope parou imediatamente, na expectativa de uma história.

– Acho que ele está indo para o zoológico. Ele devia estar se sentindo solitário por ser o único golfinho no meio de todos aqueles pôneis, então decidiu voltar para casa.

– Golfinhos não moram no zoológico – ponderou Hope.

Olhei para Dave, que ergueu os ombros.

– Agora ela pegou você!

– Quer saber, Hope? Você tem razão – falei, vasculhando meu cérebro em busca de informações sobre golfinhos. – Golfinhos não moram no zoológico. Onde eles moram?

– No mar? – arriscou Hope.

– Isso mesmo. Eu já contei que conheci um golfinho? Foi em um lugar chamado Dingle, na Irlanda. Lá tem um golfinho chamado Fungi que mora na baía e gosta de nadar com as pessoas. Eu era pequena demais para nadar com ele, mas o vi de um barco. Talvez o seu golfinho tenha partido para encontrar o Fungi...

Hope ainda estava desconfiada.

– Meu golfinho é mesmo um golfinho ou é um balão? – perguntou.

– Bem, na verdade, ele é um golfinho-balão. Eles são bastante raros, porque, em vez de nadar, eles voam. Aliás, qual era o nome dele?

– Golfinho-balão – respondeu Hope.

Ela era assim com nomes. A girafa que tínhamos comprado na Hamleys se chamava Fa.

– Então para onde você acha que o golfinho-balão está indo? – perguntei.

Nós duas olhamos para cima. Eu ainda conseguia ver o brilho do sol refletindo na superfície brilhante bem longe no céu e me perguntei se ele

subiria até alcançar o espaço, como um daqueles balões meteorológicos que às vezes vemos no noticiário.

– Para o Céu?

Imaginei o rosto sorridente do golfinho-balão ao lado da trindade formada por Princesa Diana, Madre Teresa e minha mãe, para quem Hope rezava todas as noites.

– Ele está indo na direção da baía de Herne – disse Dave.

Na verdade, o balão estava indo na direção oposta, mas eu não disse nada.

– O que é baía de Herne? – perguntou Hope, calma o suficiente para não perceber que estava sendo erguida do chão.

– Fica na costa. Se você quiser, podemos seguir o balão-golfinho na minha van – ofereceu Dave.

– Golfinho-balão – corriji.



Hope se sentou no banco do carona e eu me sentei na parte de trás, no chão, o que devia ser ilegal, mas Dave era um motorista cauteloso e, com as janelas abertas e uma coletânea de hits tocando alto, Hope pareceu se esquecer do golfinho-balão.

Olhei para o rosto do Dave no retrovisor enquanto ele se concentrava na estrada e, de vez em quando, se juntava a Hope em umas poucas estrofes do refrão de alguma música. Será que ele sabia que a música resolveria o problema ou será que a sugestão de ir para outro lugar tinha sido instintiva? De qualquer forma, tinha dado certo. Subitamente ciente do reflexo dele sorrindo para mim, senti meu rosto corar, como se ele tivesse me pegado olhando para ele em segredo.

A baía de Herne é um daqueles recantos ingleses esquecidos na costa que acabou prejudicado com o advento de passagens baratas para lugares mais quentes – afinal, se você pudesse escolher, por que optaria por uma praia de pedras e água fria e suja na foz do Tâmis? –, apesar de alguns locais dessa região, como a cidadezinha litorânea de Whistable, estarem se tornando refúgios de fim de semana de londrinos descolados.

– As pessoas dizem que Herne vai ser a próxima a entrar para essa lista – disse Dave enquanto caminhávamos pela orla.

- Nem sinal do golfinho-balão – comentou Hope, desanimada.
- Talvez o golfinho-balão tenha decidido ir para a França em vez de vir para cá – falei, improvisando.
- Onde fica a França?
- Do outro lado do mar. – E aponte para o horizonte. – Tem uma cidade linda lá chamada Paris. Vai ver o golfinho-balão queria conhecer a torre Eiffel ou voar por cima dos telhados de Notre Dame.
- Ou ir à Euro Disney – Dave entrou na onda.
- Posso ir para a França? – perguntou Hope.
- Um dia – respondi, porque era melhor do que dizer “não” a ela.

Pensei que talvez a fuga do golfinho-balão pudesse ser uma oportunidade em vez de um revés. Poderíamos inventar histórias sobre o golfinho-balão antes de ela ir dormir e talvez Hope aprendesse um pouquinho de geografia. O golfinho-balão visitaria as pirâmides quando a turma dela estudasse o Egito. Iríamos a Roma ou até mesmo a Florença. As aventuras do golfinho-balão poderiam fazer com que ela deixasse de lado *James e o pêsego gigante*, que líamos pela quinta vez porque Hope estava intrigada pelo fato de Kev morar em Nova York e talvez nós poderemos ir visitá-lo um dia – de avião, não em um pêsego.

Havia dois carrosséis para crianças perto da entrada do píer.

– Que tal dar uma volta no carro de bombeiros? – sugeriu Dave. – Volto em um segundo.

Supus que ele tivesse ido ao banheiro.

O carrossel era projetado para crianças menores que Hope e ela ficou meio espremida no carrinho, muito tensa e desconfiada quando o brinquedo começou a rodar, franzindo a testa para mim enquanto eu a incentivava a tocar o sino toda vez que passasse.

– O Music Man achou o golfinho-balão! – gritou ela de repente ao ver Dave correndo em nossa direção.

Dessa vez, para garantir, ele amarrou com duas voltas a cordinha do balão no pulso de Hope.

O sol estava começando a se pôr e o céu tinha tons de coral, turquesa e cinza. Hope saltitava alegre à nossa frente, com o novo golfinho-balão flutuando acima dela.

– Eu não poderia estar em lugar melhor numa noite como esta – disse Dave.

Fiquei um pouco atordoada com aquela frase porque era o que meu pai costumava dizer quando pretendia se livrar de uma viagem de férias com a família. Toda vez que eu sugeria sutilmente outro pacote para Tenerife, para onde tínhamos ido no verão depois que os meninos saíram de casa, meu pai sempre dizia:

– Qual o propósito de todas essas viagens se moramos a menos de dois quilômetros da praia?

No começo, eu achava que o problema era dinheiro, mas, depois de ele passar dois anos como mestre de obras na construção de um novo shopping center em outra cidade, percebi que a última coisa que ele queria fazer era passar uma noite fora só com as duas filhas.

– Onde você achou o golfinho-balão? – sussurrei para Dave.

Por um instante, ele franziu a testa para mim como se eu tivesse realmente pensado que ele havia encontrado o original, depois se deu conta de que eu queria continuar com a farsa caso Hope estivesse ouvindo.

– Fui consertar um vazamento em uma loja de artigos de festa semana passada. Então lembrei que eles vendiam balões e supus que todos os ambulantes comprassem do mesmo fornecedor.

Ele teve sorte, pensei. Mas não era disso que nós precisávamos? De um pouco de sorte?

– Quem quer iscas de peixe com batata frita? – perguntou ele, encerrando com chave de ouro uma tarde perfeita para Hope.

Comemos nossa refeição superquente em pratos descartáveis sentados em um banco na calçada sob uma fileira de luzes coloridas. Parecia uma coisa típica de se fazer nas férias.

Hope pegou no sono na van no caminho para casa. No escuro, com o volume do CD player baixinho, o clima ficou subitamente íntimo.

– Você tem um sorriso lindo, sabia? – disse Dave num tom carinhoso me olhando pelo retrovisor.

– As pessoas costumam dizer isso quando alguém é gordo ou sem graça – respondi.

– Qual dos dois você é? – Ele riu. – Você não é gorda, não é? E é linda...

– Ah...

– Você devia sorrir com mais frequência.

É claro que, depois disso, eu não consegui parar de sorrir.

Contamos um ao outro nossas histórias.

– Você é ótima com ela – disse ele depois de eu descrever como tinha acabado cuidando de Hope.

Dave era quatro anos mais velho que eu e viera da ilha de Sheppey, na costa. Morava com os pais e estava guardando dinheiro para comprar um apartamento. Quis se tornar DJ depois que passou as férias em um acampamento quando criança, e seu sonho era viver disso. Ele tinha duas irmãs mais velhas, ambas com filhos.

– Deve ser por isso que você é tão bom com crianças – falei, retribuindo o elogio.

Em seu tempo livre, Dave frequentava a academia e jogava golfe duas vezes por semana.

– Essas coisas me obrigam a sair de casa – disse ele. – E você?

– Eu leio – respondi. – Isso me obriga a sair de casa. De um jeito diferente, é claro...

– Livros de viagens, esse tipo de coisa? – perguntou Dave.

– Romances, em sua maioria – respondi.

O momento do dia pelo qual eu ansiava era fechar a porta do quarto depois de colocar Hope na cama, com a casa toda em silêncio, e ser transportada para a Londres vitoriana, ou para o Wessex de Thomas Hardy, ou para a Irlanda dos anos 1960. Edna O’Brian era a romancista preferida de minha mãe e ler sua trilogia de estreia fez com que eu me perguntasse como ela se sentia com relação a amizade, homens e essas coisas quando tinha a minha idade.

Dave também tinha um belo sorriso. Não estou falando só da sua boca. No caso de Fred, tudo se resumia àqueles dentes brancos, mas o charme de Dave estava nos olhos. Ele tinha olhos bonitos, bondosos.

“Esqueça os altos, morenos e bonitos”, minha mãe costumava nos dizer na época em que Doll e eu éramos loucas pelo Robbie Williams. “Vocês precisam é encontrar alguém que compreenda quem vocês são: um homem bom, gentil.”

E, então, ela suspirava. Todas nós sabíamos que meu pai não era assim. Ele era bonito, ou ao menos tinha sido quando jovem. Era charmoso e muito espirituoso quando estava de bom humor. E gostava de se divertir muito – prazenteiro, ele chamava. Mas não me lembro de tê-lo visto fazer qualquer coisa gentil. Com meu pai, tudo se tratava dele. Quando Kevin conseguiu um emprego em uma companhia de dança em Nova York, tudo girava em torno

do sofrimento de meu pai e nada em torno do fato de Kevin ter se saído bem. Quando fui aprovada na universidade, tudo se resumia a quanto ia custar. Minha mãe dizia que aquele era só o jeito dele de dizer que estava orgulhoso, mas nós sabíamos que isso era bondade dela, não dele.

Quando o médico disse que o câncer dela estava no estágio quatro, o que significava terminal, a reação de meu pai foi:

– Meu Deus, o que eu fiz para merecer isso?

Quando Dave estacionou na frente de nossa casa, não desligou o motor. Eu não sabia se era porque ele estava com pressa de ir embora ou se esperava que eu o convidasse para entrar. A casa estava escura, então meu pai provavelmente tinha saído, mas eu não ia arriscar que ele chegasse alterado e pensasse que havia acontecido alguma coisa. Ou tentasse ser agradável, porque meu pai era imprevisível. Ele tentar fazer amizade com Dave era quase uma perspectiva pior do que ele colocar Dave para fora.

– Foi o melhor dia que nós tivemos desde há muito tempo – falei, sendo a primeira a quebrar o silêncio constrangedor que tinha se instaurado por cima do ronco do motor, e logo em seguida me dei conta de que pareci atirada demais.

Achei que Dave estivesse de saco cheio da gente. Na minha cabeça, eu já estava me preparando para a rejeição, então, quando ele falou, levei um ou dois segundos para entender o que ele estava perguntando.

– Você por acaso estaria disposta a me dar uma ajuda no próximo sábado? Vou tocar em um casamento, um desses eventos com tenda no jardim, e seria ótimo se você pudesse me acompanhar, sabe? Ajudar a montar tudo.

– Eu não posso levar Hope a um evento desses.

– Não – respondeu ele.

Percebi que o que eu tinha dito fez parecer que eu não quisesse ir.

– Vou perguntar para a minha amiga se ela pode cuidar de Hope, que tal? – sugeri depressa.

– Ótimo! – respondeu Dave. – Ligo para você durante a semana...

Tive a impressão de que ele teria se aproximado e me dado um beijo se eu estivesse no banco da frente, mas era esquisito comigo sentada atrás. Dave desligou o carro e deu a volta para ajudar a mim e ao golfinho-balão a sair.

– Venha, Hope. Hora de ir para a cama...

Fiz um carinho delicado nela para acordá-la.

- Não estou cansada! – declarou ela assim que seus olhos se abriram.
- Tenho certeza de que o golfinho-balão quer ir para a cama – falei.
- Balões não vão para a cama, Teca! – retrucou ela, irritada.



– Um casamento, é? – disse Doll.

– Não é o que você está pensando – respondi.

Depois de muitas provas de roupas, decidimos que a coisa mais adequada para eu usar era uma calça jeans preta e uma blusa branca, mas Doll me emprestou um par de brincos, duas pérolas grandes, “para dar um tapa no visual”, então eu estava até que bem bonita. Ela também me deu de presente uma lingerie de renda, que não aparecia, obviamente, mas me fazia me sentir um pouquinho sexy.

Na manhã de sábado, ela foi cedo até minha casa para fazer meu cabelo, alisando e puxando para trás e prendendo os fios que estavam divididos no meio em um longo e lustroso rabo de cavalo, que me deu um ar sério, antes de ela passar um batom cor-de-rosa claro perolado que definitivamente suavizou o visual.

Doll se afastou e avaliou seu trabalho.

– Profissional, mas atraente.

A pessoa no espelho não se parecia nada comigo.

– Você não acha que é um pouquinho demais para esse horário da manhã? – perguntei.

– Uau! – disse Dave quando entrei na van.



Era um pouco estranho estar sentada no banco da frente, olhando de vez em quando para o rosto dele enquanto ele se concentrava na estrada e nenhum de nós dizia nada, a não ser quando eu dava as direções do mapa. Será que não ia dar certo sem a presença de Hope para manter as coisas em movimento?

Finalmente pensei em uma pergunta:

– Então, como você conseguiu esse trabalho?

– Um de meus amigos rompeu o tendão de Aquiles – disse ele. –

Conversando com a fisioterapeuta, ele descobriu que ela estava com o casamento todo planejado, mas que o DJ a tinha deixado na mão. Ele então me indicou para ela. É meu primeiro casamento.

Dave deveria estar nervoso também, o que provavelmente o levava a me convidar para acompanhá-lo.

– Você vai se sair bem. Bem melhor que Bryan Leary.

– Um elogio e tanto! – disse ele.

Nós dois rimos e o clima no carro ficou ameno de novo.

Apesar de o local ser a apenas alguns quilômetros da minha casa, eu nunca tinha descido por aquela estradinha costeira estreita porque ela não fazia parte do trajeto do ônibus.

– Acho que é aqui – falei, apontando para a entrada de uma propriedade particular.

Havia um monte de balões de hélio prateados presos nos portões de um dos casarões do terreno. Duas vans de floristas estavam estacionadas do lado de fora e as equipes do bufê descarregavam pilhas de louça branca de um terceiro veículo.

– É assim que a outra metade da população vive – disse Dave.

CAPÍTULO 11

1999

Gus

— **A**lguém pode atender? – gritou Nicky do andar de cima.

Eu estava esperando no saguão enquanto as mulheres se arrumavam, mas não sabia se o “alguém” poderia se referir a mim. Recebemos entregas a manhã inteira: dez mesas grandes redondas e oitenta cadeiras; um fardo de toalhas de mesa brancas; o bolo, que consistia de camadas pesadas em caixas separadas que foram sendo empilhadas em uma torre na tenda; e flores, muitas flores, todas brancas com caudas de hera, pedestais de lírios, inúmeras coroas de jasmim perfumadas e cestas de rosas brancas para cada mesa. Eu conhecia o esquema, mas a casa não era minha e, enquanto hesitava, Helen desceu as escadas correndo, usando um robe e com o cabelo preso em grandes bobes.

— Portão lateral e entrada dos fundos – indicou para as pessoas à porta. — Nossa cerimonialista vai encontrar vocês lá.

Ela fechou a porta e gritou em outra direção:

— O DJ está aqui, Pi!

— O quê? Ah, graças a Deus! – foi o grito abafado que veio lá de cima.

— Um pouco cedo, não é? – perguntei a Helen.

— Antes cedo do que tarde – disse ela, correndo escada acima de novo.

O comentário parecia fazer referência à minha chegada aquela manhã, visto que, na noite anterior, eu não comparecera ao jantar da família. As noites de sexta-feira eram as mais movimentadas no restaurante e tive que trabalhar até tarde para conseguir tirar o sábado de folga. Quando terminamos de limpar e organizar tudo, já era uma da manhã e, apesar de não ter comentado com Lucy, tive que passar na casa de Nash porque ela havia acabado de levar um fora de um ator que conhecera no festival de artes de Edimburgo, o Edinburgh Fringe, e precisava de um ombro para chorar. Passei

boa parte da noite fazendo-a sorrir de novo e só consegui dormir por umas duas horas no sofá. De manhã ainda tive que correr até a Moss Bros para apanhar meu terno antes de pegar o trem.

Apesar disso, agora eu estava de banho tomado, barba feita e arrumado, enquanto ninguém mais estava pronto. A cerimônia ia começar em quarenta minutos e havia muita movimentação no andar de cima, mas nenhum sinal da noiva ou das madrinhas. Estava me sentindo meio idiota parado no saguão sem fazer nada, mas não queria me sentar e ler o jornal na sala de estar porque nunca tinha usado um fraque antes e não sabia ao certo como lidar com as abas.

– Beleza, parceiro?

Um cara forte com uma camisa onde se lia *Music Man* estava parado na porta da cozinha com um cabo elétrico enrolado no braço.

– Alguma ideia de onde eu plugo isto? – perguntou.

– Acho que a cerimonialista está na tenda – falei, ansioso para não quebrar o protocolo.

– Não tem ninguém a não ser os floristas, parceiro!

– Espere aí...

Liguei para Helen.

– Ah, pelo amor de Deus! – bufou ela, descendo ruidosamente as escadas com seus sapatos revestidos com a mesma seda azul-clara do vestido.

Ela saiu apressada da cozinha com o homem, voltando logo depois.

– Não sei para que contratamos uma cerimonialista se sou eu que faço tudo!

– Você é ótima nisso – falei. – Esse é o problema.

Era o tipo de elogio que teria funcionado com Lucy, mas, com Helen, pareceu bajulador e petulante ao mesmo tempo.

Helen espiou pela janelinha da porta da frente.

– Os malditos floristas vão ter que tirar as vans dali antes de os carros chegarem – vociferou.

– Devo dizer isso a eles?

Ela me lançou seu olhar de clínica geral.

– Você não é um dos padrinhos?

– Acho que sim.

– Então você não deveria estar na igreja?

– Pensei que eu fosse com Lucy.

– Não vai ter lugar no carro com as madrinhas. E você não pode ir com Pippa. Tenho certeza de que deveria ter ido com o pai e a vovó Cee.

– Vou a pé, então, que tal?

– É uma caminhada e tanto...

– Vou ficar bem – garanti, sem querer causar mais problemas.

Quando o Rolls Royce *vintage* de Pippa passou por mim, percebi que eu tinha subestimado, e muito, a distância.

É difícil não chamar a atenção quando você tem 1,95 metro e está correndo de fraque com uma cartola na mão. Quando finalmente cheguei à igreja, Lucy e Helen me fuzilaram com os olhos, mas Pippa estava rindo.

– Muito atencioso de sua parte, Gus – disse ela –, me dar um motivo para ficar ansiosa e parar de me preocupar com todo o resto!

– Me desculpe mesmo – gaguejei. – Você está maravilhosa, por sinal.

Eu normalmente não diria “maravilhosa” para Pippa, porque parecia um pouco pessoal demais para a irmã da sua namorada, mas eu estava tão sem fôlego que não pensava direito. E era verdade.

Dentro da igreja, o ar frio me deixou consciente das gotas de suor que escorriam pelo meu rosto e pude sentir que a camisa branca grudava nas costas, sob o fraque. Avistei Nicky acenando freneticamente para que eu me movesse para a frente e logo o órgão começou a tocar “Arrival of the Queen of Sheba” e percebi que Pippa e o pai dela estavam parados logo atrás. Com todos na igreja me olhando, sentei rápido em um banco nos fundos.

À medida que todos entravam na igreja, Pippa parecia frágil enquanto apertava o braço do pai; o olhar de Lucy era mais de decepção do que de surpresa; Helen nem sequer me olhava. Com seus vestidos azuis claríssimos de cintura alta e o pai à frente delas, achei que as três pareciam as irmãs de algum drama televisivo da Regency Enterprises. No altar, Greg e seu irmão Jeff, que era o padrinho, aguardavam em pé. Lado a lado, os dois eram tão largos quanto altos. Por um instante, eu me perguntei se haveria espaço para Pippa, mas então Jeff deu um passo para o lado e se afastou.

A visão geral na família era de que Greg seria bom para Pippa. Ela o conhecera em seu primeiro semestre em Banff. Corado e robusto, era o tipo de homem que você conseguia imaginar lutando com um urso – era o que eu tinha dito a Lucy depois do jantar de noivado, alguns meses antes. Era óbvio que Greg era louco por Pippa, como um cachorrinho é pelo dono, o que parecia encantá-la, apesar de eu suspeitar que, se essa admiração exagerada

viesse de um homem como ele, só que inglês, ela o acharia meio idiota. Talvez ele fosse ótimo na cama.

– Você não gosta dele? – Lucy tinha me perguntado.

– Não faz muito o meu tipo – eu havia respondido com uma voz afetada, o que a fizera rir.

Aparentemente, todos os namorados anteriores de Pippa eram problemáticos – um deles até viciado em drogas –, então era um alívio enorme ela se casar com alguém confiável que cuidaria dela. Mas, ao ouvi-la dizer seus votos com uma risadinha leve, como se a promessa daquelas palavras fosse um pouco inocente, não consegui parar de pensar que ela iria acordar na manhã seguinte ao lado de um troglodita e se perguntar que diabo tinha feito.

Consegui atravessar o corredor de fininho para me juntar a Lucy quando a noiva, o noivo, o padrinho e os pais foram assinar o livro de registros.

– Não foi lindo? – sussurrou Lucy, a expressão do seu rosto mudando repentinamente de sonhadora para alarmada. – Você está sem flores na lapela!

Os sinos começaram a bater, o órgão deu início à “Marcha nupcial” de Mendelssohn e tudo que tinha levado meses para ser planejado e ensaiado terminou... Só que não, porque era preciso tirar fotos, um álbum inteiro de poses forçadas.

Primeiro, a família da noiva, o que era um pouco constrangedor para mim porque nem eu nem Lucy sabíamos se eu estava incluído ou não. O marido de Helen, James, estava lá com as filhas deles, é óbvio. Depois de algumas fotos terem sido tiradas sem mim, Nicky me chamou para participar.

– Venha, Gus! Alguém pode emprestar umas florezinhas para ele pôr na lapela?

Depois, foi a família do noivo, com os quatro ocupando tanto espaço na escadaria da igreja quanto nós nove; em seguida, as damas de honra; a noiva com as daminhas; a noiva com as madrinhas com o vestido erguido para exibir seu “segredinho azul”, que era uma liga; e, enfim, os padrinhos, com seus fraques, jogando as cartolas para cima em um ato totalmente forçado de espontaneidade.

– Para que isso? – perguntei ao James, que me deu uma carona de volta para casa.

– Acho que é para usar a cartola – respondeu ele.

Estavam servindo champanhe no jardim da frente enquanto os noivos tiravam fotos com o bolo.

Não pude deixar de notar que eu era o objeto de interesse dos parentes de Lucy, que se aproximavam em intervalos regulares para reparar na minha altura.

– Então este é o Gus! Caramba, você é alto, hein?

– Quase 2 metros com a cartola!

– E você também faz medicina?

– Faço, sim.

– Que ótimo!

Ninguém tinha, afinal, perguntado se seríamos os próximos, mas eu sentia os cálculos rolando por trás dos sorrisos avaliadores.

Na tenda, ficamos sentados à mesa principal com as taças de vinho branco que tinham nos servido. Virei a minha, depois a de Lucy, antes de segui-la até a mesa do bufê. Eu estava com aquela fome de ressaca que é causada pelo álcool combinado com a falta de sono e continuei matando a sede com vinho, embora tivesse sido mais sensato ter trocado por água. Quando chegou a hora dos discursos, estava a mais de meio caminho de ficar bêbado.

O pai de Lucy falou sobre Pippa ser sua filha menos previsível. Se isso era um alerta para Greg, parecia um pouco atrasado demais. O discurso de Greg se resumiu ao Canadá e a como ele estava ansioso para mostrar à esposa tudo que seu país tinha a oferecer. Tanto ele quanto o irmão usavam broches de folhas de bordo na lapela, um pouco como aqueles escoteiros que exibem broches no peito.

– Por que eles fazem isso? – cochichei para Lucy. – Não é como se a gente fosse esquecer de onde eles são.

– Shhhh – sussurrou ela.

– De onde eu venho – Greg estava dizendo –, é possível nadar no mar pela manhã e esquiar nas montanhas à tarde.

– Parece ser o último lugar para onde eu gostaria de ir – murmurei.

– Para mim, parece legal – retrucou Lucy, irritada.

Jeff se levantou, seu rosto largo apenas distinguível do rosto do irmão pelo acréscimo conveniente de um bigode.

– Tem dois deles? – perguntou a vovó Cynthia.

– Você acha que Jeff deixou o bigode crescer para o casamento? –

perguntei a Lucy.

– Pare...

Ele contou uma história interminável sobre uma pescaria a que ele e Greg foram quando eram pequenos. Aparentemente, Greg tinha tentado todos os truques possíveis para pegar um peixe, mas não conseguira. Agora, parecia que ele tinha fisgado o maior peixe da temporada!

– Tadinha da Pippa – sussurrei para Lucy durante os aplausos entusiasmados que se seguiram ao brinde aos noivos.

– Por quê?

– Além de ser grande, ela é um peixe. Ela é um peixe grande!

– Ele só quis dizer que ela é especial – respondeu Lucy. – Você está falando alto demais. Eles vão ouvir a sua voz no vídeo se você não falar mais baixo.

Um cinegrafista estava rodando pelo salão. Eu tinha reparado nele mais cedo, fazendo um close na maionese trançada que decorava o salmão escalfado. Talvez ele usasse a imagem durante a história da pescaria.

A mãe de Greg, que estava sentada a duas cadeiras de Lucy, bateu o garfo na taça, mas, quando todos no salão obedientemente olharam em sua direção, ela pareceu confusa.

– Não se preocupem, não vou fazer um discurso! – avisou.

– Ufa! – murmurei.

– Dá para você calar a boca? – sibilou Lucy.

– Na América do Norte, quando você bate o garfo na taça, a noiva e o noivo têm que se encontrar e se beijar onde quer que estejam! – informou a mãe de Greg.

Greg e Pippa, que ainda estavam sentados lado a lado, obedeceram.

Todo mundo aplaudiu.

Era hora de cortar o bolo. Os noivos se posicionaram para algumas fotos. O pai de Greg bateu o garfo na taça, então eles tiveram que se beijar outra vez. Em seguida, a camada de baixo do bolo foi cerimonialmente cortada antes de os garçons o retirarem para servi-lo em fatias finas.

Enquanto os convidados retornavam ao bufê para a sobremesa, Greg e Pippa circulavam pelo salão cumprimentando, um a um, os amigos e parentes. Aquela coisa de bater o garfo na taça era bastante divertida se você esperasse os dois estarem em lados opostos da tenda, mas, na terceira vez que fiz, exagerei na força e estilhacei a taça em vez de só fazer barulho. Para meu

alívio, a única pessoa que reparou foi uma menina alta de rabo de cavalo que estava usando uma blusa branca e calça preta. O rosto dela se abriu em um sorriso maravilhosamente travesso, quase conspirador.

– Dá para você me arranjar outra taça? – pedi.

– Não estou aqui pra socorrer as pessoas – respondeu ela.

– Eu socorro, mas não aqui – falei, sem o menor sentido.

– Então pode dar um jeito na própria situação – retrucou ela, sorrindo outra vez.

Por um instante, nossos olhares se fixaram um no outro, nossas expressões confusas. Será que eu a conhecia de algum lugar?

– Quem é você? – eu me ouvi perguntar.

E, de repente, Lucy surgiu ao meu lado com uma pazinha de lixo.

Então as pessoas *tinham* notado.

– Acho que preciso de um pouco de ar – falei.

– Ótima ideia – disse Lucy em tom irritado.

Já tinha escurecido lá fora e o ar frio da noite estava carregado com o aroma da plantação de tabaco. Com “La Vida Loca” ressoando pelo jardim escuro e vazio, percebi vagamente que minha noção de tempo e espaço estava um pouco confusa. Fiquei sentado no balanço, que chiava de leve enquanto eu me balançava. Do outro lado do jardim, a tenda iluminada e a batida do baixo pareciam distantes.

Quando acordei, minha cabeça estava latejando e meu rosto estava frio sobre a almofada listrada. O indício de que horas tinham se passado estava na música: Robbie Williams estava cantando “Angels”. Eu podia ver as sombras dos casais dançando lentamente nas laterais da tenda.

Uma aba da tenda foi aberta, lançando um triângulo de luz pelo jardim. Reconheci a silhueta da garçonete que não servia as pessoas. O triângulo de luz se fechou atrás dela. Na quietude da escuridão, eu só conseguia enxergar a silhueta obscura dela e podia dizer, de alguma forma, que ela estava pensando em algo triste.

Um feixe de luz iluminou o jardim outra vez quando um homem saiu da tenda.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

– Sim – respondeu ela.

– Eu não teria conseguido fazer isso sem você – disse ele.

– Não fiz nada – respondeu ela.

Ele se aproximou dela.

– Você não é como as outras mulheres – ouvi o homem dizer.

– Como você sabe?

– Você tem esse sorriso maravilhoso, mas tem todas essas coisas passando pela sua cabeça.

– Agora você está me fazendo parecer meio maluca!

– Maluca o suficiente para ser minha namorada?

Um longo momento de silêncio.

– Muitas estrelas, não é? – disse ele, colocando uma mão hesitante no ombro dela.

Então ela se virou na direção dele e ele a beijou, e eu fiquei parado bem quietinho, torcendo para que nenhuma luz me revelasse ali, testemunhando o momento deles.



– Onde diabo você se enfiou? – perguntou Lucy quando entrei na sala de estar pelas portas que davam para o jardim.

– Peguei no sono ali fora.

– Fala sério!

– Perdi muita coisa?

– Perdeu Jeff me ensinando a dançar salsa. Pi está quase indo viajar. Eu e Jeff prendemos todos os balões prateados no carro.

– Você e Jeff, é?

– Sabe o que dizem sobre o padrinho do noivo e a irmã da noiva, não é?

– Quem? Helen?

– Nós duas somos!

– Então Jeff se deu bem!

Lucy me deu um tapa brincalhão no braço.

– Devo me preocupar?

Fiz um carinho rápido no pescoço dela.

– Não sei – respondeu Lucy, me empurrando. – Deve?

– Com aquele bigode, acho que não – respondi, e ganhei outro tapa, mais forte, no braço.

Pippa estava parada no topo da escada, usando um vestido de verão bem

fininho, com uma jaqueta jeans por cima. Greg surgiu logo atrás, usando calça de sarja e camisa polo. O cabelo dele estava molhado do banho. Parecia que eles tinham acabado de fazer sexo selvagem.

Na entrada da casa, um Jaguar branco aguardava para levá-los até o aeroporto. Quando Pippa estava prestes a entrar no carro, Helen correu até ela com o pequeno buquê de rosas brancas com o qual a irmã tinha entrado na igreja. Vi Pippa olhar para Lucy, que meneou a cabeça sutilmente, então ela acabou jogando o buquê por cima da cabeça na direção da melhor amiga de escola, que gritou ao pegá-lo.

– O que foi aquilo? – perguntei a Lucy enquanto acenávamos para o carro.

– A pessoa que pega o buquê do casamento é a próxima a se casar – respondeu ela.

Não era tão estúpido a ponto de não saber disso. Eu me referia ao breve acordo silencioso entre as irmãs, que Lucy achou que eu não havia percebido. Será que eu a deixara tão furiosa que ela estava perdendo o interesse por mim? Na verdade, nunca entendi direito o que ela tinha visto em mim.

– Não dançamos nenhuma música – falei, levando-a de volta para a tenda.

Estava tocando “Flying Without Wings”, do Westlife. No começo, Lucy ficou dura nos meus braços, mas, quando a puxei mais para perto, ela relaxou no meu peito e senti que tinha sido perdoado.

– Eu te amo – me ouvi sussurrando entre os cabelos dela.

Ela deu um passo para trás para olhar meu rosto.

– Ama?

Ela pareceu tão radiante que achei que, talvez, eu amasse mesmo.

CAPÍTULO 12

2001

Tess

— Síndrome de Asperger? – repetiu meu pai, como se fizesse alguma ideia do que estava falando.

Pela primeira vez na vida, senti uma leve pontada de pena dele, porque sempre tinha sido tão teimoso em sua recusa em acreditar que havia algo de errado com Hope que devia ser humilhante ficar sabendo que, afinal, havia mesmo – ainda mais na minha frente. Tomei o cuidado de não olhá-lo, mas pude sentir a autoridade se esvaindo dele, fazendo sua presença na sala do especialista parecer, de alguma forma, menor.

– Então não é autismo? – perguntou, o que me fez pensar que estava mais preocupado do que deixava transparecer.

O especialista nos fitou por cima dos óculos. Ele falava num tom frio, impassível, mais como o de um gerente de banco do que o de um médico especialista em crianças. A sala era fria, sem toques pessoais a não ser por um porta-retratos prateado em cima da mesa, virado para ele, então não dava para ver a foto.

– A síndrome de Asperger é classificada como uma condição do espectro autista. Mas, como Hope não parece ter nenhuma incapacidade de aprendizado significativa, podemos dizer que ela se encaixa em um quadro menos severo.

– Então não é exatamente autismo? – pressionou meu pai.

– Se você quiser colocar dessa forma...

– Mas o que é a síndrome de Asperger?

Eu estava determinada a não ir embora sem a informação só porque meu pai estava teimando com relação à terminologia.

Tínhamos levado meses para conseguir um encaminhamento para a unidade infantil de Londres e uma manhã inteira para fazer os exames. Nesse

momento, Hope aguardava na sala de espera do lado de fora com uma estudante de medicina que tinha achado que eu era a mãe dela – a menina tinha mais ou menos a minha idade, então só Deus sabe como minha aparência devia estar péssima. Se Hope se comportasse, meu pai tinha prometido nos levar ao zoológico depois, mas, para fazer todas as infinitas perguntas que eu queria, era preciso que ela estivesse ali conosco.

Hoje, bastaria pesquisar na internet, não é? Mas, naquele tempo, nem todo mundo tinha um laptop. O Google ainda não tinha se popularizado. Eu ia à biblioteca municipal toda semana para pegar livros, mas o acervo de não ficção era bem limitado e, apesar de eu ter lido sobre o autismo no dicionário médico, nunca vira uma referência à síndrome de Asperger.

– É caracterizada por dificuldades na comunicação, interação e imaginação sociais – explicou o especialista.

Aquelas palavras, que não queriam dizer muita coisa para mim, significavam menos ainda para meu pai.

– Você pode nos dar uns exemplos, por favor? – pedi.

– Cada pessoa é diferente, é claro. Algumas têm habilidades linguísticas perfeitamente satisfatórias, mas com frequência não entendem que as pessoas dizem coisas que não queriam. Elas podem ter dificuldades em fazer amigos. Podem querer conversar apenas sobre uma única coisa que as interesse...

– Essa é Hope com os CDs dela, não é, Tess? – quis saber meu pai.

O reconhecimento dele parecia um passo gigante adiante.

– Elas podem gostar de rotinas ou de jogar o mesmo jogo – continuou o especialista. – Podem apresentar alguns problemas de coordenação motora. Também podem sofrer de ansiedade ou depressão...

O que explicaria as mudanças de humor.

Eu me perguntei se ele tinha escolhido todos os sintomas que se aplicavam a Hope só para comprovar o diagnóstico para o meu pai ou se Hope seria um caso clássico.

Havia uma aliança de casamento na mão magra e ossuda dele. Será que era uma foto da mulher dele naquele porta-retratos prateado? Ou dos filhos? Se houvesse algo de errado com eles, será que ele teria sido o primeiro ou o último a perceber?

– Então o que causa a síndrome de Asperger? – perguntou meu pai.

– Ela só se tornou um diagnóstico distinto recentemente, no fim dos anos 1990. Ainda não temos certeza da causa exata.

– Tivemos muito sofrimento na nossa família com a morte da minha mulher – disse meu pai. – Minha Tess faz o melhor que pode, mas ela é nova, entende o que quero dizer, doutor?

Não acreditei que ele disse isso! Apesar de eu ter aberto mão de tudo para cuidar de Hope, enquanto a vida do meu pai praticamente não havia mudado, eu ainda era, de alguma forma, culpada pelas dificuldades dela! Um bolo de fúria subiu pela minha garganta e tive que apertar os lábios e me segurar na cadeira para continuar sentada em vez de me levantar e sair dali na mesma hora. Isso não seria nada bom para Hope.

– Não é uma questão de educação, Sr. Costello – disse o especialista.

Eu quis dar a volta na mesa correndo e dar um abraço nele.

– Receio que Hope tenha nascido assim. E que será assim pelo resto da vida.

Não havia necessidade de abraço, então.

– Não existe cura? – perguntou meu pai, parecendo tão perplexo que comecei a sentir pena dele de novo.

– O que podemos fazer é ajudar Hope e as pessoas que fazem parte da vida dela com algumas estratégias.

– Estratégias! – gritou meu pai. – Você nos trouxe até aqui para falar de estratégias? Você tem ideia de quanto estamos pagando pelo estacionamento?



No caminho para o zoológico, paramos no parquinho do Regent's Park e meu pai comprou picolés no quiosque para nós. Acho que todos estávamos exaustos por ter ficado tanto tempo no consultório, respirando aquele ar hospitalar, ouvindo coisas que afetavam nossas vidas profundamente de pessoas que não nos conheciam nem um pouquinho. Nem meu pai nem eu dissemos nada, mas era quase possível ouvir as engrenagens de nossos cérebros rangendo para processar as informações.

Eu estava aliviada por ter um diagnóstico, porque isso significava que poderíamos conseguir um atestado médico para que Hope obtivesse algum auxílio do governo destinado a um tratamento, mas também havia uma pontada de culpa por ter insistido que ela fosse examinada. Se nada iria efetivamente mudar, meu pai tinha razão: qual era o propósito?

Também havia essa sensação estranha e vazia de perda, porque agora eu nunca mais teria o reconforto de dizer a mim mesma que talvez não fosse nada.

Fiquei observando enquanto Hope tentava se virar para subir no escorrega, sabendo que a determinação no rosto dela se transformaria em raiva quando não conseguisse. A raiva não era uma emoção? Por que ela era capaz de sentir isso, mas não afeição, ou empatia, ou qualquer uma das emoções que tornariam a vida dela mais fácil?

– Venha cá, querida – disse meu pai, erguendo-a alto acima dos ombros e colocando-a na entrada do escorrega para que ela pudesse descer como as outras crianças. O diagnóstico parecia ter afugentado a rabugice dele, deixando-o mais amável por ora. – “Vem brincar no zoológico”... – ele começou a cantar.

– “Ande como o macaco”... – continuou Hope.

Achei que talvez fosse uma boa ideia deixar os dois sozinhos.

– Posso encontrar vocês depois? – pedi a meu pai.

– O que você vai fazer? – perguntou ele, imediatamente desconfiado.

– Só vou dar uma volta, você sabe...

– Esteja na entrada do zoológico às quatro ou vamos pegar a hora do rush.

– O que é a hora do rush? – perguntou Hope.

– Das cinco até umas seis e meia, o trânsito fica terrível por causa de todas as pessoas que voltam do trabalho para casa – explicou meu pai.

– Das cinco às seis e meia dá uma hora e meia – ponderou Hope.

– Menina esperta – disse meu pai com a voz um pouquinho embargada. – Para deduzir isso, ela é esperta, não é, Tess?



Meu pai, Doll e Dave teriam pensado que eu era louca de ir até o campus da universidade só para imaginar como minha vida teria sido. Grupos de estudantes estavam sentados na grama almoçando, alguns deitados lendo, os livros erguidos para proteger os olhos do sol de setembro. Pensei que agora eles pareciam bem mais novos que eu, com uma confiança casual que lhes permitia usar shortinhos com barra desfiada e chinelos de dedo em pleno dia de semana, enquanto eu tinha colocado uma calça azul-marinho chique e uma

blusa mais social para ir ao hospital. Eu estava ciente dos olhares zombeteiros, que me faziam sentir que não deveria estar ali, mas eles provavelmente só estavam se perguntando o que essa pessoa maluca estava fazendo olhando para as grandes colunas do pórtico como se fosse alguma espécie de santuário.

O que eu amo em Londres é o quebra-cabeça complexo dos bairros, cada um com sua originalidade: as praças georgianas elegantes do distrito universitário; os sólidos pilares jônicos do Museu Britânico; as estreitas ruas de paralelepípedos na região de Seven Dials, ladeadas por vitrines que exibem produtos que você acha que iriam, de alguma forma, mudar a sua vida se você pudesse pagar por eles – como lindas caixas de chás, papéis de carta florentinos ou uma jaqueta de motoqueiro *vintage* jogada por cima de um vestido dos anos 1950 com estampa de rosas amarelas gigantes.

Desci até o rio e fiquei parada no meio da ponte Waterloo, olhando para o panorama, meu cabelo balançando com a brisa espetacular e a água se agitando lá embaixo, com cor de café com leite. Tinha esquecido como era a sensação de pura euforia que sempre sentia quando Doll e eu vínhamos à cidade na adolescência para explorar e fantasiar sobre o nosso futuro.

A Roda do Milênio havia modificado a paisagem. O London Eye era como uma roda d'água gigante e incongruente encalhada na margem sul do rio. A leste, novos arranha-céus erguiam-se na cidade, com janelas espelhadas que brilhavam sob o sol. Descendo o rio, uma antiga usina tinha sido convertida no Tate Modern, o museu de arte moderna.

Olhei para o relógio. Não havia tempo para ir lá hoje, mas o que me impedia de voltar? Dave sempre alegou não gostar de Londres, mas só tinha estado na cidade uma única vez em uma visita da escola ao Museu de História Natural. Não *precisávamos* visitar museus nem galerias de arte. Eu poderia mostrar a ele todas as arezinhas provincianas que Doll e eu tínhamos descoberto, ou explorar algumas novas. Kentish Town, Pimlico, Swiss Cottage; até mesmo os nomes eram intrigantes. Dave nunca sequer tinha ouvido falar da Portobello Road, mas como não gostar dos pubs e dos antiquários e das feiras de rua repletas de pirâmides de deliciosas frutas tropicais?

Entrei no ônibus 168 em direção a Chalk Farm. Quando era adolescente, cismeiei em memorizar o mapa do metrô e as principais rotas de ônibus. Eu sempre testava Doll no trem para o norte.

– Estamos em Charing Cross. Qual a rota mais rápida para Holland Park?
– Por que temos que fazer isso? – Doll sempre reclamava. – Tem um mapa em cada estação, não tem?

– Mas não vamos parecer londrinas se estivermos lendo o mapa, vamos?

O ônibus subiu pelo Bloomsbury novamente e atravessou a Euston Road até Camden Town. Desci na última parada e atravessei a ponte até a rua que circundava a base do monte Primrose. As pessoas estavam sentadas em cafés, tomando suas bebidas à vontade, com as crianças correndo para lá e para cá nas calçadas largas, como na Itália. O aroma convidativo das grelhas a carvão e do alho refogado escapava pelas portas dos restaurantes, os pratos do dia anotados com giz em cavaletes do lado de fora.

Como deveria ser morar em um lugar onde você podia escolher entre comida grega, italiana ou mesmo russa e ver um filme ou uma peça diferente todas as noites da semana? Um lugar onde ninguém soubesse quem você é, garantindo-lhe a liberdade de descobrir a pessoa que você nasceu para ser?

Tive que correr as últimas centenas de metros para chegar ao zoológico a tempo.

Meu pai estava olhando para cima e para baixo na rua; depois, olhou para o relógio.

– O leão estava dormindo, Teca – Hope me informou enquanto caminhávamos em direção ao carro.

– Mas tinha centenas de outros animais, não tinha? Todos acordados!

A voz de meu pai estava permeada por aquela tensão de quem não está acostumado a passar três horas com Hope.

– O leão estava dormindo – disse Hope.

Comecei a cantarolar a música do filme *O rei leão*.

– Andem logo! – disse meu pai.

Ele acelerou o passo, de modo que tivemos que correr para acompanhar o ritmo.

– Nessa velocidade, vou perder o karaokê – reclamou.



– Karaokê? – perguntou Doll no domingo seguinte.

O time de Fred tinha acabado de voltar da pré-temporada nos Emirados

Árabes. Nós duas estávamos sentadas no banco de trás da Range Rover de Fred, que dirigia com Dave a seu lado, no banco do carona.

Era para ser um almoço bacana de nós quatro, mas, com Doll organizando, não foi só um almoço. Quando ela leu sobre as comodidades do hotel, logo planejou um programa de meninas para nós, com tratamentos no spa, e uma rodada de golfe para os meninos, para aproveitar a tarde.

– Meu pai cantava antes de se casar – respondi. – A voz dele é boa, para ser sincera. Ele ensaia “Islands in the Stream” e outros clássicos dos Bee Gees no banheiro. Ele e Hope...

– Ela é Kylie Minogue agora – Dave contou a Fred. – Amarra um lençol na cabeça e fica se contorcendo e cantando “La, la, la, la, la, la, la”, daquela música “Can’t Get You Outta My Head”. Canta igualzinho a ela, não canta, Tess?

Eu não gostava muito que Dave falasse de minha irmã daquele jeito com Fred, apesar de não saber bem por quê, já que Dave e Hope tinham um relacionamento ótimo. O conhecimento dele de músicas pop era enciclopédico e ele podia fazer coisas como citar, de cor, cada faixa de um álbum na ordem correta e a duração de cada uma. Às vezes, quando estávamos indo de carro a algum lugar, Hope tirava os CDs dele do portaluvas e lia os números das faixas para testá-lo; ele a testava de volta perguntando sobre a coleção dela quando ia lá em casa. No aniversário de 9 anos de Hope, Dave lhe comprou um pequeno CD player. Ela o usava pendurado no pescoço, como uma medalha gigante. O fato de ele vir com fones de ouvido tinha melhorado a vida de todo mundo. Havia um limite no número de vezes que a maioria de nós consegue ouvir os *Melhores Hits* do ABBA.

– Então quem é a Dolly Parton de seu pai? – perguntou Doll.

– Como assim?

– “Islands in the Stream”, dã! É um dueto, não é?

Era óbvio, agora que ela tinha dito. Meu pai estava cuidando muito mais da aparência ultimamente. Tinha até comprado umas camisas novas, mas a ideia de que havia uma mulher na vida dele não tinha me ocorrido e fiquei me perguntando se era isso que o tinha deixado tão relutante quanto a cuidar de Hope hoje.

Imaginei meu pai com uma mulher de cabelos volumosos, cantando um para o outro com os microfones em frente ao alvo de dardos. Há quanto

tempo isso estaria acontecendo? E será que era sério? Será que eu deveria me preparar para dividir a casa com ela? Como ela reagiria a Hope? E Hope a ela? Será que os três estavam sentados agora mesmo à nossa mesa de costume no Carvery?



Nos bancos da frente da Range Rover, Fred e Dave estavam conversando sobre o passe de quais jogadores de futebol eles comprariam se fossem empresários.

Antes de eles se conhecerem, eu ficava me perguntando se os dois se dariam bem. Dave tinha ficado tão impressionado quando falei de Fred – visto que era torcedor do time dele desde pequeno – que eu ficara morrendo de medo que ele pedisse um autógrafo ou algo assim. Ele não pediu, ainda bem. Como Dave era um pouco mais velho e sabia fazer aquelas coisas de homem propriamente ditas, como desobstruir canos ou instalar uma caldeira, Fred o respeitava. Eles jogaram golfe de igual para igual e, apesar de Fred ser jogador de futebol profissional, Dave parecia saber tanto quanto ele daquele jogo. Ao ouvir os dois escolhendo times dos sonhos, reparei de repente em como a conversa dos dois era parecida com aquela que Dave travava com Hope. O especialista tinha dito que a síndrome de Asperger era mais comum em homens do que em mulheres. Talvez eles tivessem também, pensei. Talvez todos nós tenhamos.

– É muito amor fraternal, não acha? – disse Doll, encaixando o braço no meu e me direcionando para a entrada do spa, onde as funcionárias nos entregaram roupões felpudos, chinelos e cestas com artigos de aromaterapia.

– É engraçado – disse ela enquanto tirávamos a roupa no vestiário. – Quando você é rica, as pessoas vivem lhe dando coisas. Chocolates no travesseiro, sacolas com brindes... Você não ganha isso nos hotéis baratos, não é? E nessa situação a pessoa ficaria muito mais feliz. Por falar nisso – ela remexeu na bolsa de couro cor-de-rosa –, trouxe uma lembrancinha para você de Dubai.

Dentro da sacolinha de papelão, havia um biquíni Gucci amarelo fosforescente.

– Você tinha razão quando disse que era uma lembrancinha.

Coloquei as peças minúsculas na frente do roupão.

– Comprei um para mim também – disse Doll, tirando da bolsa um biquíni do mesmo modelo, cor-de-rosa fosforescente, que fez eu me sentir menos culpada pela extravagância dela.

Não pude deixar de notar que Doll tinha se depilado todinha, o que foi um choque, porque, como ela era pequena, aquilo fez com que parecesse uma criança de novo. Desinibida em frente ao espelho, ela empurrou os seios pequeninos para cima para dar mais volume.

Deve ser bem mais fácil para Doll fazer o autoexame, pensei, porque quase não havia carne para apalpar, nem lugar para o caroço escapar e se esconder quando você achasse que o tinha sentido em algum lugar ali.

– O que acha? – perguntou. – Fred quer que eu entre na faca.

– Vai colocar silicone?

– Você não tem esse problema – ela apontou com a cabeça para o meu peito –, mas todo mundo coloca.

Apertei o roupão ainda mais em torno do meu corpo. Nunca considerei meus seios uma vantagem. As roupas jamais ficavam como deveriam ficar em mim. Talvez seja por isso que as modelos têm seios pequenos. Até conhecer Dave, eu era uma típica mocinha católica comportada e genuinamente acreditava que ser tocada nos seios por um homem era algo que você só permitia quando o relacionamento fosse sério, porque os homens eram movidos pelo tesão. Não havia me ocorrido que era para eu gostar daquilo também.

– Você teria que comprar roupas novas – falei.

– Você deveria me convencer do contrário, não me encorajar!

Doll riu, o que foi um alívio, porque, por um instante, achei que ela estivesse seriamente considerando a cirurgia; eu teria achado bem difícil me manter neutra quanto a isso. Minha mãe teve que tirar um seio e não foi bonito, ela tinha sentido muita dor, então eu não tinha muito paciência para mulheres perfeitamente saudáveis que escolhiam entrar na faca por vontade própria.

Nossas mesas de massagem eram uma ao lado da outra. As luzes eram fracas e havia um ruído calmante de água correndo em algum lugar – era provável que viesse de caixinhas de som, e não de uma cachoeira real, pensei.

– Dave gosta de pornô? – perguntou Doll enquanto as massagistas deslizavam seus dedos surpreendentemente fortes pelas nossas costas.

Com o barulho da água correndo, eu não tinha cem por cento de certeza de que ela tinha dito “pornô”, mas não conseguia pensar em nenhuma palavra parecida com a qual eu talvez a tivesse confundido. Eu não ia repetir “pornô” ainda mais alto.

– Quero dizer, quando você faz pela primeira vez, quer tentar de tudo, não é? – continuou Doll. – Mas com Fred sempre tem que ter algo novo e, agora, boa parte das vezes, a gente tem que filmar!

Depois de passar três anos tendo cuidados de beleza regulares, como depilar o corpo todo, fazer tratamentos faciais ou tirar as sobrancelhas com linha – que, por algum motivo, era melhor do que com a pinça –, Doll tinha ficado tão acostumada com as pessoas em volta dela que basicamente não as notava mais. Ela estava fazendo a mesma coisa que odiava nas clientes do salão. “Elas conversam umas com as outras como se você não estivesse ali!”, costumava reclamar, indignada.

Sempre estive atrás de Doll quando se tratava de sexo, mas, depois de ter perdido a virgindade com Dave, ingenuamente achei que tinha alcançado o mesmo patamar. No entanto, parecia que eu ainda era a inocente, porque pornô era algo que nem tinha passado pela minha cabeça, muito menos um projeto “Faça você mesmo”.

– Não que Fred curta sadomasoquismo nem nada assim – continuou Doll. – É só que, bem, não sou nenhuma ginasta, entende o que quero dizer?

Parte de mim teria preferido admitir que eu não fazia ideia, para que ela me contasse, porque é natural ficar curioso com relação ao que as outras pessoas andam aprontando, não é? Mas é engraçado como o sexo é tabu até mesmo com a sua melhor amiga, então você nunca conversa especificamente sobre o que acontece “lá embaixo” ou “entre quatro paredes”, como minha mãe dizia.

Fiquei me perguntando se Dave e Fred estariam discutindo fantasias libertinas no campo de golfe ou comparando estatísticas das nossas performances. Eu achava que não. Confiava totalmente em Dave. Ele era sempre muito paciente e gentil comigo. Depois do que Doll tinha acabado de revelar, eu me sentia ainda mais sortuda por ter encontrado um homem como ele.

– Como está o trabalho? – perguntou Doll enquanto nos deitávamos com uma lama especial enriquecida com algas espalhada pelos nossos rostos e rodelas de pepino nas pálpebras.

O novo ano letivo já tinha começado. Depois da conversa sobre a vida sexual e as compras de Doll, falar sobre nosso Dia Vitoriano na escola pareceu bastante bobo. Hope e eu tínhamos nos vestido como os limpadores de chaminés de *Mary Poppins*, com manchas de fuligem em nossos rostos, e cantado músicas do clássico durante todo o trajeto até a escola – apesar de eu saber que o filme não era exatamente da era vitoriana, e sim da eduardiana.

Quando chegamos, recebi olhares constrangidos dos outros funcionários, porque eu não tinha entendido direito as instruções. Os adultos deveriam se vestir como professores da era vitoriana. A Sra. Corcoran, usando uma fantasia totalmente preta de rainha Vitória e uma touca de renda branca na cabeça, mandou Hope ir lavar o rosto, o que causou tudo quanto é tipo de problema, porque Hope não tinha entendido a questão de incorporar um papel. Passei um dia péssimo usando uma camisa toda manchada e uma calça velha de meu pai presa por suspensórios.

Doll riu tanto que a máscara em seu rosto rachou inteira como uma poça na estiagem.

– Sinto falta disso, sabia? – disse ela.

– Da escola?

Eu estava perplexa.

– De trabalhar. Eu realmente sinto falta de trabalhar. Que idiota, não é? Sinto falta das fofocas. Tem dias em que Fred está treinando e eu não falo com absolutamente ninguém.

– Você não sai com as outras meninas?

– Elas não são como você, Tess. Não são como eu, na verdade – acrescentou, melancólica. – Existe um limite de sapatos que você pode comprar. Ouviu isso? São palavras que eu nunca achei que fosse dizer!

Com os poros limpos e a pele esfoliada, ficamos sentadas com os pés em uma banheira, com pequenos peixinhos arrancando pedacinhos de pele seca. Fazia um pouquinho de cócegas, mas não era exatamente desagradável.

– O que a impede de voltar a trabalhar? – perguntei.

– Seria diferente se eu fosse modelo ou algo assim, mas cabeleireira júnior não rola, não é?

Então me lembrei de quando quase todas as meninas da nossa sala queriam ser cabeleireiras. Parecia ser o ápice do glamour na época.

– Fred diz que ter um filho me daria algo para fazer...

Eu conhecia Doll muito bem para saber que a maneira casual com que ela

revelou aquilo ocultava uma preocupação maior.

– E qual é a sua opinião sobre o assunto ? – perguntei com cautela.

É difícil opinar quando se trata do namorado da sua melhor amiga, porque, ao mesmo tempo que você nunca vai achar que ele é bom o suficiente, existe um limite de quão crítica você pode ser caso eles fiquem juntos, não é?

– Eu só tenho 21 anos e o próprio Fred é um bebezão – respondeu Doll. – Você acha que é antiquado querer casar primeiro?

– Não se é isso que você quer – respondi, pensando em silicone nos seios, pornografia, bebês...

O que estava acontecendo com Doll?

– Fred diz que deveríamos ter um filho e ver como as coisas andam.

– Só que não depende só de Fred, não é?

O rosto de Doll se abriu em um sorriso.

– Estou tão aliviada por você ter dito isso, Tess – falou ela. – Posso fingir que estou tentando, não posso?

Não era bem isso que eu estava sugerindo.



Não consegui evitar olhar para Fred com outros olhos quando nos reunimos outra vez para almoçar. Bonito, sim; não o cara mais inteligente do mundo, mas bem-humorado o suficiente. Ele provavelmente seria um pai bem decente se você ignorasse a pornografia, o que eu não conseguia. Mas será que a casa, os carros, as roupas, as joias e as férias glamourosas faziam dele a pessoa com quem Doll deveria se casar? Se ele tivesse uma renda mediana, como Dave, será que ela ainda estaria com ele? Quem era eu para julgar, sentada ali com meu almoço pago e meus peixes-pedicures?



– Fui à igreja com a Sra. O'Neill – anunciou Hope assim que passei pela porta. – Cantamos hinos.

A sensação de bem-estar que a massagem tinha proporcionado aos meus ombros foi embora instantaneamente.

– O padre Michael disse que é impressionante como a pequena é desenvolta! – disse meu pai. – Ele disse que ela deveria se juntar ao coral.

– Você podia ter falado comigo – resmunguei.

Quando Hope se engajava em uma rotina, era difícil tirá-la dela.

Eu tinha parado de levar Hope à missa depois que minha mãe morreu. Achava que já estava fazendo o suficiente sem isso. Sei que minha mãe não iria gostar, mas, como ela mesma disse, não é preciso ir à igreja para acreditar em Deus. Não que eu tivesse certeza de que ainda acreditava, apesar de me pegar rezando com frequência – para que as outras crianças incluíssem Hope em suas brincadeiras, para que ela não tivesse um faniquito ou até mesmo para que ela *tivesse* um faniquito durante os exames no hospital, porque, do jeito que ela se comportava bem lá, havia o risco de eles acharem que eu tinha inventado tudo.

– Ela é minha filha, Tess! – disse meu pai.

– Então você foi junto com ela? – perguntei, sabendo muito bem que ele não tinha ido.

Ele tinha ido ao bar. Eu podia ver no rosto dele e sentir o cheiro em suas roupas.

Cheiro de vadiagem, minha mãe dizia. Eu pesquisei. Era uma palavra proveniente do latim *vagativu* e quer dizer “ociosidade, vagabundagem”.

Em meio ao silêncio subsequente, Hope falou:

– O pai foi buscar Anne.

– É sua parceira de karaokê, não é?

Olhei diretamente nos olhos dele.

Aquilo o surpreendeu. A expressão “Quem foi que lhe contou isso?” no rosto dele me deu um leve gostinho de vitória.

– Então, como é Anne? – perguntei a Hope.

– Anne gosta de cheesecake de morango – respondeu ela.



Para ser honesta, Anne foi meio que uma dádiva divina, como descobri no fim de semana em que ela nos convidou para ir à casa dela. Era viúva, o marido tinha sofrido um ataque cardíaco fulminante no parque Sandown na corrida final de um cavalo que tinha vencido várias provas consecutivas. O

cavalo dele estava cruzando a linha de chegada quando ele deu seu último suspiro, o que significava, segundo Anne, que ele tinha morrido feliz – “Todos nós temos que partir em algum momento, não é?” – e ela estava usufruindo das vitórias dele por eles dois. Ela tinha uma bela casa nova e um pequeno Mazda vermelho de dois lugares conversível, que ela deixou meu pai dirigir assim que o relacionamento deles se tornou público (nunca ficou bem claro havia quanto tempo estava rolando e eu nunca tentei descobrir). O melhor de tudo era que Anne tinha um *jukebox* na cozinha, que parecia um daqueles bem típicos dos anos 1950 mas tocava CDs.

– Hope pode vir aqui sempre que quiser – disse ela.

É claro que, na época, ela não fazia ideia de como Hope era; só estava ávida por demonstrar seu apoio a meu pai. Eu não conseguia entender, porque achava que Anne tinha uma situação bem melhor que a dele, mas meu pai ficava bem quando se arrumava e podia ser generoso e charmoso quando lhe convinha.

Aproveitar a vida ao máximo era a filosofia de Anne, e acredito que era exatamente disso que meu pai precisava. Ela chamava a atenção, com seus volumosos cabelos louros acinzentados e um vestido justo diferente a cada dia. Alegava ter 51 anos, a mesma idade de meu pai. Mas, pela aparência do pescoço, eu achava que tinha aquela idade fazia uns bons anos, apesar de Doll dizer que o sol podia fazer aquilo com a pele. Vultuoso era a melhor palavra para descrever o batom rosa-choque, o busto avantajado e o pneuzinho de gordura que se formava acima da bermuda modeladora dela. Com uma risada estridente e a nuvem de cheiros e cigarros que a acompanhava quando entrava, ela não podia ser mais diferente da minha mãe.

Decidi que a chegada de Anne era uma coisa boa e tentei não me importar com as tentativas de elogios dela, colocando os dedos que logo ganhariam uma aliança no meu braço e me dizendo, em um sussurro confidencial, “Seu pai disse que não sabe o que teria feito sem você”, quando eu tenho certeza de que ele nunca havia dito algo assim.

Foi Anne que encontrou em uma de suas revistas um artigo sobre a síndrome de Asperger, que dizia que as pessoas pensavam que Albert Einstein sofria desse transtorno, o que foi inteligente da parte dela, pois deu a meu pai uma maneira de falar sobre o assunto, quase se gabando. Meu pai sempre gostou de contribuir com informações novas para as conversas.

CAPÍTULO 13

2001

Gus

Começou como qualquer outra manhã, ou talvez com um pouquinho mais de atenção ao relógio, porque era apenas a segunda semana da disciplina de clínica médica que passávamos no hospital, nos comportando pela primeira vez como médicos de verdade. Fiquei satisfeito por ter ficado na parte de emergências e acidentes, enxergando aquilo como um teste de vida ou morte tanto para mim quanto para os pacientes. Se eu não conseguisse lidar com pessoas feridas, então era melhor descobrir logo. Percebi que não sentia nojo quando examinei a mão esmagada de um operário e umas lesões supuradas no traseiro de uma velha que tinha sido encontrada com um roupão amarrado por um cordão em um apartamento em um conjunto habitacional cheio de jornais e pombos.

Agora, nem eu nem Lucy estávamos totalmente preparados para a pressão de estar sob o olhar das pessoas, agindo como se soubéssemos o que estávamos fazendo sem a válvula de escape do humor negro que rolava solto nos bares e cafés depois das autópsias com nossos colegas. Na primeira noite, nós dois chegamos exaustos em casa e teríamos ligado para o restaurante de comida indiana do bairro para fazer um pedido para entrega se Lucy não tivesse ponderado sobre nosso bafo na manhã seguinte com nossos pacientes já sofrendores. Então eu fizera torradas com queijo derretido.

– Como foi? – perguntou Lucy quando ambos desabamos no sofá.

– Ninguém morreu – contei a ela.

O clichê soava assustador para os estudantes de medicina. Eu estava cansado demais para entrar em detalhes.

Para minha surpresa, Lucy tinha achado o ambulatório pediátrico inesperadamente desafiador.

– O que eles não ensinam é que não se trata apenas de lidar com crianças,

tem que lidar com os pais. Teve esse pai que deu um chique enorme com o especialista enquanto eu estava sentada no corredor, do lado de fora, com a criança, fingindo não estar ouvindo os gritos... Eu não fazia ideia de como lidar com aquilo. Fui completamente inútil!

– Você não é inútil. Vai ser uma médica brilhante – tentei animá-la. – É sério, eu apostaria dinheiro nisso.

– Mesmo?

– Só 5 libras, obviamente.

Era fácil fazê-la rir, mas, na manhã seguinte, acho que eu estava mais animado para ir trabalhar do que ela.

No cruzamento com a Euston Road, demos um beijo rápido e, então, nossos caminhos se dividiram. Enquanto estava parado aguardando o semáforo fechar, observei Lucy se afastando, meio que esperando que ela fosse se virar e acenar para mim antes de desaparecer do meu campo de visão. Mas eu podia ver, pela rigidez do seu andar, que ela estava preocupada. Ela não se virou e meu braço, já meio levantado, retornou rápido para o lado do corpo.

É engraçado como uma imagem pode ficar gravada na sua cabeça. Agora, a lembrança de ficar parado ali em meio ao barulho incessante do trânsito de Londres, com a brisa fresca de setembro soprando em meu cabelo, observando minha namorada se afastar de mim, parece o momento da guinada na minha vida.

A emergência estava sempre movimentada: uma japonesa tinha desmaiado no metrô, mas não havia indícios de nada mais grave do que o fato de ela não ter tomado café da manhã; um bebê, que tinha ficado com a orelha alarmantemente inchada após ser picado por uma abelha no zoológico, tomou um anti-histamínico e agora estava em observação – a mãe dele fora instruída a marcar uma consulta com o clínico geral para pegar uma receita de adrenalina para o caso de picadas futuras –; um motoboy tinha sido diagnosticado com uma concussão, fizera um raios X e fora internado após ter caído da moto.

Durante meu intervalo, eu estava dando um chute leve na máquina de bebidas por não estar servindo café quando reparei em uma idosa sentada sozinha em uma cadeira de rodas perto da entrada onde as ambulâncias chegavam.

– Só estou esperando pelos paramédicos – esclareceu ela.

Depois de eu ter cometido o erro de perguntar, ficou difícil me afastar, porque ela era tagarela e, como boa parte dos idosos, ávida por se desculpar por estar causando problemas. Ela explicou que tinha ligado para a filha, que estava trabalhando, e lhe dissera para ligar para o número da ambulância. Não era algo que ela teria feito espontaneamente, já que não devia ser nada, apenas uma sensação esquisita no braço.

– Como assim, esquisita? – perguntei.

Será que aquela era uma pergunta médica?

– Bem, minha mão está gelada. E não está tão frio, não é?

Quando você está dentro de um hospital, perde a noção do tempo e da hora, mas me lembrei de que o sol estava brilhando quando Lucy e eu saímos a pé para o trabalho.

– Quando foi que percebeu isso? – insisti.

– Deve ter sido umas duas horas atrás... Meu braço ficou estranho de repente. E depois gelado. Parecia que eu não conseguia esquentá-lo. Foi a minha filha que disse para eu chamar uma ambulância. Eu me senti meio louca dizendo para eles “Olha, estou com o braço frio”, sabe?

– Você fez a coisa certa.

– Então você acha que é sério?

Minha tentativa inocente de reconfortá-la só a tinha alarmado. Para meu alívio, dois paramédicos apareceram.

– Tudo bem aqui, Sra. Collins?

– Eu estava apenas conversando com este médico atencioso. Ele acha que pode ser sério.

Os paramédicos me olharam com o desprezo que profissionais qualificados têm por estudantes de medicina.

– Vamos levar a senhora para a triagem agora. A enfermeira vai repassar todos os detalhes.

Fui chamado para anotar os detalhes de uma aluna de dança que tinha caído e torcido ou quebrado o tornozelo e, depois, tirei meu horário de almoço. Então, quando vi a Sra. Collins de novo, ela devia estar esperando fazia mais de uma hora.

– Como está o braço?

– Está muito branco...

– Já veio algum médico?

– Estou esperando por um. É bem movimentado aqui, não é?

O único motivo pelo qual eu conseguia pensar que alguém estaria com o braço frio e branco era a falta de circulação sanguínea na região. O que, na ausência de uma manga apertada ou um torniquete, indicaria uma artéria obstruída. E a única coisa que obstruiria uma artéria era um coágulo. E coágulos não eram bons.

Eu estava queimando os neurônios em busca de outra explicação. Quem era eu para achar que poderia saber mais do que uma enfermeira de triagem que atende pacientes há anos? Mas, mesmo assim, depois de ficar com a pulga atrás da orelha, não sosseguei mais. Fui até o balcão e perguntei qual era a situação da Sra. Collins, tentando dar a entender que a velha estava me importunando. A enfermeira checkou na tela e me disse que a Sra. Collins estava na fila de espera para ser atendida pela cirurgiã vascular.

– Ela foi informada de que é urgente?

Recebi uma olhada que dizia que eu estava indo além da minha competência, o que eu já sabia, mas, como já tinha decidido passar por encrenqueiro e causado o estrago, não estava disposto a recuar.

Na escola, eu nunca fora muito bom em competições de não piscar, e nunca, nunca consegui ganhar de Ross, mas estava decidido a fazer a enfermeira pegar aquele telefone. Ela apertou quatro teclas, então entregou o telefone a mim.

– Acho que é melhor você explicar.

Havia um quê de triunfo na voz dela.

– Sim?

Curta e grossa. E feminina.

– Oi... É... Sou estudante de medicina e posso até estar errado, mas acho que tem alguém aqui embaixo que você deveria ver com certa urgência...

– E por quê?

Eu estava no meio da explicação sobre o caso da Sra. Collins quando percebi que a médica já tinha desligado. Um sorriso torto brilhou no rosto da enfermeira.

Eu alertara a especialista. Era tudo o que podia fazer. Se fosse um coágulo, eu não era qualificado para receitar um anticoagulante, de qualquer forma. E, se não fosse e eu receitasse, havia o risco de hemorragia. Eu nem sabia aplicar medicação intravenosa direito. Isso tinha ficado comprovado em várias ocasiões em que tive que chamar uma enfermeira para me ajudar. No fim das contas, o que você se pega pensando é: *Se ela morrer agora, não vai*

ser minha culpa.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Não gosto dessa frase.

Parece tão digna e sincera, uma abreviação médica para *Já tentamos de tudo, demos nosso melhor, nós realmente nos preocupamos com o paciente em questão*, mas, na realidade, isso quase nunca é verdade. Não estou dizendo que médicos são preguiçosos ou que cometem erros deliberadamente, mas, em meio à correria, as coisas passam despercebidas ou são adiadas. Com muita frequência, a sobrevivência é apenas uma questão de sorte.

Fui até a entrada das ambulâncias para tomar um pouco de ar e fiquei parado em meio à fumaça de diesel sonhando em arrancar meu jaleco branco e sair correndo rumo a liberdade.

No meu primeiro ano de medicina, estava determinado a não decepcionar meus pais. No segundo, Lucy me convencera de que todo mundo tinha as mesmas preocupações e inseguranças que eu. No terceiro, à medida que outros estudantes da universidade se formavam e começavam a ganhar dinheiro, percebi que muito poucas pessoas realmente gostam do ofício que têm. Ao menos era possível ganhar bem sendo médico. Mas nunca consegui silenciar por completo a voz que gritava na minha cabeça sempre que eu estava sob pressão: *Não quero fazer isso!*

Quando estava voltando para o hospital, trombei com uma mulher bem magra usando jaleco branco, mas, ao contrário da maioria dos médicos, o dela estava todo abotoado. Curiosamente, não havia mais nenhuma peça de roupa visível além das meias pretas bem translúcidas, que podiam ser meias-calças ou meias sete-oitavos.

– Angus?

Ninguém, além dos meus pais, me chamava assim fazia anos!

– Charlotte!

– Dra. Grant para você!

Será que era uma brincadeira ou uma ordem? Provavelmente, um pouco das duas.

– Dra. Grant.

Sorri.

Ela, não.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei.

Estava claro que ela trabalhava no hospital, mas eu não a vira ali antes nem reparara no nome dela na equipe de emergência.

– Sou a cirurgiã vascular. Acabei de chegar e algum estudante idiota me disse para descer aqui. E você?

– Sou o estudante idiota.

Ela suspirou, impaciente.

– Está bem, então. Onde?

Eu a levei até a cama da Sra. Collins, afastando-me quando ela fechou a cortina. Nunca entendi direito o porquê desse procedimento, pois dá ao paciente uma falsa sensação de privacidade e deixa os vizinhos ainda mais ávidos por ouvir o que está sendo dito. Fiquei rondando, torcendo para aprender alguma coisa com a consulta tranquila e profissional de Charlotte.

–... certo, bem, Sra. Collins, o que nós vamos fazer é pedir que uma enfermeira coloque uma agulha no seu outro braço para injetar a medicação e aí vamos ver se conseguimos fazer esse braço melhorar logo.

A cortina se abriu antes do que eu esperava e senti como se tivesse sido pego espionando.

Pela voz dela, eu nunca saberia que Charlotte tinha considerado a situação qualquer coisa além de rotineira, mas a fúria dela se tornou óbvia quando saiu pisando duro em direção ao balcão das enfermeiras, ordenando, sem meios-termos, que elas aplicassem um soro com heparina na Sra. Collins quanto antes.

– Depois, quero que ela seja internada na minha enfermaria, fui clara? Quem era a responsável pela triagem dessa paciente?

A enfermeira no balcão se acovardou.

– Ela está em horário de almoço.

– Sorte a dela!

Mais uma vez, Charlotte se virou mais rápido do que eu pensava, fazendo que eu me sentisse como se a estivesse seguindo.

– Muito bem, Dr. MacDonald.

Ela me deu uma piscadinha e passou marchando por mim.

O aroma exótico de seu perfume perdurou por mais alguns segundos depois de ela ter desaparecido pelo corredor, promovendo um alívio fugaz do odor acre de desinfetante que nunca mascara totalmente o cheiro de septicemia e merda que impregna a emergência.

No final do dia, havia alguns garotos com lesões diversas de futebol, mas

a leve calma que geralmente ocorria no começo da noite antes de o setor começar a se encher de pacientes com problemas relacionados ao álcool não aconteceu naquele dia porque houve um engavetamento que feriu dezessete pessoas, uma fatalmente.

Às 17h me disseram que meu turno seria estendido e só tive tempo de ligar para Lucy. Tínhamos comprado celulares quando percebemos que iríamos trabalhar em lugares diferentes. É estranho lembrar uma época em que os celulares não eram conectados à internet e nós só os levávamos para usar em caso de emergência. Não era permitido fazer ligações no hospital, então fiquei parado na entrada das ambulâncias, ouvindo os gritos das sirenes.

Eu achava que não sentia nojo até ver pessoas com o rosto todo queimado. Por mais estranho que pareça, o horror não me fez querer ir embora, porque eu sabia que podia ajudar. A adrenalina impulsiona você. E você faz o que precisa fazer. Vive no presente. Só tive tempo para uma pausa entre a chegada de uma ambulância e outra. Parado no mesmo lugar onde antes eu tinha desejado ir embora, me peguei pensando: *Eu amo esse trabalho!*

Foi naquela noite que comecei a fumar. É de pensar que médicos não fumam, mas não é assim que funciona. Quando você testemunha diariamente quanto a vida é tênue, não parece ligar tanto assim para a vaga noção de saúde no futuro. Eu tinha fumado na escola. Você tinha que fumar se não quisesse ser rotulado de fracote. Então, quando o enfermeiro que estava parado ao meu lado me ofereceu um cigarro, pareceu um ato de solidariedade aceitar.



Só consegui sair do hospital depois das 23h, após ter me mantido alerta por dezesseis horas ininterruptas. Não estava cansado, mas teria voltado direto para o apartamento se não tivesse encontrado Charlotte na entrada do hospital.

– Angus – disse ela. – De novo!

Não sabia se o novo encontro era bem-vindo ou irritante.

O turno dela também tinha acabado de terminar.

– Como está a Sra. Collins? – perguntei.

Tudo aquilo parecia ter sido muito tempo atrás. Eu tinha vivido muitas vidas desde então.

– Acho que conseguimos salvar o braço dela – disse ela. – Foi meio que um milagre você ter me ligado na hora que ligou, na verdade. Minha colega não tinha sido alertada da urgência da situação.

Fiquei me perguntando se ela a estava acobertando.

– Então, está gostando? – perguntou, caminhando um pouquinho à minha frente e inclinando a cabeça para trás de leve para conversar.

Um cardigã de caxemira cinza estava jogado casualmente sobre uma regata preta e uma saia que encobria as pernas envoltas nas meias pretas até pouco acima dos joelhos. Os saltos dela faziam barulho na calçada.

– “Gostando” provavelmente não é a palavra certa...

– O acidente? – A notícia obviamente tinha se espalhado rápido. – Foi feio?

“Feio” parecia uma palavra infantil para as lesões que eu tinha visto.

– Bem feio.

Tínhamos chegado ao cruzamento com a Tottenham Court Road. Ela ia para o sul e eu, para o norte.

– Você tem que ir a algum lugar? – perguntou Charlotte de repente. – Acho que está precisando de uma bebida.

Era mais um diagnóstico do que uma oferta. Será que havia alguma regra quanto a socializar com os médicos formados? Aquela era a Charlotte, disse a mim mesmo. Eu a conhecia desde os meus 13 anos.

Olhei para o relógio. Os bares tinham fechado há muito tempo.

– Não sei aonde iríamos – falei.

Ela soltou uma risada leve.

– Vamos para o meu clube – disse, erguendo o braço para chamar um táxi que se aproximava e que eu nem tinha visto.



O clube era um daqueles *lounges* chiques do Soho em que só entravam sócios, com câmeras na porta e pessoas descoladas na recepção. Estava lotado de figuras sofisticadas na casa dos 20 e 30 anos.

– A maior parte das pessoas que consegue entrar aqui é da mídia – Charlotte me disse enquanto abríamos caminho pela multidão. – Mas conheço uma pessoa da diretoria.

Será que essa pessoa era homem ou mulher? Fiquei tentando adivinhar enquanto mantinha os olhos no cabelo negro num coque frouxo à minha frente. Homem, decidi. Charlotte era intimidadora demais, não era do tipo que andava com um bando de amigas, como Lucy. Meus olhos deram uma geral no bar, a arte contemporânea nas paredes, o balcão da cozinha onde os chefs estavam trabalhando, os pratos especiais do dia anotados em um quadro-negro – ravióli de abóbora com sálvia, barriga de porco assada, chicória refogada –, tentando assimilar todos os detalhes para que pudesse descrever com perfeição esse mundo de festas noturnas que eu nem sabia que existia.

– É sempre assim?

Tive que gritar para ser ouvido.

– Acho que hoje está um pouquinho mais caótico que nos outros dias – respondeu Charlotte.

Atravessamos aos empurrões um salão onde as pessoas estavam assistindo a um filme que, inicialmente, supus ser um daqueles de desastre em uma TV de plasma enorme.

Parei por um instante e percebi que as imagens eram de um canal de notícias americano, a mesma gravação repetidas vezes de um avião voando por cima das cabeças de uns bombeiros e atingindo as torres do World Trade Center em cheio. Depois, uma imagem demorada das duas torres: de uma saía fumaça; da outra se aproximava um avião, tão pequeno e preto quanto um passarinho, que se seguia diretamente para ela.

– Caramba! – disse o repórter quando a torre foi atingida.

– O que está acontecendo?

Charlotte franziu a testa para mim, como se pensasse que eu estava brincando, e então percebeu que minha perplexidade era real.

– Meu Deus, você deve ser a única pessoa do planeta que não sabe. Acha que está frio demais para ficar lá fora?

– Não, vamos...

Charlotte me guiou por um lance estreito de escadas com uma porta no alto que dava para um terraço com luzes fracas e móveis de jardim luxuosos. O ar noturno era refrescante depois do calor suado dos bêbados.

Uma garçonete se aproximou quando nos afundamos nas almofadas fofas de linho de um sofá de canto de junco.

– Querem beber alguma coisa?

– Vou querer um martíni de Grey Goose, bem seco, com uma casquinha de limão.

– Dois, então – falei quando a garçonete se voltou para mim.

Grey Goose, no fim das contas, era vodca, sem dúvida uma marca caríssima. A pontada de ansiedade sobre quem iria pagar a conta quando a primeira rodada chegou foi aliviada pelo bálsamo da segunda. Os martínis estavam viscosamente gelados e o relaxamento foi tão imediato que era a coisa mais próxima que eu conseguia imaginar de injetar morfina.

Enquanto Charlotte contava tudo que sabia sobre o que tinha acontecido em Nova York, fumei meu segundo cigarro do dia. Ela fumava Marlboros vermelhos. Eu me lembro de pensar em como ela era petulante. Nada de Silk Cut ou Marlboro Light. Tudo que dizia respeito a ela era descolado, pensei, tentando não ficar olhando para seus lábios.

– Fico surpresa por eles não terem fechado o espaço aéreo de Londres – disse ela.

Nossos olhos seguiram as luzes dos aviões que desciam silenciosamente na direção oeste, pelo céu noturno, a caminho do aeroporto de Heathrow.

– Você acha que o mundo vai acabar? – perguntou.

Lembro-me de pensar: *Que bela maneira de morrer, se acabar!* Tomando drinques com Charlotte, no universo de um terraço mágico de pináculos e pórticos barrocos que não podiam ser avistados da rua. Ross ficaria perplexo se pudesse me ver conversando com ela ali, até a fazendo rir de vez em quando. E bem furioso...

– Há quanto tempo você é sócia daqui? – perguntei.

Ela analisou a pergunta.

– Acho que há uns dois anos.

Não com Ross, então.

Notei que ela só fumava seus cigarros até a metade, depois os apagava obstinada, como se dissesse a eles – e a si mesma – que não precisava de mais.

– E a pessoa que você conhece da diretoria?

Eu estava naquele estágio da bebedeira em que conseguia ouvir minha voz mas era como se outra pessoa estivesse falando.

Ela se espreguiçou como uma gata nas almofadas.

– Você não está tentando levantar meu histórico pessoal, não é, Dr. MacDonald?

– De jeito nenhum!

– Você vai sempre ao teatro? – perguntou.

Uma mudança tão grande de assunto me fez cogitar se eu teria perdido alguma parte importante da conversa.

– Nunca – respondi.

– Ah. É só que, da última vez, você disse que tinha ido ao Teatro Nacional.

Da última vez? Ela estava falando daquele primeiro Natal depois de Ross? Tinha sido há quase quatro anos. Eu era apenas um menino, todo entusiasmado com Londres. Não acreditei que ela havia se lembrado.

–... então eu supus...

– Sim, bem, ainda gosto de teatro – respondi. – Só que nunca vou.

– Devíamos ir ver algo – disse ela.

Olhei para a taça de martíni vazia dela e vi que não era o único que estava falando coisas sem sentido. Será que ela estava flertando comigo?

– Mais um? – perguntou ela.

– Por que não?

Eu agora tinha chegado àquele estágio da bebedeira pouco antes de o esquecimento se instalar, quando você se sente totalmente no controle.

Não consigo me lembrar de quantos mais tomamos ou de como a conta foi paga ou sobre o que conversamos antes de eu me encontrar caminhando com ela, passando pela cabana tudoriana inútil no meio da Soho Square, atravessando a Oxford Street deserta e andando por uma rua paralela até a Tottemnham Court, que era ladeada por restaurantes gregos e pizzarias, todos fechados.

– Charlotte Street...

Li a placa da rua em voz alta, me perguntando, não pela primeira vez, se estava sonhando.

– Sim. Perfeito, não é? – disse ela, com sua risada jovial e desavergonhada. – Moro aqui.

Ela apontou para uma porta ao lado de uma banca de jornal.

Eu me lembrava vagamente de ela ter me contado, no decorrer da noite, que tinha se mudado de Battersea para ficar perto do hospital, mas meu

cérebro levou um instante para recordar.

– Quer subir para um café?



Era um *studio* no último andar, com armários embutidos e uma trapeira com uma porta francesa que dava para um pequeno terraço.

– Sente-se – instruiu Charlotte, indo colocar a chaleira no fogo.

A cozinha minúscula era baixa demais para eu ficar em pé.

O único lugar para sentar era uma pequena mesa redonda com duas cadeiras de madeira curvada, ou a cama queen size, que estava coberta por uma colcha branca pesada de algodão e renda. Havia um lustre dependurado no teto, de flores de vidro colorido. O estilo da sala lembrava um daqueles antiquários exclusivos dos becos do boulevard Saint-Germain, o tipo de lugar que não parece aberto ao público.

Charlotte retornou com duas xícaras de porcelana diferentes.

– É apenas temporário, na verdade, mas venha dar uma olhada na vista.

Ela passou por mim para abrir a porta francesa.

De um lado, a BT Tower, bem perto e bem grande; do outro, telhados, surpreendentemente escuros para serem tão próximos do centro de Londres. Havia uma quietude quase suburbana ali que não existia no terraço no Soho, apenas com o suspiro e o tilintar dos trens sendo acoplados nas ferrovias de Euston, que nós conseguíamos ouvir do nosso apartamento quando deixávamos a janela aberta, no verão.

– Olhe – falei –, acho que já está na hora de eu ir para casa.

– Ah...

Não “Está bem”. Apenas “Ah”...

O terraço era tão pequeno que eu conseguia sentir o aroma do vapor de camomila que subia da xícara dela se misturando a uma rajada poderosa de seu perfume. Será que ela tinha acabado de se perfumar? Por que ela faria isso? Será que gostava de mim? É claro que não! Não nesse sentido. Então, será que tudo isso era uma piada? Lá embaixo, na rua, minha mente estava bem lúcida. Eu achava que tinha queimado a vodca com a caminhada. Mas agora, reativado pelo café escuro e quente, o álcool parecia ter ganhado um novo impulso. Eu estava trêmulo, quase assustado, porque, de alguma forma,

sentia que se me virasse na direção dela, mesmo que só um grau, eu ficaria em apuros.

Foi ela quem se mexeu: entrou no apartamento, chutou os sapatos para longe, sentou-se na cama e apontou o controle remoto para a TV.

– Meu Deus! – exclamou ela.

– O quê?

Então me acomodei na cama ao lado dela.

Na TV, imagens das torres gêmeas desabando – aquelas torres enormes e simbólicas desmoronando e virando ruínas – e pessoas correndo nas ruas, perseguidas por um tsunami monstruoso de poeira e escombros, imagens que significavam que o mundo nunca mais seria o mesmo.

Nós dois ficamos com os olhos grudados na tela, em silêncio, e então Charlotte se virou para mim, o medo deixando seu rosto ainda mais bonito, e eu soube, de repente, que podia. E logo estávamos nos beijando, os olhos bem fechados, como que para suprimir a realidade, enquanto arrancávamos as roupas um do outro.

Eram meias sete oitavos, daquelas com uma faixa larga de renda em torno das coxas.

Transar com a Charlotte foi tão surreal e excitante quanto comer uma estrela de cinema. Seu corpo flexível, sua boca faminta, a atitude deliberada de se render à tentação, me levando a um lugar no auge do prazer e de uma dor deliciosa onde eu nunca tinha estado antes, nem sequer sabia que existia.

Fiquei deitado esparramado com a namorada esbelta e deslumbrantemente linda de meu irmão grudada no meu peito, incapaz de acreditar no que tinha acontecido e sem querer me mexer para que a fantasia não se dissolvesse de repente e se transformasse em um constrangimento pegajoso.

Charlotte finalmente ergueu o rosto do meu peito, seus lábios marcados dos beijos, seu longo cabelo escorrendo bagunçado pelos ombros.

– É, você cresceu – disse ela.

Não ousei abrir a boca.

Ela saiu de cima de mim, tirando meu braço para poder deitar ao meu lado.

– Sabe de uma coisa? – Ela pegou minha mão e a guiou por entre suas pernas. – Acho que ainda tem mais.

Pecar é como mentir. Depois que você fez uma vez, não parece mais

pecaminoso pecar de novo.

Na primeira vez, minha mente estava tão focado em tentar sentir o que ela queria que mantive os olhos fechados. Dessa vez eu vi o momento maravilhoso em que ela entrou em êxtase, e eu não queria que acabasse nunca, meus dedos molhados dela, minha cabeça repleta de seus ofegos.

– Obrigada – disse ela depois.

O que é que eu deveria dizer? Não falei nada.

– Você ficou bonito. Sabia disso? Definitivamente melhorou com a idade.

– Como queijo?

– Ou vinho – retrucou ela, rindo.

Tentei pensar em alguma coisa para lhe dizer, mas todos os elogios que eu ensaiava na minha cabeça pareciam estúpidos ou sem graça. Eu não queria ser desarmado nem desprezado.

– Preciso ir...

Dei um beijo na pontinha fofa do nariz dela.

– Mesmo?

Ela puxou o lençol, cobrindo os pequenos seios redondos e perfeitos.

Será que ela ficou um pouco irritada porque eu estava indo embora? Porque era eu quem tinha dito aquilo, e não ela?

– Mesmo – respondi.

Ela ficou assistindo a eu me vestir.

– Nos vemos por aí, então – falei.

Ela não disse nada.

Saí do apartamento sozinho e desci correndo os quatro lances da escadaria estreita.

Estava amanhecendo enquanto eu caminhava para casa. Fui direto para o banheiro, enchi a banheira e fiquei deitado na água purificante, sem acreditar no que tinha feito.

Tinha sido o acidente.

Tinha sido a vodca.

Tinha sido o apocalipse em Nova York.

Nunca mais aconteceria de novo.

Então, quanto eu iria contar a Lucy? Comecei a me dar conta de que em um instante de pura bebedeira eu tinha posto em risco toda a minha vida. O estranho era que até então eu não estava me sentindo culpado, porque Charlotte era algo totalmente separado da minha vida com Lucy. Se eu tinha

traído alguém, fora Ross.

Será que eu deveria confessar tudo e resolver isso de uma vez? Tinha quase certeza de que Lucy me perdoaria se eu explicasse. Ou será que não? Para que magoá-la? Nunca mais aconteceria de novo. Eu não tinha encontrado Charlotte até então, então era improvável que a visse de novo. E, se nos víssemos, ela iria se comportar como se nada tivesse acontecido. Nós dois iríamos. Ela já devia estar arrependida. Foi um lapso na linha do tempo de nossas vidas. Uma onda do passado que tinha se expandido até o presente, quebrado com força e recuado.



Enquanto eu me secava, comecei a pensar no que iria falar. Nada sobre o sexo, então nada sobre o apartamento na cobertura, nada sobre o clube e nada sobre Charlotte. Fechei a mão em concha em frente à boca, tentando sentir meu hálito, e me perguntei se conseguiria não falar sobre o álcool. Não. No meu relato dos acontecimentos, talvez eu colocasse uma garrafa de vodka nas mãos do enfermeiro que tinha me dado um cigarro. Tinha sido um dia traumático, nós precisávamos de uma bebida depois do trabalho.

Deitei-me no sofá da sala de estar e, quando Lucy me acordou, duas horas depois, de um sono profundo e sem sonhos, nada do que acontecera na noite anterior parecia ser nem de longe real.

– Foi muito atencioso da sua parte dormir aqui – disse ela, me presenteando com uma xícara de chá quente. – Mas eu sinceramente não teria me importado em ser acordada.

Então não falei absolutamente nada.

Minha cabeça estava ótima, mas eu estava trêmulo e um pouco suado, como se estivesse transpirando vodka. O nível de álcool na minha corrente sanguínea ainda devia estar mais alto do que qualquer nível aceitável para atender pacientes, mas eu não podia, de jeito nenhum, ligar avisando que não ia trabalhar porque estava doente na minha primeira semana, então fiz torradas e ovos mexidos com muita manteiga para o café da manhã, enquanto Lucy comia uma tigela de cereais.

– Não é horrível? – disse ela enquanto ouvíamos as notícias no rádio.

– Inacreditável – respondi.



Pelo resto do dia, minha ressaca permaneceu a apenas um passo das palpitações. Quando meu plantão terminou, saí imediatamente, fui direto para o apartamento e peguei no sono bem antes de Lucy chegar em casa. Acordei antes do amanhecer e decidi sair para correr, pela primeira vez na semana, e, quando voltei, tomei banho, fiz panquecas para o café da manhã e pareceu que todas as partes de mim que tinham se despedaçado haviam sido reunidas de novo.

Combinamos ir à casa dos pais de Lucy em Broadstairs no fim de semana se o tempo continuasse bom. Ao se afastar de mim na Euston Road, Lucy ergueu o braço e acenou. O mundo não tinha acabado. Tudo estava bem e normal. Prometi a mim mesmo que nunca mais iria tomar martínis, de Grey Goose ou de qualquer outra coisa.

No meio da tarde, estava auscultando o peito de um menininho com um estetoscópio, o que ainda me dava uma euforia infantil, quando meu pager apitou. Eu o ignorei enquanto falava com a mãe do menino. O peito dele parecia limpo, então precisávamos investigar a possibilidade de asma. O alarme estampado no rosto dela me fez lembrar o que Lucy estava dizendo sobre lidar com os pais. Adultos geralmente são bem mais corajosos ao ouvir os próprios diagnósticos do que ao ouvir os de seus filhos. Pedi à mãe e à criança que aguardassem na sala de espera e fiz minhas anotações.

Meu pager apitou de novo. A mensagem dizia que havia uma mensagem no telefone interno para mim.

– Tem cinco minutos, Dr. Macdonald?

O tom brusco de Charlotte me fez pensar de imediato que eu devia ter feito algo errado.

– Encontro você no sétimo andar – disse ela.

Os elevadores eram notoriamente lentos, então peguei as escadas, que me permitiram observá-la com seu jaleco todo abotoado e suas meias sete oitavos por um ou dois segundos através do vidro no patamar da escada. Havia um ar de impaciência em torno dela, enquanto ela mudava o peso do corpo de um pé para outro, checando o relógio.

– Dra. Grant?

– Dr. Macdonald – disse ela, virando-se quando a surpreendi. – Tem uma coisa sobre a qual eu gostaria da sua opinião. Venha comigo.

Ela me guiou de volta pela porta até as escadas, mas, em vez de descer até as enfermarias, subimos mais um lance, até outro patamar onde havia uma saída de emergência para o telhado. Apoiando-se na porta, ela pegou minha mão e a colocou debaixo de seu jaleco.

Eu podia ouvir o burburinho de pessoas correndo para cima e para baixo nos andares inferiores e os zumbidos do elevador. Quando ela começou a soltar ofegos rápidos e fortes, eu instintivamente tapei sua boca com a outra mão para cessar o barulho, o que a deixou ainda mais louca. Abrindo meu zíper com furor, ela enrolou as pernas no meu corpo, afundando os saltos pontudos dos sapatos no meu traseiro, sem me dar alternativa a não ser projetar os quadris para a frente e me aliviar dentro dela enquanto ela cavalgava em ondas de prazer.

Eu nunca tinha feito em pé. Nunca tinha feito vestido. Nunca tinha feito em um hospital ou em um patamar de escada ou contra uma parede com uma sinalização de emergência com aquele homem verde correndo diante dos meus olhos. Parecia vulgar. Errado. E fantástico.

Ficamos parados agarrados um ao outro, respirando no pescoço um do outro até ela me afastar. Fechei o zíper e a observei pentear o cabelo com os dedos, ajeitar o coque e alisar o jaleco.

– Você não usa nada debaixo disso? – perguntei.

– Não faço isso o tempo todo, se é o que está pensando.

Não era. Mas agora era. E eu não sabia se isso tornava as coisas melhores ou piores.

– Não posso fazer isso – falei. – Tenho namorada.

– E isso é um problema porque...?

– Eu a amo – respondi.

Ela ergueu as sobrancelhas bem de leve. O suficiente para fazer eu me sentir um hipócrita.

– Bem, que pena – disse Charlotte. – Somos bons juntos.

Ela ergueu o braço para tocar no meu rosto, o carinho da mão dela na minha face quase tão íntimo quanto qualquer outra coisa que tínhamos feito. Então tive que beijá-la de novo. Ela beijava bem demais, de um jeito lento, tentador e muito sensual.

– Você é maravilhosa – falei.

– Você também – disse ela. – Você é o melhor, Angus. O melhor de todos.

CAPÍTULO 14

2002

Tess

Em nosso aniversário de três anos de namoro, Dave me surpreendeu com um fim de semana em Londres. Ele combinou para Hope ficar na casa de Anne, onde meu pai estava morando agora, e tinha pedido a Doll uma indicação de onde poderíamos ficar, tudo sem eu saber. Pegamos um trem cheio de torcedores do Arsenal que já estavam bebendo cerveja às nove da manhã, então Dave se divertiu um bocado comparando estatísticas e prevendo o placar. Quando chegamos a Londres e todas as camisas alvirrubras seguiram felizes na direção do metrô, eu sabia que Dave teria adorado ir com eles para o jogo.

Aparentemente, Doll tinha se oferecido para pagar o Hilton para nós. Fiquei aliviada por Dave não ter aceitado, apesar da generosidade dela. Só que o hotel que ele tinha escolhido em Southampton Row era meio sucateado e impessoal, então fiquei um pouco decepcionada. Nosso quarto tinha vista para um poço sujo no meio do prédio, para onde os dutos de ventilação da cozinha emitiam lufadas de bacon.

– Não vamos passar muito tempo aqui dentro mesmo, não é? – Tentei ver o lado positivo. – É tão excitante! Nunca passei a noite em Londres. E as flores são lindas.

Dave tinha ligado com antecedência para pedir rosas brancas no quarto, que era o que ele sempre me dava no nosso aniversário de namoro porque eram as flores usadas naquele casamento em que demos nosso primeiro beijo, por isso nunca mencionei que tínhamos colocado rosas brancas no caixão de minha mãe.

No almoço, comemos um sanduíche e tomamos um *cappuccino* no Costa Café, o que ainda era uma regalia naquela época, antes de todos os outros cafés terem uma máquina de *espresso* e um espumador de leite. Dave disse

que eu é que decidiria o que faríamos durante o resto do dia, já que eu tinha mais familiaridade com Londres.

– Que tal o London Eye? – sugeri, sabendo que era uma das coisas que ele queria fazer.

– Mas vamos perder a tarde na fila... – disse ele, insistindo que ficaria mais que feliz em passear pelos lugares aonde eu e Doll costumávamos ir.

Mas, quando passamos por um pub no caminho para o metrô, pude vê-lo quebrando o pescoço para pegar um relance do jogo na Sky Sports.

– Por que não nos encontramos no hotel mais tarde? – ofereci.

– Tem certeza?

Caminhei direto até a ponte Waterloo e ao longo da beira do rio até o Tate Modern.

Uma escultura enorme, vermelho-sangue, de Anish Kapoor, preenchia o vasto espaço do Turbine Hall, como um Boeing 747 em um hangar de aeronaves. Para mim, parecia um órgão humano gigante, o que meio que fez sentido quando li que o título era *Mársias*, uma figura mitológica que foi esfolada.

Nas galerias, passei um tempão olhando para uma colagem de Matisse chamada *O caracol*. A espiral de cores fortes me passou uma sensação de contentamento tão intensa que fiquei feliz pelo fato de Dave não estar ali dizendo que poderia ter pintado aquilo quando tinha 4 anos, que era o que ele sempre comentava quando havia algo sobre arte moderna no noticiário, como o preço recorde que um Picasso atingiu em um leilão, apesar de eu ter lido que o próprio Picasso disse que tinha passado a vida toda aprendendo a pintar como uma criança.

No saguão do lado de fora da galeria havia uma pequena exibição de reproduções de *O caracol*, de Matisse, feitas por crianças usando papéis coloridos picados em uma folha de papel A4 em branco. Era incrível como todas as obras eram diferentes. Algumas eram muito boas; outras, apesar de conterem exatamente os mesmos elementos, não. Fiquei me perguntando o que Picasso acharia daquilo. Comprei um cartão-postal da obra na loja de souvenirs, pensando que a turma de Hope podia tentar algo parecido na aula de artes.

Havia pôsteres divulgando palestras gratuitas na galeria durante a semana, à noite. Se morasse em Londres, pensei, eu poderia frequentá-las e aprender sobre arte e, no verão, tentaria conseguir aqueles ingressos

superbaratos para os concertos e aprenderia sobre música clássica. Havia muitas programações acessíveis, mesmo se você não fosse estudante.

Parada na ponte instável, eu conseguia ver o teatro Globe de Shakespeare e a casa onde Sir Christopher Wren morou enquanto construía a catedral de St. Paul e todo o trajeto até a Tower Bridge. Atravessei para a área norte do rio e peguei um ônibus que seguia pela Fleet Street até a estação de Aldwych. No caminho até o Covent Garden, parei em frente à fachada majestosa da Royal Opera House, suas colunas frisadas de estuque creme banhadas pela luz dourada. Nas paredes externas, havia anúncios emoldurados da nova temporada de balé.

Algumas semanas atrás, Kev enviara a programação de um espetáculo. Eu não entendera por que – ele participara de muitas apresentações e nunca tinha enviado a programação antes – até encontrar o nome dele no elenco. O primeiro solo da vida dele. Junto com a programação, ele também anexara um cartão-postal do Empire State Building, com os dizeres *Quando vocês vêm nos ver?* rabiscados na parte de trás. Eu havia prometido a Hope muito tempo atrás que nós iríamos a Nova York e tinha guardado dinheiro quase suficiente quando aconteceu o 11 de setembro, que fez todo mundo desistir de pegar avião. Seria tão incrível ver a performance dele no palco que eu sabia que precisava criar coragem enquanto Hope ainda tinha idade para pagar a tarifa infantil.

A multidão que se dirigia à ópera refletia a opulência do saguão. Quem quer que tenha dito que as mulheres nunca podem ser ricas demais ou magras demais provavelmente era um frequentador de ópera. Enquanto alguns homens usavam gravata-borboleta, as mulheres ostentavam aquelas pequenas *clutches* encrustadas que a gente vê nas revistas e cambaleavam sobre sapatos de salto que nunca seriam encontrados na Clarks. Eu me juntei a eles e subi o tapete vermelho da escadaria.

À minha direita ficava o salão Crush, onde havia pessoas jantando antes do espetáculo debaixo de lustres de cristal reluzente que se refletiam no espelho enorme nos fundos do salão, fazendo com que ele parecesse um corredor purpurinado infinito; à minha esquerda, um enorme salão estilo conservatório ecoava com o burburinho de pessoas ricas bebendo champanhe.

Escapuli por uma porta que me levou a uma escadaria vermelha que dava em um corredor curvo ladeado por portas de madeira e, ao abrir uma delas,

deparei com a antecâmara escura de um camarote, onde havia ganchos para pendurar casacos. Ao entrar na área das poltronas, sentei-me e admirei o auditório amplo e vazio, as fileiras decoradas com belas lampadinhas e arabescos dourados e, lá embaixo, as pesadas cortinas de veludo carmesim com bordas de ouro e bordadas com as iniciais da rainha. Deve ser preciso coragem para subir no palco com milhares de espectadores observando você. Não era de admirar que Kev fosse tão estressado.

Pulei quando a porta do camarote se abriu.

– Oh, me desculpe – disse um homem alto, afastando-se.

– Não, só estou olhando – murmurei, passando rapidamente por ele e por sua companheira com os olhos abaixados, como se tivesse me aventurado em uma loja chique onde eu não podia comprar nada.



Dave não ficou muito a fim de provar nada nos restaurantes de Chinatown, que exibiam patos assados e salsichas de aspecto duvidoso dependurados nas vitrines, então pegamos uma mesa ao lado da janela no Aberdeen Steak House, onde você sabe o que está comendo e vem comida pra caramba, incluindo aquele cogumelo enorme com chapéu achatado, anéis de cebola, todas essas coisas.

Eu adorei observar os diferentes tipos de pessoa que passavam com pressa: grupos de adolescentes estrangeiros com mochilas parecidas; famílias com crianças choronas que tinham ficado o dia inteiro em pé; chefs que tinham escapado da cozinha para fumar um cigarro; casais jovens em seu primeiro encontro e casais antigos que tinham se tornado rabugentos um com o outro.

– Aposto que eles perderam o começo do espetáculo e ela ficou furiosa porque comprou os ingressos meses atrás – falei sobre o casal que estava discutindo do outro lado da janela.

– Você os conhece? – perguntou Dave.

– É claro que não!

– Você é estranha às vezes, sabia?

O garçom anotou nossos pedidos e trouxe taças do vinho branco da casa para acompanhar o coquetel de camarão.

– Isso que é vida! – exclamou Dave. – Saúde!

Brindamos.

Ele se debruçou na mesa.

– Consegue acreditar que já se passaram três anos?

As pessoas sempre dizem que são as mulheres que pressionam para assumir um compromisso, mas, no nosso relacionamento, era mais Dave. Eu sempre ficava um pouco nervosa quando ele começava a falar sobre “nós” porque ele era meu primeiro namorado, o único homem com quem eu havia transado, mas ainda não tinha certeza absoluta de que era com ele que eu queria dividir a minha vida. Meu repertório amoroso tinha vindo de romances literários e todas as minhas heroínas tiveram que sofrer incompreensões e angústia em sua busca pelo amor verdadeiro: Bathsheba Everdene e Gabriel Oak, Dorothea Brooke e Will Ladislaw, Meggie e Ralph de Bricassart – nenhum desses relacionamentos foi fácil como o meu e o de Dave. Não me leve a mal – eu gostava muito dele e passávamos um ótimo tempo juntos. Ele era bonito e generoso e, de vez em quando, como nesse fim de semana, me surpreendia com sua atenção, mas eu não tinha certeza se estava pronta para o próximo passo e, às vezes, suspeitava de que era nesse caminho que ele estava seguindo.

É difícil ficar desviando do assunto quando você está sentada cara a cara a uma mesa e ele está decidido a comer da entrada à sobremesa. Tagarelei sobre os transeuntes e o filé – será que era a qualidade da carne ou a afiação da faca que fazia com que cortá-la fosse tão fácil? –, pedi uma taça de vinho tinto para acompanhar e encorajei Dave a pedir também. Como tinha passado a tarde toda tomando cerveja, ele migrou rapidamente do sentimentalismo para um relato detalhado de como um pênalti injusto tinha sido marcado a favor do rival do time dele.

Quando deixamos o restaurante, deparamos com o público que saía do teatro rindo e cantando trechinhos do musical *Mamma Mia!*, que estava sendo exibido. Um clima de celebração se misturava ao aroma delicioso das castanhas que os vendedores assavam com caramelo, que eu nunca tinha provado porque sempre achei que o gosto devia ser decepcionante, como o do próprio café.

– Hope iria adorar isto aqui.

Hope estava sempre conosco, mesmo quando não estava.

– Podemos trazê-la para ver um musical no Natal, se você quiser –

sugeriu Dave.

Eu não tinha certeza se valia o gasto. Quando nós a tínhamos levado para ver a pantomima nos Jardins de Inverno, ela tinha cantado tão alto junto com o protagonista – um comediante famoso por seus improvisos – que este a tinha convidado para subir no palco e cantar com ele. Ela estava usando um vestidinho de verão amarelo com meia-calça grossa roxa, roupa que ela própria havia escolhido por ser durante as festas de fim de ano, e tinha uma touca de Papai Noel com luzinhas na barra branca na cabeça. O ator conseguiu por pouco manter o equilíbrio entre se divertir e fazer comédia, mas tinha sido um parto fazer Hope sair do palco e provavelmente criara um precedente perigoso. Ninguém toleraria aquele tipo de comportamento em Londres.

De volta ao quarto do hotel, Dave ligou na BBC para assistir ao programa esportivo, enquanto eu fui tomar um banho. Só tínhamos uma banheira em casa, então um chuveiro era meio que uma regalia. Parada em pé debaixo do jato poderoso, com a água escorrendo pelas minhas costas e o vinho ainda enevoando meu cérebro, dei um pulo quando Dave abriu a porta do box e se juntou a mim.

Eu ainda sentia um pouquinho de vergonha de ficar nua com as luzes acesas. O corpo de Dave era robusto e forte. Ele afirmava ter 1,79 metro, assim, tecnicamente, era mais alto que eu, mas sempre me sentia meio exposta ao lado dele sem minhas roupas, como se meus braços e minhas pernas fossem, de alguma forma, um pouco longos demais. Eu nunca sabia se devia olhar para ele de cima a baixo do modo carinhoso como ele fazia comigo. Os homens não se importam muito com isso, não é? E parece pessoal demais, de alguma forma. Dave me beijou. Primeiro um selinho. Depois, com os gemidos ficando mais longos e mais intensos, ele pressionou o corpo contra o meu no cubículo do box, sua ereção cada vez mais rígida espetando o meu umbigo. Havia um brilho nos olhos dele, uma mudança sutil de afeto para urgência. Ele queria fazer, bem ali, com a água escorrendo pelos nossos corpos. Ao tentar me apoiar um pouco nos azulejos com as costas enquanto ele me erguia, acabei mudando a temperatura da água de quente para escaldante sem querer.

– Cacete!

Dave girou o controlador de temperatura para o outro lado, deixando a água gelada.

Então tivemos que desligar o chuveiro, o que acabou com o clima.

– Não é como nos filmes, certo?

Dave riu.

Era uma das frases que ele dizia e eu sabia que era para ser engraçada e compreensiva, então ri também, mas sempre me fazia sentir como se eu não fosse muito boa de cama.

Dave me enrolou em uma grande toalha branca, pegou-me no colo, carregou-me de volta para o quarto e se deitou ao meu lado. Eu me sequei o melhor que pude, fazendo um turbante com a toalha na cabeça para que meu cabelo não encharcasse o travesseiro.

Dave montou em cima de mim e me deu outro beijo longo.

Ele era muito delicado, mas eu ainda estava um pouco tensa quando ele começou a acariciar meus seios, meio que esperando que ele fosse encontrar algo que eu tinha deixado passar. Fiquei deitada ali, prendendo a respiração, como se ele fosse um especialista em desarmar bombas analisando o terreno em busca de minas não detonadas.

Dave sempre se preocupava em me agradar, mas, às vezes, eu queria dizer a ele: “Acabe logo com isso, não me importo.” Em vez disso, eu gemia e suspirava no ouvido dele, como se fazia, afinal, nos filmes.

A parte de que eu mais gostava era ficar deitada nos braços dele depois, toda aquecida e contente, sabendo que o tinha satisfeito.

– Lembra quando nos falamos pela primeira vez? – perguntou ele, apoiando-se em um cotovelo. – Quando voltei para a escola no último dia do semestre?

– Sim...

– Eu disse a você que tinha esquecido uma coisa no salão...

Eu me lembrava mesmo, mas achava engraçado ele tocar nesse assunto agora, três anos depois, porque, se o que ele tinha esquecido tivesse ido parar no Achados & Perdidos, provavelmente já teria sido jogado fora.

– Era o meu coração – disse ele. – Deixei meu coração naquele salão, Tess. Eu a amei desde o instante em que pus os olhos em você.

Não consegui pensar em uma resposta adequada – era eu quem deveria ser boa com as palavras – e o silêncio começou a parecer longo demais, então eu disse:

– Eu também te amo.



Na tarde seguinte, a relutância de Dave em ficar na fila para subir na London Eye foi explicada. Ele tinha comprado ingressos para que entrássemos direto sem precisar esperar na fila.

Estávamos quase no topo e eu estava mostrando os monumentos para ele – “Olhe, aquela é a Coluna de Nelson, lá está a BT Tower” – quando me dei conta de que a cabine cheia de turistas tinha ficado em silêncio. Então me virei e dei de cara com Dave ajoelhado, entregando-me um anel em uma caixinha de veludo azul.

– Já estamos juntos há três anos, Tess... – ele começou um discurso claramente ensaiado. – Foram os melhores três anos da minha vida, porque você é a pessoa mais legal e engraçada que eu já conheci.

A voz dele estava embargada. Por favor, meu Deus, não permita que ele chore!

– Sei que você não se acha bonita...

Por que você está contando isso para todo mundo?

–... mas, para mim, você é. Quero construir uma vida feliz com você, então você já sabe o que vem a seguir. Quer se casar comigo?

A multidão suspirou, como se estivessem prendendo a respiração juntos. Mesmo que alguém não entendesse uma palavra da nossa língua, era óbvio o que tinha acabado de acontecer. As lentes das câmeras, que antes estavam apontadas para as janelas, agora estavam todas focadas em mim.

“Olhem para a vista!” era o que eu queria gritar para eles. “Vamos descer em um minuto e eles não vão deixar vocês darem outra volta!”

– O fim de semana foi ótimo...

Quando percebeu que não ia ouvir um “Sim!” eufórico, Dave me interrompeu antes que eu tivesse a chance de dizer “mas...”.

– Você precisa pensar – disse ele. E, para esclarecer a quem falava nossa língua, acrescentou: – Ela pensa muito!

Ninguém respondeu. Reparei que a maioria eram chineses, bem menores que eu, e erguiam os olhos em minha direção do mesmo jeito que uma criança olharia para o esqueleto de um dinossauro em um museu.

– Mas pegue o anel – pediu Dave.

Foi o que fiz, porque isso daria a ele a chance de se levantar sem perder a dignidade. Trocamos um beijo rápido e recebemos uma rodada breve de

aplausos.



– Dave contou que ia me pedir em casamento? – perguntei a Doll quando ela apareceu lá em casa na segunda à noite para saber como tinha sido o fim de semana.

– Não, mas eu desconfiava. Ele estava tão determinado a fazer tudo direitinho, coitado! Vamos ver esse anel, então – disse ela.

Fui até o andar de cima e peguei a caixinha de veludo azul. Era uma pérola, rodeada por pequenos diamantes. Parecia tão modesto em comparação com o bracelete de diamantes no pulso de Doll que quase passei a gostar ainda mais dele.

– Porque eu estava usando pérolas na primeira vez que nos beijamos – expliquei.

– Não era um colar meu?

– Era, sim.

– Enfim – disse Doll impacientemente, como se tivesse sido eu quem interrompera o fluxo da história. – Você aceitou?

– Mais ou menos.

– Mais ou menos?

– É complicado, não é? Quero dizer, ele se mudaria para cá? O apartamento dele não é grande o suficiente para todos nós. Tenho que pensar em Hope.

Estávamos sentadas na cozinha porque Hope estava assistindo àquele programa *Ídolos* na sala.

– Dave é ótimo com Hope – ponderou Doll.

– Eu sei. É só que... eu achava que o casamento seria diferente, não igual – admiti finalmente.

– Você é estranha, sabia disso?

– É o que Dave vive dizendo. Não disse que não. Só quero pensar bem.

– Se ele estiver disposto a esperar. Melhor você pensar nisso! – alertou Doll. – Dave é bonito e querido. É um homem bom, Tess! Sua mãe ficaria tão feliz!

Será? Eu não sabia se concordava com isso. E não achava que cabia a

Doll afirmar, para ser sincera.

De qualquer forma, ela tinha esquecido a parte em que minha mãe dissera que é preciso encontrar um homem que compreenda quem você é. Eu não duvidava de que Dave me amasse. Mas ele não conhecia a parte de mim que queria morar em Londres, aprender coisas novas e descobrir do que eu gostava e do que era capaz.

– Quem diria que você seria a primeira? – disse Doll, com tanta tristeza que ficamos em silêncio por uns instantes. – Eu e Fred terminamos.

Foi então que entendi e apreciei o esforço de Doll em conversar sobre as minhas novidades primeiro.

– Quer que eu faça um chá para nós duas? – ofereci.

Pela forma como a nossa amizade funcionava, sempre me senti mais confortável ouvindo os problemas dela do que tendo que ouvir seus conselhos. Talvez por ser a irmã mais velha, em vez de a caçula da família.

– Tivemos uma briga por causa do meu trabalho – começou Doll. – E eu falei: “Bom, tenho que cuidar da minha vida, não é? Já que você não vai se casar comigo.” Ele não respondeu “Então vamos nos casar”, apenas disse: “Faça o que bem entender!” Quatro anos, Tess! *Faça o que bem entender!* “É o que eu vou fazer, então”, falei para ele. E foi isso. Quatro anos! Consegue acreditar? Não preciso mais daquela merda. Estou cansada de ficar pendurada no braço de Fred, como uma porcaria de...

– Acessório?

– Que seja – disse Doll. – Que perspectivas eu tenho com Fred? Bebês e botox, só isso.

Talvez eu devesse ter dito “Mas e ‘tal coisa’?”, assim como ela tinha feito comigo, mas não consegui pensar em nada, porque eu odiava a maneira como Fred tinha passado a ditar cada vez mais o que Doll podia ou não podia fazer.

– Então você tem certeza?

– Levei todas as minhas coisas de volta para casa.

Sabia que era egoísmo meu, mas fiquei bem feliz pelo fato de ela voltar a morar na mesma rua que eu.

– Então você vai voltar para o salão?

– Não exatamente... – Doll deu um sorrisinho estranho. – Vi o futuro, Tess, e ele está no esmalte.

– Esmalte?

Demorei a entender o que ela queria dizer, mas aí notei que ela estava

mostrando a mão. Cada unha estava pintada de rosa cintilante, com uma listra diagonal de pedrinhas brilhantes.

– Todo mundo precisa cortar o cabelo, certo? – disse ela. – Mas agora todo mundo quer fazer as unhas também. A diferença é que um salão de manicure é bem mais barato de montar, porque você não precisa de muito espaço e equipamentos e também não precisa de cabeleireiros.

– Mas você sabe administrar um negócio?

– Tess, eu conheci um monte de empresários por intermédio de Fred e a gente tende a pensar que eles são espertos e estudados e tal, mas não são. O empresário de Fred diz que existem duas maneiras de fazer dinheiro: ou você tem uma ideia brilhante, como o Bill Gates, ou tem uma ideia pequena e a executa repetidas vezes. Então o que eu vou fazer é trabalhar como manicure e só como manicure, e vou fazer de um jeito maravilhoso e por um preço que as pessoas possam bancar. Vou ser a melhor nessa área.

– Mas nem todo mundo faz as unhas...

– Acredite em mim, Tess, sou uma esteticista treinada. Essa tendência só vai aumentar. É como o Halloween.

Não consegui enxergar a conexão.

– Quando éramos pequenas, não existia toda essa coisa de cartões e presentes e fantasias e “gostosuras ou travessuras”, lembra? Hoje não passa mais em branco.

Ela tinha razão. Nós até tínhamos uma semana temática do Halloween na St. Cuthbert’s.

– Qual vai ser o nome do seu salão? – perguntei.

– Estava pensando em Maria Esmalteria. O que acha?

– Que tal Casa das Bonecas? – sugeri, fazendo uma alusão ao apelido que eu tinha dado a ela quando éramos pequenas.

Doll ficou superanimada.

– Isso é brilhante, Tess!

Ela pegou um caderno com capa de couro cor-de-rosa da bolsa Mulberry rosa e anotou.

– Vai ser no singular ou no plural? – perguntei. – Pode ser tanto Casa da Boneca, ou seja, a sua casa, quanto Casa das Bonecas, ou seja, uma casa para muitas de vocês.

– Tanto faz! – disse Doll. – Quero dizer, quem se importa com esses detalhes? Mas espere aí, Casa da Boneca não faz parecer que vai ser apenas

uma?

– Não tem ninguém colocando a carroça na frente dos bois, não é? – brinquei.

– Apesar de que a The Body Shop tem várias franquias, não é? – ponderou Doll. – E ela começou em uma cidadezinha litorânea, não foi? O que é preciso fazer é construir uma marca...

Talvez minha amiga *levasse* jeito para a coisa, afinal. Ela sempre teve faro para o dinheiro. Tinha conseguido um emprego aos sábados varrendo um salão de cabeleireiros quando tinha apenas 13 anos e em poucas semanas já estava ganhando gorjetas para lavar os cabelos das clientes. Aos 15 anos, ela arrumava as cabeças das amigas da mãe para os eventos sociais da igreja por 5 libras e no dia da nossa formatura na escola ela havia organizado uma agenda lotada para fazer cabelo e maquiagem no banheiro dos O'Neill. Fazia sentido que, durante todo esse tempo em que seu único ofício tinha sido o de “namorada”, com nada para fazer além de sair bonita nas fotos, ela tivesse aprendido algumas coisas.

– É necessário ter publicidade, obviamente, mas conheço pessoas nas revistas – continuou Doll. – Tenho que me mexer, porque em questão de meses até o “Logo após a separação do jogador Fred, Maria O'Neill lança a Casa das Bonecas” vira “Maria quem?”.

– Só tem um problema. – Tentei injetar um pouco de realismo. – Você não vai precisar de dinheiro para abrir a empresa?

Notei que ela não tinha devolvido o bracelete de diamantes e me perguntei quanto aquilo valeria.

– Então, coloquei o meu Chanel e fui ao banco, certo? – respondeu Doll.

– Nº 5?

Na minha cabeça, eu podia ouvir minha mãe dizendo: “Se você se casar com um homem rico, Tess, esse vai ser o perfume que ele vai comprar para você!”

– Não o perfume, sua monga. Meu terninho! Aquele com o blazer xadrez preto e branco sem lapela e a saia que mostra a quantidade perfeita de perna, lembra? Deve ter funcionado, porque o gerente disse que não seria um problema.

Nessa hora me senti um pouco excluída ao descobrir quanto ela já tinha visto do seu novo empreendimento sem mim.

– Você vai me ajudar, não é, Tess? – perguntou Doll, porque me conhecia bem o suficiente para saber o que eu estava pensando.

– É claro que vou – respondi. – Se eu puder.

– Você já criou o nome!

Coloquei uma xícara de chá na frente dela.

– Isso que é vida! – Doll pegou um biscoito wafer de caramelo. – Sabe, Tess, a gente acha que existe um mundo deslumbrante por aí fora, mas já estive em Dubai e em St. Tropez e na Flórida e fiquei em hotéis cinco estrelas e, sinceramente, nada se compara a estar sentada aqui, na sua cozinha, e comer um biscoito se me der vontade. Às vezes, as melhores coisas estão bem debaixo do seu nariz. Entende o que quero dizer?

CAPÍTULO 15

2003

Gus

Algumas semanas após termos iniciado nosso primeiro ano de residência, Lucy programou umas miniférias para nós.

– Achei essa promoção de última hora na internet. Hotel quatro estrelas em Brighton. Tem vista para o mar e tudo – disse ela quando voltei na sexta de manhã do meu plantão da noite.

– Uau!

– Podemos ter um fim de semana devasso decente – disse ela.

– Isso não é uma frase contraditória?

Ela riu.

– Então quando vamos? – perguntei.

– Hoje à noite, bobinho. É de última hora! Duas noites pelo preço de uma. Vamos chegar tarde, mas teremos o dia inteiro amanhã e o domingo para fazer exatamente o que gostamos!

Ela me deu uma olhada perspicaz. A ideia de um fim de semana devasso era tão atípica de Lucy que me senti levemente em pânico.

– O que foi? – perguntou ela, vendo a expressão no meu rosto.

– Não, nada – respondi. – Charlotte tinha ingresso para o teatro, mas vai encontrar outra pessoa.

– Tem certeza? – perguntou Lucy.

Era uma pergunta retórica.

Dei um beijo rápido nela antes de ela sair para trabalhar.



Charlotte não atendeu quando liguei, então deixei um recado e senti uma

onda de alívio. Era aniversário dela. Ela não ficaria nada feliz.

Eu tinha decidido falar de Charlotte para Lucy algumas semanas depois do ocorrido dizendo que era uma amiga da família. Para ser sincero, talvez eu a tenha descrito como uma pessoa desamparada, alguém que eu tinha quase obrigação de acompanhar de vez em quando a uma peça ou à ópera. Se Lucy houvesse conhecido Charlotte, talvez ela tivesse ficado mais desconfiada, mas, ironicamente, ela gostou da ideia de uma “colega de ópera” para mim, porque acho que morria de medo que eu sugerisse que ela fosse comigo.

Disse a mim mesmo que eu não estava mentindo quando falei que Charlotte era “bem mais velha” que eu ou que eu achava que ela era uma pessoa bem carente. Como os cigarros, Charlotte tinha se tornado um vício de que era muito mais difícil de abdicar do que eu imaginara.

Lucy tinha ficado horrorizada quando minhas desculpas para justificar o cheiro de cigarro acabaram.

– Desde quando? – perguntou quando confessei que fumava.

– Desde o 11 de Setembro – disse a ela dissimuladamente.

Eu já tinha me aperfeiçoado bastante em contar meias verdades naquela época.

No começo, eu simplesmente não conseguia acreditar no que estava acontecendo, mas, como aquilo continuou, meu raciocínio foi o seguinte: Charlotte não podia estar considerando ter um relacionamento sério comigo. Eu era cinco anos mais novo que ela e, para ir mais direto ao ponto, o irmãozinho mais novo de seu ex-namorado. Comparado com Ross, eu era imaturo, inexperiente e magricela, então meu papel na vida dela devia ser apenas o de uma brincadeira temporária até que um pretendente de verdade aparecesse.

Não estou tentando negar minha responsabilidade, mas, para um cara imaturo, inexperiente e magricela na faixa dos 20 anos, a chance de transar com alguém tão “muita areia para o meu caminhãozinho” e sedenta quanto a namorada deslumbrantemente linda do seu irmão mais velho é impossível de recusar.

Tentei parar várias vezes, chegando a sobreviver por duas semanas indo correr duas vezes ao dia, rápido, em volta do Regent’s Park. Mas quando encontrei Charlotte por acaso, também correndo, às seis da manhã, e deparei com sua franja colada na testa de modo traiçoeiro e seus ombros esculpidos com perfeição brilhando de suor, aquilo foi mais do que eu poderia suportar.

Acabamos transando ali mesmo, no parque, encostados na parede dos fundos do depósito de café bem pertinho dos jardins, sua doce e ofegante respiração matinal em meu ouvido, suas coxas longas e macias enlaçadas nas minhas, seu sexo ávido e sedosamente molhado quando a penetrei, minha testa batendo nas ripas irregulares de madeira que cheiravam a creosoto.

Eu tinha certeza absoluta de que mais cedo ou mais tarde ela iria decidir que bastava. E, de alguma forma, convenci a mim mesmo de que, enquanto isso, não havia como causar mais estragos ao meu relacionamento com Lucy do que já tinha causado, então meu pecado era mais oportunismo do que traição.



Quando eu e Lucy chegamos ao litoral sul, já era tarde. Pegamos um táxi da estação. Pequenas extravagâncias ainda eram uma novidade depois de tantos anos vivendo naquele aperto estudantil e eu conseguia sentir a animação de Lucy por trás da baforada do aromatizador de ambiente em formato de árvore de Natal.

O hotel tinha um glamour vitoriano desbotado. Quando nos aproximamos do balcão da recepção, sussurrei:

– Devemos fazer o check-in como Sr. e Sra. Smith?

Houve um lampejo de dúvida nos olhos de Lucy e uma risadinha um pouco constrangida. Estávamos juntos há quase seis anos agora e a caminho de ganharmos salários decentes, mas ainda evitávamos a questão do casamento.

Abri as portas que davam para a sacada e fiquei parado ali. A brisa estava fresca e salgada, o cais brilhava com luzes coloridas. De vez em quando, o vento trazia consigo um trecho de uma música pop ou o ruído distante de um dos barcos que passavam por sobre as ondas. Eu podia sentir a pressão da cidade saindo dos meus ombros.

– Você precisa mesmo fumar? – perguntou Lucy quando acendi um cigarro.

O rosto dela estava todo enrugado de preocupação com a minha saúde e me fez pensar, da mesma forma que eu fazia várias vezes ao dia, como eu tinha sorte por estar com ela e como era um bosta por fazer o que fazia com

ela. Apaguei o cigarro de forma determinada e o triturei no piso de concreto da sacada, prometendo a mim mesmo que aquele seria o último, mas sem dizer em voz alta, pois já tinha feito isso muitas vezes, como Lucy me lembraria, e depois me sentia um fracassado, o que fazia todo o ciclo de ânsia começar outra vez.

Ficamos ali juntos, olhando para o mar, o corpo dela encaixado confortavelmente no meu, e me senti tão apaixonado por ela quanto no primeiro dia do nosso relacionamento e quase tão nervoso com a perspectiva do sexo, que era, afinal, o motivo pelo qual tínhamos ido para lá. Como pude pensar que ela não repararia na diminuição da frequência das nossas transas, ou dizer a mim mesmo que ela provavelmente preferia daquele jeito?



Pela manhã, caminhamos de mãos dadas pelo cais de madeira enquanto Lucy falava sobre os brinquedos aos quais tinha ido em parques de diversões e ponderava se ficaria enjoada se fosse na xícara maluca tão pouco tempo depois de ter tomado um café da manhã inglês completo. Ela tagarelava sem parar só para evitar um silêncio que pudesse evocar a questão da minha impotência na noite anterior e desse a ela um significado maior do que o meu mero cansaço.

Meu celular vibrou repetidas vezes na minha coxa quando Charlotte ligou para reclamar. Percebi de repente que nós tínhamos parado de andar e que Lucy tinha acabado de me fazer uma pergunta.

– Como?

– Você tem trocado para a maquininha? Sinceramente, Gus, parece que você às vezes some! Você acha que tem oxigênio suficiente aí em cima?

Troquei 10 libras e passamos por vários brinquedos antes de decidir em qual iríamos. O booster era o mais perigoso. Com quatro lugares nas duas pontas de um longo braço mecânico, fazia todos os outros parecerem coisa de criança.

– Vamos lá!

Agarrei a mão de Lucy e a puxei na direção do quiosque.

– A vista lá de cima vai ser linda – garanti.

Os gritos de Lucy, uma mistura primitiva de medo e empolgação, foram

um tanto excitantes porque as reações dela costumavam ser supercomedidas. À medida que o brinquedo girava cada vez mais rápido, o medo diminuía e o prazer aumentou a um ponto em que tudo que eu conseguia fazer era rir de mera euforia. Quando o brinquedo começou a desacelerar, nossa histeria acalmou e percebi que não tinha pensado em Charlotte por pelo menos cinco minutos.

Fomos seduzidos pelo fliperama que ficava perto das mesas de aeróhóquei, onde Lucy ganhou várias vezes em meio aos ruídos e às musiquinhas dos caça-níqueis de frutinhas. Tênis era o único esporte que nós jogávamos juntos e eu tinha a vantagem da altura e da rapidez, então, apesar de Lucy ser bem melhor tecnicamente, ela só ganhava se eu deixasse. A tática dela no aeróhóquei era utilizar ângulos para combater minhas tacadas violentas, então ela me venceu com tranquilidade. Quando o último disco entrou no meu gol e a alegria se espalhou pelo seu rosto, me vi totalmente envolvido por ela.

Nas ruas, a cada duas lojas uma era uma joalheria antiga. As vitrines brilhavam com anéis de brilhantes. Apesar de Lucy não ter dito nada e nem se demorado em nenhuma delas, ao reparar em várias outras mulheres acompanhadas fazendo isso, eu quis subitamente recompensá-la pela noite anterior ficando de joelhos e pedindo-a em casamento. Parece ridículo dizer, mas foi só um senso de honra que me impediu. Eu sabia que não era justo pedir Lucy em casamento até eu terminar tudo de vez com Charlotte.



Comprei uma echarpe de seda para Charlotte, de aniversário, que ela agradeceu mas não colocou.

– Também tenho um presente para você – disse ela.

Abri o lenço dentro da caixa da loja de lingerie e encontrei um baby-doll rosa-claro e um par de meias sete oitavos cor marfim.

– É para você, certo?

Ela meneou a cabeça.

– É para você. Eu só visto. Quer que eu coloque as meias ou gostaria de me amarrar na cama com elas?

Às vezes me passava pela cabeça que Charlotte deveria ter – ou talvez

tivesse – um segundo ofício como garota de programa de luxo. Onde é que ela aprendia essas coisas?

Se o sexo com ela foi mais arrebatador do que nunca, foi porque eu sabia que era a última vez. Quando acabamos, levantei-me, tomei banho e me vesti, sabendo que me sentiria vulnerável demais ao tentar dizer isso a ela se ainda estivesse nu.

– Lá vamos nós – disse ela, enquanto eu ficava parado ao lado da porta, trocando o peso do corpo levemente de um pé para outro.

– Sei que eu já disse isso antes, mas esta tem que ser a última vez de verdade – falei.

– Você não contou para sua esposa, contou?

– Não fale assim.

– Ela está grávida?

– Não que eu saiba – falei, tentando passar uma imagem tranquila, mas parecendo um idiota.

– Isso seria estranho...

– Por quê? – ralhei.

Se Lucy estivesse grávida, isso não era da conta de Charlotte. Acho que até seria bem legal, pensei, apesar de Lucy ser sensata demais para cometer um erro.

– Porque eu estou – disse Charlotte. – Grávida.

Então, após uma longa pausa:

– Não dá para você parecer um pouquinho mais feliz?

– Como?

– Meu bem, isso é matéria do ensino médio, não é?

– Quero dizer...

É claro que ela tomava alguma coisa, não é?

– Ovários policísticos. Nunca achei que fosse engravidar.

– Mas você devia...

– Você nunca pediu.

Como isso tinha acontecido? Eu era médico, pelo amor de Deus. Por que desprezei todas as regras? Porque cada vez parecia uma oportunidade única na vida que eu podia arruinar facilmente.

– Quanto tempo?

Minha voz ecoou na minha cabeça, como se outra pessoa estivesse fazendo as perguntas que precisavam ser feitas.

– Não vou entediar você com o meu ciclo menstrual ou a falta dele, mas na ausência dos indicadores normais, parece que estou com pelo menos 12 semanas, possivelmente entrando na décima terceira.

A barriga dela ainda estava chapada. Será que era algum tipo de piada de mau gosto? Devo ter ficado com uma expressão de perplexidade.

– E sim, é – disse ela.

– O quê?

– Seu.

– E você vai...?

Naquele momento, eu ainda estava pensando naquilo como se fosse responsabilidade dela e de mais ninguém.

– Já pensei muito no assunto. Sei que é inesperado, mas estou com 30 anos e pode ser que meus ovários não funcionem da maneira normal de novo. O tempo que vou perder na minha carreira agora é provavelmente menor do que se eu conseguir me tornar cirurgiã e tiver que fazer inseminação artificial.

– Então o que você quer que eu faça? – perguntei.

– Você não vai se oferecer para fazer de mim uma mulher honrada?

Será que ela estava me provocando?

– Você quer se casar comigo?

– Isso é tão surpreendente assim? O sexo é o melhor do mundo. Você é inteligente e culto. Acho que vai ser um ótimo pai.

Tudo que ela estava dizendo soava tão estranho para mim que eu me sentia como se estivesse alucinado, como se ela fosse algum tipo de montagem surrealista, deitada ali de lingerie rosa-clara, seus lábios e mamilos vermelhos por causa do sexo e, dentro da barriga dela, um pequeno ser humano que era metade meu. Enquanto eu olhava para o corpo dela, agora podia ver o formato levemente arredondado da barriga, onde o feto minúsculo estava encolhido.

Em um dos livros de obstetrícia de Lucy, havia um gráfico do desenvolvimento dos bebês, com todos os estágios descritos em forma de itens alimentícios. Por volta da décima segunda semana, o bebê já tinha passado bastante do tamanho de um feijão, mas ainda não chegava ao tamanho de uma laranja.

Como não falei nada, Charlotte disse, em um tom triste que eu nunca tinha ouvido antes:

– Pode ser divertido... Não acha?

Por um instante, ela pareceu tão vulnerável que eu quis abraçá-la e garantir a ela que tudo ficaria bem. Mas, mesmo assim, eu ainda não sabia ao certo se esse era algum tipo de joguinho complicado e a única pergunta em que consegui pensar para descobrir foi:

– Quer se casar comigo, então?

Às vezes, enquanto tomávamos uns drinques no saguão de algum teatro, eu me permitia fantasiar que talvez as pessoas nos confundissem com um casal, mas nunca tinha pensado em como poderíamos chegar a isso e, se tivesse pensado, não acharia que teria sido dessa forma.

– Oh, Angus, você é um amor!

Ela se ajoelhou na cama, pegou minha mão e disse solenemente:

– Sim.

Depois me presenteou com o beijo mais carinhoso e sensual que eu já ganhara.



Como você conta à sua namorada, que está com você faz seis anos, que ficou noivo de repente de uma mulher que você engravidou sem querer? Uma mulher que por acaso é a ex-namorada de seu irmão mais velho, que você nunca sequer mencionou?

Na minha caminhada de volta para casa, respirei fundo várias vezes e compus um discurso na minha cabeça, mas a rede de mentiras que eu tinha tecido, que não costumava parecer tão terrível assim, agora parecia imensuravelmente gigante. Começou a ficar claro para mim, pela primeira vez, que, ao revelar as mentiras que eu achava que eram minhas e somente minhas, eu estaria destruindo a vida de Lucy também. Não sabia que podia fazer isso. Mas tinha que fazer. Havia um bebê. Havia Charlotte...

Quando cheguei em casa, Lucy estava no cinema com algumas amigas e elas foram jantar depois. Era tarde demais para começar a explicar quando ela chegou, porque eu já estava na cama, fingindo dormir.

Devia ter lhe contado no dia seguinte, mas ela precisou informar a uma grávida que o coração do bebê não estava mais batendo e, depois que me contou isso, não consegui dizer nada.

Prometi a mim mesmo que falaria no fim de semana, mas na quinta-feira

meu pai ligou para dizer que ele e minha mãe tinham novidades e queriam contá-las pessoalmente.

– Você não está doente, está?

– Não, não é isso.

Mas parecia mais sério do que, digamos, uma decisão de se aposentar ou se mudar.

– Preciso ir ver meus pais – contei a Lucy.

– Posso ir junto?

– Não acho que seja uma boa ideia.

Ela nunca tinha ido à casa de meus pais. Agora não parecia a melhor hora para uma visita.

– Por quê?

Como não consegui inventar nenhuma desculpa de imediato, me ocorreu que, na verdade, talvez passar algum tempo com a minha família fosse um jeito e tanto de encorajar Lucy a questionar o nosso relacionamento antes de eu lhe dar a notícia bombástica.



Meu pai esperava por nós na estação.

– Vou direto ao assunto – anunciou quando ligou o carro. – Sua mãe e eu decidimos nos separar.

– Seu pai está tendo um caso com a assistente dele – foi a versão dos acontecimentos que minha mãe deu quase assim que passamos pela porta da frente.

– Talvez vocês prefiram que eu...? – começou Lucy, constrangida porque esse tipo de revelação pessoal claramente não era o que ela estava esperando.

– Não, é melhor mesmo ouvir o que a aguarda quando você perder sua beleza e sua libido – ralhou minha mãe.

A afirmação tão atipicamente incisiva de minha mãe me levou a pensar que ela andava bebendo ou vendo TV o dia inteiro.

– Sua mãe e eu não somos felizes há algum tempo...

– E como poderíamos, depois de...? – perguntou minha mãe.

–... e agora essa chance apareceu, sinto que preciso tentar...

– Ela tem 37 anos – disse minha mãe.

Sem conseguir pensar em um comentário adequado, cometi o erro de olhar para meu pai.

– Ah, entendi. – Minha mãe voltou seu ataque contra mim: – Você sabia esse tempo todo, não sabia?

– É claro que não! – protestei.

– Ele realmente não sabia – interveio Lucy.

Minha mãe ficou olhando para mim. Eu não sabia o que dizer ou o que ela queria que eu fizesse. Devia repreender meu pai ou tentar fazê-lo parar? Era isso que Ross teria feito? Eu agora estava ciente de que Lucy tinha visto as fotografias de meu irmão na lareira. A foto de Ross de capelo segurando seu diploma de graduação estava bem ao lado da minha, exatamente com a mesma pose.

O silêncio pareceu interminável.

– Então, o que vai acontecer? – perguntei finalmente.

– Não vou sair desta casa – respondeu minha mãe. – Dediquei minha vida toda a ela.

– Eu vou me mudar daqui – disse meu pai.

– Não fale como se você estivesse fazendo um sacrifício! – gritou minha mãe.

– Eu também me dediquei muito a esta casa! – retrucou ele, em tom um tanto patético.

– E agora você destruiu tudo! – disse minha mãe, saindo apressadamente da sala.

Eu já a tinha ouvido chorar muitas vezes, mas esse som era diferente, como o de um animal ferido.

– Mamãe vai ficar bem financeiramente? – perguntei, sentindo que alguém precisava representar os interesses dela.

– Vai, vai! – respondeu meu pai com impaciência. – Olhe, acho que é melhor você cuidar dessas coisas. Eu entro em contato para acertar tudo.

– Está bem – respondi.

E então, como não consegui pensar em mais nada, estendi a mão, o que o fez parecer surpreso e grato por apertar.

– Ela não conseguia deixar para trás – respondeu ele, sua voz atipicamente embargada pela emoção. – Ela nem me permitia querer deixar para trás.

Eu os enxergava como uma unidade, ligados pela dor, mas todos

estávamos sozinhos.

– Espero que você seja feliz – foi tudo que consegui dizer.

Pude ver nos olhos dele que achou que eu estava sendo sarcástico, mas era, de alguma forma, tarde demais para explicar.



– Não parece justo, não acha? – perguntou Lucy depois que o Lexus de meu pai saiu e o portão automático se fechou. – Você não conseguiria imaginar sua mãe com um homem de 37 anos, conseguiria?

Ela foi até a lareira para ver as fotos mais de perto: Ross com “janelinhas” de quando alguns dentes de leite caíram; Ross com a bermuda, o blazer e a boina do uniforme do colégio; Ross recebendo a taça do campeonato de rúgbi; Ross com o time de remo, os oito segurando o barco acima das cabeças; Ross usando óculos de esqui espelhados com uma montanha nevada ao fundo.

Respirei fundo.

– Este era o meu irmão – contei. – Ele morreu em um acidente de esqui no Natal anterior à minha ida para a universidade. Eu não queria que as pessoas me vissem como uma pessoa de luto e não soubessem o que dizer, sabe?

– Oh, Gus, eu sinto muito!

Os olhos de Lucy estavam cheios de lágrimas, o que não fazia parte da cena que eu tinha imaginado.

– Deve ter sido terrível para você...

– Bem, sim. Mas agora você está fazendo exatamente isso.

– Desculpe.

Não era ela quem deveria se desculpar. Ela deveria estar chateada por eu tê-la enganado.

– O que aconteceu? – perguntou ela delicadamente.

Uma pergunta que ninguém além dos meus pais, e então a equipe de resgate, e depois a polícia, todos aqueles anos atrás, tinha me feito. Uma pergunta na qual eu evitava pensar.

– Ele estava esquiando fora da pista e bateu em uma árvore. As lesões no cérebro foram tão graves que eles decidiram desligar os aparelhos.

– Você estava lá?

– Quando eles desligaram? Não. Meus pais estavam.

Lucy não disse nada, mas eu sabia que não era isso que ela estava perguntando.

– Acho que você não vai me perdoar por não ter contado, não é?

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu soube que as tinha dito na hora errada. Eu devia ter esperado que as consequências fossem assimiladas.

– Mas não tem o que perdoar! – exclamou Lucy. – Só lamento muito por não ter estado lá para apoiá-lo!

Ela se virou e tentou me abraçar, mas eu não conseguia colocar os braços em torno dela. A tentativa dela de melhorar a situação estava tornando as coisas muito mais difíceis.

– Ele era muito bonito – disse ela, pegando uma foto dele com uma mochila, a caminho de seu ano sabático.

– Sim. Ele era bonito e legal e bom em tudo. Todo mundo o adorava.

– E esta é a namorada dele?

Em um ato falho da visão ou da previsão, eu não tinha visto a fotografia de Charlotte e de Ross vestidos como Mortícia e Tio Fester.

– Sim.

– Ela é muito bonita.

– Sim.

Lucy passou o resto do dia bastante quieta, apesar de ter feito uma cara alegre quando minha mãe desceu e preparou o jantar para nós. Uma torta de frango e alho-poró. Se minha mãe estivesse em seu estado normal, teria preparado o quarto de hóspedes para Lucy, mas ela estava tão distraída que nem pensou nisso, então fomos dormir no meu quarto antigo. Em um primeiro momento, foi comovente redescobrir como era deitar juntos, comigo a abraçando por trás, exatamente como na primeira vez na cama de solteiro de Lucy em Broadstairs, apesar de nenhum de nós agora estar com ânimo para fazer sexo.

Após muitos minutos de silêncio, percebi que ela também não conseguia dormir.

– Você está bem? – perguntou no escuro.

– Já tive dias melhores.

– Desculpe. Foi estúpido da minha parte.

– Não. Está tudo bem. Desculpe ter envolvido você nisso tudo.

– Não precisa se desculpar. Eu gostaria que você *tivesse* me envolvido. É tão estranho você não ter me contado sobre Ross. Existe uma parte superimportante da sua vida e eu não sabia de nada. E eu achava que conhecia você tão bem...

Mais alguns minutos de nós dois fingindo tentar dormir.

– O seu coração está batendo muito rápido – disse Lucy. – Tem certeza de que está bem?

– Não! Não estou! – exclamei.

De repente, eu não conseguia conter o pânico.

Sentei-me. Ela também se sentou e se esticou para acender a luz, mas eu não sabia se conseguiria dizer o que precisava com ela olhando para mim.

– Não!

– Qual o problema?

– Estou bem. Não, não estou. Sou um bosta!

– Gus, se acalme. Está tudo bem. Você sofreu um choque e tanto. É sério, Gus. Você está tendo um ataque de pânico. Apenas respire. Vou pegar um pouco de água para você.

– NÃO PRECISO DE ÁGUA!

Eu nunca tinha gritado com ela antes. Agora o silêncio estava carregado de mágoa.

– Lucy. Me desculpe, mas precisamos terminar. Passei a semana toda querendo conversar sobre isso com você, bem antes de tudo isso com meus pais.

– Não seja bobo!

– Estou falando sério.

Eu não conseguia ver o rosto dela direito, mas percebi que ela ainda não acreditava em mim, provavelmente pensando que era apenas uma insanidade temporária causada pelo choque.

– Estou tendo um caso com outra pessoa e vou me casar com ela.

Covarde por falar no escuro!

Dessa vez, eu não a impedi de ligar o abajur e, quando ela o fez, pôde ver no meu rosto que eu não estava brincando. Ela não chorou, não na hora, não como eu esperava.

– Por quê? – perguntou ela, calma.

Ela iria dar uma médica e tanto.

– Ela está grávida – respondi com um suspiro. – E quer ter o filho.

– Mas você a ama?

Parece estranho, mas até aquele momento essa pergunta não tinha passado pela minha cabeça. Fiquei me perguntando se teria passado pela de Charlotte. Nenhum de nós tinha falado em amor. Ela era tranquila demais e eu tentava ser.

– Sim, amo.

Sem conseguir ficar perto de Lucy depois de falar isso, saí da cama, colocando um roupão do Arsenal que estava pendurado atrás da porta para esconder minha nudez. Tinha sido comprado para mim quando eu tinha uns 12 anos e mal cabia.

Fui me sentar na beirada da cama.

– Não! – gritou Lucy, então pulei de volta, me sentindo exposto e estúpido.

– Vocês não usavam nenhuma proteção?

As engrenagens do cérebro de Lucy estavam se encaixando e meus crimes, começando a acumular.

– Eu supus...

– Você me pôs em risco, além de me enganar?

A questão das doenças venéreas nem tinha passado pela minha cabeça.

– Tenho certeza...

– Assim como você tinha certeza de que ela tomava pílula? Qual é o nome dela, aliás?

– Charlotte.

– Sua amiga da ópera? Meu Deus! Como fui imbecil! Eu confiava em você, Gus! Achava você um cara amoroso! Nunca passou pela minha cabeça não confiar em você!

– Eu sei – respondi.

– Charlotte sabe de mim?

– Nós não conversamos sobre...

– Vocês só transam? Ou vocês realmente vão à ópera? Meu Deus, Gus! Você enlouqueceu?

– Talvez.

– Você mora comigo! Não tem como saber como é morar com ela! Isso é loucura! É loucura, Gus!

Eu me senti como se estivesse congelado. Não havia desculpas. Não

havia explicação.

De repente, Lucy voou para cima de mim, atingindo meu peito com os punhos.

– O que há de errado com você? – gritou. – O que há de errado com você, Gus? Parece que está em algum tipo de transe!

Diante da falta de reação, ela caiu de joelhos, a boca contorcida em um uivo silencioso de dor, antes de desandar em uma enxurrada ruidosa de soluços.

Eu odiei vê-la tão triste e fora de controle, minha amiga inocente, minha companheira. Ela era a pessoa que tinha feito com que eu me sentisse normal e eu lhe tinha retribuído com um comportamento terrível, não havia nada que pudesse dizer ou fazer para confortá-la.

Até que ela inspirou por um tempo extraordinariamente longo e se recompôs.

– É por causa de Ross, não é? – perguntou.

Achei que ela estivesse falando da minha atração por Charlotte. Como ela era perspicaz por ter percebido.

Uma imagem de Charlotte em seu biquíni branco no dia em que Ross a trouxe à nossa casa para usar a jacuzzi passou pela minha mente. Mas apesar de ter comentado sobre a beleza dela quando viu sua foto lá embaixo, percebi que Lucy não sabia que Charlotte era a namorada de Ross e que eu não tinha revelado esse detalhe.

– Depois que você mente sobre uma coisa, você perde o respeito pela pessoa para quem mentiu – continuou Lucy, pensando alto. – Você me menosprezou porque nunca me contou sobre Ross, então todas as outras mentiras se tornaram mais fáceis, eu acho.

Isso era muito perceptivo também.

– Eu devia ter dado ouvidos a Helen – disse Lucy com um suspiro de resignação. – Ela nunca confiou nessa sua carinha de anjo.

Ela ergueu os olhos para mim, sobrepondo-me a ela de forma impotente em meu roupão ridiculamente pequeno demais.

– Só me deixe sozinha, Gus.

Fui até o quarto de Ross e me deitei na cama dele, com sua prateleira de troféus brilhando para mim, ouvindo o murmúrio abafado da minha namorada falando ao celular durante toda a noite.

Por volta das sete da manhã, a campainha tocou. Corri escada abaixo e

abri a porta. Era Nicky. Lucy passou direto por mim sem falar nada e se sentou no carro da mãe.

– A última coisa que eu queria era magoá-la! – gaguejei.

– Ah, Gus, sério *mesmo*? – disse Nicky, olhando para mim com tanta decepção que me senti como se tivesse traído a família inteira.

– O que está acontecendo?

Minha mãe estava parada na escada, de roupão, quando me virei depois de ter fechado a porta.

– Terminei com Lucy.

– Aqui? Por quê?

– Acho que a decepcionei.

– Não como o seu pai?

Eu queria protestar. Não, não desse jeito. Mas qual era a diferença? O silêncio delatou a minha culpa.

– Por quê? – gritou minha mãe de repente na direção do teto, a cabeça jogada para trás, praguejando.

– Ross não era nenhum anjo, sabia? – falei, me arrependendo daquelas palavras assim que saíram da minha boca.

O olhar vazio de minha mãe foi muito mais perturbador do que sua expressão vaga de decepção. Tremi com a certeza de que, naquele momento, ao menos, ela me odiava.

– Não sei por que você está aqui – disse ela.

E fez um aceno impaciente com a mão enquanto subia as escadas, me dispensando.

– Você pode simplesmente ir embora, por favor?



No trem de volta para Londres, eu não conseguia mais me reconhecer. Fiquei olhando para o reflexo do meu rosto na janela. A pessoa que eu era fora uma ilusão e eu me sentia enojado de vergonha e repúdio por mim mesmo.

No nosso apartamento, arrumei minhas malas no automático, sem saber ao certo se causaria mais dor deixando os itens que tinham sido presentes dela ou levando-os comigo e decidindo, afinal, deixá-los.

Caminhei pelo quarto uma última vez, sem conseguir assimilar que nunca

mais acordaria naquela cama, nunca mais faria café da manhã para Lucy naquele fogão, nunca mais ficaria abraçadinho com ela no sofá no inverno, com nossas pantufas ridiculamente gigantes escapando para fora do edredom.

Por impulso, liguei para ela.

– Você está bem?

– O que você acha?

Ela suspirou, exausta.

Silêncio.

– Não se preocupe, Gus, não vou fazer nada estúpido...

– Eu não pensei...

– Não.

Outro longo silêncio.

– Não me ligue de novo, Gus – disse ela, e desligou.

Deixei minha chave na caixa do correio.

Pela primeira vez, o elevador estava funcionando.

Enquanto arrastava minha mala pela rua movimentada, uma nova ansiedade começou a tomar conta de mim. Eu estava trocando a estabilidade pela euforia, mas e se tudo tivesse sido uma brincadeira? Eu e Charlotte não nos falávamos desde o começo da semana. Parecia uma eternidade agora. E se ela risse na minha cara? Para onde eu iria? Nash provavelmente permitiria que eu passasse a noite no sofá dela, pensei, mas não antes de me dar uma bronca por causa do meu comportamento com as mulheres, e eu não suportei a ideia de decepcionar mais alguém.



Charlotte levou um tempo para atender o interfone e, quando o fez, sua voz era gélida:

– Sim?

– É Angus!

Ela me deixou entrar. Carreguei a mala escadaria acima. A porta do apartamento dela estava aberta e ela, deitada na cama com sua lingerie cor-de-rosa.

– Eu estava começando a achar que você não tinha colhões!

Ela passou a mão pelo colchão ao lado dela.

É incrível a velocidade com que o cérebro se adapta: em um instante na rua, melancolicamente sem teto; no outro, subindo no corpo da minha amante, assolado pela incredulidade delirante que imagino que um ganhador da loteria sinta.

As pessoas costumam descrever a sensação de ganhar na loteria como um conto de fadas, esquecendo que contos de fadas têm um lado sombrio. Eu sempre ficava com aquela sensação de mau presságio, como se João, de *João e Maria*, recebesse ofertas de doces que ele sabia que não deveria aceitar.



Nas três semanas que antecederam o casamento, Charlotte e eu descobrimos coisas um sobre o outro que você não tem como saber sem morar junto. Ela não sabia cozinhar e eu me arrependi bastante de ter deixado para trás a caçarola Le Creuset que também funcionava como frigideira que Nicky tinha me dado no meu último aniversário. Ela era bagunceira. O estado impecável de sua cobertura, no fim das contas, resultava de uma diarista que vinha duas vezes por semana.

Nos outros dias, Charlotte nunca pendurava suas roupas nem colocava as peças sujas no cesto. Sua justificativa era econômica. Se você pode contratar alguém para fazer o serviço por menos do que você ganha, por que perder tempo?

Por essa lógica, ou talvez porque eu tenha trabalhado como garçom por muito tempo, às vezes eu me sentia uma espécie de mordomo quando passava as roupas de Charlotte ou levava o café da manhã para ela na cama. A diferença é que mordomos não costumam andar pela casa de cueca e nem, quando a dona da casa termina o café da manhã, ganhar beijos de lábios amanteigados e brilhantes, ou se deitar com ela se esfregando neles, esfoliando sua pele com migalhas de torrada.

Decidimos nos casar no cartório de Marylebone. Se fosse permitido fazer essas coisas na mesma hora, é provável que tivéssemos pedido a dois estranhos da rua para testemunharem nossa união, mas era preciso fazer um aviso-prévio para o caso de embargos, então acabamos contando para nossos pais. Os de Charlotte eram separados há muito tempo. Ela não via o pai há anos; ele morava na Escócia com sua nova família, mas nos mandou um

cartão e um cheque no valor de mil libras. A mãe dela, que tinha se mudado recentemente para as ilhas Baleares com Robbie, uma paixão de infância que ela reencontrara numa rede social, insistiu em vir para a cerimônia.

Decidi não convidar nem meu pai nem minha mãe depois de ouvir a reação deles.

– Mas Lucy é uma menina ótima...

Meu pai tentou decifrar a sequência de acontecimentos e achou tudo avançado demais numa escala de sedução, até mesmo para ele.

– Você não está falando da Charlotte de Ross, não é? – perguntou minha mãe.

Liguei para Marcus, que, na época, era advogado de um grande escritório da cidade, para perguntar se ele toparia ser meu padrinho.

– Eu ficaria honrado – disse ele. – Me deixe dar uma olhada na agenda. Vai ser este ano?

– Na próxima quarta. Coisa de calor do momento.

– Ah. Certo. Meus parabéns! Melhor começar logo a trabalhar no meu discurso.

– Não se preocupe, vai ser só uma cerimônia rápida seguida de um almoço no Piattini. Vamos para Nova York na mesma noite.

– Que ótimo! – disse ele. – O número de casamentos aos quais eu fui nos últimos tempos já deve ter me custado uma casa! Suponho que o traje seja à escolha do cliente, certo?

– Pode escolher.

Comprei um terno preto na Marks & Spencer, o único do catálogo que consegui encontrar exatamente do meu tamanho. Charlotte comprou um vestidinho preto novo na Liberty e um blazer creme, porque, apesar de a gravidez mal ser visível, ela tinha ganhado uns quilinhos na região abdominal. O traje ficou pendurado no travessão da cortina acima das portas.

– Isso não dá azar? Eu ver o vestido? – perguntei quando fomos para a cama na noite anterior ao casamento.

– Ah, eu odeio essas coisas. Mulheres adultas posando de virgens para serem entregues aos maridos no século XXI, pelo amor de Deus!

Lembrei de todos os meses de preparativos para o casamento de Pippa e em como eu teria que passar por aquilo tudo se me casasse com Lucy. Desse jeito tudo me parecia mais adulto.

Na manhã seguinte, fiquei deitado observando Charlotte colocar uma

lingerie preta nova e meias sete oitavos, perguntando-me se um dia me acostumaria com a euforia de ver as roupas deslizando para seu lugar, uma espécie de striptease reverso que era quase tão excitante quanto.

Levamos nossas pequenas bagagens de mão conosco no táxi. Tínhamos decidido passar a lua de mel em Nova York porque nenhum de nós conhecia a cidade e porque parecia o lugar perfeito para passar um fim de semana prolongado, que era toda a folga que eu iria conseguir após tão pouco tempo do início da residência.

Marcus estava parado na escada do cartório quando nosso táxi chegou. Vi o olhar dele quando Charlotte saiu do carro, porque esse era o efeito que a chegada dela provocava nos homens – não tinha como *não* olhar para ela – e, depois, a surpresa dele quando saí atrás dela e paguei o taxista.

– Marcus, esta é Charlotte – apresentei.

– É um prazer conhecê-la.

Ele apertou a mão dela e sorriu, mais tranquilo e composto do que eu jamais o tinha visto, mas, quando se virou para mim, não conseguiu esconder a expressão infantil de cara-como-foi-que-você-conseguiu-isso? que me fez me sentir como o vencedor de uma competição na qual eu sequer tinha me inscrito.

A mãe de Charlotte se apresentou com um pequeno buquê de rosas de um cor-de-rosa claríssimo, que contrastava gritantemente com os botões artificiais berrantes na mesa do escriturário. Saímos à rua sob uma chuva de arroz, também providenciado pela mãe de Charlotte, que ficou preso nos nossos cabelos e na nossa roupa e entrou em nossas bocas enquanto ríamos. Então nós quatro pegamos um táxi até o Piatini.

Eu havia servido centenas de pratos ali e comido muitas vezes na cozinha, mas nunca havia feito uma refeição formal no restaurante. Stefania preparara um almoço matrimonial com um risoto amanteigado de açafrão decorado com uma folhinha dourada, seguido por uma *tagliata* de filé malpassado, acompanhada por salada de rúcula regada com um espesso vinagre balsâmico. De sobremesa, um *semifreddo* de chocolate e avelãs, com lâminas de caramelo tão finas que derretiam na boca após a mordida. Nós a aplaudimos quando ela veio da cozinha nos dar os parabéns.

Notei que ela deu uma segunda analisada discreta em Charlotte quando a apresentei e elas se deram dois beijinhos no rosto daquele jeito estranhamente singelo que os europeus fazem. Stefania e Salvatore não eram meus pais

postigos, mas, por ter feito parte do negócio familiar deles por muitos anos, nosso relacionamento era mais próximo do que o de apenas empregado e patrões. Em meio a uma leve névoa de Chianti, percebi a surpresa de Stefania com minha mulher supersofisticada e a expressão desconcertante de seu rosto. Marcus teve a mesma reação, o que fez que eu me sentisse triunfantemente reconhecido.



Charlotte tinha gastado o presente do pai dela comprando nossas passagens na classe executiva, a fim de que eu tivesse bastante espaço para esticar as pernas. Eu já tinha bebido bem mais que ela e agora ainda havia um abastecimento constante de champanhe.

– Posso me acostumar com isso – falei, meio zozinho, depois que as luzes da cabine foram apagadas e a comissária de bordo nos entregou travesseiros com fronhas de algodão limpas.

– Ainda bem – respondeu Charlotte.

No escuro, percebi que a mão dela estava buscando a minha.

Eu falava sobre as mordomias; ela falava sobre nós.

O simples ato de estarmos de mãos dadas parecia a coisa mais íntima que já tínhamos feito.

– Venha – sussurrou ela no meu ouvido.

Eu a segui até o cubículo do banheiro e consumamos nosso casamento a 30 mil pés de altura, com grãos de arroz caindo de nossas roupas.

CAPÍTULO 16

2003

Tess

Ser levado às alturas: era isso que acontecia ali, mas não acho que estava sendo tão divertido com Hope batendo na porta. Eu supunha que o banheiro da classe executiva seria mais espaçoso – não podia arriscar deixar Hope ir sozinha e acabar presa lá dentro –, mas não podíamos esperar, então acabamos atravessando toda a classe econômica às escuras, onde as pessoas tentavam dormir, enquanto Hope declarava em voz alta:

- Minha calcinha está molhada!
- Por que você não foi ao banheiro do aeroporto quando eu mandei?
- Porque eu não estava com vontade.

Fazia tanto tempo que Hope não tinha um “acidente” que eu não colocara nenhuma muda de roupas na bagagem de mão e estava com receio de pedir para a comissária uma toalha para o assento, mas ficou pior no banheiro quando Hope abaixou a calcinha e viu sangue.

Nenhum livro ensina como contar a uma criança com um grau leve de autismo que ela acabara de ter sua menarca em um banheiro de avião. Hope tinha acabado de completar 11 anos, então eu não esperava que já fosse acontecer, apesar de saber que meninas mais gordinhas às vezes menstruavam antes de começarem o ensino fundamental. É um processo difícil de explicar até mesmo nas situações mais propícias, ainda mais para alguém tão literal quanto Hope. O único ponto positivo foi que, quando consegui tirá-la de lá, com um maço de lenços enfiados na calcinha, Hope estava tão exausta de gritar que dormiu o restante do voo.



Kevin e Shaun nos esperavam no saguão do desembarque com um cartaz de boas-vindas escrito em irlandês que dizia: *Céad míle fáilte, Teresa e Hope Costello*.

O que mostra que é verdade o que eles dizem sobre os irlandeses ficarem ainda mais irlandeses quando estão morando em outro país.

É engraçado quando você não vê uma pessoa por muitos anos, porque sempre há um constrangimento inicial ao olhar um para o outro e se perguntar se essa pessoa também está pensando que você parece bem mais velho.

Nunca entendi direito por que os homens que têm medo de ficar carecas optam por raspar todo o cabelo ao primeiro sinal de calvície, mas não deve ser legal ver uma abóbada brilhante se estendendo para trás a partir de suas sobrancelhas – pior ainda se for um pouquinho irregular. Acho que eles pensam, e eu concordo, que passar a máquina zero é melhor do que pentear os poucos fios que restam para cobrir a careca. *Será que Kev tinha que usar uma peruca quando estava no palco?*, pensei. Nunca vi um bailarino careca – não que eu tivesse visto muitos bailarinos, a não ser na BBC2 e no final daquele filme *Billy Elliot*, em que não dava para ver as cabeças dos cisnes homens por causa das penas.

Não faço ideia do que Kevin estava pensando a meu respeito. Ou talvez faça, porque ele e Shaun conversaram sobre eu fazer uma “transformação” bem antes de Shaun sugerir isso alguns dias depois.

– O voo foi bom? – perguntou Kev.

– Tem sangue saindo da minha perereca porque não vou ter um bebê – anunciou Hope.

Até Kev tinha que admitir, àquela altura, que Hope não era como a maioria das meninas da idade dela.

– Ela ficou menstruada... Sim, no avião... Não, não era esperado, obviamente... Fora isso? Ah, muito bom, voo perfeito, obrigada.

– Bem-vindas à Big Apple – disse Shaun.

Ele parecia um cara decente e sensível. Apesar de termos acabado de nos conhecer, de certa forma achei-o mais fácil de conviver do que Kevin, que eu conhecia desde que nasci. Kev parecia sempre estar na defensiva. Não que eu fosse criar caso por ele ter me deixado sozinha para cuidar de tudo, mas ele continuava listando todos os motivos pelos quais era-lhe simplesmente impossível ir nos visitar, mesmo que só de vez em quando.

Pegamos um táxi amarelo para Manhattan. Fiquei decepcionada. À primeira vista, Nova York era como qualquer outra cidade, com prédios pequenos e comuns, estacionamentos sujos e painéis publicitários – apesar de que, se eu tivesse lembrado, já saberia disso por causa de *O grande Gatsby*. Assim que avistamos Manhattan pela primeira vez, toda iluminada, como na abertura de *Friends*, essa primeira impressão mudou, é claro. Atravessar a ponte do Brooklyn e deparar com aquela vista tão familiar por conta dos filmes fez eu me dar conta da ausência das Torres Gêmeas e de como aquela pequena porção de céu vazio devia lembrar aos nova-iorquinos, todos os dias, que o mundo nunca mais seria o mesmo.

Kev e Shaun tinham um apartamento duplex no centro, em TriBeCa. Shaun explicou que o nome era uma abreviatura de “rua triangular abaixo do canal” em inglês (Triangle Below Canal Street), apesar de soar mais exótico que isso, como um antigo bairro russo ou algo assim. Kev nos disse que Robert de Niro – ele o chamava de Bob, como se o conhecesse – morava logo ali, dobrando a esquina.

O apartamento pareceu um tanto escuro quando Shaun abriu a porta e nos mostrou os quartos no quinto andar. Hope e eu íamos ter um quarto só para nós com vista para a região de Wall Street, uma grande cama de casal e um futon aberto no piso de parquet.

Kevin e Shaun dividiam uma cama de casal enorme no outro quarto. Não sabia o que Hope ia achar daquilo. Ela não era muito fã desse “negócio de beijo”, como se referia, entre homem e mulher e eu não fazia ideia do que ela pensaria de dois homens fazendo isso. Eu devia tê-la preparado, mas não sabia por onde começar, então passei boa parte das férias me preocupando com o momento em que ela iria fazer alguma pergunta constrangedora, o que seria, de alguma forma, culpa minha.

Entrava-se no apartamento pelo quinto andar, mas parte do teto tinha sido demolida e uma escadaria levava até uma cozinha aberta cujas portas davam para um terraço. Todo aquele vidro criava uma atmosfera extraordinária, arejada.

– Por que a cozinha é no andar de cima?

– Por que não? – perguntou Kev.

Como eu disse, na defensiva.

– Teca! Por que a cozinha é no andar de cima?

– É só porque Kevin e Shaun gostam assim. Significa que você pode

fazer as suas refeições e admirar a vista, está vendo?

Eu sabia que ela estava pensando: *Por que alguém iria querer fazer isso?* Nós não admirávamos vista nenhuma em casa, nem na escola, nem em qualquer outro lugar onde fizéssemos nossas refeições.

– Sua casa é de cabeça para baixo? – perguntou ela a Shaun.

– Acho que podemos dizer que sim – disse ele, rindo. – Mas, por favor, sinta-se em casa!

Hope não era boa com expressões idiomáticas.

– A nossa casa é de cabeça para cima.

Passeamos pelo bairro antes de jantar cedo, porque já tinha passado da meia-noite para nós duas. Era o tipo de bairro onde as lojas de roupas parecem galerias de arte, com um tubo de neon na vitrine e quem sabe apenas um par de sapatos, ou um vestido em um cabide, e sem etiquetas de preço. Shaun tinha reservado uma mesa em um restaurante ótimo, mas que foi desperdiçado com pessoas que não faziam ideia de qual a diferença entre um linguado e um pargo (ou mesmo que eram espécies de peixe) e só conheciam massa “com queijo”, “com carne” e “instantânea”. Os funcionários eram tão prestativos e gentis que acho que teriam ido até o mercado e comprado um pacote de macarrão instantâneo se nós tivéssemos pedidos, mas garanti que Hope ficaria bem comendo *farfalle* – apesar de ser melhor chamá-lo de gravatinha em vez de borboleta – com tomates-cereja e queijo de cabra.

Não pude deixar de notar que a gorjeta que Shaun deixou era mais alta do que o custo total de qualquer refeição que eu já tinha feito fora de casa. Na volta para o apartamento, enquanto Kevin acompanhava Hope pela primeira vez e eu e Shaun ficamos um pouquinho para trás para deixar os dois se conhecerem, eu disse a ele que teríamos ficado igualmente felizes se tivéssemos ido ao McDonald’s ou ao KFC.

Ele sorriu para mim.

– O que você gostaria de fazer aqui?

– Temos que ver o Empire State Building. Digo, subir nele.

Dava para ver o topo do prédio do terraço do apartamento deles.

– Será que Hope iria gostar de ver um musical? – perguntou Shaun. – Kevin disse que ela gosta de cantar.

Hesitei, porque, é claro, era disso que ela mais iria gostar.

Decidi ser sincera:

– O problema é que, se ela souber a música, vai tentar cantar junto. E ela

sabe *todas* as músicas.

– Não se preocupe, Tess – garantiu Shaun. – Sou mestre em lidar com pessoas difíceis.

Ele era diretor, então achei que estivesse falando dos dançarinos e atores, mas ele apontou com a cabeça na direção de Kevin e nós compartilhamos um daqueles momentos particulares de compreensão mútua.

Na noite seguinte, Shaun conseguiu ingressos para *O rei leão*. Nossos lugares ficavam bem no meio das primeiras fileiras, eram os chamados reservados para a casa, como Shaun explicou, porque ficam reservados para o caso de alguém como George Clooney aparecer no último minuto. Hope se sentou entre mim e Shaun e, quando as luzes se apagaram e a música começou, ele disse a ela, gentilmente, mas com firmeza:

– Escute, Hope, você está na plateia e o papel da plateia é permanecer sentada sem se mexer e ficar quietinha, caso contrário você não vai mais poder assistir ao espetáculo.

O que foi uma estratégia arriscada, mas inteligente, porque não deu a ela tempo nenhum de protestar. Para minha surpresa, ela fez exatamente o que ele mandou. Acho que o fato de Shaun ser homem ajudou, porque estávamos acostumadas a fazer o que meu pai mandava e havia muita coisa para ela olhar. É incrível a maneira como o elenco se move como animais africanos e a música deixa você animado. Literalmente de tirar o fôlego.

Depois, assim que chegamos à rua, Hope perguntou:

– Posso cantar agora?

E Shaun respondeu:

– Tudo bem, agora pode.

Então foi “Hakuna Matata” todo o caminho até em casa, para enorme constrangimento de Kev, apesar de os outros passageiros do metrô terem gostado. Se Kev tivesse tirado o boné da cabeça, aposto que teríamos conseguido enchê-lo de moedas aquela noite.

Depois disso, Shaun nos levou aos espetáculos da Broadway de dia e de noite. *Wicked*, *Hairspray*, *Os miseráveis* e o favorito dela, *Mamma mia!* Kev tinha um espetáculo se aproximando e estava ensaiando na maioria dos dias, então não podia se juntar a nós. Senti que ele estava um pouquinho mal-humorado. Kev gostava de ser o centro das atenções e talvez tivesse razão em estar com ciúmes, porque, para ser sincera, acho que me apaixonei um pouquinho por Shaun. Não no sentido físico, obviamente – apesar de ele ser

um homem muito bonito e usar roupas lindas, como suéteres de caxemira amarelo-claros com jeans limpíssimos, e sempre estar muito cheiroso –, mas simplesmente porque ele era muito atencioso e bom em extrair o melhor das pessoas. Não só de Hope, mas de mim também.

Shaun foi a primeira pessoa com quem eu conversei de verdade sobre arte. Fomos ao MoMA juntos quando Kev levou Hope ao zoológico. Eles têm uns Matisses maravilhosos lá, além de todos os Warhols, e era ótimo vê-los na cidade em que tinham sido feitos (eu nunca tinha falado “feito” para pinturas antes, sempre “pintado”, o que não era a palavra correta). Ele também me apresentou à literatura americana contemporânea, selecionando romances de capa dura brilhante na estante da sala de estar, os quais eu lia todas as noites e discutia com ele no dia seguinte. Minha mente era como uma vasilha vazia ansiando por conhecimento. Ele nem riu quando falei isso. Em vez disso, disse que eu deveria fazer faculdade.

– Eu consegui uma vaga para fazer inglês – contei a ele com orgulho. – Na University College, em Londres. Mas não pude ir por causa de minha mãe.

– Lá vamos nós! – reclamou Kevin, tocando um violino imaginário.

Estávamos todos sentados no Central Park porque era um daqueles dias em que o sol está tão lindo que você acha que está quente o bastante para um piquenique, mas, quando ele disse aquilo, o gramado no qual estávamos de repente pareceu um pouco frio demais; a brisa, um pouco gelada; e nós provavelmente deveríamos ter ido embora.

Não é que eu quisesse que as pessoas pensassem que eu era uma mártir ou me agradecessem o tempo todo, mas sentia, sim, que estava lidando com algo bastante difícil e fazendo alguns sacrifícios no processo. Não estava buscando empatia, mas, por causa da recusa das outras pessoas a reconhecer que havia, de fato, um problema (o que significa que talvez elas fossem obrigadas a dividir a responsabilidade), não parecia justo que eu também não tivesse nenhum reconhecimento.

Então falei algo assim e Kevin se sentiu ofendido.

– Mas convenhamos que o que você queria estudar não era algo tão útil – disse ele.

O que era exatamente o que meu pai dizia quando era Kev o artístico e criativo da família.

– Como se dançar fosse útil, então? – retruquei.

Ao que ele respondeu:

– Por que todo mundo na minha família sempre foi contra eu dançar?

– Por que você sempre deturpa as coisas? Foi você quem disse que o que eu queria fazer não servia para nada!

É impressionante a facilidade com que irmãos voltam a ser crianças. Você começou! Não, você começou! Em pouco tempo, você está tão irritado que não consegue, afinal, lembrar quem começou.

– Eu só quis dizer que isso não a impediu de ler livros – disse Kev.

Eu devia ter reconhecido a tentativa dele de apaziguar as coisas. Mas eu já estava uma pilha de nervos àquela altura.

– Mas me impediu de ter uma graduação! Eu era a melhor na escola e, agora, nem sequer me formei em alguma coisa!

– Mas você ainda pode, Tess – disse Shaun. – E deveria, não deveria, Kevin?

– Ela deveria, não deveria, Kevin? – repetiu Hope.



Aquela tarde, pegamos o barco da Circle Line, que dá toda a volta na ilha de Manhattan.

Parado no convés, Kevin apontou.

– Aquela é a...

– Estátua da Liberdade – completou Hope.

– Como você sabia disso, Hope?

Ele olhou para mim por cima da cabeça dela, surpreso.

– Você nos mandou um cartão-postal.

Pude ver que ele ficou não só satisfeito, mas impressionado.

Ele começou a indicar os outros pontos importantes enquanto navegávamos: a balsa de Staten Island, a região de South Street Seaport, a ponte do Brooklyn, a ponte de Manhattan...

– Aquele prédio é a sede das Nações Unidas – disse Hope quando subimos o rio East. – É o que diz debaixo das pessoas no noticiário.

Enquanto a maioria das pessoas provavelmente olharia para o repórter para ouvir o que ele estava dizendo sobre a última reunião do Conselho de Segurança ou qualquer outra coisa, Hope prestava atenção no formato do

prédio e lia as palavras na faixa vermelha na parte de baixo da tela. São duas maneiras de ver a mesma coisa. Pude perceber que Kevin estava começando a notar que Hope era esperta, mas de um jeito diferente, e fiquei feliz, porque é difícil explicar isso a alguém; as pessoas precisam entender por conta própria.

– E aquele lá? – perguntou ele.

– Empire State Building, onde o pêssigo gigante aterrissou naquele filme – respondeu ela, como se ele fosse um idiota completo por perguntar.

– Correto! E aquele?

Ele apontou para o Chrysler Building.

– Não sei.

– Bem, então que tal eu contar a você?

Quase chorei ao ver Kev colocando o braço em torno de nossa irmã para conversar com ela sobre a cidade que tinha adotado. Acho que foi a primeira vez que ele enxergou Hope como uma dádiva em vez de um problema, o que soa como as palavras de um padre, mas, na verdade, é uma maneira muito boa de enxergá-la.

Shaun e eu nos afastamos, deixando Hope e Kev no convés, interagindo.

– O que você vai fazer quando ela começar o ensino médio? – perguntou Shaun.

Eles não tinham assistentes de professores no ensino médio e, mesmo que tivessem, eu sabia que não era uma boa ideia acompanhá-la. Em algum momento, Hope teria que enfrentar o mundo sozinha e essa parecia ser a hora certa para iniciar o processo. Se não entrasse em pânico quando fosse fazer a prova de admissão, ela atingiria a pontuação necessária e entraria no primeiro ano. Além disso, agora nós tínhamos uma declaração médica de necessidades especiais, então haveria um funcionário com ela parte do tempo. O que seria um ótimo progresso, mas levantava a questão: o que eu iria fazer?

– Você já pensou em estudar para ser professora? – perguntou Shaun.

– É o que todo mundo diz!

Era o caminho mais lógico a seguir, visto que eu ainda continuaria em casa com Hope enquanto ela não fosse para a escola. Meu pai já estava praticamente morando na casa de Anne e ela não iria querer ficar com Hope em tempo integral.

– Já é ruim o bastante ficar com papai em tempo integral – dissera Kev na noite anterior quando descrevi Anne para ele e tínhamos sorrido um para o

outro com aquela compreensão que só irmãos compartilham. Amigos por um instante em vez de rivais.

Várias questões me impediam de seguir o caminho da pedagogia. Primeiro, eu precisava ter uma graduação, o que significaria estudar à noite enquanto trabalhava como professora-assistente, e isso levaria pelo menos três anos. Também teria que fazer um treinamento para professores, sem ganhar nada, por mais um ano. Mas minha maior objeção era que eu, na verdade, não queria ser professora.

– Eu estava na escola, aí, em vez de ir para a faculdade, voltei para a escola, e agora esperam que eu passe o resto da minha vida na escola! – falei para Shaun. – Eu nem sequer estudei alguma coisa!

Shaun ergueu as mãos, como se tivesse ouvido motivos suficientes.

– Então, você sabe o que *quer* fazer?

Eu era uma turista em um país estrangeiro, com um homem que mal me conhecia, mas me peguei admitindo algo que nunca falara para ninguém, apenas para minha mãe – e isso tinha sido quando eu tinha 10 anos, então provavelmente não contava –, nem mesmo para Dave ou para Doll. Era quase uma oportunidade de testar as palavras, para ver como elas soavam. Se Shaun risse, o deboche não me perseguiria como se eu estivesse em casa.

– Eu queria ser escritora.

Ele não riu. Para ser sincera, se eu acreditasse que havia a mínima chance de ele rir, não teria dito, então não foi uma atitude tão corajosa assim.

– Você escreve? – perguntou ele.

– Eu escrevia poemas na escola e sempre estou inventando histórias. Você acha que sou louca?

– Se você está me perguntando se eu acho que você sabe escrever, não posso responder até ver algo de sua autoria. O que sei é que você é uma leitora, e os escritores são sempre leitores. E com certeza você possui uma voz que é só sua, Tess. Mas isso é tudo que posso dizer. O resto depende de você. Escreva alguma coisa. Frequente um grupo de escrita criativa...

Senti como se tivesse ganhado permissão, o que era empolgante. Mas a questão de como eu iria pagar as contas ainda persistia.

– Eu poderia trabalhar para Doll...

– Doll?

– Minha melhor amiga.

Era difícil acreditar que Shaun me conhecia tão bem sem conhecer Doll,

então dei a ele um resumo da nossa amizade. Doll acertara em cheio em suas previsões quanto à esmalteria e tinha trabalhado duro, voltando a morar na casa dos pais e investindo todo o seu tempo e todas as suas economias para abrir a Casa das Bonecas. O negócio estava crescendo tão depressa que ela estava prestes a abrir o quarto salão de manicure.

– Parece ser uma moça empreendedora.

Senti uma pontada irracional de ciúmes. Doll já tinha admiradores suficientes. Ela não podia evitar ser bonita, o que fazia os homens suarem a camisa para ajudá-la, mas era inescrupulosa na hora de tirar vantagem, do gerente do banco ao designer que criou a logomarca dela; até mesmo Dave, que tinha ralado muito para instalar as pias e tudo o mais e fez o serviço pelo preço de custo para ela. Eu não queria dividir Shaun com Doll, apesar de ele morar em Nova York, o que tornava improvável eles se encontrarem.

– O nome foi ideia minha – contei.

– Mas por que você não quer trabalhar com ela? – perguntou ele, percebendo a minha ambivalência.

– Primeiro, as pessoas dizem que você não deve trabalhar com seus amigos. Segundo, simplesmente não me interessa por tratamentos de beleza e esfoliação e essas coisas todas...

– Talvez o seu trabalho não precise proporcionar toda a sua satisfação intelectual e emocional. Talvez você possa fazer algo que vá lhe garantir um espaço imaginativo para escrever...

Ele estava realmente levando minha ambição a sério.

– Então, qual é o terceiro motivo?

– Não tenho a aparência certa, não é?

Shaun riu alto.

– Bem, se esse é o seu único problema, meu bem – disse ele –, vou lhe contar o que eu e Kevin estamos planejando.

A transformação. Falando assim faz parecer mais assustador do que foi. Não estamos nos referindo a cirurgia plástica ou botox, nem nada do tipo.

– Você é uma tela em branco – disse Shaun.

– Nossa, muito obrigada.

– Quero dizer, minha querida, que você tem um potencial não percebido. Você me permite ajudá-la a enxergar isso?

Tanto Hope quanto eu tivemos nossos cabelos cortados enquanto Shaun dizia ao cabeleireiro exatamente o que queria: um corte chanel que

combinasse com o formato do rosto dela e fosse fácil de manter; e, para mim, uma remodelagem radical que deixou pilhas de fios enrolados sem graça no chão do salão e um rosto que eu mal reconhecia.

Eu tinha cabelo longo, castanho e enrolado dividido ao meio desde que era criança. Na escola, usava marias-chiquinhas ou tranças. Desde então, Doll havia comprado para mim todos os alisadores e reparadores que já foram inventados para tentar domá-lo e alisá-lo, mas nada funcionava por mais que um ou dois dias. Em geral, eu o prendia em um grande e volumoso rabo de cavalo e, se quisesse ficar com um ar mais sofisticado, fazia um coque. Sempre que fazia isso, as pessoas diziam que eu parecia minha mãe, o que era legal, porque ela era uma mulher bonita, mas acho que elas provavelmente estavam querendo dizer que eu aparentava mais idade.

Agora, me olhando no espelho do salão, eu via uma pessoa jovem. Os fios enrolados, depois de cortados, tinham milagrosamente se transformado em cachos brilhantes. Com meu cabelo curto, meus olhos pareciam bem maiores. Shaun disse que a palavra era “moleca”, que é uma garota travessa, inquieta e brincalhona.

Depois de uma sessão com a maquiadora da companhia de dança, que deu um jeito nas minhas sobrancelhas e me mostrou como aproveitar ao máximo as minhas maçãs do rosto, e de uma excursão a uma loja de roupas, com Shaun como meu *personal stylist* me dando confiança para experimentar modelos que eu jamais sonharia em arriscar, eu me sentia outra pessoa. Talvez a padronagem americana tivesse influência nisso; a numeração da roupa era maior, o que me fazia me sentir menor.

Além disso, eu me rendi aos saltos. É diferente nos Estados Unidos, onde todo mundo é mais alto. Já seria bastante complicado para Dave se acostumar comigo em um vestidinho evasê curto com jaqueta *cropped*, ou calça capri na altura do tornozelo, que me deixava mais alta que ele.

– Quem é Dave? – perguntou Shaun.

O fato de eu não ter tocado nenhuma vez no nome do meu noivo – mesmo que a gente ainda não tivesse marcado uma data – provavelmente dizia muita coisa.

– Dave é o Music Man – explicou Hope, como se essa fosse toda a explicação necessária.

Aquela noite, fiquei sentada com Shaun no terraço deles tomando Cosmopolitans, me sentindo em *Sex and the City*, com a rede de postes com

luzes cintilantes se estendendo até bem longe. Meu copo alto estava cheio de gelo, o limão e o suco de cranberry eram ácidos e não dava para sentir muito o gosto do álcool, então acho que bebi demais em pouco tempo.

– Você vai se casar com esse Dave? – perguntou Shaun.

– Ele é um cara ótimo e tem seu próprio apartamento em Herne Bay e uma van. Todo mundo gosta dele...

Fiquei olhando para um prédio próximo. Por trás de cada uma daquelas janelas estavam acontecendo pequenos dramas, pensei. Milhares e milhares de pequenos dramas. Eu adorava cidades.

– Mas? – perguntou Shaun, aproximando-se e enchendo meu copo.

Por que tinha ficado tão óbvio que havia um “mas”?

Suspirei.

– Parece que não consigo me livrar dessa ideia estúpida de que deveria haver mais. Sei que as coisas por aí provavelmente não são tão maravilhosas quanto imagino, mas quero descobrir isso por conta própria. Para Doll, está tudo bem, porque ela viveu um sonho e agora tem o trabalho que ama, mas por que eu preciso aceitar o que ela diz?

Shaun não disse nada.

– Ao mesmo tempo, eu amo Dave. Todo mundo ama. É como se ele fosse parte da família. Até mesmo meu pai gosta dele! E Anne! E o que Hope faria sem ele? Nem consigo pensar nisso. Então... não sei por que eu simplesmente não consigo seguir em frente com isso e deixar todo mundo feliz...

Se eu estava buscando aprovação, não era Shaun quem me daria.

– Não é culpa de Dave, por sinal – tentei explicar. – Ele me ama, mas a questão é que ele não me conhece!

– O que ele não sabe sobre você?

Tomei outro longo gole do meu coquetel cor-de-rosa.

– Na primeira vez em que Dave me viu, eu estava no trabalho com as crianças, e você sabe como elas são, se aglomeram tentando falar todas ao mesmo tempo, então ele tem a visão de que sou o tipo de pessoa atenciosa e maternal, sabe? Acho que ele nem teria reparado em mim parada sozinha em uma festa dos colegas da escola...

Shaun permaneceu em silêncio, dando-me espaço para continuar com os pensamentos que eu nunca tinha verbalizado antes.

– O que Dave quer da vida é uma casinha boa e uma família, e a questão

é que... eu nem quero ter filhos!

Nenhuma reação ainda.

– Eu NUNCA NA VIDA vou botar uma criança neste mundo.

As palavras pareceram reverberar no ar, como aquele momento na igreja em que os sinos param de tocar.

– Por quê? – perguntou Shaun finalmente.

– Porque eu não conseguiria arriscar morrer e deixá-los para trás. Eu não conseguiria fazer isso com ninguém!

De repente, lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu não sabia de onde elas tinham vindo.

– Cuidar de uma criança é assustador, sabe? Vivo com medo o tempo todo porque que diabo aconteceria com Hope se eu não estivesse aqui?

As lágrimas estavam me sufocando agora.

– Deve ter sido assim para minha mãe, não é? Então por que é que ela não fez os exames? Foi TÃO egoísta da parte dela e eu sinceramente não consigo perdoá-la por isso. O que ela estava pensando? O que ela achava que iria acontecer com a gente?

O choro se apossou totalmente de mim, provocando convulsões no meu corpo, abafando o zunido do trânsito lá embaixo.

– Me desculpe, mãe! Você sabe que eu não estava falando sério... Me desculpe mesmo!

Senti Shaun parado ao meu lado, repousando a mão com delicadeza nas minhas costas, o que me fez chorar ainda mais por ele ser tão gentil e pelo fato de que eu estaria em casa em dois dias e não o teria mais para conversar nem as férias para me animar.

E então, de repente, respirei bem fundo. Não havia mais lágrimas.

Em um verão na Irlanda, quando éramos crianças, nós represamos um pequeno córrego de água na praia. Quando chegou a hora de ir para casa, o pequeno córrego tinha se transformado em um lago enorme e ficamos todos parados ali, com meu pai contando até três, antes de derrubarmos a represa com nossas pazinhas e liberar a enxurrada que jorrou de volta pela praia até o mar. Então, de repente, a areia estava plana outra vez, a água tinha se misturado toda com o mar e eu fiquei olhando para o sol que se punha no horizonte, sentindo-me estranhamente triste, como se uma pequena parte da minha vida tivesse ido embora.

– Eu devia ter passado pelo estágio da raiva, não é? – comentei.

– O luto não é uma lista de afazeres, Tess, é um processo.

– Eu não estou realmente zangada com minha mãe – esclareci. – Eu a amava mais do que tudo. Só gostaria que ela não tivesse colocado todo mundo acima dela sempre, porque isso, na verdade, não ajudou, já que Hope precisava dela aqui...

– E você precisava dela?

– Mas eu não teria precisado tanto dela se ela não tivesse morrido!

– Tess, às vezes você é tão pedante quanto Hope!

Quando as pessoas conversam sobre natureza e educação, acho que se esquecem de que a educação é uma via de mão dupla. É óbvio que as crianças copiam os adultos, mas ninguém jamais fala sobre quanto os adultos copiam as crianças. Aquelas expressõezinhas que se tornam parte da linguagem de uma família geralmente surgem das crianças, não é? Então, se Hope e eu éramos parecidas em algumas coisas, talvez fosse genético, ou talvez ela tivesse aprendido comigo, mas é possível que eu também tivesse aprendido com ela.

– Que tal a gente descarregar um pouco disso? – perguntou Shaun.

“Descarregar” era uma palavra que ele usava bastante, e sem se referir a cargas físicas.

Concordei com a cabeça.

– Parece que a questão maior aqui é o seu medo de morrer – disse ele. – Você está assumindo que vai morrer cedo porque sua mãe morreu?

– E a mãe dela...

– Então, não existe um teste genético que você possa fazer?

– Existe. – Repeti o que dizia o artigo que eu tinha lido recentemente. – Mas apenas cinco por cento das pessoas têm câncer por causas genéticas. E, no momento, a instrução é que elas não façam exames até haver evidências de que um parente próximo carregue a mutação...

Eu tinha ido ao médico para ver isso. A clínica geral simpática que costumava me atender estava de licença-maternidade, então tive que me consultar com o coordenador do setor, um homem bem mais velho que eu conhecia desde criança e que ainda me tratava como uma.

“Com quantos anos você está agora, Tess?”, perguntou o médico, dando uma olhada no meu prontuário. “Vinte e quatro! Você é jovem demais! Fazer testes genéticos não é algo simples, há implicações sérias...”

Às vezes você não ousa fazer perguntas sobre coisas assustadoras, como

“implicações sérias”, para evitar que aquelas palavras ditas em voz alta se tornem mais prováveis. Então, em vez disso, perguntei:

“Com que idade eu posso fazer os exames, então?”

“Vamos pensar nisso de novo quando você estiver com 30 anos e com uma família. Aproveite a vida, Teresa! Não fique tão preocupada!”, sentenciou o clínico.

– Isso é loucura – disse Shaun. – Se o teste existe, acho que você deveria voltar lá e exigir fazer. O que Dave pensa disso?

– Ele diz que o médico deve saber o que está falando – respondi. – O que deve fazer sentido.

Ele não tinha diagnosticado o câncer no ovário de minha mãe, mas ela não tinha ido à consulta, então eu não podia culpá-lo por isso. A médica simpática tinha me dito que tomar pílula diminuía minhas chances de ter esse tipo de câncer.

– Você já disse ao Dave que não quer ter filhos?

– Não – admiti.

– Por quê?

– Porque eu sei que ele diria algo do tipo: “Você diz isso agora, mas...”

– E se ele dissesse “Tess, eu também não quero filhos. Só quero ficar com você”?

– Ele não diria.

– Mas e se dissesse?

Shaun ficou olhando para mim.

– Não sei – confessei.

Mas, de repente, tudo pareceu bem mais claro.



Na última noite, nós três fomos assistir à performance de Kev em *Romeu e Julieta*. Ele era Benvólio e tinha um solo bem longo no segundo ato. Tecnicamente, Kev estava arrasando, mas o que eu mais amei foi o caráter natural e másculo que ele conferiu ao papel, zombando e fazendo piadas com seus colegas Mercúcio e Romeu. Aquilo me fez lembrar dele e do Brendan jogando bola no quintal de casa e me deu vontade de chorar, porque, se meu pai estivesse ali, ele veria que não havia nada de afeminado na dança e ficaria

muito orgulhoso de seu filho mais velho. E eu sabia que, no fundo, essa ainda era a coisa que Kev mais queria na vida.

Tentei dizer isso a ele na festa após o espetáculo, mas não é a mesma coisa quando outra pessoa fala, não é? Especialmente quando é a sua irmãzinha.

Ele usou, sim, uma peruca, por sinal.



Nunca tinha visto Hope tão animada quanto quando voltamos para casa e ela começou a contar a nosso pai e a Anne sobre a viagem. É claro que suas impressões eram diferentes das minhas, relatando o barulho dos trens do metrô chegando às estações, que eu nem tinha notado, e a maneira como os americanos pronunciavam *café*. Ela cantou para eles músicas de todos os musicais e meu pai não acreditou quando Hope disse que fomos ao teatro nove vezes, mesmo sabendo que ela não mente.

– E quem pagou por tudo isso, então? – perguntou ele.

– Shaun conseguiu os ingressos reservados da casa – respondi, com perspicácia.

Para ser sincera, eu nem sabia se ele tinha pagado por eles ou não, mas isso fez meu pai calar a boca.

– Só tem uma coisa estranha com Shaun e Kevin – disse Hope de repente.

Justo quanto eu achava que tínhamos conseguido traçar um caminho seguro em meio a *essa* questão toda.

Eu podia sentir a tensão no ar enquanto meu pai esperava pela evidência inevitável de que sua filha mais nova tinha sido exposta ao pecado mortal. Ele me fuzilou com os olhos.

– A cozinha deles fica no andar de cima! – explicou Hope.



Dave falava ao celular do lado de fora do restaurante, então não percebeu que eu tinha chegado, o que me permitiu olhar para ele, por um momento, como outra pessoa qualquer o veria. Ele estava usando uma camisa polo azul-marinho e uma calça jeans justa e parecia supermasculino e até que bem

gostoso. Toda a determinação que trouxera comigo de Nova York começou a titubear. Eu realmente iria abrir mão desse homem maravilhoso para me jogar em uma esperança vaga de haver algo melhor por aí esperando por mim? Em Nova York era fácil sonhar, mas aqui era a vida real. Dave me amava e se preocupava comigo e, de repente, isso pareceu tão precioso que não consegui pensar em por que eu jogaria fora. Talvez tudo que eu precisasse era de um pouco de distância.

Ele ergueu os olhos ao ouvir meus passos correndo em sua direção e colocou o celular no bolso.

– Uau! – Ele me analisou. – Você está diferente!

– Gostou? – Dei uma voltinha.

– Ficou ótima – respondeu ele.

Para ser sincera, eu estava esperando algo mais do que “ótima”.

Demos um selinho rápido, quase constrangido. Só fazia uma semana, mas era como se tivéssemos esquecido o que fazer.

Na mesa, dei a ele o boné do Yankees que eu tinha comprado de presente. Ele o colocou na cabeça, depois tirou.

– Então, o que vai querer?

Ele pegou o cardápio.

Eu gostaria que não tivéssemos ido comer pizza porque a pizza em Nova York era muito melhor e me peguei tagarelando sobre isso, provavelmente por causa do *jet lag*.

– Alguma entrada?

Ele chamou a garçonete.

– Não, obrigada.

Pareceu o nosso primeiro encontro, quando eu estava ansiosa para impressioná-lo, mas não sabia sobre que tipo de coisa ele gostaria de conversar. Prometi a mim mesma que não falaria dos meus planos para conseguir um emprego diferente e escrever antes de eu avançar um pouco nisso, mas acabou saindo desembestado.

– Um grupo de escrita? – repetiu Dave.

– Só para ver se eu consigo.

– Por que você quer fazer isso?

– Porque talvez eu ache isso criativamente satisfatório – falei, um tanto irritada, como Kev.

– Você e as suas palavras grandes!

A frase pareceu ecoar entre nós dois.

– Tem visto muito Doll? – perguntei, querendo saber sobre o encanamento do novo salão dela, mas Dave tinha um rosto tão sincero que eu soube imediatamente que, primeiro, ele tinha, e, segundo, ele pensou que eu estava insinuando algo mais além do encanamento.

– Você e Doll? – gaguejei.

Eu tinha deixado uma mensagem para ela na secretária eletrônica para avisar que tínhamos voltado, mas ela ainda não tinha me ligado para ouvir os detalhes.

– Sinto muito, Tess...

– Se eu não tivesse perguntado, vocês iam me contar ou iam continuar pelas minhas costas?

– Não é o que você está pensando...

– Como assim, não é o que eu estou pensando?

– É sério – respondeu ele.

Ele tinha razão, porque não era nada disso que eu estava pensando. Eu estava pensando em uma atração momentânea. E não parecia conseguir decidir se isso teria sido melhor ou pior.

– Há quanto tempo isso está rolando?

– Só esta semana. Temos trabalhado até tarde, tentando deixar o novo salão pronto e...

Ergui a mão para interrompê-lo. Eu não queria saber dos detalhes.

– Só uma semana e é *sério*?

Imitei o tom de voz grave dele.

– Mas eu e Doll nos conhecemos há anos, não é? Não que eu um dia tivesse pensado que seria possível...

O que levava a subentender que qualquer homem com juízo iria preferir Doll a mim. Pensando no sexo, ou no que quer que fosse que ele estava pensando, o rosto de Dave se abriu em um sorriso.

– Ah, pelo amor de Deus! – gritei.

Então, como eu não conseguia pensar em mais nada para dizer, empurrei a cadeira para trás e fui embora, deixando-o para pagar a conta.

Meia hora antes, estava me sentindo superadulta com meu novo corte de cabelo e meu novo estilo, mas, agora, sentada no ônibus a caminho de casa, era como se tivesse voltado direto para a nossa primeira boatezinha na escola, observando todos os meninos desafiarem uns aos outros para tirar Doll para

dançar como se eu nem existisse.



Os grandes olhos azuis de Doll congelaram quando ela abriu a porta.

Ela estava esperando Dave, percebi. Será que eles tinham combinado que ele passaria um relatório para ela depois? Será que eles estavam planejando se sentar ali para analisar a minha reação ou iriam correr para o andar de cima e transar?

– Simplesmente aconteceu... – disse ela.

– Como?

– Você realmente quer saber?

– Nããããão!

Doll pareceu chateada com a frieza da minha angústia.

Ela tocou no meu braço.

– Entre e a gente conversa.

Afastei a mão dela.

– O que temos para conversar? – perguntei com aspereza.

– Não me faça escolher, Tess! – choramingou ela.

– Não ouse tentar fazer com que eu pareça a irracional aqui e você, a vítima desafortunada...

– Desafortunada?

– Infeliz.

– Me desculpe – disse ela. – Eu sabia que você ia ficar brava, mas achei...

– O quê? Que eu ia dar minha bênção a vocês? – Fiquei repentinamente furiosa. – Não tem problema, Doll. Fique com meu noivo! Faça o que quiser. Você sempre faz, de qualquer forma. É sempre “para mim”, “para mim”, “para mim” com você, não é? Vou ficar com este aqui. Ah, e com aquele ali, nas duas cores, por favor. Outra pessoa vai pagar a conta...

– Sua vaca maldita! – retaliou Doll. – O que foi que eu um dia peguei de você?

– Minhas tarefas de casa, minhas ideias... meu maldito noivo! – gritei.

– Mas você não o queria *de verdade*, queria? – perguntou Doll.

Não havia resposta para isso e ela sabia. E a decisão dela de usar as

informações privilegiadas que tinha por me conhecer tão bem foi o cúmulo da traição.

– Não vá! Por favor, Tess! – Ela me seguiu pela rua. – Você vai encontrar o seu sonho, eu sei que vai...

– Para quê? – Virei-me para ofendê-la. – Para você tirar de mim?

– Isso não é justo!

Ela parou.

Continuei caminhando, meio que esperando que ela continuasse me seguindo. Mas ela não seguiu. E nem passou lá em casa mais tarde.

Já tínhamos brigado feio uma vez, quando tínhamos 8 anos, no verão em que Doll subitamente anunciou que Cerise McQuarry era sua melhor amiga.

“Acho que você está melhor sem ela”, lembro-me de minha mãe ter dito.

É verdade, *só que desta vez eu não tenho ninguém*, pensei.

PARTE 3

CAPÍTULO 17

2005

Gus

— Você recomendaria a paternidade? – perguntou Marcus.

Nós dois estávamos observando minha filha Flora, que usava apenas uma fralda e um par de sandalhinhas de borracha cor-de-rosa minúsculas e se aproximava da beira da água. Ela se agachou, com aquele senso incrível de equilíbrio que os bebês adquirem assim que começam a andar, para encher seu balde de plástico amarelo de água do mar.

Marcus tinha nos convidado para almoçar no domingo no litoral norte de Kent. Como uma espécie de refúgio de fim de semana do loft dele em Clerkenwell, ele tinha recentemente comprado uma cabana de pescador reformada em Whitstable. Na expectativa de se tornar sócio do grande escritório de advocacia da cidade, Marcus conseguia viver com conforto com seu salário, enquanto investia suas bonificações excepcionais em imóveis bacanas. Ele era sem dúvida mais bem-sucedido do que eu era ou um dia poderia ser, mas eu já era pai. Não havia nada de hostil em nossa competição não verbalizada, mas ela sempre estava ali, como se fiscalizássemos nossas vidas ao compará-las.

— Com toda a certeza – respondi.

— Não impede você de fazer coisas? – perguntou, pegando uma pedra e arremessando-a na água.

Nós dois ficamos assistindo, contando em silêncio. Uma, duas, três...

Fiquei tentado a dizer: “Já não fazemos sexo no camarote quando vamos à ópera.”

Mas eu sabia que isso ultrapassaria o limite entre a disputa amigável e o exibicionismo.

Peguei uma pedra e atirei. Sete.

— Você começa a pensar de outro jeito – respondi. — Suas necessidades

não são tão importantes, não quando comparadas às do seu filho.

– Em que sentido?

Marcus era treinado para fazer a acareação nos depoimentos.

Peguei outra pedra e, então, descartei-a por não ser achatada o suficiente, enquanto procurava por uma explicação precisa.

– Sempre pensei que passaríamos as férias na Itália quando eu finalmente começasse a ganhar dinheiro, mas não seria muito divertido para Flora ficar zanzando de igreja em igreja. Para ser sincero, ela está tão feliz aqui quanto estaria em algum spa em uma ilha nas Maldivas – acrescentei, o que tinha sido a ideia de Charlotte de um destino apropriado para as férias, até pensar direito nas dez horas de Flora em um avião.

– Nenhum arrependimento, então? – perguntou Marcus.

– Nenhum – confirmei, sem saber como ele reagiria se eu dissesse que meu único arrependimento era ter voltado ao trabalho depois da licença-paternidade que eu tinha tirado entre a troca da residência no hospital para a cirurgia geral.

Criar um lar caloroso e acolhedor era muito mais recompensador do que eu tinha imaginado. Havia me matriculado em um grupo para mães e bebês, duas vezes por semana, no qual cantávamos “Cai, cai, balão” com os bebês desnorteados sentados em nossos colos, fazendo círculos com as mãos durante o refrão. Às tardes, eu me deliciava em ter tempo para ir à feira e mostrar para Flora as frutas e os legumes que a “lagarta muito comilona” do livro comia. Adquiri o hábito de preparar algo delicioso para Charlotte jantar todas as noites e de fazer assiduamente purês orgânicos para Flora quando ela começou a comer alimentos sólidos. Quando levei para os encontros do grupo os biscoitos que tinha assado, me tornei, nas palavras de Charlotte, “o queridinho das mamães bonitonas”.

– A gente sente falta dos velhos amigos, é claro – falei, me perguntando se era isso que Marcus queria saber.

Essa era a segunda vez que nos víamos desde que Flora tinha nascido.

Nash provavelmente era a única amiga pré-bebê que eu tinha visto com regularidade nos primeiros meses porque ela dispunha de tempo livre durante o dia para passear pelo parque Battersea comigo e o bebê. Mas agora ela tinha conseguido um papel em uma série médica americana e fora morar em Los Angeles.

– Como vai o trabalho? – perguntou Marcus.

– Bem – respondi. – Mas é um aprendizado bem puxado.

Tinha sido difícil deixar Flora com outra pessoa, mas seria loucura não me formar depois de ter me esforçado tanto. Contratamos Kasia, uma estudante polonesa de filosofia, como nossa babá. Ela não apresentava nenhuma qualificação formal para cuidar de crianças, mas era inteligente, responsável e ávida por praticar inglês, então passou a levar Flora para diversas novas atividades, como psicomotricidade e natação. Charlotte provavelmente tinha razão quando disse que eu sentia muito mais falta da Flora do que ela de mim.

Sem mais ninguém por perto e com o ritmo tranquilizante das ondas quebrando na praia, fiquei tentado, por um instante, a confidenciar a Marcus que eu odiava a clínica geral, mas decidi não fazê-lo por lealdade a Charlotte. Ela tinha levantado essa questão no avião na volta de Nova York. Será que a clínica geral não seria uma carreira mais flexível? Quem poderia resistir à nova proposta para clínicos gerais, que fazia o salário de um plantonista comum de hospital parecer insignificante? Não compensaria mais do ponto de vista financeiro se fosse eu quem tirasse a licença-paternidade? Infelizmente, a realidade de ter que tomar decisões acerca de um fluxo incessante de pessoas que eu nunca vi às vezes parecia um pesadelo. Eu gastava tempo demais com cada paciente, o que levava a filas cada vez maiores na sala de espera, colegas exasperados e horas de trabalho mais longas do que eu precisava ou queria cumprir.

Marcus atirou outra pedra. Onze, possivelmente doze quicadas.

Inclinei-me para pegar uma concha de ostra, alisada pelas ondas do mar.

– Venha ver esta concha, Florinha.

– *Conça* – repetiu Flora.

– Não ponha na boca, Florinha – avisei. – É afiada.

– *Fiada*.

– Vamos mostrá-la para a mamãe?

– Balde.

– Boa ideia. Vamos levar um balde de conchas para o nosso jardim em Londres, que tal?

– *O cravo brigou com a rosa...* – Flora começou a cantar desafinada.

– *Debaixo de uma sacada...* – completei, impressionado com a conexão espontânea que ela tinha feito entre nosso jardim e a música.

Marcus olhou para mim como se tivesse perdido o fio da meada.

– Vocês têm um jardim em Wandsworth? – perguntou ele.

– Um bem pequenininho – respondi.

Se a vida na cobertura minúscula em meio aos telhados de Charlotte Street era como morar nas nuvens, a casa em Wandsworth tinha colocado nossos pés no chão. Havíamos escolhido esse bairro porque era um lugar onde casais jovens de classe média com carreiras em ascensão como nós ainda conseguiam bancar uma casa. Se você ficasse sentado olhando pela pequena janela da frente, veria um fluxo constante de jovens pais correndo com suas crianças em carrinhos de bebê de três rodas, como o nosso. Mas a rua era sombria e o sobrado conjugado era escuro por dentro.

– Por que vocês não se mudam? – perguntou Marcus.

– Porque os bairros de que a gente gosta estão fora do nosso orçamento até eu começar a ganhar o salário integral de clínico geral – respondi. – Não é um problema que você vá ter – acrescentei, chutando o motivo pelo qual ele estava fazendo todas essas perguntas.

Ele tinha se casado recentemente com Keiko, que era economista de um banco, e supus que eles estavam analisando os prós e os contras de ter um filho.

– E o sexo? – perguntou ele, abaixando a voz para se certificar de que Flora não ia ouvir.

Por um instante, parecia que tínhamos voltado ao primeiro ano do ensino médio, na época em que ainda achávamos que sexo era algo com que alguém do misterioso sexo oposto o presentearia se você tivesse sorte.

O sexo ainda era ótimo. Só não mais tão frequente e nunca mais fora de casa. Agora, se transássemos ouvindo *La Bohème*, era em um CD, não durante o espetáculo.

– É engraçado, mas o sexo também parece não importar mais tanto assim – falei, o que foi um erro, pois fez parecer que simplesmente não fazíamos mais.

Marcus fez uma careta.

– Mas vocês são felizes, você e Charlotte? – perguntou.

Hesitei. “Feliz” não era uma palavra apropriada para Charlotte. Não havia um dia em que eu tivesse acordado sem me sentir surpreso e privilegiado por encontrá-la ao meu lado, mas, se eu perguntasse a ela “Você é feliz comigo?”, acho que ela iria rir como se estivesse ocupada lidando com questões mais importantes. Mas, ainda assim, não havia como duvidar do

amor por Flora que ainda nos unia.

Sei que todos os pais pensam que seus filhos são especiais, mas era uma verdade irrefutável que Flora tinha tanto uma beleza quanto uma inteligência fora do comum. No livrinho vermelho que o governo inglês dá a todos os pais para mapear o progresso de seus filhos, que a maioria das pessoas se esquece de preencher ou perde após os primeiros meses, Flora tinha atingido todas as metas de desenvolvimento bem antes do previsto. Ela dera os primeiros passos pouco antes do primeiro aniversário e, aos 18 meses, já dispunha de um vocabulário amplo o bastante para pedir praticamente tudo o que queria. Herdara o cabelo negro da mãe e meus olhos azuis, uma combinação estonteante que chamava muita atenção.

– Mamãe, *conça* bonita! – gritou Flora quando Charlotte e Keiko apareceram voltando pela trilha da praia com as ostras que tinham comprado no porto.

– É linda, meu amor – disse Charlotte, pegando Flora no colo.

Eu gostaria de ter uma câmera naquele momento para capturar os dois rostos tão parecidos bem ao lado um do outro, os cabelos escuros esvoaçando com a brisa cintilante.

A cabana de pescador tinha sido decorada em um estilo minimalista e amplamente estendida, com janelas enormes e uma escadaria com a lateral aberta que parecia saída de uma revista, mas era um perigo para crianças pequenas. Fiquei desesperado ao ver as sandalhinhas de Flora deixando pequenos tufo de areia molhada no tapete, que parecia bem caro.

– É tão bom estar com adultos que não querem conversar sobre como ensinar a criança a usar a privada! – disse Charlotte.

Ela aceitou a taça de Taittinger que Marcus ofereceu e se reclinou em um sofá estofado de veludo turquesa claro do qual Flora estava chegando perigosamente perto.

– É tudo *tão* entediante agora... Não é, Angus? – perguntou ela.

Marcus deu um sorriso divertido. Sob o holofote da atenção da minha mulher, vi meu amigo pela primeira vez não como o jovem brincalhão que ele costumava ser, mas como o homem bonito e abastado que ele tinha se tornado. Charlotte só conhecera o Marcus charmoso, bem-sucedido e rico. Notei o brilho de aprovação nos olhos dela quando estacionei ao lado do Porsche dele.

– Mamãe come *conça* – disse Flora, apontando para Charlotte enquanto

ela engolia uma ostra.

– Isso se chama ostra, meu amor – disse Charlotte.

– *Conça, conça, conça!* – gritou Flora, libertando sua mão da minha.

– Ela com certeza tem futuro na bolsa de valores! – exclamou Marcus, apaziguando o espetáculo levemente constrangedor da insistência de nossa filha.

– Aqui, prove...

Charlotte pegou outra ostra, derramando um pouquinho do caldo na boca de Flora.

Flora cuspiu imediatamente, quase acertando o estofado de veludo turquesa.

– *Fiada* – choramingou.

Adorava a maneira como o cérebro dela utilizava a palavra que eu tinha ensinado para indicar perigo para um sabor que era desagradável para ela.

Sentei-a em sua cadeirinha de plástico de frente para sua mesinha para almoçar na cozinha enquanto ajudava Keiko a preparar o prato dos adultos.

– É uma receita japonesa? – perguntei enquanto ela tirava o robalo da geladeira e eu espremia limões com um espremedor de madeira.

Ela me deu um breve sorriso.

– Jamie Oliver.

Na sala de estar, a conversa continuava em um volume um pouquinho mais alto, aparentemente para continuar nos incluindo.

– Veneza! Seus sortudos! – Charlotte estava dizendo.

– Vamos estar lá durante a Biennale – disse Marcus.

– Eu sempre quis ir à Biennale! – disse Charlotte. – Angus! – gritou. – Por que não vamos à Biennale? Tenho certeza de que Kasia se viraria sozinha...

Não conseguia imaginar sair do país e deixar Flora, mas não disse nada, porque, se eu apresentasse alguma objeção, Charlotte muito provavelmente iria questionar.

– Caroline ia adorar, Angus! – continuou Charlotte. – Não sei por que as pessoas são tão cruéis com as sogras. A minha é um anjo!

A hostilidade de minha mãe quanto ao nosso casamento tinha desaparecido com o nascimento de Flora. Flora era a cara de Ross quando bebê, minha mãe nos disse quando foi lá em casa sem avisar um dia depois de eu ter ligado do hospital para informar que agora ela era avó.

“Eu também pensei nisso”, concordou Charlotte.

“Ao menos ela não é ruiva!”, ponderou minha mãe.

“Tem razão!”

“Finjam que não estou aqui”, falei.

“É diferente para a mulher, Angus!”, responderam em uníssono.

Não havia como negar que era útil ter uma babá extra, porque Kasia não trabalhava nos fins de semana, mas, embora eu tentasse ficar feliz com o retorno de minha mãe às nossas vidas, não conseguia afastar a sensação de que eu atrapalhava sempre que estava por perto. Odiava quando ela usava o pronome “nós” para se referir a Flora, como se soubesse o que minha filha estava pensando, ainda mais porque os pensamentos “da Flora” pareciam coincidir com os dela.

“Nós gostamos de cenoura, não é? Não gostamos de *ratatouille*, não. Achamos que o papai põe alho demais na comida, não é?”

– Talvez possamos levar Flora junto com a gente para Veneza – gritei.

– Está vendo? – ouço Charlotte dizer. – Ele simplesmente não entende a intenção!

– Na verdade, vocês teriam dificuldades em encontrar um hotel decente agora – disse Marcus, corajosamente se recusando a se voltar contra mim também. – Nós reservamos meses atrás.

– Você gosta de arte contemporânea? – perguntei a Keiko, tentando entabular uma outra conversa.

– Sim.

Não sei ao certo se ela se sentia insegura com relação ao seu inglês ou se era naturalmente reservada. Será que sempre havia um parceiro dominante em um relacionamento?, fiquei me perguntando. Será que Marcus conseguiria lidar com alguém como Charlotte?

– Pode ficar de olho nela enquanto pego no carro as coisas para trocá-la? – pedi a Keiko.

Quando voltei, ela estava agachada ao lado da cadeira, brincando de se esconder atrás de sua cortina de cabelo, extasiando Flora, que ficava tentando pegar o cabelo de Keiko com as mãozinhas sujas de tomate, gritando: “Kei Ko, Kei Ko!”

– É uma parafernália e tanto, hein? – observou Marcus enquanto eu carregava Flora e a malinha dela para o andar de cima.

– Com todas as coisas de plástico que há lá em casa, às vezes parece que

somos os únicos responsáveis pelo *boom* econômico da China! – brincou Charlotte.

Marcus se levantou e me seguiu.

– Quer praticar? – ofereci, estendendo o tapetinho no chão do banheiro.

– Você adivinhou!

– Sou médico, afinal.

– Não até que seja absolutamente necessário.

Meu amigo sorriu com pesar.



– Você acha que Marcus e Keiko estão pensando em ter um filho? – perguntou Charlotte no carro no caminho para casa.

– Ela já está grávida de oito semanas – respondi.

– Sério?

Às vezes eu achava que tinha sido bom Charlotte optar por virar cirurgiã, porque ela não era lá muito boa em ler as pessoas a não ser que estivessem sob efeito anestésico e ela tivesse acabado de abri-las.

– Você acha que deveríamos ter mais um? – perguntou ela de repente.

– Filho? – perguntei, perplexo.

– Não, garrafa de champanhe, o que você *acha*? – perguntou Charlotte, irritada.

– Caramba – respondi.

Eu sabia do consenso geral de que ter apenas um filho é injusto ou, de alguma forma, egoísta. A primeira pergunta que sempre me faziam quando eu estava com Flora era “É a sua primeira?”, supondo que haveria mais. Várias mães bonitonas do grupo já estavam grávidas do segundo filho, mas nunca tinha me ocorrido que nós teríamos mais um. Charlotte admitia abertamente que não era muito maternal, ou “mãezinha”, como ela dizia. Nunca imaginei que ela quisesse outro.

Talvez eu também não fosse tão bom assim em ler as pessoas.

– Seria legal para a Flora ter um amiguinho, não acha? – insistiu Charlotte.

Não sabia dizer se ela estava tentando me convencer a dar uma resposta positiva ou apenas buscando uma confirmação de que Flora estava bem

sozinha. Eu estava confuso com meus sentimentos de ambivalência. Ter Flora certamente tinha sido a melhor coisa que já havia acontecido e o fato de Charlotte estar propondo ter mais um filho significava que ela devia estar satisfeita com a nossa vida juntos; mas será que era uma boa ideia mudar as coisas quando tínhamos alcançado uma condição com a qual todos estávamos confortáveis?

Dei uma olhada pelo retrovisor e vi que Flora tinha pegado no sono.
Será que eu conseguiria amar um segundo filho tanto assim?



Quando encontramos uma vaga para estacionar na nossa rua, o sol estava se pondo. Arrastei toda a parafernália para dentro de casa, incluindo Flora, que dormia na cadeirinha do carro. A casa estava quente, Kasia não estava lá. Era uma sensação aconchegante estarmos só os três ali, juntos.

– Que tal uma bebida? – sugeri a Charlotte. – Na nossa varanda?

Era esse o nome que o corretor tinha dado ao quadradinho minúsculo do deque, mas era agradável sentar ali nas noites de verão e era o único lugar onde podíamos fumar um cigarro, desde que Flora não estivesse brincando por perto.

– Vodca com água tônica, por favor – disse Charlotte, pegando um maço de Marlboro da bolsa e me entregando com um sorriso travesso.

Enchi dois copos com gelo.

– A vodca acabou – falei, olhando no armário.

– Gim, então.

Também não tinha muito gim na garrafa. Coloquei tudo no copo de Charlotte, abrindo uma garrafa fechada de água tônica.

A mistura estalou e borbulhou no gelo.

Levamos nossas bebidas para fora e ficamos sentados em silêncio fumando, as pontas acesas dos cigarros brilhando na escuridão que avançava rapidamente.

– Ser filho único é solitário – Charlotte retomou o assunto.

Pode-se ser solitário sendo um de dois, tive vontade de dizer.

– É bem pouco provável que aconteça, de qualquer forma – acrescentou ela.

– Pareceu ter acontecido com bastante facilidade na vez passada – falei.

Minha concordância implícita acendeu uma chama sexual como uma corrente elétrica passando entre nós e nos conectando.

O que eu não tinha vivenciado na primeira vez, quando ter filho era a última coisa que passaria pela minha cabeça, era como o sexo pode ser incrível quando você está tentando engravidar. É claro que somos geneticamente programados para gostar da coisa, mas, quando os instintos primitivos estão sincronizados com a intenção, isso adiciona uma dimensão nova, quase espiritual.

Depois, fiquei tentado a telefonar para Marcus e dizer a ele que o sexo, afinal, importava muito, sim.

CAPÍTULO 18

2005

Tess

O celular era uma aquisição tão recente que ainda me fazia entrar em pânico toda vez que o sentia vibrar no meu bolso. Eu estava no meu intervalo de trabalho e era uma regra de etiqueta não verbalizada não ficar de papo ao telefone na sala dos funcionários, então me levantei e fui até o banheiro feminino para atender a ligação.

– Alô?

O primeiro tremor de alívio por ver que não era da escola de Hope se transformou em marteladas no meu cérebro quando entendi que era a recepcionista do hospital. Depois de quase quatro semanas de espera, eu tinha conseguido domar o medo, mas ele voltou a me envolver totalmente.

– Saíram os resultados? – perguntei, meus batimentos acelerando.

Pelo seu jeito brusco, eu sabia que ela não iria revelar nada pelo telefone. Nem precisava, porque, quando ela sugeriu marcar uma consulta com minha conselheira genética às dez da manhã do dia seguinte, eu já sabia o resultado do exame – por que eu precisaria de uma consulta se tivesse dado negativo?

Quando apertei o botão para desligar, contudo, logo minha imaginação começou a inventar motivos pelos quais esse não necessariamente precisava ser o caso: eu tinha desenvolvido um bom relacionamento com Jane, minha conselheira, nas conversas que tivéramos antes de eu decidir fazer o exame de sangue. Talvez ela quisesse me transmitir a boa notícia pessoalmente e me dar um aperto de mão antes de me mandar para casa. Ou talvez ela quisesse me relembrar de que, em algum momento, nós teríamos que pensar em como Hope faria o exame e discutir uma estratégia para isso.

– Você está bem, chuchu?

Lewis piscou quando passei por ele a caminho das caixas.

O gerente de hortifrúti tinha uma quedinha por mim. A área de frutas,

legumes e verduras era, de fato, o pior lugar para ele por causa de todas as possibilidades de analogias sexuais – se não fossem bananas, eram pepinos, e o que ele fez com um figo fresco levou a maioria das meninas a desistir de sequer provar um algum dia –, mas ele não era um cara mau. Tudo não passava de brincadeira.

– Está tudo bem? – perguntou meu supervisor quando pedi permissão para chegar mais tarde no dia seguinte porque tinha uma consulta médica.

– Sim, está, coisas de mulher, sabe como é...

Éramos um grupo bastante amigo – uma turma ia jogar boliche uma vez por mês –, mas não havia ninguém ali que eu conhecesse bem o suficiente para ser meu confidente.

Eu estava trabalhando na caixa do novo supermercado Waitrose desde sua inauguração. Na entrevista me perguntaram se eu queria ser treinada para me tornar gerente por causa de minhas alta pontuação na escola, mas respondi que pensava naquilo mais como um emprego do que como uma carreira. Queria a chance de ter um tempo para minha criatividade, como Shaun tinha falado, para escrever, e o Waitrose pagava melhor que os outros mercados por causa da participação nos lucros. Não éramos apenas funcionários, mas “sócios” do negócio, o que soava bem melhor, por isso eu me importava muito com o cargo. O que me agradava era que eles estavam dispostos a ser flexíveis quanto aos meus turnos, o que significava que eu teria tempo para Hope. Um dos funcionários que recolhia os carrinhos no estacionamento tinha dificuldades de aprendizado, então eles compreendiam esse tipo de coisa.

Não que Hope precisasse mais muito de mim. Como qualquer adolescente, ela lutava por mais independência. No caso dela, não se tratava de se divertir com os amigos no fliperama do parque de diversões da praia, pois ela não tinha amigos de fato; eram mais coisas como ir à escola sozinha e ter o próprio dinheiro para comprar seus CDs e doces, eu suspeitava.

Havia uma aula aberta na escola esta noite. Tivemos alguns problemas de *bullying* no começo, mas Hope parecia estar lidando bem agora e conseguindo dar conta das lições com um pouco de auxílio de sua professora-assistente e muita ajuda minha nos deveres de casa.

Em geral, era a Sra. Goode quem ministrava a aula aberta e eu me animava a assistir porque música era a matéria na qual Hope se destacava. Por causa do turbilhão de problemas que passavam na minha cabeça, levei

um tempinho para entender que ela estava me dizendo que Hope não iria mais poder continuar no coral. Aparentemente, houve vários incidentes em que algumas coisas não muito gentis foram ditas e surgiram reclamações. A Sra. Goode olhou para Hope, que estava sentada ao meu lado, fitando o chão, e então percebi, horrorizada, que era minha irmã quem estava fazendo o *bullying* nesse caso.

– Talvez Hope queira aprender um instrumento individual – sugeri a Sra. Goode, ansiosa por oferecer uma alternativa. – Ela gosta de piano, não gosta, Hope?

– Não sei se conseguiríamos pagar aulas de piano – expliquei. – E não temos piano em casa.

– Falei com a direção e a escola estaria disposta a emprestar um teclado para Hope. Com o talento dela, tenho certeza de que vai aprender bem rápido. Há livros que vocês podem comprar; aí, se ela levar jeito para a coisa e descobrir que gosta disso, podemos ver aulas particulares...

Ela mencionou o nome da Martin's Music, que era onde os pais da classe média da St. Cuthbert compravam os instrumentos musicais de seus filhos. Era uma lojinha escura, no fim da principal rua de comércio exclusiva para pedestres, em frente ao lugar onde trocávamos os saltos dos nossos sapatos. Quase sempre olhávamos a vitrine, mas nunca tínhamos entrado porque meu pai não gostava da ideia de Hope colocar as mãos em um gravador ou em um violino infantil, apesar de que ela provavelmente teria se saído melhor do que a maioria das crianças.

– Podemos ir à Martin's Music? – perguntou Hope enquanto caminhávamos para casa.

– Já fechou a esta hora.

– Podemos ir quando abrir?

– Podemos, Hope, mas só se você prometer se comportar.

Ela não disse nada. Será que ela era capaz de sentir remorso? Apesar de conhecê-la muito bem, nunca tive a menor noção do que se passava na cabeça dela.

– Hope, sabe quando os meninos do lado de fora da loja de doces gritaram e chamaram você de gorda? – perguntei. – Você sentiu uma sensação boa dentro de você?

– Boa? Não!

– Então foi uma sensação horrível.

Entendi o silêncio dela como um “sim”.

– Sabe, Hope, quando você diz para a Emily no coral que ela está cantando as notas erradas, ela tem essa sensação horrível também. Então, não é muito legal, é?

– Emily canta mesmo as notas todas erradas.

Bem, e você é gorda, foi o que tive vontade de dizer. Mas ninguém diz essas coisas, diz?



Não consegui dormir aquela noite, mas, quando enfim peguei no sono nas primeiras horas da manhã, sonhei que estava abrindo a porta do consultório e minha conselheira Jane estava sentada lá com uma garrafa de champanhe. Quando a rolha estourou e atravessou o consultório na minha direção, acordei com um solavanco de euforia que instantaneamente se transformou em pavor.

Olhei para o despertador. Faltavam quatro horas. Com a cidade ainda adormecida, levantei e fiz uma longa caminhada até o cume do penhasco e assisti ao sol nascer sobre a água, deixando todo o céu cor-de-rosa. Céu vermelho pela manhã. Se eu já não soubesse, teria descoberto naquele momento.

Hope não fazia ideia, obviamente, e eu estava usando meu uniforme do mercado como sempre, então ela achou esquisito e nada divertido quando dei um abraço longo demais nela antes de acenar quando ela começou a se afastar. Ela ia sozinha para a escola agora, mas não havia um dia em que eu não me sentisse como se estivesse sufocada até dar nove horas, horário em que sabia que a escola ligaria para mim se ela não tivesse aparecido.



– Relaxe, gata. O que tiver que ser será! – disse o motorista do ônibus.

O que achei um pouquinho insensível, visto que eu tinha acabado de pedir para descer no hospital.

Tentei dar ao meu sorriso falso um aspecto ameaçador, então me sentei, perguntando-me se alguma mulher alguma vez já tinha dito isso a um homem e o que passava pela cabeça deles quando falavam isso. Quero dizer, será que

eles realmente queriam nos tranquilizar ou era uma maneira de dizer “Você está ferrada” e sair impunes?



– Entre, Tess! – disse Jane, quando abri a porta do consultório nervosa.

Ela nem ergueu os olhos da tela do computador.

– Sente-se!

Agora sorria para mim, mas eu podia ver a pequena centelha de pavor nos olhos dela.

Por uma fração de segundo, pensei: *Não preciso fazer isso. Por que não digo a ela que mudei de ideia e fico sem saber?* Sempre afirmei que não saber era a pior opção, mas, de repente, parecia ser uma escolha atrativa. Só que eu já sabia.

– Receio que o resultado seja positivo.

Eu achava que já tinha experimentado todos os sentimentos possíveis até ouvir essas palavras – porque é isso que a gente faz, não é, esperando que, se você realmente acreditar no pior, vá conseguir se safar? –, mas não foi como nenhum desses cenários. Suponho que seja por isso que eles falam para você se sentar, porque você sente como se estivesse caindo em um poço. Nunca tinha entendido por que estar sentada iria ajudar.

Os lábios de Jane estavam se mexendo, mas eu não conseguia ouvir o que ela estava falando porque meu cérebro era um borrão. Tinha feito todas as pesquisas. Em Nova York, Shaun me presenteara com um laptop para escrever, mas, assim que passamos a ter internet em casa, foi como descobrir uma biblioteca infinita e eu passava um tempão lendo, não apenas sobre câncer. Sabia que, quando você apresenta uma mutação nos genes BRCA1 ou BRCA2 – meu caso, Jane estava explicando, era no BRCA2 –, você tem duas escolhas. Pode optar por uma cirurgia preventiva. Primeiro, a mastectomia bilateral, depois a remoção dos ovários, levando a uma menopausa precoce. Ou pode escolher a vigilância, o que significa fazer uma mamografia e uma ressonância magnética todos os anos para poder agir depressa se algo aparecer.

Mas a escolha não era exatamente minha, era o que Jane parecia estar explicando agora. Apesar de o câncer tender a ocorrer um pouco mais cedo

de geração em geração, eles ainda eram bastante relutantes em fazer uma cirurgia radical em alguém com apenas 25 anos, como era o meu caso, especialmente pelo fato de eu ainda não ter tido filhos.

– Mas, se você está me oferecendo mamografias e ressonâncias anuais, significa que há uma possibilidade, certo? – argumentei.

– É bem improvável.

– Mas era bem improvável que meu exame desse positivo, não era?

Jane olhou para suas anotações.

– Sua avó morreu com 51 anos. Sua mãe tinha 48 – disse ela. – Você tem o tempo a seu favor.

– Mas minha mãe tinha 43 quando teve câncer pela primeira vez... Então isso reduz minha expectativa para 40 anos...

– Não podemos prever uma data, Tess – disse Jane. – Talvez você nunca tenha. Ou talvez só vá ter aos 70 anos.

– Mas pode acontecer amanhã!

Jane suspirou. Ela não ia mentir para mim.

– Se eu fizer a cirurgia, aí minhas chances de ter câncer voltam a ser as mesmas de todo mundo?

– Isso mesmo.

– Não são zero, então?

– Não são zero, não – respondeu ela com um suspiro. – Olhe, Tess, vai levar um tempo para você absorver isso... Não precisa tomar nenhuma decisão agora. O que eu quero que tenha em mente, Tess, é que conhecimento é poder.

Era sobre isso que tínhamos concordado durante a consulta. Eu ficara tão aliviada quando, finalmente, ela sugeriu que eu fizesse o exame que meio que tinha esquecido que fazê-lo não era a batalha real.

“Conhecimento é poder.” Enquanto caminhava para o ponto de ônibus, senti-me mais impotente do que nunca. Uma obra do acaso da biologia tinha escolhido me dar uma sentença de morte e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso.



A fofoca de que eu tinha ido a uma consulta médica deve ter se espalhado,

porque normalmente havia um pouco de burburinho, mas hoje meus colegas pareciam mais quietos do que o normal. Talvez o medo estivesse estampado no meu rosto. Passei meu turno no piloto automático, com todas as opções se repetindo tão alto na minha cabeça que, em várias ocasiões, eu me esqueci de dar o troco e de distribuir as fichinhas de doação beneficente.

– Você está bem, Tess? – quis saber meu supervisor quando apareceu para destravar uma bobina de papel presa.

– Estou bem – respondi.

Era verdade, não era? Não havia nada de errado comigo. Eu era uma mulher perfeitamente saudável, mas parecia que estava incubando uma coisa horrível dentro de mim, como no filme *Alien*. O estranho era que não se tratava de algo alienígena. Estava no meu DNA. Como meu cabelo enrolado, era parte de quem eu era. Isso é que não dava para compreender.

“Vigilância” era uma palavra peculiar para usar no lugar de esperar-para-ver, porque parecia mais que o câncer estava me observando do que eu a ele.

Geralmente, eu passava o tempo na caixa inventando histórias na minha cabeça a respeito dos clientes e suas compras. Pode-se falar muito sobre as pessoas a partir dos itens no carrinho delas. Não estou só falando de coisas do tipo se elas vão dar uma festa ou se têm um gato em casa.

Cada item que se movia na minha direção na esteira parecia carregar um significado adicional.

Sementes de romã não eram daqueles superalimentos que evitam o câncer?

– O que você faz com elas? – perguntei à jovem profissional com seu belo terninho da Next, porque éramos encorajados a interagir com os clientes.

– Qualquer coisa, para falar a verdade – disse ela distraída. – Misturo na salada, esse tipo de coisa.

Então por que a Coca Diet? Nos Estados Unidos, havia uma etiqueta que dizia que um dos ingredientes era conhecido por causar câncer em ratos.

As ondas de calor são tão ruins quanto dizem?, eu queria perguntar à mulher de meia-idade cuja cestinha continha uma caixinha de um completo vitamínico para menopausa, um pacote de fraldas geriátricas e um pote de achocolatado de baixa caloria.

Será que o cara com pacotes de Doritos leve-três-e-pague-dois, um pote de molho e quatro cervejas não tinha ouvido os conselhos sobre manter um peso adequado e comer cinco unidades de frutas ou legumes ao dia?

- Vai ficar em casa à noite?
- Quer me fazer companhia? – perguntou ele.

Fingi não ter ouvido. Era surpreendente o número de propostas que eu recebia.

Eu tinha ficado mais tentada pelo cara com o presunto de Parma, o pão ciabatta e um pacote de rúcula no carrinho. Mas ele devia estar em um relacionamento bastante sério para levar absorventes para a parceira sem tentar escondê-los atrás do papel higiênico.

– Você está bem, Tess? – perguntou Lewis enquanto eu caminhava por entre as estantes de frutas e verduras no fim do meu turno.

Será que ele iria gostar de mim sem peitos?

Como eu não estava namorando atualmente, será que agora não seria a época ideal para fazer a operação? Ou será que seria a pior? Se o propósito da cirurgia era viver feliz para sempre, será que fazê-la não arruinaria minhas chances disso?

Fui a pé para casa, pensando que um tempo sozinha iria me ajudar a responder todas essas perguntas, mas isso acabou não acontecendo.

Mesmo que fizesse a cirurgia, eu poderia morrer de alguma outra coisa. A mutação do gene BRCA aumentava as chances de câncer no pâncreas e era difícil detectá-lo antes que fosse tarde demais.

Quando seria a operação? Não havia nenhum risco? Sortuda do jeito que sou, eu morreria na mesa de cirurgia. E como Hope ficaria?

Se eu insistisse em ser operada, não haveria volta; mas se deixasse como estava, talvez até encontrassem uma cura.

“Quando você não sabe o que fazer, não faça nada”, minha mãe dizia.

Mas olhe aonde isso a tinha levado.

Esse é o problema de ter tempo para a criatividade. Seus pensamentos vão mais longe do que você gostaria.



Ao passar pela casa dos O'Neill, fiquei meio tentada a tocar a campainha e bater um papo à mesa da cozinha com uma xícara de chá, exatamente como fazíamos depois da escola. Mas a Sra. O'Neill só me diria que Deus tem seus propósitos. De qualquer forma, não era com ela que eu precisava conversar.

Doll era a pessoa que sempre fora o contrapeso à minha tendência a pensar demais nas coisas e ela não morava mais ali.

Doll conseguiu seu casamento e Dave, sua esposa. Eu não sentia ciúmes, porque, no fundo do meu coração, sabia que eles seriam ótimos juntos. O jornal da cidade publicou uma foto dos dois em um hotel campestre. Ironicamente, no mesmo dia em que a manchete foi: *Fred está fora*. Fred tinha sofrido uma lesão no ligamento cruzado e não ia poder mais jogar pelo resto da temporada.

Pensei em mandar um cartão para eles, mas não consegui encontrar as palavras porque ainda estava ruminando as coisas que ela e eu havíamos dito. Eu falara como se a odiasse, o que não era verdade, mas, mesmo assim, nós não podíamos fingir que nada tinha acontecido. Se eu era presunçosa de achar que acabar minha amizade com Doll seria uma punição para ela, então tinha sido um gol contra, porque era eu quem tinha perdido a companhia e a diversão.

Às vezes eu desejava que Doll simplesmente aparecesse na minha caixa e nós fôssemos tomar um café no meu intervalo, o que não seria nada de mais. Mas as pessoas eram fiéis aos seus supermercados e a Casa das Bonecas não parava de crescer, então ela não devia ter tempo para fazer compras.

Ou será que alguém tinha contado a ela onde eu trabalhava e ela estava me evitando de propósito?

É possível imaginar o que uma pessoa que você conhece há muito tempo diria em uma determinada situação, mesmo se não estivesse lá, mas Doll sempre teve a própria perspectiva das coisas. Era o tipo de pessoa otimista, ao passo que eu tinha me tornado uma pessoa um tantinho pessimista desde a morte de minha mãe. Agora, pensei, nem eu via o otimismo dela nem ela, o meu pessimismo. Tínhamos passado por todos os momentos divisores de águas juntas – o primeiro dia de aula, a primeira comunhão, a primeira menstruação, o primeiro beijo, a primeira perda familiar, o primeiro namorado sério –, então parecia estranho que ela nem soubesse sobre o meu primeiro dilema de saúde sério.

Ainda acreditava que, se ligasse para ela e contasse sobre o exame, Doll correria até minha casa com uma garrafa de Pinot Grigio ou, nos dias de hoje, provavelmente algo mais caro, como o Sancerre que os clientes chiques compravam para harmonizar com seus filés de robalo. Mas, por ser casada, depois ela voltaria para casa e contaria para Dave, e eu não conseguia tolerar

a ideia dos dois deitados em sua cama *king size*, depois de uma rodada de sexo selvagem, dizendo “Tadinha da Tess!”



Quando entrei em casa, liguei para Shaun. Ele tinha me encorajado durante todo o processo de aconselhamento genético e o exame, então fiquei desesperada ao ouvir um silêncio perplexo. Percebi que ele também estava apostando em um resultado negativo, então agora não era apenas o choque, mas como se, de alguma forma, ele se sentisse responsável.

Eu me peguei tendo que reconfortá-lo:

– Conhecimento é poder, Shaun. É a isso que temos que nos apegar...

Mas, sendo parceiro de Kev, a preocupação de Shaun não era mais apenas por mim.

– É possível que Kevin também tenha herdado o gene ruim?

– Suponho que deva haver uma chance de cinquenta por cento – falei, levemente irritada.

Não podia suportar que meu irmão transformasse isso em um problema dele nesse momento.

– Por favor, não conte a Kev – implorei.

– Acho que tenho que contar, Tess.

O que pareceu como mais uma porta se fechando.

Senti-me tão arrasada que resolvi faltar à aula de escrita criativa. Mas depois Hope chegou em casa com o tal teclado prometido em um carrinho especial e começou a testá-lo imediatamente e eu tive a certeza de que enlouqueceria se ficasse em casa.



A aula de escrita criativa fazia parte do Programa de Educação para Adultos da faculdade local e Leo, nosso tutor, era professor universitário. Ele tinha cabelo grisalho comprido jogado para trás e uma barba por fazer desenhada. Havia cinco estudantes. Liz tinha uma ideia para uma comédia romântica já engatilhada; Violet era uma aposentada cujos netos queriam que ela escrevesse algumas histórias que ela lhes contou sobre a guerra; Ashley era

uma adolescente viciada em computadores que estava escrevendo um livro de fantasia com personagens chamados Snork e Godroon.

Éramos diferentes, mas nos dávamos bem – e ainda havia Derek, um policial aposentado que se considerava melhor que o restante de nós porque tinha autopublicado um romance policial. Uma noite, ele me encurralou no caminho para o ponto de ônibus, dizendo que éramos espíritos artísticos semelhantes e perguntando se eu gostaria de ir comer comida indiana, mas respondi que achava que isso podia atrapalhar a dinâmica criativa. Sei que os policiais se aposentam cedo, mas, mesmo assim, 50 anos era quase o dobro da minha idade e, para ser sincera, ficara um pouco perturbada por suas descrições escabrosas de mulheres assassinadas.

Não se tratava apenas de ler e escrever. Leo nos dava exercícios para estimular nossos talentos, como, por exemplo, nos fazer criar personagens para as pessoas das fotos antigas que ele levava, o que era meio parecido com o que eu e minha mãe fazíamos quando inventávamos histórias sobre as pessoas em cafés.

Em outra semana, tivemos que narrar três histórias sobre coisas que haviam acontecido em nossas vidas, duas verdadeiras e uma falsa, e ver se a turma descobria. Era uma maneira de praticar a habilidade de contar histórias.

Descobri que o segredo era construir a cena. Não havia sentido em dizer que você tinha encontrado o George Clooney a não ser que você desse todos os detalhes, como contar que você estava caminhando pela Leicester Square e havia uma grande multidão do lado de fora do cinema, esperando as estrelas chegarem ao tapete vermelho, e você de repente percebeu que foi parar sem querer do lado errado do cordão de segurança quando a limusine dele parou ao seu lado e todos os fotógrafos se amontoaram, então você não conseguiu se mover. A seguir um homem saiu do carro ajeitando a gravata, abotoando e desabotoando o paletó, como os homens fazem quando estão em *talk shows* – acho que é um sintoma de nervosismo, mas talvez tenha a ver com a roupa ter ficado amassada –, e ele estava tão perto que você conseguia sentir o cheiro da sua loção pós-barba. Até que ele olhou para você e abriu um sorriso. “Você não sabe quem eu sou, não é? Ah, espere! Agora sabe!”, antes de seguir adiante em meio a uma tempestade de flashes.

Todos eles caíram nessa.

Como tarefa de casa, Leo nos dava uma palavra, como “ganância” ou “inverno”, ou qualquer outra, e nós tínhamos que escrever alguma coisa: uma

descrição, um pedacinho de um diálogo, um poema, uma história, o que quiséssemos. Mas era importante fazer.

– O que escritores fazem? – perguntava ele se alguém viesse com desculpas.

– Escrevem – respondíamos em uníssono.

Eu adorava aprender habilidades novas. Acho que era uma espécie de escapismo. Quando me sento em frente ao computador, tudo além do documento do Word simplesmente desaparece. Muitas vezes, escrevo demais, e o conselho de Leo é que eu jogue fora o dicionário e simplifique as coisas.

Ele, contudo, tinha um vocabulário extenso e estava sempre soltando palavras como “contextualizar” e “kafkiano” nas aulas. E também lia muito. Sempre que mencionava um autor que admirava, eu anotava e pegava os livros na biblioteca – Nabokov, Kundera, Grass. Para mim era mais como se eu estivesse fazendo um curso sobre literatura europeia do que de escrita criativa. E ficava pensando que aqueles autores eram tão incríveis que não havia por que eu ainda me dar ao trabalho de tentar escrever. Mas Leo dizia que não estávamos ali para nos tornarmos grandes escritores, mas para nos tornarmos escritores melhores.

– Escreva sobre o que você sabe – disse ele.

– Quem quer ler sobre um supermercado?

De alguma forma, eu tinha me tornado a piadista da turma, coisa que nunca havia sido na escola. Você pode ser diferente em um lugar onde ninguém o conhece, não é? Mais você mesmo ou a pessoa que gostaria de ser.

– Quem quer ler sobre uma dona de casa de uma cidadezinha pequena? – retrucou Leo.

– Não sou dona de casa – respondi.

– Não, mas Emma Bovary era.

De vez em quando, Leo me dava um sorriso entretido, que não era paternalista nem a expressão que um parente faria. Não sei descrever ao certo.

– Não sou Flaubert – falei.

– Não – retrucou ele, fazendo-me querer não ter tentado me exhibir.

Ele tinha essa habilidade de fazer você se sentir superinteligente ou um completo idiota e a tensão entre os dois extremos era ao mesmo tempo

assustadora e estimulante. “Tensão” era a palavra certa para Leo.



A turma geralmente ia para o pub depois da aula e, às vezes, Leo vinha junto e nos deixava extasiados com suas histórias e citações. A coisa de que eu mais gostava nele era a voz, que era melódica e levemente galesa, como a de Anthony Hopkins ou a de Michael Sheen, e, como um ator experiente, conseguia levar a voz até um tom abaixo do sussurro.

Uma vez, ele mencionou um romance que tinha escrito e como a editora havia feito uma capa horrível e ferrado com a publicidade, que era o motivo pelo qual não era possível encontrá-lo em nenhuma livraria.

– Eles dizem que aqueles que não conseguem dão aula – disse Derek enquanto Leo estava no balcão do bar, o que o restante de nós achou inacreditavelmente arrogante e nada generoso.

Peguei o romance de Leo na biblioteca. *De interesse acadêmico* era uma comédia sombria sobre um professor de inglês de uma universidade nos anos 1980. Li do início ao fim. O tom me lembrou um pouquinho o de um romance de John Updike que eu tinha lido. Quando disse isso, os olhos de Leo se iluminaram, então não contei a ele que não era muito fã desse estilo de escrita.



A aula desviou minha atenção do resultado do teste por algumas horas, mas, assim que fui embora, tudo voltou como um turbilhão à minha mente. Em pé no ponto de ônibus, eu estava tão preocupada que nem reparei no carro que tinha parado ao meu lado até que Leo abaixou o vidro e se debruçou sobre o banco do carona.

– Entre! – disse ele. – Eu a levo até sua casa.

– Não, não precisa. É longe demais...

– Por favor! – disse ele. – Seria um prazer.

Aí pareceu rude recusar.

Durante os primeiros minutos, fiquei em silêncio olhando pelo para-brisa, ciente do olhar ocasional dele para mim quando parava nos sinais.

– Você vai dizer qual é o problema, Tess? – perguntou finalmente. – Você não parece a Tess animada de sempre.

– É uma longa história – respondi.

– Por que não me conta?

Ele fez parecer como se aquilo fosse uma tarefa e, em um primeiro momento, pensei *não*, mas depois refleti: *O que tenho a perder? Temos pelo menos meia hora e não podemos simplesmente ficar sentados aqui em silêncio.* Então comecei com a morte de minha mãe e a nuvem negra que pairava sobre mim e como eu tinha usado todos os meus poderes de persuasão para fazer um exame genético e a ironia de que, agora, preferia não ter feito.

– Mas você tem câncer? – perguntou Leo, sua voz gentil e hesitante, como a de Anthony Hopkins (em *Terra das sombras*, não em *O silêncio dos inocentes*, é claro).

– Não – respondi. – Mas é provável que tenha, em algum momento.

De alguma forma, falar isso em voz alta para alguém inteligente e empático ajudava, especialmente depois de Shaun não ter ajudado muito.

– Há medidas que eu posso tomar para prevenir, mas são bastante drásticas e não paro de pensar nelas... – continuei.

– Você precisa decidir agora?

– Não vou conseguir parar de pensar nisso até decidir. É assim que eu sou.

Leo não disse nada nos quilômetros seguintes, mas, quando parou do lado de fora da minha casa, ele desligou o motor e se virou para me encarar, olhando diretamente nos meus olhos com muita seriedade.

– Na minha mesa – disse ele – tenho uma bandeja etiquetada “Feito” e outra etiquetada “Descartado”, mas também tenho uma bandeja etiquetada “Pendente”. E, quando não sei ao certo o que fazer com relação a alguma coisa, coloco na bandeja “Pendente”, o que indica que fiz alguma coisa com aquilo, entende?

Ele tinha esse jeito de abordar as coisas de um ângulo diferente. Você poderia pensar que ele estava simplesmente lhe passando uma informação até perceber que era uma metáfora.

– Está dizendo que eu poderia tomar a decisão de não tomar uma decisão no momento? – indaguei.

Recompensada com um sorriso bem-humorado, fiquei me perguntando

como ele mantinha a barba sempre com o mesmo comprimento. Com certeza ele não mexia nela havia mais de um dia, o que indicava que fazia a barba a cada dois ou três dias. Mas se fosse esse o caso, com sete dias na semana, era de esperar que, em algumas quintas-feiras, ela estivesse um pouco mais comprida. Talvez ele só fizesse a barba uma vez por semana, na segunda de manhã e por isso nós sempre o encontrávamos do mesmo jeito. No domingo à noite, os fios já deviam estar longos demais, então ele os rasparia na manhã seguinte, começando o ciclo outra vez.

Percebi que eu estava olhando para a boca dele.

– Por que você nunca escreveu nada sobre isso? – perguntou ele com cuidado.

– É um pouquinho pessoal, não acha? – falei, dando-me conta de que estava fisicamente muito mais perto dele do que jamais tinha estado.

Ao longe, eu podia ouvir Hope em seu teclado. Ela já tinha conseguido descobrir as notas de “Is This the Way to Amarillo”, que estava por toda parte por conta de uma propaganda.

– Graham Greene disse que os escritores têm uma lasca de gelo em seus corações – disse Leo. – O que você acha que ele quis dizer?

– Que eles veem as coisas de um jeito impessoal? – chutei.

– Exatamente! – exclamou ele. – Os escritores veem tudo que acontece como material.

Os olhos dele se fixaram nos meus por mais um instante e, por uma fração de segundo, tive certeza de que ele ia me beijar, então ele se debruçou por cima de mim para abrir a porta do carona e me deixar sair e foi embora sem dizer mais nada. É claro que ele não ia me beijar! Foi o que eu disse a mim mesma, parada na calçada, um pouco atordoada. Ele era casado. A mulher dele trabalhava na universidade. Mas meu corpo ainda estava vibrando por dentro e a voz dele permaneceu na minha cabeça durante todo o tempo que levei tentando fazer Hope parar de tocar e ir para a cama.

Sentei-me diante do laptop. A palavra que Leo tinha nos dado para escrever a respeito era “férias”.

Fiquei pensando nas melhores férias que tínhamos tido em família na vida. Deve ter sido no verão de 1995 – ironicamente, o ano em que o gene BRCA2 foi identificado. Lembro-me daquele tempo como uma época tão feliz, com Hope ainda bebê e um pouco mais de espaço na casa porque os meninos haviam se mudado. Eu tinha ido muito bem nas provas finais da

escola e minha mãe terminara a quimioterapia, então meu pai tinha esbanjado e comprado um pacote de viagem para Tenerife para comemorarmos. Ele ganhou um troféu no pub irlandês em Playa de los Cristianos pela melhor interpretação de Elvis Presley com sua entrega total em “The Wonder of You” e minha mãe comprou aquele prato pintado que ficava ao lado do troféu na prateleira de quinquilharias na cozinha. Enquanto isso, em um laboratório em algum lugar, cientistas de jalecos brancos e máscaras usavam aquelas pipetas que sempre mostram no noticiário quando há uma descoberta na área da genética para esguichar líquidos coloridos em tubos de ensaio e descobrir coisas que resultariam em um desastre para todos nós. Não que fosse culpa dos cientistas, é claro.

Peguei-me escrevendo sobre uma família em uma piscina nas ilhas Canárias. Era curiosamente reconfortante me colocar no lugar de minha mãe, imaginando como ela devia ter se sentido deitada com seu maiô com bojos, com o céu todo azul lá em cima, sem nenhuma nuvem à vista.

Não tinha certeza se era o começo de uma história, ou mesmo um poema, mas dei o título “Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida”.

Na aula seguinte, eu estava mais nervosa do que nunca ao ler minha tarefa em voz alta, porque, de alguma forma, importava.

Houve um longo silêncio quando terminei.

– Este é o som das pessoas querendo mais – disse Leo finalmente. – E é muito melhor do que o som das pessoas querendo menos – acrescentou, conseguindo, de alguma forma, piscar em segredo para mim e apontar com a cabeça na direção de Derek ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 19

2007

Gus

Quando as coisas estiverem indo bem, não provoque o destino tentando deixá-las melhores.

Nossa segunda filha teve um início de vida mais complicado do que a primeira. Durante a gravidez, Charlotte sofreu muito com os enjoos matinais. Depois o bebê demorou para nascer, o que bagunçou nosso cronograma.

Como Charlotte estava ávida por retornar ao trabalho assim que pudesse, eu negocieei um mês de licença-paternidade no lugar das férias. Decidimos que essa seria uma boa oportunidade para a viagem anual de Kasia à Polônia para ver a família. Como a data do nascimento praticamente coincidia com o início do novo semestre de Flora na creche, as datas pareciam perfeitas. Nem sequer consideramos a possibilidade de o bebê não se encaixar no nosso plano tão bem elaborado.

O parto foi difícil porque a cabeça do bebê não estava dobrada na direção do peito, mas jogada para trás, como se ela quisesse ver aonde estava indo. Havíamos decidido que ela se chamaria Bella se fosse menina, mas nem mesmo o pai mais coruja a teria achado um recém-nascido bonito, com o rosto machucado pelo fórceps e a cabeça de espantalho cheia de cabelos vermelhos.

É fácil acreditar, quando se tem um bebê que dorme como Flora, que você é um pai naturalmente tranquilo e competente. Esse era o meu pensamento quando ouvia as mães bonitonas choramingando sobre não conseguirem dormir. Bella era uma retaliação à minha arrogância. Com Charlotte de volta ao trabalho um dia depois do parto e Flora nada feliz com um bebê escandaloso que roubava toda a atenção que antes era dela, eu me peguei indo de carro com frequência para o sul de Londres nas primeiras horas da manhã com Bella na cadeirinha ao meu lado dormindo

esporadicamente entre os sinais.

Desde a minha especialização em clínica geral, eu tinha perdido o hábito de ficar horas sem dormir, então agora vivia feito um zumbi: a consciência limitada, as pálpebras tremulando espasmodicamente como as asas de um pássaro moribundo no momento em que me sentava; e meu consumo de café elevando minha pulsação a níveis em que, às vezes, parecia que o coração era o único músculo do meu corpo ainda capaz de se movimentar.

Charlotte era honesta com relação ao fato de não saber “lidar” muito bem com bebês, como se essa fosse uma escolha que pudéssemos fazer. Se eu estava exausto, tinha me disposto a isso. Ela, por sua vez, assumiu o papel de garantir que Flora não se sentisse negligenciada, passando bastante tempo lendo com ela à noite e, nos fins de semana, levando-a para matinês de balé ou a borboletários. Flora estava cada dia mais parecida com a mãe, desde o uso de expressões como “francamente!” até a escolha de roupas. Charlotte adorava contar a história de como, ao experimentar um vestidinho de festa de bailarina cor-de-rosa na loja, Flora perguntou à vendedora: “Você tem preto dele?”

Com seis semanas, Bella começou a ter eczema. Nos primeiros dias, convenci-me de que as manchas nas bochechas dela eram só um rosadinho, sinal de saúde, mas, quando elas começaram a se espalhar por seu corpinho, não pude mais negar o diagnóstico.

O eczema não é uma condição que suscita muita empatia. Não costuma ser perigoso, a não ser que possa desenvolver uma infecção estafilocócica, mas coça e é terrível para a criança e feio de olhar. Quando você tem um bebê saudável, não percebe com quanta frequência estranhos bem-intencionados que espiam por cima do carrinho para fazer um comentário positivo; quando você tem um bebê com eczema, fica totalmente consciente do sorriso se esvaindo do rosto deles quando veem as erupções com crostas e vazando líquido.

Eu lamentava as vezes em que mães desesperadas levaram seus filhos com eczema para o hospital e despreocupadamente prescrevi hidrocortisona em creme, garantindo a elas que seus filhos seriam curados. Quão pouco eu entendia a preocupação delas e como eu tinha sido relapso no cuidado requerido para minimizar o sofrimento da criança. A maioria das crianças fica, sim, livre do eczema até 2 anos, mas, quando seu bebê tem apenas seis semanas, isso parece uma sentença de morte. E é provável que a criança

desenvolva asma depois que o eczema desaparecer.

Eu ficava todo o tempo livre no trabalho pesquisando na internet instituições de apoio, o que se provou bem mais útil do que qualquer dica de um de meus colegas clínicos gerais. Kasia costurou pequenas luvinhas nas mangas dos macaquinhos de Bella para minimizar os estragos dos arranhões.

Quando se trata de sua filha, você encontra energia, mesmo no período em que está trabalhando em tempo integral, para levantar no meio da noite quando a única coisa que a acalma é ser abraçada e embalada com delicadeza. Se você é apenas um empregado, não dispõe dessa reserva de amor paternal. Kasia fez o melhor que pôde para dividir o fardo por uns dois meses, mas tinha arranjado um namorado que queria muito que ela voltasse para a Polônia e ajudasse com o negócio virtual dele e não havia motivo para ela ficar na Inglaterra.

Quando Kasia disse que ia embora, devo ter feito uma expressão tão desesperada que ela prometeu esperar até encontrarmos alguém de quem gostássemos. Mas era difícil. Tanto Charlotte quanto eu tínhamos voltado a trabalhar. A única candidata que nós dois pensamos que talvez desse certo veio para a entrevista em um dia em que a pele de Bella estava particularmente irritada e se encolheu quando tentamos apresentá-la.

Apesar de não haver dúvidas quanto ao eczema ser uma doença alérgica, Charlotte desenvolveu uma teoria de que o eczema, a saída de Kasia e todos os outros problemas que tínhamos eram culpa da casa em Wandsworth.

– É tão baixo e escuro aqui... Tenho certeza de que o ar é cheio de partículas – dizia ela com um suspiro, com tanta frequência que, finalmente, eu me dei conta do que ela esperava de mim e perguntei:

– Acha que devemos nos mudar?

Presumi que ela estivesse pensando em procurar um lugar mais afastado do centro da cidade, nos ares limpos de Surrey, onde nós dois tínhamos passado a infância, mas a casa pela qual ela tinha se apaixonado ficava em uma das esquinas com fachadas de estuque pertinho da Ladbroke Grove. Era alta, elegante e muito acima do nosso orçamento.

– Não diga nada até você ver por dentro – sussurrou ela enquanto seguíamos o corretor pelas escadas até a porta da frente.

A casa tinha quatro andares, incluindo o porão.

– E há a possibilidade de fazer um ático no telhado – acrescentou ele, todo prestativo.

O corretor era novo, mais ou menos da minha idade, mas exalava a confiança de alguém que dirigia um carro esportivo vermelho e usava o cabelo preto curto espetado com gel.

– Em casas assim, também é comum que as pessoas decidam ficar só com as partes baixas – disse ele, dando uma piscadinha para Charlotte ao fazer a piadinha ambígua.

Ela lhe respondeu com uma risada falsa.

Uma idosa morara na casa, que não era reformada, supus, pelo menos desde os anos 1950. A cozinha, com seu fogão isolado e armários amarelados, parecia um cenário de uma peça de John Osborne. O lugar todo fedia a urina de gato.

– É grande demais para nós – sussurrei para Charlotte.

– Exatamente – disse ela. – Eu estava pensando que podemos criar dois apartamentos, um no porão, um no ático, e ainda ter uma bela casa no meio.

Acho que o único motivo pelo qual Charlotte nos levou lá foi o fato de que o imóvel estava praticamente abandonado, ou, no vocabulário dos corretores da televisão, “tinha potencial”. Uma das desvantagens de ter duas crianças pequenas é que você fica tão cansado que assiste a qualquer coisa na TV.

– As pessoas do apartamento no ático teriam que passar pela nossa casa – falei, me perguntando por que eu nem estava considerando a proposta.

Charlotte era uma das pessoas menos práticas que eu conhecia e eu nunca tinha sequer montado uma prateleira. Éramos reformadores de imóveis improváveis. A única pessoa em quem eu conseguia pensar que talvez conseguisse nos ajudar era meu pai. Mas nós tínhamos perdido contato com ele e sua nova esposa, por conta da falta de esforço de ambas as partes, e talvez por lealdade a minha mãe, que nós víamos com frequência demais para o meu gosto.

– Kasia conhece vários construtores.

Charlotte desprezou essa objeção antes mesmo de eu verbalizá-la.

– Espere até ver o jardim... – garantiu.

O jardim em si era bem pequeno e cheio de mato, mas nos fundos havia um portão que dava para um pequeno parque privativo, que era compartilhado com as outras propriedades cujos fundos eram virados para lá. Mesmo em um dia deprimente do final de novembro, parecia um oásis secreto no coração da cidade. Uma das árvores grandes e antigas tinha um

balanço amarrado nos galhos mais baixos; outra tinha uma casinha construída em seu tronco robusto. O arrulho queixoso de um pombo me mostrou como o lugar era pacífico. Mal dava para ouvir o barulho dos carros.

– As meninas não iriam adorar?

Charlotte enganchou um braço no meu.

Ficamos parados ali nos imaginando sentados naquele Éden cheio de folhas nas noites de verão, observando nossas crianças brincarem, com uma taça de Sancerre resfriado e o cheiro de churrasco chegando até nós dos quintais dos vizinhos.

– Manhãs de sábado no Portobello Market.

Charlotte sabia exatamente em quais pontos tocar.

– Todos os museus logo ali, do outro lado do parque... – continuou.

– É uma caminhada e tanto – ponderei.

Ela franziu a testa para mim por estragar sua diversão.

– O que acham? – perguntou o corretor sem erguer os olhos do celular.

– Temos que conversar um pouco.

– É um imóvel em inventário, como vocês sabem, então eles estão ávidos para vender, e tenho pessoas formando fila para ver a casa – disse ele. – Então, se estiverem interessados, não *conversem* demais.

Ele direcionou tudo isso a Charlotte enquanto atravessávamos o corredor de volta, então apertou nossas mãos e apontou as chaves para o carro esportivo vermelho, que bipou obedientemente.

– Espere – ordenou Charlotte como uma ventríloqua em meio ao sorriso forçado quando tirei a chave do carro do bolso. – Pronto – disse ela quando o corretor entrou na Ladbroke Grove. – Eu não queria que ele pensasse que somos o tipo de pessoa que escolhe carro pelo número de assentos.

– Mas nós somos – retruquei.

– Bem, não me vejo dessa forma – respondeu ela.

Charlotte se via como o tipo de pessoa que dirigia um carro bem mais requintado e morava em uma linda casa com fachada de estuque em Notting Hill. Ela tinha todo o direito de pensar assim, porque agora era especialista, ganhava um bom salário e devia estar casada com alguém que estivesse ganhando tanto quanto ela – se não mais.

– Quando eu fechar minha primeira parceria – prometi –, vamos procurar algo nesta região.

– Vai ser tarde demais – disse ela com firmeza enquanto estávamos

parados no trânsito. – Você não vê que esta é a nossa única chance, Angus? Vai se tornar inviável em poucos meses. Há uma pequena estabilidade agora porque estamos nos aproximando do Natal, mas, assim que a primavera chegar, o mercado vai subir de novo. Só pudemos dar uma olhada porque a casa precisa de reforma.

– Isso custa muito mais do que podemos pagar! – argumentei.

– Mas estaremos investindo. Ganharíamos tudo de volta e mais ainda vendendo um dos apartamentos!

– Tem lógica – falei, tentando não parecer tão negativo. – Mas não temos dinheiro para a entrada.

– Bem, na verdade, há uma solução – disse Charlotte. – Se sua mãe vendesse a casa dela e nós vendêssemos a casa em Wandsworth, teríamos dinheiro suficiente para uma entrada e meu salário cobriria o restante da hipoteca. O piso de baixo teria sua própria porta de entrada. Seria um apartamento totalmente independente.

Enfim percebi aonde ela estava querendo chegar.

– Minha mãe viria morar com a gente?

– Ela iria adorar, Angus.

– Você idealizou isso tudo junto com a minha mãe?

– De forma alguma – garantiu Charlotte. Então, levemente constrangida, continuou: – Ela disse, sim, que, com a partida de Kasia e a nossa vida complicada, ela não se importaria em cuidar das meninas. Não vejo como isso poderia funcionar a não ser que ela morasse com a gente.

Pela recusa dela em olhar nos meus olhos, desconfiei que as negociações já estivessem em um estágio mais avançado.

O trânsito começou a fluir de novo. Andamos alguns centímetros.

– Tornaria as coisas tão mais fáceis – disse Charlotte, dando um intervalo diplomático de alguns instantes para deixar a proposta ser assimilada. – E ela é ótima com Bella. É tão lógico, Angus!

Minha mãe tinha sido assistente de dentista. Quando vinha ficar com as meninas nos fins de semana, era meticulosamente higiênica com o banho de Bella e a aplicação dos umectantes. Se ela de fato estava se voluntariando a ficar no lugar de Kasia em tempo integral, eu sabia que ficaria imensamente grato, mas, mesmo assim, cada fibra do meu ser resistia à ideia.

Sentada serenamente no banco do carona, Charlotte não disse nada durante o restante do trajeto até nossa casa, enquanto meus instintos

batalhavam contra minha inteligência tentando formular um argumento racional para explicar por que era uma péssima ideia minha mãe vir morar com a gente. Mas eu estava falhando.

– Nós quase não a veríamos, você sabe.

Charlotte quebrou o silêncio bem no momento em que minha mente tinha se esvaído de ideias. Ela realmente deve ter sido uma jogadora de pôquer profissional, porque sabia a hora exata de se conter e de aumentar a aposta.

– Tenho certeza de que ela valoriza sua independência tanto quanto nós.

– Nós dividiríamos um jardim...

– Mas que jardim!

Às vezes você se permite acreditar que, se mudar apenas uma coisa na sua vida, tudo vai se encaixar. Ao imaginar nossa família naquele lugar tranquilo e cheio de árvores, pensei que nossas vidas seriam transformadas como em um passe de magia. Quando finalmente me formasse como clínico geral, arranjaría emprego em uma clínica próxima, porque não tinha como me locomover da área norte do rio até o consultório em Croydon. Talvez gostasse mais se fosse em outro lugar; seria um recomeço onde meus colegas me veriam como um homem de família experiente em vez de um estudante que tinha ferrado com tudo; eu estaria ganhando um bom salário, assim Charlotte não precisaria trabalhar tanto; as meninas poderiam aprender a andar de bicicleta com segurança no jardim; nas manhãs de domingo, nós quatro iríamos passear no Museu de História Natural ou remar no lago Serpentine e seríamos uma família unida e feliz.



Estava escurecendo quando entramos na nossa rua, fazendo as varandas baixas de tijolo vermelho de Wandsworth parecerem ainda mais opressivas do que as casas brancas arejadas de Notting Hill.

– Está bem, então. Vamos ver o que ela diz – falei enquanto estacionávamos na frente da casa.

Quando minha mãe chegou no fim de semana seguinte, era visível que a proposta já tinha sido bastante discutida.

– Você não acha que deveria ver a casa primeiro? – perguntei a ela. – Está em péssimo estado.

– Ah, a maior parte é superficial.

Minha mãe corou ao perceber que tinha dado com a língua nos dentes.

Na manhã da segunda-feira seguinte, Charlotte fez uma oferta que foi aceita mediante assinatura de contrato e a casa de minha mãe e a de Wandsworth foram colocadas à venda. Uma semana depois, quando Kasia foi embora, senti um misto inquietante de pavor e euforia. Tínhamos nos comprometido com um território não explorado e não existia volta.

Minha mãe se mudou para o antigo quarto de Kasia de domingo a quinta, voltando para casa às sextas à noite para passar os fins de semana limpando e encaixotando as coisas. Por duas semanas, o acordo funcionou incrivelmente bem. Eu podia ir para o trabalho de carro em vez de pegar o metrô porque minha mãe tinha seu carro para levar as crianças para onde quisesse. Bella começou quase imediatamente a dormir a noite toda. Nos fins de semana, ela tendia a ser um pouquinho mais turbulenta, corroborando a visão de Charlotte de que eu cedia demais às demandas dela.

Minha mãe e eu éramos cautelosos um com o outro. Eu lutava contra o grito silencioso na minha cabeça quando ela dizia coisas que me irritavam; ela desaparecia diligentemente depois do jantar para ver TV no quarto. Em uma ocasião, tarde da noite, em que ela tinha pegado no sono com a TV ainda ligada, tentei entrar de fininho para desligá-la, mas encontrei a porta trancada.

– É você quem quer que ela seja independente – disse Charlotte quando voltei para a cama reclamando do barulho.



Desde o nascimento de Flora, minha mãe passava o Natal conosco. Era uma época do ano que acho que nós dois temíamos. Com a neve brilhando em todos os canais de TV, relatórios sobre o tempo para os esquiadores de plantão depois das notícias e famílias enormes e felizes sentadas juntas para banquetes em cada comercial dos intervalos, eu às vezes tinha a impressão de que o fantasma de Ross havia conseguido nos rastrear em nossa sala de estar.

Por mais que eu tentasse ser um filho solícito e paciente, sabia que minha presença era um lembrete nada bem-vindo para minha mãe, então a solução era me esconder na cozinha durante a maior parte do dia, fingindo que precisava regar o peru ou mexer os molhos. De vez em quando eu espiava

pela porta para perguntar se alguém queria uma xícara de chá ou mais um pouco de champanhe e via minha mãe, minha esposa e minhas filhas fazendo coisas de Natal juntas, quase como se fossem a família de outra pessoa.

Curiosamente, com a perspectiva de nos mudarmos no ano-novo, nosso último Natal em Wandsworth pareceu menos carregado, talvez porque todos estávamos fazendo um esforço consciente de olhar para o futuro. Minha mãe chegou na noite de Natal com salmão defumado e um rocambole caro do Waitrose. Ela ficou parada na cozinha com um copo de gim-tônica conversando comigo em vez de sair correndo para bater papo com Charlotte, perguntando como estava o trabalho e se eu tinha decidido fazer peru ou ganso.

Em resposta, elogiei os presentes que ela havia escolhido para Flora e Bella. Era quase como se tivéssemos decidido perdoar as reclamações que tínhamos um do outro. Talvez houvesse um estatuto de limitações do ressentimento, pensei, percebendo, quase com surpresa, que era nosso décimo Natal desde a morte de Ross.

Na manhã de Natal, quando vi minha mãe ajudando Flora a colocar contas em uma fita para fazer um colar, senti uma onda de orgulho por ela conseguir encontrar alegria com as netas.

Flora desceu do colo dela e correu até mim.

– Papai, no ano que vem nós vamos ter uma árvore de Natal bem grande!
– disse ela. – Tão grande que vamos precisar de um escadote para colocar a estrela em cima!

– Isso mesmo! – concordei, imaginando a sala de estar com pé-direito alto da nossa futura casa toda pintada de branco.

– O que é um escadote, papai?

– É uma escada que fica em pé sozinha.

– Pode desenhar no meu caderno, por favor?

Flora era fascinada por palavras, então eu dera a ela um caderno com uma capa de plástico bem colorida onde eu anotava o vocabulário novo, frequentemente desenhando uma ilustração. Ao lado da palavra *escadote*, desenhei uma árvore de Natal perto de uma janela como a que tínhamos no piso de cima da casa de Notting Hill, com um escadote ao lado e uma menininha no topo segurando uma estrela.

Entreguei o caderno de volta a Flora.

– ES-CA-DO-TE – disse ela, pontuando as sílabas, com os dedinhos

seguindo as letras.

– Lendo aos 4 anos! – disse Charlotte, orgulhosa.

– Ross leu cedo – disse minha mãe. – E Angus não ficou muito atrás – acrescentou rapidamente.

– A vovó pode até ter a própria árvore lá embaixo – disse Flora, claramente repetindo algo que minha mãe tinha dito. – Aí vamos ter duas árvores!

– Há muitas árvores no jardim também – falei, participando dos planos. – Então talvez a gente possa colocar umas luzinhas coloridas nelas também!

Charlotte estava sorrindo para mim com Bella sentada no colo; a bebê segurava um elefantinho de pelúcia com uma orelha que estalava, a outra que guinchava e um sininho dentro que tilintava quando ela o sacudia. A pele de Bella estava em um dia bom e, com sua auréola de cachos alaranjados, sem dúvida parecia um querubim.

Na minha cabeça, tentei capturar a imagem levemente resplandecente das três gerações de mulheres da minha família, sabendo que, se eu pegasse a câmera, as poses delas ficariam rígidas e o brilho de contentamento em torno delas seria perdido.

– Por que não vem se sentar com a gente? – perguntou Charlotte. – Você trabalhou a manhã inteira...

– Faz uma pulseira comigo, papai – disse Flora.

O peru estava descansando, o molho estava pronto. Se os legumes passassem um pouco do ponto, quem se importaria?

Ainda com o avental listrado branco e azul-marinho que ganhara de minha mãe, sentei-me no sofá ao lado dela, que me entregou uma bandeja de contas sortidas. Flora subiu no meu colo.

Na lareira, as chamas do fogo a gás flamejavam. À medida que a luz do lado de fora da janela diminuía, as luzes coloridas de nossa casa pareciam brilhar mais forte. Fiquei pensando que, se alguém estivesse olhando do lado de fora, veria uma família perfeitamente feliz e harmoniosa.

CAPÍTULO 20

2007

Tess

Parece que a população da Grã-Bretanha dobra durante a época de Natal. Não sei como as pessoas encontram lugar em suas geladeiras para todos aqueles potes de cerâmica de patê de frango com geleia brilhante e uma *cranberry* em cima. E se queijo stilton é tão delicioso assim, porque não comemos o ano todo? Como as famílias conseguem viver felizes com um único pacote de biscoitos cream-cracker Jacob's durante o resto do ano, mas, subitamente, todo mundo precisa ter uma lata enorme de “biscoitos para comer com queijo”? Quem é idiota o suficiente para gastar 12 libras em um rocambole de chocolate suíço com uma cobertura chique em cima? Será que alguém no país realmente *gosta* de bolo de frutas cristalizadas? E, já que estamos falando nisso, por que pagar mais por um com uma laranja no meio quando se pode comprar, em qualquer época do ano, dois sacos de laranjas por 3 libras?

Não há muita boa vontade natalina no mercado, com as multidões, as filas e os gastos. Eu tinha sido promovida a supervisora, então passava a maior parte do tempo na mesa de atendimento ao cliente, lidando com reclamações intermináveis e incidentes.

– Srta. Costello, corredor quatro, por favor.

Perto da caixa da padaria, dois homens brigavam pela última unidade.

– Por que vocês fazem propaganda na TV se o estoque vai acabar? – o babaca gritou para mim, seu rosto alarmantemente vermelho.

Vale a pena ficar com a pressão alta? Era o que eu queria perguntar a ele. Você vai ter um infarto antes mesmo de chegar à manteiga.

– Que tal se eu lhe oferecer um pão com frutas cristalizadas juntamente com nosso pedido de desculpas pela sua decepção?

– Eu também vou ganhar um? – perguntou o oponente dele.

– Se estiver disposto a dar o seu bolo para este cavalheiro...

Não é uma frase que um dia imaginei dizer.

Eu tinha descoberto que o método mais eficiente para lidar com os problemas era me humilhar e oferecer recompensas sempre que possível.

– Neutraliza a situação – expliquei ao gerente geral, que era mais inclinado a justificar do que a distribuir brindes. – Dessa forma, eles vão embora com um bolo grátis e algo bacana para contar à família e aos amigos. E aí vão voltar a comprar conosco em vez de ir checar o que o concorrente tem a oferecer.

– Você realmente devia pensar em fazer marketing – disse ele.

Eu relutava em aceitar as oportunidades de plano de carreira que me ofereciam – em parte porque suspeitava que eles descobririam que eu não tinha “habilidade para lidar com pessoas” ou “perfil de liderança”, nem nada além de um pouquinho de bom senso. Não via meu futuro em um supermercado, apesar de, à medida que o tempo passava, às vezes, me perguntar pelo que estava esperando. Tinha desistido de qualquer ideia maluca de viver da escrita depois que um conto que escrevera sobre uma vendedora que inventava histórias sobre os clientes a partir do conteúdo de seus carrinhos nem sequer fora avaliado pela revista para a qual o enviei. Talvez eu devesse simplesmente aceitar que não ia conseguir nada melhor que o varejo. Às vezes as melhores coisas estão bem debaixo do seu nariz, Doll costumava dizer.

Dera certo para ela. Doll estava no noticiário local trocando as luzes de Natal da cidade.

– Maria Newbury, empreendedora do ano de North Kent! – disse o repórter, enfiando o microfone na cara dela. – Ou eu deveria dizer *empreendetriz*?

– Não sei, deveria? – respondeu Doll, atrevida como nunca.

– Fala-se muito sobre as mulheres terem telhado de vidro nos negócios. Como você conseguiu chegar até aqui?

– Na Casa das Bonecas não há telhado de vidro – disse Doll. – Porque, bem, sou eu que estou sentada no telhado, não é?

Ele adorou aquilo.

– Maria Newbury, fundadora da Casa das Bonecas. – Ele se virou novamente para a câmera. – Onde o céu é o limite!



Quando perguntei a Hope o que queria de Natal, ela me disse que desejava um piano de cauda, porque Martin tinha um em seu apartamento em cima da loja.

Ela e Martin – tecnicamente Martin Júnior, porque o pai dele, dono da Martin's Music, tinha Parkinson e fora morar em um asilo em Esplanade – haviam desenvolvido uma espécie de relacionamento. Era meio que como a antiga amizade dela com Dave, baseada no cérebro enciclopédico que os dois tinham quando se tratava de música, e eu estava muito feliz com isso, porque suspeitava que Hope sentia falta de Dave.

– Não gosto de Doll – disse ela quando viu a foto do casamento no jornal.

Aos 21 anos, Martin era bastante jovem para estar tocando o negócio sozinho, porque não era apenas a loja – havia, também, uma oficina nos fundos, onde ele consertava clarinetes e trocava cordas de violões e coisas assim. No início, ele tinha passado a impressão de ter ficado irritado conosco por estarmos perturbando quando entramos na loja para comprar um livro didático sobre teclado para Hope, mas acho que era mais isolamento social do que grosseria deliberada. A mãe tinha fugido com um saxofonista de jazz quando ele era pequeno, então isso provavelmente explicava muita coisa. E, à medida que continuamos voltando para comprar livros cada vez mais avançados, ele ficou tão impressionado com o talento de Hope que deu uma aula de graça para ela.

Hope e eu passamos o Natal sozinhas, porque meu pai e Anne foram para a propriedade de Anne no Algarve e eu tinha que trabalhar até a hora do fechamento do mercado na noite de Natal. Passamos a manhã de pijama, comendo chocolate. Hope pareceu satisfeita com o teclado de 88 teclas que eu havia comprado e escondido debaixo da cama de nosso pai. Ela logo quis começar o livro de peças clássicas que Martin tinha me recomendado. O teclado tinha um timbre muito melhor que o da escola e soava exatamente como um piano de verdade, ou um órgão, ou um cravo, ou qualquer modo que Hope escolhesse, enquanto ela tirava com hesitação as notas que a gente ouve a vida inteira em propagandas sem saber de que obra são, como *Für Elise* e *Sonata ao luar*.

Foi legal ficar só descansando com ela, sabendo que nosso jantar só levaria quatro minutos para ser servido, porque eu tinha comprado refeições

prontas de Natal para esquentar no micro-ondas, com peru, legumes, salsichas frescas, tudo a que tínhamos direito.

– Por que tem três? – perguntou Hope quando viu os pacotes na geladeira.

Conhecendo o apetite dela, achei que fosse querer repetir, e afinal de contas era Natal, mas eu não ia dizer isso.

– Era uma promoção de leve-três-e-pague-dois – menti.

– Podemos convidar o Martin?

Eram quase quatro da tarde e já estava escuro lá fora.

– Martin deve ter os compromissos dele – respondi.

– Ele vai visitar o pai – disse Hope. – E depois, nada.

– Se você quer convidá-lo, vai ter que ligar para ele – falei, e fiquei surpresa quando ela foi logo pegar o telefone, porque Hope nunca gostou de usá-lo.

Acho que a incerteza do que iria acontecer a perturbava.

No fundo do meu coração, eu teria preferido não ter que subir para me trocar e ajeitar o papel de presente, mas fiquei animada com a ideia de Hope ter um amigo em casa, mesmo que fosse mais pela assimetria das três refeições na geladeira do que por ela pensar em Martin sozinho no dia de Natal.

Ele apareceu meia hora depois com um presente para ela: um livro de músicas chamado *Canções de musicais*, desembrulhado, porque ele obviamente o tinha pegado na prateleira quando estava saindo da loja.

Fiquei sentada no sofá assistindo a ele tocar enquanto Hope cantava, com a árvore de ouropel prateado atrás dele, pensando que aquele parecia o Natal de um romance vitoriano, quando as famílias se entretinham em volta do piano.

Quando Hope cantou “Defying Gravity”, Martin disse:

– Ela devia fazer aulas de canto. É uma soprano *coloratura*.

Eu não sabia direito o que era isso, mas toquei no assunto com meu pai quando ele ligou para desejar feliz Natal.

– Aulas de canto? Ela já sabe cantar, não sabe? – gritou por cima do barulho do bar.

Eu tinha comprado uma caixa de lembrancinhas natalinas tradicionais geralmente mais caras porque elas estavam praticamente de graça na tarde do dia 24, então Hope, Martin e eu ficamos sentados à mesa da cozinha com coroas douradas nas cabeças. Reparei que comer era algo que Martin fazia de

forma muito solene, como se o ato tivesse um propósito em si mesmo, não fosse apenas um meio para um fim, exatamente como Hope. Tínhamos para sobremesa pavlova de framboesa, que ainda estava um pouquinho congelada porque eu não tinha tirado do freezer com antecedência suficiente, então, em vez de pedir para repetir, Hope se levantou rápido ao terminar e voltou para o teclado.

Ao ouvir os dois enquanto lavava a louça, de repente me ocorreu uma solução para um problema que estava me preocupando. Todos os alunos do primeiro ano da escola de Hope tinham que passar por uma “experiência profissional” de duas semanas. A maioria das pessoas optava por ajudar em asilos de idosos, mas ninguém conseguia imaginar Hope fazendo isso. Outras crianças, que almejavam uma carreira como professoras, faziam sua experiência em escolas primárias.

Os chilikues de Hope agora eram poucos e espaçados, mas nunca se podia ter certeza do que iria enfurecê-la, então, mesmo que uma escola a aceitasse, eles provavelmente teriam que ter alguém tomando conta dela e esse não era o propósito do projeto, não é? Estava parecendo que Hope ia passar duas semanas em casa, mas que mal ela poderia causar na Martin’s Music? Ela saberia a localização de cada partitura e cada livro em apenas uma manhã trabalhando lá e isso pouparia Martin do aborrecimento de ter que largar suas flanelas e ceras e chaves de fenda para atender os clientes.

– Vou ter que pagar? – perguntou Martin quando dei a ideia na hora em que ele estava indo embora.

– Não – respondi.

– Tudo bem, então.



Depois que Hope foi para a cama, fiquei sentada na sala olhando para as luzes da árvore, pensando em como minha mãe ficaria feliz em ver Hope com um amigo. De repente me toquei de que era nosso décimo Natal sem ela. Dez anos era o dobro do tempo que Hope passara com nossa mãe. Nesse período, ela havia se transformado de uma menininha em uma jovem mulher. Mas todo o restante, até mesmo a árvore cintilante de ouropel, permanecera o mesmo.

Nunca levei Hope ao túmulo quando ela era pequena, porque sabia que a ideia de nossa mãe em uma caixa enterrada no chão a deixaria assustada e minha mãe não iria querer isso, mas decidi que iríamos no dia seguinte ao Natal, que também era feriado. Comprei um ramalhete de cravos decorados com purpurina no posto de gasolina pelo qual passamos no caminho para o cemitério.

– “Esposa dedicada de James e mãe amada de Kevin, Brendan, Teresa e Hope” – leu Hope na lápide. – Quem é James?

– É o primeiro nome do papai.

– Papai ainda é casado com a mamãe?

– Bem, sim...

– Mamãe nunca vai deixar de nos amar, Teca.

– Não.

– Eu não me lembro da mamãe, Teca.

– Sssh – sussurrei. – Não diga isso aqui.

Não que eu realmente acreditasse que minha mãe pudesse nos ouvir.



Deixei Hope atrás do balcão com Mozart tocando pelos alto-falantes e Martin assobiando junto em sua oficina. Quando abri a porta para sair, o sino tilintou e Hope fez um aceno meio que me mandando embora, como que para dizer: “Vá! Não preciso mais de você!”

Era um daqueles dias de janeiro com sol quase ofuscante e um vento gelado cortante. Talvez fosse por isso que meus olhos estavam lacrimejando enquanto eu descia até a orla, porque não havia motivo algum para chorar. Eu estava, para dizer a verdade, bastante aliviada porque, de repente, pareceu possível que Hope encontrasse seu rumo na vida. Não era ótimo que ela tivesse encontrado um lugar? Não havia nada que eu quisesse mais do que a independência dela.

Às vezes a felicidade também nos faz chorar, não faz? Como quando minha mãe estava sorrindo e acenando e chorando – tudo ao mesmo tempo – ao se despedir de Kev no aeroporto de Heathrow.

Capacitar Hope para que ela fosse independente não tinha sido o propósito dos últimos dez anos?

Mas eu não conseguia deixar de pensar: *Qual era o meu objetivo agora?*



O ano-novo costuma ser uma época otimista, com os dias mais longos e as lojas, cheias de cartões de Dia dos Namorados e caixas de chocolate em formato de coração e prosecco com rótulos cor-de-rosa, mas eu parecia não conseguir me animar. Aquela questão dos dez anos parecia extremamente significativa agora, o que era ridículo, porque eram só alguns dias de diferença de quando fazia nove anos e eu me achava tranquila com aquilo.

Estava tão desanimada que decidi matar a primeira aula de escrita do novo semestre, mas, na noite da segunda-feira seguinte, Leo apareceu no mercado. Analisei o conteúdo do carrinho dele primeiro. A ração de cachorro estava em promoção, compre-uma-e-leve-outra, mas às vezes as promoções não eram registradas no sistema das caixas.

– Posso ajudá-lo, senhor?

– Espero que sim!

A voz; depois, o rosto, totalmente barbeado, confirmando a minha teoria da barba.

– Não sabia que você tinha um cachorro – falei.

– Gosto de manter uma aparência de mistério – sussurrou ele de um jeito galanteador.

– Às vezes o sistema cai – expliquei, concentrando-me em apertar os botões da caixa e torcendo para que ele não reparasse no rubor das minhas faces. – Se você me der a sua nota, vou providenciar um reembolso.

– Sem problema – disse ele. – Olhe, a que horas você sai do trabalho? Preciso lhe pedir um favor.

Durante os quinze minutos até meu turno terminar, meu cérebro inventou todo tipo de motivo para explicar o pedido dele, nenhum deles o certo.

No Caffè Nero, Leo pagou o *espresso* dele e o meu café com leite e os trouxe até a mesa.

– Estou com um probleminha, porque tenho ingressos para *Muito barulho por nada* no Teatro Nacional na sexta que vem. Era para a minha mulher ir comigo, mas ela havia esquecido de anotar na agenda que tem um jantar do departamento dela...

Fiz um aceno compreensivo com a cabeça.

—... então ela disse: “Por que você não leva aquela menina sobre a qual vive falando, da sua aula de escrita criativa?”

Levei um momento para entender, porque estava pensando que ele realmente ia me pedir um favor, que essa era sua maneira galanteadora de oferecer uma recompensa.

— Eu? — perguntei, ganhando aquele sorriso charmoso em retribuição.



Quando cheguei em casa, tirei todas as minhas roupas boas do armário e experimentei algumas. “Casual e elegante” era como eu achava que Doll descreveria a ocasião. Finalmente, optei por um cardigã azul-pastel estilo anos 1950 que havia comprado na loja da Oxfam mas nunca tinha encontrado uma ocasião para usar. Era bordado com flores de contas em tons pastel e forrado de seda. Combinado com uma calça jeans skinny nova, parecia que atingia o equilíbrio perfeito entre glamoroso o suficiente para o teatro, mas prático para pegar o trem. Ao me ver fazendo bico para o espelho, dei uma bronca em mim mesma: isso não é um encontro; Leo é só um professor maravilhoso que se interessa pelos alunos. E é um homem casado. Qualquer atração que eu tenha sentido entre nós foi puramente fruto da minha imaginação. E eu não devia bancar a palhaça. Mesmo assim, não consegui dominar minha animação.



É de pensar que, no sul de Londres, o tempo vai ser mais ameno do que no resto do país, mas, por algum motivo, se há previsão de neve, ela quase sempre cai em Kent. O tempo ruim fez com que o ônibus que Hope pegava para vir da Martin’s Music para casa atrasasse, então fiquei preocupada e briguei com ela quando finalmente chegou, o que era injusto, porque a culpa não era dela, mas eu tinha certeza de que ia me atrasar.

— Por que você está agindo dessa forma? — foi o que Hope disse, que era o que eu dizia a ela quando dava um de seus chiliques. Então isso fez com que eu me sentisse mal.

– Tive que esperar pela Hope... – sem fôlego, me desculpei por quase nos fazer perder o trem.

– Hope?

– Minha irmã.

Nunca tinha falado de Hope nas aulas, o que agora parecia meio desleal, mas tinha mais a ver, na verdade, com ter um cantinho da minha vida que não fosse definido por ela.

– Ela tem síndrome de Asperger.

– Essa não é aquela coisa daquele livro? – perguntou Leo.

– *O estranho caso do cachorro morto?* É.

Muitas pessoas tinham ouvido falar da síndrome agora por causa do livro.

– Você já pensou em escrever pelo ponto de vista de Hope? – perguntou Leo.

Eu ri.

– Passo boa parte da minha vida tentando ver as coisas pela perspectiva da cabeça de Hope e nunca cheguei nem perto – falei. – Não sei como é ser Hope tanto quanto não sei como é ser você!

– Talvez seja interessante tentar...

– Quem sabe um dia. No momento, estou tentando descobrir como é ser eu!



Estava nevando pesado quando chegamos à cidade, o ar carregado de flocos de neve dançando na aura alaranjada dos postes ao longo de South Bank.

– É como estar em uma daquelas pinturas de Monet das Casas do Parlamento – falei, tentando demonstrar uma certa cultura. – Só que com neve em vez de neblina, obviamente.

Leo me olhou com aquela expressão interessada.

– Sabia que Monet se exilou aqui em Londres por causa da Guerra Franco-prussiana? – continuei.

– Não sabia – respondeu Leo.

– Dá para aprender muita coisa nos sites das galerias de arte.

– Ah, é?

– Não é incrível como ninguém gostava dos impressionistas quando eles

começaram? – perguntei.

– Um verdadeiro artista não está preocupado com sua popularidade.

Leo finalmente calou minha boca.

Chegamos ao Teatro Nacional a tempo de beber alguma coisa antes de as cortinas abrirem. Ficamos sentados tomando gim-tônica e ouvindo a banda de jazz que estava tocando no saguão. Minha roupa estava adequada. Algumas mulheres usavam vestido e salto alto, mas outras estavam simplesmente de jeans. A nevasca lá fora fez todas ficarem um pouquinho desarrumadas com o vento e rosadas, não importando quanto tempo ou dinheiro elas tivessem gastado na maquiagem.

Apesar de eu ter assistido ao filme *Romeu e Julieta* e lido *Otelo* para a escola e assistido ao DVD, nunca tinha visto uma peça de Shakespeare ao vivo. Quando as luzes se apagaram, minha pulsação acelerou. Não sei ao certo se o nervosismo era por minha causa ou pelos atores, mas nem precisava ter me preocupado, porque eles pareciam estar adorando o que faziam. Esperava que fosse ser uma experiência mais formal, mas se mostrou bastante divertida, não apenas por podermos olhar um para o outro e sorrir de satisfação, mas engraçada a ponto de rirmos alto.

Durante o intervalo, enquanto Leo foi ao banheiro, fiquei apoiada em uma parede com meu segundo copo de gim-tônica, tentando não deixar transparecer que estava prestando atenção nas conversas ao meu redor. Reparei que os frequentadores do teatro de Londres falavam bem mais alto do que as pessoas que saíam do cinema, quase como se *quisessem* que as pessoas ouvissem suas opiniões.

Do meu lado, dois homens e uma mulher de meia-idade conversavam com uma mulher mais nova, que era descaradamente o centro das atenções. Ela era bastante bonita, com cabelo longo e escuro e uma maneira de se portar como se estivesse em uma festa chique com um cigarro em uma piteira longa, apesar de vestir apenas uma calça preta de alfaiataria simples e um cardigã preto, talvez de caxemira. Um dos homens era particularmente atencioso. Ele tinha um leve sotaque estrangeiro e estava falando sobre um espetáculo recente que tinha visto.

– Você nunca foi ao Festival de Salzburgo? – perguntou ele, surpreso. – Montanhas e ópera, sabe? É bem especial.

– Parece maravilhoso – respondeu a mulher, seus olhos verdes brilhando para ele.

Talvez fosse um encontro às cegas planejado pelos outros dois? Ele parecia meio velho para ela. Velho, porém rico. Definitivamente rico. Ninguém usaria uma camisa polo preta debaixo de um casaco de tweed marrom-claro se não fosse.

– Vamos voltar? – sugeriu o anfitrião quando o sinal de que faltavam dez minutos para a peça recomeçar soou.

– É uma pena que meu marido esteja perdendo isso... – disse a bela mulher.

– Que sorte a minha – sussurrou o admirador dela.

A mão dele ficou pairando a poucos centímetros da lombar dela quando ele se afastou para deixá-la ir na frente.

– Pronta? – perguntou Leo, reaparecendo.

– Sim – respondi, retornando à minha própria narrativa enquanto o seguia de volta para o auditório.



Do lado de fora, a neve tinha se transformado em uma nevasca. Conseguimos nos arrastar em meio à ventania, seguindo o curso do rio, e atravessar a ponte de pedestres de Charing Cross, mas, quando chegamos à estação, todos os trens de volta para Kent tinham sido cancelados.

Fiquei preocupada com Hope em casa a noite toda sozinha, mas, quando liguei para Anne, ela já tinha ido lá buscá-la.

– O que você vai fazer? – perguntou ela.

Na minha cabeça, estava passando um filme sobre uma jovem mulher e seu professor presos por uma noite mágica na cidade cintilante, recitando versos de *Muito barulho por nada* na escadaria da Galeria Nacional, fazendo anjos de neve nos morrinhos brancos imaculados nos parques...

– Vamos checar o Premier Inn? – sugeriu Leo.

Eles não tinham mais nenhum quarto com cama de solteiro disponível, nem com uma e nem com duas camas; na verdade, nós pegamos o último quarto com cama de casal. Negocieei uma escova de dentes dobrável e uma pequena pasta de dentes na recepção e, quando saí do banheiro, Leo já estava na cama. Minha calça estava molhada da neve e o cardigã de contas era frágil demais para dormir com ele, então decidi me sentar na cama e me despir até

ficar só de calcinha, regata e sutiã. Depois me enfiei debaixo do edredom sem nem olhar para ele e desliguei o abajur ao meu lado.

– Devo colocar um travesseiro entre nós? – sussurrou Leo, com seu hálito de gim-tônica, na minha nuca.

– Não precisa – respondi, rindo. – Não vou agarrar você!

Era para ser uma brincadeira, para mostrar que eu não estava nem pensando naquilo, mas, do jeito que saiu, pareceu mais um convite.

– Nem se eu fizer isto? – perguntou ele, dando um beijo bem de leve na minha nuca, que liberou uma corrente elétrica pela minha espinha que fez meu corpo ter um espasmo.

Não ousei me virar, caso ele estivesse brincando e eu me encontrasse a centímetros de distância do rosto charmoso dele.

– Ou isto? – perguntou ele, deslizando a palma da mão por baixo do meu braço e segurando meu seio com delicadeza.

Então me virei e ele estava olhando para mim com muita seriedade. Nós nos beijamos; hesitantes no começo, depois ferozmente. A barba era mais áspera na minha pele do que eu tinha imaginado.



Leo dizia que eu tinha a inocência serena de Audrey Hepburn no corpo de Claudia Cardinale. Amei a descrição ainda mais depois de tê-la procurado no Google. Eu estava constantemente ciente dos contornos do meu corpo sob o uniforme do mercado, como se a camada mais externa da minha pele tivesse sido arrancada, expondo minhas terminações nervosas ao toque sutil do tecido de poliéster. Ficava parada na mesa de atendimento ao cliente olhando fixamente para o corredor de congelados com a voz dele repetindo devagar as cinco sílabas da palavra “voluptuosa” na cabeça. Havia guardado o celular no bolso de cima para que, quando ele mandasse mensagem, o telefone vibrasse perto do meu coração.

Quase todas as noites, depois do trabalho, Leo me levava a barzinhos onde ninguém nos reconheceria, conversava sobre poesia e depois fazia amor comigo no carro.

– Você é um sopro de ar fresco – dizia ele. – Não me canso do seu corpo.

Eu ouvia os elogios dele, calada e passiva, sem conseguir encontrar

vocabulário sugestivo o suficiente para descrever a sensação avassaladora pela qual estive esperando minha vida toda.

Não contei a ninguém sobre o nosso caso. Não queria ouvir a opinião de Shaun. Não me permiti pensar no que minha mãe diria. A lembrança do rosto dela se misturava aos traços da estátua pintada de Nossa Senhora para a qual nós duas rezávamos quando eu era pequena, a pele lisa e radiante, os lábios franzidos em um pequeno sorriso vermelho, os olhos fixos ao longe, além de mim. Ela não estava ali, então não importava o que pensava.

O segredo reforçava a ilusão deliciosa de que Leo pertencia só a mim.

Acho que me convenci a acreditar que a mulher dele tinha tacitamente instigado o nosso relacionamento. Apesar de ele quase nunca falar dela, assumi que ela tinha parado de fazer sexo por causa da menopausa. Eu me agarrava a cada migalha de informação como uma gaivota faminta.

Os dois tinham se conhecido quando eram estudantes em Oxford e atuaram como antagonistas em uma produção amadora de *Olhe para trás com raiva*.

Comprei o livro da peça na Amazon e fiquei estupefata com as tiradas do Jimmy Porter.

– Você era um “jovem enfurecido”? – perguntei a Leo.

– Eu era um jovem galês da classe trabalhadora que derrubou as fronteiras inimigas da classe média e adentrou seu território – respondeu ele.

– Eu compartilhava do desespero existencial dele.

– Mas você está na classe média agora... – falei.

– Você considera isso um progresso?

Ele franziu a testa para mim. Então, subitamente, começou a rir, transformando a irritação em complacência.

A imprevisibilidade dele era excitante. Era como se eu estivesse andando o tempo todo na ponta dos pés em uma corda bamba de adoração correndo o risco de cair no desprezo, mas eu sempre soube que o amor verdadeiro seria apavorante e íngreme. Não eram todos os grandes casos de amor, de *Doutor Jivago* a *O paciente inglês*, baseados em momentos roubados de uma euforia agonizante? A palavra “paixão” não queria, afinal, dizer “sofrimento”?

Se Leo fosse um herói romântico da literatura, seria o Sr. Rochester. Não apenas por causa da idade e do estado civil – não que a esposa dele fosse louca ou que ele a aprisionasse, obviamente –, mas porque havia um lado sombrio e inquietante nele. Sua criatividade tinha sido abafada pelos

compromissos de trabalho e pelas obrigações familiares. Dizia a mim mesma que éramos almas gêmeas. Assim como o amor dele me completava, o meu o completaria. Como Jane Eyre descobriu, o desafio de amar uma alma perturbada é irresistível, cada sorriso fugaz vale por uma centena de horas da felicidade de um pretendente inferior.

Uma tarde, após eu ter trabalhado no turno da manhã, Leo me levou de carro até Whitstable. Caminhamos pelo calçadão à beira da praia. À medida que o sol se punha, a superfície prateada do mar se nublou até ficar cor de estanho; o vento que soprava sobre a água era extremamente gelado.

– Feche os olhos – ordenou ele de repente.

À medida que os passos dele se afastavam, comecei a tremer com um medo irracional de que ele me abandonasse ali.

– Não abra!

Ouvi metal raspando em metal, o clique de um cadeado, e então passos retornando na minha direção, a mão quente dele pegando a minha e me guiando, ainda obedientemente cega.

– Desça as escadas! Abaixar a cabeça.

Uma porta se fechou atrás de nós. Algas marinhas e creosoto e o cheiro obsoleto, quase doce de toalhas úmidas.

– Pode abrir os olhos.

Estávamos em uma cabana. Rodeados por caixas de livros e pedaços de móveis quebrados, duas cadeiras de lona e uma mesa montada com uma vela, duas taças, uma garrafa de Rioja e uma pequena porção de amêndoas.

– Comprei este lugar com meu primeiro adiantamento – Leo me contou. – Um lugar para escrever, sabe? Acabei nunca reformando. Me disseram que vale uma fortuna agora...

– Você escreve aqui? – perguntei.

– É frio demais. Mas, agora que você está aqui, quem sabe...

Fiquei exultante com a ideia de ser a musa dele. O vinho era leve e reconfortante, como amoras no verão; as amêndoas, doces e salgadas. Leo pegou minha mão e subimos por uma escada torta até o terraço abarrotado onde ele tirou minha roupa cuidadosamente, admirando minha pele clara sob a luz da vela gotejante enquanto eu me deitava no colchão frio e úmido.

– Você é minha odalisca – sussurrou. – E agora vou meter em você com tanta força que você vai me sentir por dias a fio.

Ele montou em mim e me cavalcou até nossos corpos grudarem um no

outro de suor e eu ficar obliterada pelo desejo dele. Exaustos e satisfeitos, nós nos afastamos, os peitos ofegantes enquanto olhávamos para as tábuas de madeira do telhado de duas águas. Então ele colocou o braço em torno de mim e me puxou bruscamente para si, acariciando meu rosto com um carinho infinito.

Quando a vela se apagou, descemos a escada, trancamos a porta e voltamos aos tropeços para o carro dele, no escuro, minha pele queimando com o ar congelante.

CAPÍTULO 21

2008

Gus

A previsão era de neve, segundo a rádio.

Desde o momento em que acordei, uma sensação de mau presságio pairava sobre mim. Eu tinha levantado várias vezes durante a noite porque Bella estava ficando gripada – não um resfriado, mas uma infecção no peito que alastrava a angústia pelo meu corpo toda vez que ela tossia.

Hesitei enquanto comia meu cereal. Charlotte já tinha ido para o trabalho, com um pedaço de torrada preso entre os dentes enquanto fechava a porta da frente. Minha mãe conversava com Flora na mesa da cozinha. Fui até o andar de cima e tirei a temperatura de Bella mais uma vez, quase torcendo para que estivesse alta o suficiente para eu ter a desculpa de faltar ao trabalho, mas estava só um pouquinho acima do normal.

– Não se esqueça de dar bastante água a ela – falei para minha mãe enquanto colocava o casaco grosso de inverno por cima do terno.

– Eu também tive dois filhos, sabia?

Os olhos dela ficaram olhando fixamente para o nada por um instante, antes de ela se recompor e voltar ao presente.

– Me ligue se ela piorar, está bem? – pedi enquanto saía para a rua sombria em Wandsworth. O céu estava ameaçadoramente escuro e encoberto.

– Talvez seja melhor a Florinha não ir à creche hoje, para você não precisar tirar Bella de casa com este tempo.

– Ela vai ficar bem – disse minha mãe. – Não queremos perder aula, não é, Flora?



O trânsito estava mais tranquilo do que o normal, provavelmente por causa dos avisos climáticos, então cheguei ao trabalho mais cedo, o que fez a manhã se arrastar com a fila sem fim de crianças com tosses desagradáveis similares às de minha filha. Fiz a mesma prescrição de dar bastante água e xarope no caso de febre e reiterei palavras tranquilizadoras no caso de o vírus não estar respondendo aos antibióticos, como se reafirmasse aquilo tanto às mães quanto a mim mesmo.

Na hora do almoço, a neve finalmente caiu, os flocos fofos e densos emitindo sua luz branca no pequeno jardim do lado de fora da janela do meu consultório. Olhei para fora, preso como em um transe na lembrança do fascínio que sentia quando era criança, na época em que a chegada da neve só significava diversão. Imaginei a alegria de Flora ao vê-la pela primeira vez. No fim de semana, faríamos um boneco de neve juntos. E se eu desse um pulo na loja de brinquedos no caminho para casa e comprasse um trenó para ela? Imaginei os rostinhos animados de Flora e suas amiguinhas pressionados contra a janela da creche, esperando para poderem sair no carpete branco macio que se acumulava sob as solas de suas galochas. Quando meu telefone tocou, foi quase como se eu estivesse esperando pela ligação.

– Gostaríamos de saber se alguém está vindo buscar a Flora... – disse a professora da creche.

– Como?

– Ela está esperando há vinte minutos.

– Minha mãe deve ter ficado presa na neve.

Meu cérebro entrou em superatividade, imaginando minha mãe escorregando em uma calçada cheia de gelo e batendo a cabeça. Em meio aos flocos de neve do lado de fora da janela, o rosto de Ross emergiu, seus dentes brancos, os olhos escondidos por trás dos óculos de esqui espelhados.

– Não está nevando aqui – disse a professora.

– Você ligou para ela?

– No celular e no fixo, duas vezes – respondeu a professora.

Imaginei minha mãe caída no chão da cozinha com uma parada cardíaca.

Ou talvez Bella tivesse piorado... Agora eu via as duas sentadas ansiosas na sala de espera da emergência.

Sabia que não devia ter ido trabalhar.

– Será que dá para vocês ficarem com Flora mais um pouco? – perguntei, tentando controlar o zunido das hipóteses e pensar em um plano de ação

prático. – Chego aí assim que puder.

– Flora pode ficar para o turno da tarde, se você quiser. Podemos dar almoço a ela?

Eu tinha esquecido que eles tinham um turno à tarde.

– Sim! Boa ideia. Obrigado. Eu a pego depois disso.

Desliguei e cliquei na discagem rápida para casa, minha mão tremendo. Ninguém atendeu.

Minha parceira de plantão estava comendo um sanduíche em sua mesa quando expliquei a situação a ela, sentindo-me como uma criança travessa na frente da diretora.

– É claro que você pode ir, Angus – disse ela com uma voz entediada. – Mas provavelmente não vai ser nada. Geralmente não é.

A postura profissional dos meus colegas de analisar o que estava à sua frente de maneira calculista e sem emoção parecia permear suas personalidades. Ou talvez as pessoas que queriam ser clínicos gerais simplesmente fossem assim mesmo e eu é que não era feito para aquilo.



O carro de minha mãe ainda estava estacionado em frente à nossa casa quando voltei. O tempo parecia não se decidir entre neve ou chuva. Quando abri a porta, a televisão estava berrando tão alto que me perguntei se o problema seria somente ela não ter ouvido o toque do telefone. Será que estava ficando surda? Talvez eu devesse sugerir um exame de audição.

Eu a encontrei na sala de estar, dormindo pesado, um copo de água equilibrado precariamente no braço do sofá. Desliguei a televisão. No andar de cima, encontrei Bella no berço, também dormindo. A testa dela estava quente, mas, apesar de eu ainda conseguir ouvir um leve chiado em seu peito, sua respiração estava menos superficial do que de manhã. Ninguém tinha morrido. Minha pulsação voltou ao normal enquanto eu descia de volta para a cozinha.

Enchi a chaleira, alarmado por reparar que, no corredor, havia uma garrafa quase vazia de vodka da marca própria do mercado.

Charlotte sempre comprava Grey Goose.

Uma imagem de Charlotte misturando gim com água tônica uns dias

antes me veio à cabeça.

– Está tentando me dizer que eu tenho um problema de alcoolismo ou algo assim? – perguntara ela.

– Como?

– Você tem colocado água na minha vodca?

– É claro que não!

Ela cheirou o copo.

– Tenho certeza de que não está tão forte quanto costumava ser.

– Talvez você tenha *mesmo* um problema, então! – eu brincara.

Tínhamos rido daquilo.

Fiquei olhando para a garrafa de vodca e me lembrei do copo na poltrona de minha mãe. Em ocasiões recentes o consumo de álcool dela tinha me preocupado um pouco. Três taças de champanhe antes do almoço de Natal seguidas por vinho durante a refeição e várias doses de conhaque para “ajudar a dormir”. Eu não tinha dito nada. Afinal de contas, era Natal.

Com certeza ela não estava bebendo todo dia, estava? Não durante o dia. Não enquanto cuidava das nossas filhas. Muito menos quando ia dirigir.

Peguei a garrafa e atravessei o corredor outra vez até a sala de estar.

Os olhos de minha mãe se abriram devagar e se fixaram na garrafa na minha mão.

– Só dois dedinhos – gaguejou, sentando-se rapidamente e derrubando o copo no chão.

Eu o peguei e cheirei.

– Acho que foi mais que isso – falei.

– *Azuda* a menina a *dormirrr* – disse ela, enrolando um pouco a língua.

Uma palpação. Percebi que ela estava falando de Bella.

Corri de volta para a cozinha e cheirei a mamadeira pela metade que estava na mesa e então, tirando o bico, tomei um golinho. Leite com álcool. Uma batidinha infantil. Não era de admirar que ela estivesse dormindo tão bem!

Minha mãe estava atrás de mim agora, arranjando desculpas.

– Ela fica tão agitada e incomodada com tanto choro!

– Ela é um bebê!

– Você era igualzinho, é claro. Tinha muitas cólicas.

– Você me dopava na época? – perguntei, esperando que ela fosse zombar da insinuação.

– Um pouquinho de óxido nitroso às vezes, quando morávamos em cima do consultório.

– Cacete! Não é de admirar que eu ficasse com a cabeça nas nuvens!

Minha mãe pareceu confusa, como se de repente não conseguisse compreender por que eu estava em casa.

– A senhora pode me dizer quanto já bebeu hoje? – perguntei, tentando manter meu tom de voz estável e profissional.

– Só um copinho. Não mais que uma ou duas doses.

Quando você pergunta aos pacientes quanto de álcool eles ingeriram, os que têm problema normalmente sabem as quantidades recomendadas e admitem apenas quantias abaixo desses números, de forma casual, como se nunca tivessem de fato dado importância a isso.

– Eu não costumo beber – minha mãe estava dizendo. – Só *hoze*...

Ela ficou olhando pela janela, através da qual se viam os flocos de neve caindo além das luzes alaranjadas dos postes.

– Por causa da neve? – perguntei.

Ela deu um sorriso insanamente grato para mim, como se eu a tivesse enfim entendido.

– Então, quantas garrafas dessa a senhora toma durante a semana?

Peguei a garrafa, tentando manter o tom de voz despreocupado.

– Uma, no máximo – respondeu ela.

Uma olhada para o teto.

– Vou subir e dar uma olhadinha na Bella, está bem? – disse ela, mas eu já chegara ao andar de cima antes mesmo de ela subir o primeiro degrau.

Ela tinha se esquecido de trancar a porta do quarto. Havia duas garrafas vazias de vodka na mala dela. Ela havia chegado na manhã de domingo. Estava bebendo meia garrafa por dia, além do vinho que sempre tomava durante o jantar, e nós não tínhamos percebido.

Bella começou a tossir. Eu a peguei no colo. Seu nariz estava entupido de catarro amarelo e a fralda estava suja, mas ela não parecia pior do que de manhã.

– Aí está ela, essa fofinha! – disse minha mãe quando desci com ela, como se tivesse se esquecido da nossa disputa para ver quem chegava lá em cima primeiro. – Vou lá buscar a Flora, está bem?

– Não!

– Estou bem para dirigir.

– É claro que não está!

Coloquei em Bella um macaquinho de neve e a levei no carro comigo.

Flora estava eufórica por ter passado o dia inteiro na creche, como as crianças mais velhas, e voltou cheia de novidades sobre o boneco de neve que elas tinham construído no parquinho. Comprei um McLanche Feliz para ela no *drive-thru* por ter se comportado e fiquei sentado no carro estacionado, com a neve agora caindo pesadamente ao nosso redor, perguntando-me o que iríamos fazer.



Charlotte estava de mau humor quando ligou porque eu não tinha respondido as mensagens dela sobre onde deveríamos nos encontrar antes do espetáculo. Tínhamos sido convidados para ir ao Teatro Nacional pelo chefe do departamento dela.

– Aconteceu um imprevisto e não vou poder ir – falei.

– Mas você sabe como isso é importante para mim! As meninas estão bem?

– Estão, sim.

– E então?

– Não dá para explicar agora. Estamos todos bem.

– Caroline está aí? Bem, por que diabo...?

– Peça desculpas em meu nome. Diga que estou resfriado ou com alguma coisa nojenta contagiosa, se for melhor. Você acha que vai conseguir voltar para casa?

– Ora, faça-me o favor! – disse Charlotte.



Ela voltou, depois da meia-noite, levemente corada e me alfinetando, falando sobre como a peça tinha sido maravilhosa. Pegara um táxi na ponte Waterloo sem dificuldade.

– Não sei o que há de errado com este país – disse ela, deitando na cama ao meu lado. – Alguns centímetros de neve e tudo para. Quero dizer, parece que nunca neva aqui. Londres fica na mesma latitude de Moscou, pelo amor

de Deus! Na Suíça, os carrinhos limpa-neve trabalham e tudo continua funcionando. Desculpe, acordei você?

– Não, eu estava acordado. Queria explicar.

“Explicar” provavelmente era a palavra errada, porque fazia parecer que eu estava me desculpando.

– Sim, qual é o grande mistério?

– Bella tem dormido superbem desde que minha mãe chegou, não é? Bem, hoje eu descobri o motivo. Ela anda colocando vodca na mamadeira dela.

Eu estava esperando, no mínimo, um “Meu Deus!”.

– Eu me lembro de minha avó dizendo que eles faziam isso às vezes – contou Charlotte. – Obviamente, funciona!

– Você não pode estar sugerindo que não tem problema!

– Ah, relaxe, Angus, pelo amor de Deus! Ela está perfeitamente bem, não está? Não acho que o estrago tenha sido tão grande assim.

– Eu não consigo entender como um médico aprovaria, mesmo que tacitamente, dar álcool para um bebê.

– Está bem, está bem. Eu concordo com você, se isso o deixa mais feliz.

Charlotte bocejou e se virou, como se o assunto estivesse encerrado.

– Minha mãe é alcoólatra.

A palavra era difícil de dizer. Eu me perguntei se o que eu estava vivenciando não era parecido com o que as pessoas que vão ao AA sentem pela primeira vez.

– Não seja ridículo! – resmungou Charlotte.

– Lembra que conversamos sobre quanto você estava bebendo? Bem, no fim das contas, não era você, era ela. Era para lá que a vodca estava indo, e ela tem trazido as próprias garrafas em segredo. Encontrei duas garrafas vazias na mala dela, Charlotte! A creche me ligou porque ela não tinha ido buscar Flora e, quando cheguei aqui, ela estava desmaiada, totalmente bêbada, mas, mesmo assim, achava que podia dirigir quando a acordei.

Charlotte se sentou de repente e ligou o abajur.

– Tem certeza?

– Ela é um perigo para as crianças e para si mesma.

– Bem, vamos ter que conseguir ajuda para ela.

– Sim, mas enquanto isso...

– O quê? – perguntou Charlotte.

– Vamos ter que encontrar outra pessoa. Ou eu vou ter que cuidar das crianças...

– Você não pode estar falando sério! – surtou Charlotte. – Vamos assinar os contratos da casa semana que vem.

– Não temos como.

– Pense bem, Angus. Nossa venda vai por água abaixo. A venda de Caroline vai por água abaixo. Se nós perdermos aquela casa, nunca vamos nos mudar. Os preços estão subindo todos os dias!

– Vamos ter que ficar aqui, então – concluí.

Charlotte ficou olhando para mim.

– O que é mais importante? – persisti. – A segurança das meninas ou ter mais status?

– Céus, você é certinho demais! – gritou Charlotte, então saiu da cama, pegou o edredom, desceu as escadas e bateu a porta da sala de estar.

Pela manhã, acordei com ela sentada em sua penteadeira se maquiando.

– Você vai trabalhar hoje? – perguntei, surpreso.

Ela não respondeu minha pergunta. Em vez disso, olhando para meu reflexo no espelho, simplesmente afirmou:

– Não vou dormir no sofá de novo.

– Ótimo – respondi, exausto.

– É você quem vai dormir lá daqui para a frente. Ou talvez você possa ficar com o quarto da babá, agora que sua mãe foi embora.

– Embora?

Eu me sentei.

– Ela disse que sabe que nunca foi bem-vinda aqui e saiu dirigindo pela rua cheia de gelo. Espero que esteja satisfeito!

– Mas isso é loucura. Não é culpa minha. Eu quero ajudá-la...

– Ela disse que você fez uma tempestade em copo d'água, como sempre.

– E é isso que você pensa?

– Não estou preparada para passar a vida toda em Wandsworth! – berrou Charlotte e, então, como se tivesse ficado surpresa com o próprio grito, pegou a bolsa e saiu.



Não era tanto pelo sexo, porque já não transávamos com frequência desde o nascimento de Bella. Inicialmente, eu tinha ficado com medo de machucar Charlotte, por causa dos pontos e, depois disso, sempre parecíamos estar cansados demais. Mas eu sentia falta da companhia de dividir a cama, do ritmo familiar da respiração da minha mulher, até mesmo de quando ela bufava e puxava o edredom para cobrir a cabeça quando eu saía da cama para atender nossa filha.

Curiosamente, a crise financeira nos proveu uma faísca de esperança. Durante dois meses, os preços das casas em Londres despencaram. De repente, o mercado estava a favor dos compradores e, quando fizemos uma oferta baixa por uma casinha no final da Portobello Road, ela foi aceita. Até mesmo Charlotte tinha que admitir que o imóvel era de um tamanho muito mais apropriado para nós. Paradoxalmente, fora a ausência de minha mãe que havia tornado aquilo possível. Eu tinha tirado algumas semanas de licença não remunerada que a diretora da clínica em Croydon chamou de “uma separação mútua de rumos”. Sem o custo da babá e de uma reforma e com a queda das taxas de juros, possuíamos a quantia quase exata de dinheiro e tive tempo de procurar uma hipoteca mais vantajosa e organizar a mudança.

As meninas foram crescendo e Charlotte ficou livre para promover sua carreira brilhante, como trabalhar até tarde e participar de conferências em destinos glamourosos, como Monte Carlo e Doha.

Quando nos acomodamos, convidamos minha mãe para nos visitar, mas ela alegou estar chateada demais com a minha acusação. Achei que o problema fosse mais o fato de ela achar que não conseguiria passar um fim de semana sem beber e até Charlotte, que levava as meninas para visitá-la a cada dois meses, concordou que o motivo provavelmente era esse mesmo. Não há muito que você possa fazer para ajudar alguém que não admite ter um problema.



Nos fins de semana, a Portobello Road se transforma em um caos intransitável de turistas, mas durante a semana, especialmente de manhã cedo, fica totalmente deserta. Em dias de tempo bom, depois de deixar Flora na escola, Bella e eu caminhávamos por toda a extensão da rua procurando

pelo ursinho Paddington nas vitrines dos antiquários, tentando adivinhar qual deles era o do Sr. Gruber. Tínhamos lido os livros de Paddington tantas vezes que as páginas estavam caindo. Fiquei quase decepcionado quando, um dia, Bella apontou toda animada para um urso de pelúcia de tamanho real com um casaco de lã grosso, suéter e galochas, em pé em uma *chaise longue* bem nos fundos de um antiquário. Mas no dia seguinte ele não estava mais lá, talvez tendo se mostrado mais atraente aos clientes do que os móveis de segunda mão. Então nossa busca continuou.

Quando os antiquários fechavam e a rua se transformava em um mercado de comida e roupas, Bella geralmente já tinha pegado no sono e eu passava o resto da manhã lendo o jornal com um café e uma daquelas tortinhas deliciosas de creme com glacê de açúcar queimado que eles serviam no nosso café preferido. Em um dia de primavera eu estava manobrando o carrinho de bebê pela porta quando ouvi alguém gritando:

– Gus! Gus!

Ninguém me chamava da “Gus” havia anos, então demorei um pouco para reparar em Nash acenando para mim do outro lado da rua. Não a encontrava desde que Flora era bebê, mas a tinha visto uma vez ou outra na TV porque a série na qual ela estava atuando tinha virado febre na Grã-Bretanha também. Com o cabelo tingido de uma cor púrpura intensa, ela parecia bem mais elegante e refinada do que antes e, enquanto seguíamos até os fundos do café, onde havia uma mesa com espaço para o carrinho, notei que os outros clientes ficavam se cutucando ao reconhecê-la.

– Quanto tempo vai ficar por aqui? – perguntei.

– Indefinidamente, ao que parece. Sofri um acidente de moto.

– Você está bem?

– Não, na verdade eu morri – respondeu Nash. – Ah, espere aí, vocês só estão na temporada dois aqui, não é? É isso que acontece com protagonistas femininas turronas. Elas são domesticadas ou desaparecem...

– Que pena – falei, acrescentando logo em seguida: – Todo mundo acha você ótima.

– Sério?

Captei um lampejo da antiga carência encantadora dela por baixo daquele exterior imaculadamente bem cuidado.

– Até mesmo Charlotte – comentei. – E ela também é especialista agora.

– Uau! – exclamou Nash, jogando uma mecha brilhante de cabelo por

cima do ombro. – Então, o que você anda aprontando?

– Ainda estou cuidando das crianças. É uma longa história. Esta é Bella, por sinal.

– Que gracinha.

Após observar minha filha adormecida, ela me deu uma olhada longa e avaliadora.

– Nunca consegui visualizar você como médico...

– Por quê?

Agora eu é que estava carente.

– Inseguro demais. Você precisa de certa confiança nas suas habilidades para tomar decisões... Eu fiz muitas pesquisas para o papel...

– É claro – falei.

– Então o que é que você *vai* fazer, Gus? – perguntou.

A eterna questão londrina. Em uma capital pujante, seu trabalho é o que o define.

– Ainda não pensei nisso – respondi quando Bella começou a se mexer. – Escute, por que não vamos lá em casa almoçar?

Nossa porta da frente dava para uma sala grande que servia de sala de estar e jantar e cozinha. Eu tinha pendurado quadros de feltro nas paredes para exibir a arte das meninas, junto com minhas tentativas de desenhá-las.

Nash ficou olhando os desenhos enquanto eu preparava um almoço simples de massa com tomates-cereja e manjerição.

– Quem fez estes aqui?

– Eu.

– São bons, Gus. Sempre soube que você tinha um talento escondido!

– Talvez isso seja algo que eu possa fazer... Sabe, como aquelas pessoas no Covent Garden que ficam desenhando os turistas?

Nash ficou olhando para mim.

– Meu Deus, Gus, só você para pensar em se tornar um artista de rua aos 30 anos!

Coloquei um prato de massa fumegante na frente dela.

– Que tal ser um artista de retratos de crianças?

Ela assoprou o garfo cheio de massa quente.

– Deve ter uns pais cheios de grana aqui na região, não?

– Alguns já me pediram, quando vieram buscar os filhos que estavam brincando aqui, sabia? Mas nunca pensei em cobrar...

- Céus, Gus, você não mudou nada! – Nash riu.
 - Por que você diz isso?
 - Você é tão... Não sei qual a palavra certa... Excêntrico, talvez?
- Ingênuo. Sonhador.
- Desculpe.
 - Não precisa se desculpar. Essa qualidade não deixa de ser cativante.
 - Charlotte não acha.
- Falei sem pensar.
- Não acha, é? – disse Nash, intrigada.



Sempre acreditei que as coisas iriam melhorar entre nós. Na casa nova, Charlotte e eu geralmente dormíamos em quartos separados, mas ainda havia ocasiões – como depois do aniversário das meninas, após todos os pequenos convidados irem embora com suas sacolas de lembrancinhas nas mãos e nossas filhas irem para a cama abraçadas a seus novos brinquedos – em que abríamos uma garrafa de champanhe para brindar mais um marco na vida que construímos juntos. Então um beijo de boa-noite se transformava em algo mais íntimo e nossos corpos, que se conheciam tão bem, eram tomados pelo desejo físico.

Eu tinha certeza de que ia chegar uma hora, talvez quando estivéssemos em férias, em que tudo iria magicamente voltar a ser como era antes. Alugamos, afinal, um chalé por uma semana na costa norte da Cornualha. Na praia, parecíamos o tipo de família de classe média que você vê nos catálogos de lojas de roupas de banho, bem-vestidos, mas de forma casual, sorrindo sob o sol. Para as crianças, Charlotte e eu jogávamos no mesmo time, concordando com as maneiras à mesa, limitando os alimentos com muito açúcar, ouvindo o que elas nos contavam, encorajando-as a explorar piscinas naturais e a criar desenhos com algas. Charlotte não era tão empenhada nas escavações quanto eu, mas era competitiva; então era só sugerir um jogo de beisebol ou uma disputa para construir o melhor castelo de areia que ela mergulhava de cabeça. Nós até nos divertimos nos dias de chuva, visitando o Projeto Éden e a galeria Tate St. Ives, comprando grandes pacotes de conchas importadas para fazer nossa própria arte com cola e cartolina esparramadas

na mesa da cozinha.

Era só depois que dávamos um beijo de boa-noite nas meninas e desligávamos a luz do quarto delas que nosso relacionamento também adormecia. Charlotte lia um livro; eu lavava a louça. Talvez conversássemos um pouco sobre algo que as crianças tinham dito e que havia nos surpreendido, mas, fora isso, um abismo inavegável de silêncio se formava entre nós. E aí eu me deitava imóvel e ansioso até que o sono suprimisse a tristeza e uma nova manhã trouxesse o caos glorioso de crianças pequenas subindo na cama e trazendo a energia para mais um dia.

– Por que você e a mamãe não têm uma camona grande em casa? – perguntou Flora uma vez.

Olhei para Charlotte em busca de uma resposta. Ela sempre fora melhor em encontrar as palavras para desconversar do que eu.

– O papai ronca tão alto que a mamãe não consegue dormir. E a mamãe tem que trabalhar – respondeu ela.

E então eu entrei no jogo, fechando os olhos e roncando o mais alto que conseguia, com a risada das minhas meninas ressoando ao nosso redor.

CAPÍTULO 22

2010

Tess

A nne queria organizar um jantar em um restaurante chique com uma opção de degustação no cardápio; eu achava que Hope ficaria mais feliz indo comer uma pizza, mas foi meu pai quem deu a sugestão perfeita:

– É o aniversário de 18 anos de Hope. O que você faz quando completa 18 anos? Vai para o pub!

Estávamos prestes a contra-argumentar quando ele acrescentou:

– E quinta é noite de karaokê!

Reservamos uma mesa para jantar cedo porque eles serviam carnes e havia, também, um bufê de saladas, dependendo do tamanho da sua fome.

– Martin pode vir? – perguntou Hope.

Ela agora trabalhava em tempo integral na Martin's Music. Depois do projeto da escola, Martin tinha pedido que ela ficasse lá também aos sábados. Ele pagava um salário mínimo, porque, como Hope me contou, cheia de orgulho, ela era “útil”.

Então pareceu natural quando ele ofereceu a ela um emprego em tempo integral depois que ela se formou na escola.

Quando os clientes chegavam, Hope era um pouquinho menos rude do que Martin e essa nova estrutura permitia que ele assumisse mais compromissos na oficina, que era mais lucrativa, então funcionava bem para os dois.



Ao abrir a porta pesada do pub, senti uma espécie de corrente de ar, como se alguém tivesse entrado logo atrás de mim, e me virei.

Minha mãe estava com o vestido azul-marinho e o blazer que costumava usar em casamentos.

– Meu Deus! Você está aqui! – gritei.

– Eu não perderia por nada, não é? – respondeu ela, sorrindo para mim.

Acordei. A euforia evaporou repentinamente no ar frio da manhã. Deitada de olhos fechados, tentei recuperar a sensação da presença dela: “Hope está com 18 anos, mãe. E ela está bem, sabe? Você ficaria tão orgulhosa dela!”

Eu queria acrescentar: “... e de mim!”

Mas, à medida que uma única lágrima escorria e deixava um rastro frio na minha face, eu já não tinha tanta certeza daquilo.



No restaurante, em uma mesa de seis lugares, meu pai e Anne, Martin e Hope sentaram de frente um para o outro. Eu fiquei de frente para a cadeira vazia. *Para minha mãe*, pensei, ainda desorientada por tê-la visto com tanta clareza pela manhã.

Eu me senti como a tia solteirona, sentada na ponta da mesa, mas ao menos estava longe do alcance dos dedos cheios de anéis de Anne apertando meu braço e de seu hálito de cigarro me garantindo, como fazia com frequência, que nunca era tarde demais para o amor e que o “par perfeito” poderia aparecer a qualquer momento.

Nenhum deles sabia que eu estava apaixonada. Recentemente, contudo, eu me peguei ocasionalmente pensando se aquilo era apenas um relacionamento de mentira, se a cabana dilapidada era uma espécie de casa das bonecas de adultos, onde fingíamos ser um casal de verdade. Em vez de uma cozinha, tínhamos um aquecedor portátil a gás; em vez de um quarto, usávamos um colchão velho; em vez de assistir à televisão juntos, líamos livros com cheiro de mofo, com as páginas amareladas pelo tempo, e eu ficava de um lado para outro, servindo xícaras de chá e ansiosa por conseguir inspirar Leo. Será que nós enganávamos o casal da cidade, Marcus e Keiko, da cabana vizinha, toda de vidro e porcelanato, que vinha de Londres nos finais de semana com seus lindos filhos meio ingleses, meio japoneses? Será que era óbvio que eu era amante de Leo?

Estava tão envolvida na impossibilidade do nosso amor, acreditando que

nosso tempo juntos era mais excitante que o de outros casais, que nunca questionei por que tinha que ser assim. Agora que Hope estava mais velha e os filhos de Leo tinham saído de casa – um ia fazer mestrado na Universidade de Stanford, na Califórnia, e o outro ganhava uma fortuna trabalhando como atuário em Londres, um emprego que Leo dizia desprezar, mas que frequentemente mencionava para Marcus –, por que não devíamos começar a pensar em nosso futuro, ou ao menos fazer algo juntos como um casal normal?

Dei a ideia de irmos ao Festival de Glastonbury.

Haveria bandas para todos os gostos...

– E barro – disse Leo.

– Mas você não acha que seria incrível sentir a energia no meio daquele mar imenso de pessoas?

– Querida Tess! Como você consegue ser tão incansavelmente otimista?

Naquela época, os elogios dele se transformavam cada vez mais em críticas se eu insistisse.

E, mesmo assim, sempre havia a promessa tentadora de que as coisas seriam diferentes um dia.

Como na última vez em que, depois de transarmos, ele me perguntou:

– Que tal fugirmos para uma *finca* na Espanha, Tess? Almoçarmos à sombra de uma oliveira e tomar um bom vinho e cultivar laranjas e meter como se não houvesse amanhã?

– Ou para a Itália? – sugeri, sem saber ao certo o que era uma *finca*. – Sempre quis voltar lá.

Ele deu um sorriso tão surpreso que me senti uma idiota por não ter percebido que a oferta dele era apenas mais uma de suas metáforas, tão insubstancial quanto um desejo.

E, ainda assim, eu me convencia de que mesmo uma metáfora devia significar que, em algum nível, ele também queria aquilo.



Martin estava falando comigo. Não exatamente falando, mas fazendo um anúncio.

– Hope quer fazer aulas de canto – dizia. – Agora que ela tem 18 anos,

pode fazer o que quiser.

– Ótima ideia! – concordei.

– Você não pode me impedir! – intrometeu-se Hope. – Tenho 18 anos!

Com todos na mesa olhando para mim, perguntei-me quanto tempo estive fora do ar pensando em Leo.

– Nunca tentei impedir você! – falei, rindo.

– Você não a deixou fazer aulas de música – insistiu Martin.

– Espere aí – protestei. – Nunca impedi Hope de fazer nada!

Não tinha sido eu quem comprara o teclado para ela? Não tinha sido eu quem tinha ouvido a cantoria dela todos esses anos?

– Você disse que as aulas eram caras demais – protestou Hope.

– Bem, sim, mas eram aulas de piano e muito tempo atrás, certo? Ninguém falou nada sobre cantar.

– Martin falou.

– Sim, mas...

Eu achava que ele estava apenas sendo legal. Olhei para meu pai e para Anne em busca de apoio.

– Você devia ter falado – disse Anne, entrando na conversa. – Era só pedir.

Meu pai parecia disposto a me defender quando Martin acrescentou:

– E o coral da igreja? Hope disse que você não a deixava ir...

– Agora ela tem um bom argumento, Tess – disse meu pai. – Você não era totalmente contra ela ir à igreja?

Por dentro, eu estava gritando: *Como vocês têm coragem? Eu não fiz o suficiente?*

Lembrei-me de ter dito a minha mãe que ela devia se defender mais e agora estava calada do mesmo jeito que ela. O problema era que eu não conseguia pensar em outro jeito de sair daquilo sem parecer que Hope era um fardo. Talvez fosse por isso que minha mãe também não falava nada.

Meus olhos se encheram de lágrimas e fiquei olhando para as fatias de cordeiro e as bolinhas de batata assada na poça de molho no meu prato. Minha mãe sempre dizia que não devíamos chorar em aniversários porque dava azar.

– Estou com um pouco de dor de cabeça – falei baixinho. – Acho que vou deixar vocês terminarem.

Nenhum deles disse “Não seja boba!” ou “Você não pode ir embora!”.

Na verdade, quando, já na porta, olhei para trás, meu pai pegara o cardápio e perguntava:

– Então, Hope, vai querer cheesecake de cereja ou torta de banana?

Fiquei parada na calçada bem em frente à porta do pub por alguns minutos, me perguntando se não estava sendo sensível demais e deveria voltar. Esperava que um deles saísse e viesse me buscar. Quando ficou claro que isso não ia acontecer, comecei a caminhar na direção da praia um tanto aturdida. Não estava disposta a voltar para uma casa toda decorada com bandeirinhas e balões; não podia ligar para Leo porque ele estava em uma cerimônia de formatura com a mulher e certamente não ia ficar feliz se o celular tocasse no meio da catedral de Canterbury.

Fiquei parada olhando para a praia, o contorno escuro da terra contra o amarelo-alaranjado da luz do crepúsculo, a brisa do mar tornando minhas lágrimas ainda mais salgadas.

Será que durante todo esse tempo, enquanto pensava que era eu quem estava fazendo sacrifícios, estava, na verdade, impedindo Hope de fazer as coisas que ela queria? Será que por esperar tão pouco dela eu a impedi de se tornar a pessoa que ela gostaria de ser? Fiquei tão chocada com o que Hope disse que tive dúvidas se minha mãe teria algum consolo para me oferecer. Acho que me senti mais desolada do que nunca desde que ela tinha morrido.

Só havia uma única pessoa no mundo que poderia me responder, uma pessoa que esteve lá desde o começo. Foi então que me peguei digitando um número para o qual não ligava havia muito tempo.

O telefone foi atendido depois do primeiro toque, não me dando tempo de pensar duas vezes.

– É Tess – falei. – Posso conversar com você?

– Onde você está? – perguntou Doll, reconhecendo o desespero na minha voz. – Fique onde está, Tess! Fique aí! Vou mandar um táxi pegar você!

Os portões se abriram automaticamente quando o táxi se aproximou da casa de Doll e Dave e eu remexi minha bolsa em busca da carteira.

– A corrida está paga – avisou o motorista. – A Sra. Newbury tem conta.

Sra. Newbury. Maria Newbury era uma celebridade, aparecia com frequência no *South Today* ou no *Meridian* para dar sua opinião sobre a importância de programas de estágio e outros assuntos do universo feminino. A Sra. Newbury tinha uma casa grande e um negócio promissor; eu não tinha nada para mostrar do tempo em que tínhamos ficado afastadas. Falávamos

uma língua diferente agora e não teríamos nada a dizer uma à outra. Por que eu tinha ligado para ela?

A porta se abriu assim que apertei a campainha.

– Gosto do seu cabelo assim – disse Doll.

Ela deu um passo adiante e me abraçou tão forte que parecia que estava tentando transferir todo o seu arrependimento e seu pedido de desculpas e eu retribuí o abraço até as duas estarmos tremendo, entre lágrimas e risadas.

A sala de estar tinha uma parede inteira de espelho. Enquanto estávamos ali, cada uma sentada em um grande sofá de couro branco, a luz do lado de fora se esvaiu e a janela ficou escura como se fosse uma tela de televisão gigante refletindo nós duas nela.

Doll me ouviu sem me interromper em momento algum, mas, quando fiz uma pausa, ela disse:

– Estou superaliviada, Tess, porque achei que podia ser câncer quando você ligou, você sabe, já que sua mãe teve tão jovem. Desculpe. Não estou ajudando. Digo, claro, isso é ruim em outro sentido...

– Você acha que Martin tem razão? – perguntei. – Todos eles acham que sim.

– Em primeiro lugar, Tess, não estou sendo ofensiva, nem nada assim, mas seu pai sempre foi um babaca que diria qualquer coisa para se enturmar e Anne é uma vaca imbecil que se mancomunou com ele.

– O que você diria se *fosse* ser ofensiva? – perguntei.

– E Hope, bem, ela diz as coisas, não é, mas não atribui tanto significado quanto você – continuou Doll.

– Subtexto – falei, usando uma das palavras preferidas de Leo.

– Que seja – disse Doll. – Você sabe que Hope não teve a intenção de ser rude. Ela não consegue não ser rude, não é? E esse tal de Martin parece ter algum transtorno também. Eles obviamente combinam.

– Não é esse tipo de relacionamento! – protestei.

– Não?

– Hope não tem nenhuma veia romântica no corpo!

– Como você sabe? – insistiu Doll.

– Só sei.

– Você não sabia que a estava impedindo de fazer as coisas.

Aquilo foi um pouco duro, mas era para isso que eu tinha ido até lá.

– Mas não... Será?

Nunca sequer considerei que Hope e Martin pudessem ter um relacionamento. Mas, agora que parava para pensar no assunto, eu já havia reparado que ele tratava Hope como um verdadeiro cavalheiro. Com certeza eles não estavam...?

– Não é por isso que os pais de todos os adolescentes passam? – perguntou Doll. – Você precisa aprender a se desapegar.

– É fácil dizer, mas quem é que junta os cacos se não der certo?

– Verdade – concordou Doll.

– Talvez eu tenha sido superprotetora. Talvez tenha errado – admiti.

– Ninguém no mundo poderia dizer que você não deu o melhor de si.

– Será que dei mesmo? Talvez eu devesse ter levado Hope à missa.

– E deixar o padre Michael apavorá-la com todos os alertas dele sobre...

–... os prazeres da carne! – falamos em uníssono, imitando o tom ameaçador dele.

Dei uma olhada nervosa ao redor, como se o velho padre pudesse estar espiando, ouvindo nas sombras.

– Fred disse que o time de futebol nunca trocou de roupa tão rápido quanto na época em que o padre Michael era o juiz – confidenciou Doll.

– O padre Michael foi o motivo pelo qual você não se casou na igreja? – perguntei.

– Minha mãe quase morreu. Ela acha que Dave e eu vamos direto para o inferno!

Assim que foi pronunciado, o nome de Dave ficou pairando entre nós.

– Me perdoe, Tess – disse Doll, finalmente.

– Ah, já faz tanto tempo que eu até esqueci como ficar irritada por causa disso – falei. – Ou até mesmo por que eu fiquei irritada, para falar a verdade. Pode acreditar.

– Eu tinha certeza de que ele era perfeito para você, Tess – disse Doll. – Tinha mesmo, mas aí, quando ficamos juntos, foi como se tivesse acontecido uma reviravolta no destino e ele fosse, afinal, perfeito para mim.

– Você realmente acredita em destino? – perguntei. – Será que não tem mais a ver com o fato de você ter tido a oportunidade de ver que Dave era confiável e romântico e sabia usar um desentupidor, coisa que você não saberia se tivesse trombado com ele em uma boate?

Doll ficou olhando para mim.

– Céus, eu senti TANTO a sua falta! Você não perdoa nada mesmo!

– Tenho uma amiga igualzinha a mim! – falei.

Voltei a pensar em Hope.

– Você fez o que tinha que fazer – disse Doll. – Todos os pais não passam por isso? Ninguém pode fazer mais do que o seu melhor, certo?

A maneira como ela ficava repetindo “pais”, o que eu não era de Hope, dava quase a impressão de que ela estava pensando nos desafios da maternidade para si mesma, e isso, para mim, só podia significar uma coisa.

– Você está grávida?

Ela ficou olhando para mim.

– Meu Deus! Como você sabe?

Ela passou a mão pela calça branca.

– Não!

– Como você sabe?

– Porque eu conheço você – respondi.

– Estávamos tentando há tanto tempo que achamos que nunca iria acontecer. Mas estou com quase 12 semanas agora. Eu tinha acabado de fazer o primeiro ultrassom quando você ligou e achei que era Dave, para saber como tinha sido. Era para ele ter voltado de uma feira ontem à noite, mas o voo atrasou. Enfim, fiquei feliz que fosse você – disse Doll. – Porque você é a primeira pessoa a saber. Foi em momentos importantes como este que eu mais senti a sua falta, Tess.

– Eu também – confessei.

Doll apontou um controle remoto para a janela e uma cortina branca se desenrolou, fechando-se.

– E você e seu namorado?

Ela cruzou as pernas em cima do sofá na expectativa de uma conversa entre amigas.

– Que namorado? – perguntei.

– Ah, pare! Eu vi vocês dois umas duas semanas atrás!

– Onde?

– Estava almoçando no Oysterage, em Whitstable. Às vezes levo as franqueadas lá. Enfim, lá estava eu, sentada no terraço, fingindo prestar atenção nos números das vendas e tudo mais, quando, de repente, vejo você a uns 50 metros de distância, lendo em uma cadeira de praia...

– Do que é que você está falando? – perguntei, rindo, ainda pensando que poderia me safar.

– Aí um cara apareceu e puxou você para que se levantasse, depois vocês deram o maior amasso. Estavam praticamente tirando a roupa um do outro enquanto iam embora pela praia. Não que você estivesse usando muita coisa, só o biquíni Gucci amarelo-neon que eu trouxe para você de Dubai.

– E então, o que você achou? – perguntei.

Era um alívio finalmente contar a alguém.

– Ele é bem mais velho, não é?

– É professor – falei.

– Era de esperar – disse Doll.

– Como assim?

– A Jo e aquele professor velho em *Mulherzinhas*!

– Você queria ser a Amy...

– Porque ela era bonita. E ficou com o Laurie, que era legal.

É claro.

Nós duas ficamos sentadas em silêncio por algum tempo.

– Você precisa assistir a Hope cantar, Tess – disse Doll. – Eu iria também, mas quero estar aqui para mostrar a Dave o primeiro ultrassom.

Ela me acompanhou até a saída, mas, quando eu ia colocar a mão na maçaneta, a porta se abriu e Dave estava ali, a um palmo de mim. Ele usava um terno cinza bem cortado e seu cabelo estava um pouquinho mais comprido. Tinha a pele bronzeada, daquele jeito que as pessoas ricas costumam ter, mas seu sorriso era o mesmo, talvez um pouquinho mais branco.

– Tudo bem, Tess? – perguntou ele.

– Tudo.

– Ótimo!

Eu me afastei para deixá-lo colocar a mala do lado de dentro e trocamos um beijinho rápido e constrangido no rosto.

– Como está indo a escrita? – perguntou ele.

– Escrita?

– Você disse, você sabe, na última vez... que ia participar de um grupo de escrita.

Fiquei impressionada por ele ter se lembrado.

– Eu comecei – contei a ele. – E depois parei.

Todos rimos, dissolvendo a tensão.

Toda a minha criatividade parecia estar tomada pelo meu relacionamento

com Leo. E acho que tinha medo de escrever algo de que ele não gostasse. Eu ficaria arrasada. Nunca mais voltei às aulas dele, porque sabia que Liz e Vi perceberiam o que estava rolando. Às vezes eu me perguntava se os alunos por acaso mencionavam meu nome, mas não queria que Leo pensasse que eu era boba, por isso nunca questioneei.

– Trabalho com recursos humanos agora – falei. – No Waitrose.

– É uma boa empresa para trabalhar – disse Dave.

Era o que todo mundo dizia, menos Leo, que não conseguia entender por que alguém iria querer trabalhar em um mercado, apesar de, tecnicamente, desde a minha promoção, eu não trabalhar mais *no* mercado em si, mas no andar de cima. Por ser do mundo acadêmico, Leo não entendia como era difícil encontrar um bom emprego, qualquer emprego, em meio a uma recessão mundial. Divulgamos recentemente uma vaga para repositor e recebemos setenta candidatos. E, pelo nível do processo seletivo pelo qual os candidatos tiveram que passar – tarefas como construir uma torre de espagete e marshmallows ou dizer o que eles seriam se fossem um alimento, esse tipo de coisa –, era de pensar que estávamos procurando um gerente-geral.

– Sou chefe do departamento – falei.

– Você vai gerenciar toda a loja logo, logo – disse Doll.

De repente me lembrei de como era bacana quando alguém achava que você é inteligente.

Os dois estavam sorrindo para mim.

– Olhe, é melhor eu correr para ver Hope cantar.

– Diga “oi” por mim – falou Dave.

– Digo, sim. Ela vai gostar.

– Você deveria nos avisar na próxima vez que ela for cantar.

– É só um karaokê.

– Nós gostaríamos de vê-la, não é, Dave?

– Gostaríamos – respondeu ele, entrando e nos deixando sozinhas para nos despedirmos, como se tivesse sentido que eu estava começando a me sentir um tanto constrangida com todos aqueles “nós”.

Doll me deu outro abraço forte.

– Boa sorte! – desejou. – Ligo para você amanhã, está bem? Para saber como foi.

– Sim, até amanhã – falei, como costumava fazer.



Abri a porta do pub bem a tempo de ver Hope sendo levada até o palco por meu pai, que sempre gostou de bancar Louis Walsh, sem saber dos rumores sobre ele ser gay, obviamente.

– Agora, ouçam – disse meu pai, batendo no microfone. – Porque esta garota aqui tem uma voz e tanto. O nome dela é Hope Costello e vocês vão ouvi-la antes de todo mundo!

Hope ficou parada ali. Anne tinha emprestado a ela um vestido preto de mangas três quartos, que Hope tinha escolhido complementar com um moletom marrom da GAP e tênis. Segurando o microfone, ela olhou para a frente – que, por acaso, era bem na minha direção –, mas não acho que conseguia me ver em meio a todo aquele nervosismo.

A introdução de “Crazy” começou a tocar. Hope cantou a primeira nota errado. Um suspiro de constrangimento empático ressoou pelo salão. Meus punhos estavam cerrados ao lado do corpo, o coração batendo muito rápido e, dentro da minha cabeça, eu a encorajava: *Vamos lá, Hope, vamos lá, por favor, você consegue!*

Ela fechou os olhos, como que para bloquear a multidão, e entrou no segundo verso na nota exata.

Se você fechasse os olhos, poderia pensar que estava no salão com a própria Patsy Cline. Acho que Martin deve ter escolhido a canção. Música country provavelmente é a coisa mais próxima que você vai conseguir de canções famosas em um karaokê. Ele com certeza sabia o que combinava com a voz dela.

Quando Hope cantou o último verso e se afastou do microfone para os últimos acordes instrumentais, houve um silêncio perplexo de um milissegundo. E, então, o pub explodiu.



Um mês depois, Hope me disse que queria ir morar com Martin no apartamento em cima da loja. Acho que não ocorreu a nenhum deles que isso fosse me abalar. Hope nunca tinha se sentido triste, solitária ou totalmente

perdida.

Não sabia como conversar com Hope sobre a natureza do relacionamento deles. Nenhum dos dois parecia muito interessado em contato físico, mas vai saber o que acontece entre quatro paredes. Hope nunca tinha gostado daquela “coisa de beijos”. Se você a abraçasse, ela ficava dura como uma tábua, resistindo até você terminar. Com o passar dos anos, sempre que eu tentava conversar sobre reprodução ou contracepção, Hope respondia que já tinha aprendido isso nas aulas de biologia.

Eu também estava adiando a conversa inevitável sobre o exame genético, certa de que o momento adequado iria aparecer, talvez quando eu mesma decidisse fazer a cirurgia, porque Hope não era muito boa com hipóteses. Dessa vez, para não ser acusada de decepcioná-la de novo, levei-a para se consultar com a médica que me atendeu e fiquei do lado de fora enquanto ela explicava a Hope as razões para tomar pílula anticoncepcional. Fiquei aliviada quando ela saiu do consultório com uma receita.

– Você toma essas pílulas, Teca?

– Sim.

– É uma boa ideia se você não estiver pronta para cuidar de um bebê.

– Sim.

E isso foi o mais perto que chegamos de ter uma conversa de mulher para mulher.



A melhor característica de Martin é que ele nunca viu Hope como sendo diferente de qualquer outra pessoa. Como Doll tinha dito, ele próprio devia ter algum transtorno. Talvez todos nós tivéssemos, até certo ponto.

Nenhum dos dois sabia sobre termos que pagar para morar em nosso conjunto habitacional, é claro. Meu pai não estava disposto a se responsabilizar pelo aluguel se fosse para eu morar ali sozinha. E por que deveria? Eu era uma mulher adulta, ganhava meu próprio salário e já estava na hora de resolver a questão da minha própria moradia. Permaneci morando no apartamento enquanto consegui, porque Hope é uma criatura de hábitos tão arraigados que fiquei preocupada que ela não se adaptasse tão facilmente. Mas, como ela dizia sempre que nos encontrávamos para tomar um milk-

shake na praia juntas:

– É bem mais conveniente para a loja.

O apartamento de Martin se estendia pelos três andares acima da loja. O sótão era uma sala de música, com uma grande janela com vista para o mar por cima dos telhados. Se você caminhasse pela avenida à noite, quando ficava silenciosa porque as lojas estavam todas fechadas, às vezes dava para ouvi-los lá em cima, com Martin tocando o piano e Hope cantando. De vez em quando era possível ouvir risadas também, se Martin tocasse um acorde errado ou Hope esquecesse a letra, e então eles começavam de novo.

Parecia que eram felizes.

Não que eu estivesse perseguindo Hope nem nada. É só que é difícil parar de se preocupar depois de ter se preocupado por tanto tempo. Será que eu havia me tornado uma criatura de hábitos?



Meu salário dava para alugar um apartamento de um quarto com um pequeno jardim. Eu queria um espacinho externo por causa do cachorro de Leo, o Ebony, um velho labrador preto que às vezes ia para a cabana conosco. Para ser sincera, presumi que, assim que tivesse minha própria casa, nós iríamos passar algum tempo ali, mas não estava necessariamente pensando que Leo e eu moraríamos juntos. Ou talvez eu estivesse me enganando. Por isso pedi a ele que fosse comigo à imobiliária, apesar de ter dito que era para poder levar as coisas para o apartamento de carro depois. Percebi na hora que ele não ficou muito animado com a ideia e, na sexta, ele ligou e pediu que eu o encontrasse em Whitstable. Fiquei com a sensação de que havia algo errado, mas, quando vi a porta da cabana aberta enquanto me apressava pelo calçadão da praia, meu coração disparou de euforia, como sempre acontecia, ante a perspectiva de vê-lo.

O cabelo da mulher era longo, escuro e grisalho. Ela estava usando uma jaqueta de algodão acolchoada de tecido indiano com uma estampa rosa e alaranjada, um look casual e elegante. Não pude deixar de notar, já que ela tinha tirado as sandálias Birkenstock, que as unhas do pé dela estavam pintadas exatamente com o mesmo tom de rosa da jaqueta, o que me fez pensar, na mesma hora, se ela seria uma das clientes de Doll. Havia algo

naquele traje que dizia duas palavras: classe média.

– Você deve ser Tess – disse ela, erguendo os olhos para mim, ainda parada no calçadão.

Quase falei “Teresa”, porque eu não a conhecia e, além do mais, ela estava sentada na *minha* cadeira.

– Não estou entendendo – falei.

– Ah, acho que está, sim. Todas as coisas boas têm um fim e tenho certeza de que a sua mãe lhe ensinou isso!

– Minha mãe morreu – falei. – E ela nunca disse isso na vida.

A máscara de arrogância caiu.

– Ah, me desculpe.

– Tudo bem. Você não tinha como saber.

Ela era diferente de como eu a imaginava. Sempre a visualizei com um terninho escuro e uma blusa de jérsei de decote redondo e cor neutra por baixo. O único colorido ficaria por conta de uma echarpe de seda. Na minha versão, ela usava sapatos com saltinhos baixos que faziam barulho enquanto atravessava rapidamente os corredores da universidade para sua próxima aula.

– Você não é a primeira, sabia? – disse ela. – Não acho que ele tenha contado que teve que pedir demissão da universidade depois que a última conquista dele reclamou de assédio sexual.

– Isto aqui não é assédio sexual! – exclamei.

Ela me deu um sorriso irônico.

– Não sei o que todas vocês veem nele.

– Então por que você ainda está com ele? – retruquei.

Ela suspirou de cansaço, exatamente como Leo fazia quando eu dizia alguma coisa menos delicada.

– Leonard e eu estamos juntos há quase quarenta anos – disse ela. – Somos velhos amigos. Gostamos da companhia um do outro.

– Leonard? – repeti.

– Ah, ele não está se apresentando como *Leo* de novo, está? – Ela deu uma risadinha. – Não sei por que ele acha que “Leo” é muito melhor.

Porque era. Leo parecia um escritor. Era o nome no romance dele. Leo podia ser apelido de Leopold ou Leonardo. Não Leonard. Leonard parecia um cara qualquer no pub, ou alguém que jogava bocha com um boné branco, um homem velho.

Estava começando a garoar.

– Ele sabe que você está aqui? – perguntei.

Ela ficou olhando para mim.

– Você é uma fofa, realmente é. Eu devia ter insistido que ele mesmo fizesse o trabalho sujo.

– Não sou fofa – falei.

Mas aí não consegui pensar em como provar isso, além de estilhaçando canecas de café ou jogando cascalhos nela, então continuei parada ali, com cenas do nosso caso passando pela minha cabeça.

– Você disse a ele para sair comigo! – falei.

– Como?

– O ingresso que você não pôde usar, do Teatro Nacional. *Muito barulho por nada...*

Ainda assim, ela parecia perdida.

– Quando ficamos presos em Londres, na neve – acrescentei, tentando ativar a memória dela.

– Oh, já faz *tanto* tempo assim, é?

Agora era ela quem parecia atordoada. Senti uma pontada de culpa momentânea por tê-lo dedurado. Como é que eu ia saber que história ele tinha contado?

– Por que agora? – me ouvi perguntando.

– É natural que alguém de sua idade queira filhos...

– Mas eu não quero!

Leo sabia disso, não sabia? A decisão sobre eu fazer a cirurgia não tinha pairado sobre nós esse tempo todo? Não tinha contribuído com a pungência intensa que permeava os silêncios depois do sexo? Não estávamos em uma bandeja de pendências metafórica, esperando até que um de nós tivesse a coragem de encarar a decisão do inevitável? Ele certamente não tinha se esquecido da primeira vez que tínhamos conversado de verdade. Será? Eu certamente não estava sozinha em pensar que aquele era o laço que tornava o nosso amor único profundo. Será?

Começou a chover, deixando meu cabelo encharcado e a blusa do meu uniforme ensopada, grudando na pele.

– Você estava pedindo para ele escolher – disse a mulher de Leo. – Como a maioria dos homens, ele é preguiçoso. Requer esforço demais só imaginar deixar a casa boa e confortável dele. Por mais que goste de pensar que ainda

é um “jovem enfurecido”, ele se acostumou com o banheiro da suíte e os hotéis quatro estrelas que a esposa banca. Não vai voltar a acampamentos e quitinetes aos 61 anos, vai?

– Sessenta e um?

Um breve sorriso brotou nos lábios dela.

– Por que você está me contando isso? – perguntei, ainda me apegando à esperança louca de que aquilo não estava acontecendo de verdade.

Será que ele não sabia que ela estava ali? Será que era a tentativa dela de nos separar, mas o tiro sairia pela culatra assim que ele chegasse? Dei uma olhada por cima do ombro. Não havia nem sinal dele.

“Até mais, Tess”, ele tinha dito ao telefone.

Nunca antes havia usado essa expressão.

– Se quer saber – falei, tentando manter a dignidade –, eu nunca pedi a ele que fizesse uma escolha. Ele inventou isso.

– Bem, ele é escritor – retrucou ela.

De repente percebi por que a situação em que eu me encontrava, parada ali de frente para ela com a chuva fazendo meu cabelo grudar na testa e escorrendo pelo meu rosto, parecia tão estranha, mas, ao mesmo tempo, tão familiar. No romance de Leo, *De interesse acadêmico*, havia uma cena em que a esposa do protagonista diz a uma estudante que o caso acabou, só que não em uma cabana de pescador, mas em um gazebo em uma festa ao ar livre da faculdade.

Escritores veem tudo que acontece como material.



– Que covarde maldito! – disse Doll.

– Estou com tanta raiva de mim mesma quanto dele – falei.

Como pude ser tão idiota? Uma vez ele falou que o romance preferido dele era *Fim de caso*. Eu devia ter percebido, por isso e por tudo mais que tinha lido, que as coisas nunca acabam bem para os adúlteros.

– E agora eu não tenho nada – falei.

– Você pode enxergar dessa forma – respondeu Doll. – Ou pode transformar isso na oportunidade de fazer o que você sempre quis.

CAPÍTULO 23

2010

Gus

Nash estava sempre fazendo alguma dieta da moda e dizia que eu era a única pessoa no mundo que sabia preparar lentilhas deliciosas, então o almoço na minha casa tinha se tornado regular.

– Você deveria participar do *Masterchef* – disse ela, sempre ávida por encontrar uma nova carreira para mim.

– As pessoas realmente fazem isso?

– Eu estava brincando!

Nash também estava com dificuldades de encontrar trabalho. Ela ganhava um salário tão alto nos Estados Unidos que os papéis que agora talvez fossem importantes lhe pareciam poucos e espaçados. Acho que ela devia ser uma pessoa difícil de trabalhar, porque vivia falando mal dos outros atores. Ela gostava de fofocar para alguém que não tinha nada a ver com o mundo dela nem ninguém para contar. Fiquei sabendo mais sobre os encontros dela com homens do que queria saber ou que ela deveria ter me contado.

– Informação de mais?

Era uma das frases preferidas dela.

Às vezes, à tarde, depois de eu pegar Flora na escola, Nash nos acompanhava até Kensington Gardens, onde nos sentávamos em um banco para conversar enquanto as meninas brincavam no parquinho do Peter Pan.

Em uma sexta-feira, rolou uma discussão entre as minhas filhas no navio pirata.

Flora sempre era Wendy, enquanto Bella fazia o papel de Michael, que precisava que Wendy cuidasse dele. Em geral, o acordo funcionava muito bem. Mas, dessa vez, Bella decidiu que queria ser a Sininho.

– Bem, desculpe, mas você não pode! – Flora disse a ela em tom áspero, lembrando Charlotte.

– Por que não pode? – perguntou Bella, com razão.

– Meninas – intervim. – Por quer vocês não revezam?

Nash se levantou abruptamente.

– Cacete, Flora, deixe de ser chata! Você vai ser o Peter Pan e Bella vai ser a Sininho, para variar um pouco!

Não sei se foi o palavrão que chocou minha filha mais velha ou só a novidade de ter alguém lhe dando uma bronca, mas ela recuou, assustada, e Bella pôde saltitar em círculos tilintando até ficar quase sem ar.

– Flora é mandona demais – disse Nash.

Senti que eu tinha sido repreendido.

– E Bella precisa aprender a se impor – acrescentou.

– Eu sei. Você tem razão.

– Você não quer que ela sofra *bullying* quando for para a creche, quer?

– Não.

Será que era assim que o *bullying* começava, com a permissão implícita dos pais? Eu precisava prestar mais atenção nisso.

– O que você vai fazer, então? – perguntou Nash.

– Não sei – respondi.

– Céus, você não tem jeito mesmo! Se importa se eu fizer uma sugestão? Vá fazer gastronomia.

– Essas aulas custam uma fortuna.

– Pois bem, então arranje um emprego em um restaurante na hora do almoço ou algo assim. Tem um restaurante bem avaliado na rua da sua casa. Por que você não conversa com o chef? Tenho certeza de que conseguiria algum tipo de acordo que fosse bom para ambas as partes, como uma espécie de aprendiz. Você foi garçom, não foi?

– Charlotte não aceitaria que eu servisse mesas.

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou Nash, exasperada. – Você sempre passa a impressão de que é uma decepção para a sua mulher!

Eu não tinha consciência de passar qualquer impressão sobre Charlotte. Sempre evitei conversar sobre o meu casamento com Nash.

– Eu *sou* uma decepção para ela – falei.

– Então o que é que vocês estão fazendo juntos? – quis saber Nash. – Simplesmente não consigo entender. O que vocês têm em comum?

– Nós dois colocamos os interesses de nossas filhas em primeiro lugar – respondi. Sempre tive a tendência a parecer prepotente quando era

encurralado. – Você entenderia, se tivesse filhos – acrescentei, piorando as coisas.

– Ah, não me venha com essa idiotice! Sei muito bem como é ser filha de pais que se odeiam, muito obrigada.

– Desculpe – falei.

– Não se desculpe – respondeu ela. – Essa sua cara de culpado é a pior que você tem.

– Eu e Charlotte não nos odiamos, por sinal.



Foi irônico eu ter dito aquilo no mesmo dia em que Charlotte me contou que estava tendo um caso.

Eu já suspeitava de alguma coisa, porque as conferências dela nos fins de semana tinham ficado cada vez mais frequentes. Por algum motivo, eu o imaginara como um homem mais jovem que ela, outro estudante de medicina, talvez, de jaqueta de couro, com cabelos um pouco compridos, cheio de apetite sexual. Estava, como sempre, completamente equivocado, porque ele era bem mais velho que Charlotte, careca e importante na indústria farmacêutica. O nome dele era Robert.

– Onde vocês se conheceram? – perguntei.

Charlotte estava sentada no outro sofá, de frente para mim, no nosso quarto do andar de baixo, evitando contato visual.

– No teatro. Ele apareceu naquela noite da nevasca em que você me deixou na mão – disse ela. – Obviamente, não começou de imediato.

Ela finalmente olhou para mim.

Quanto tempo *tinha* levado? Senti que seria, de alguma forma, rude perguntar.

– Então, por que você está me contando agora?

– Bem – disse Charlotte, com tanta casualidade quanto se estivesse contando seus planos para o dia –, a questão é que Robert quer que a gente vá morar com ele na Suíça.

– “A gente”?

Por um instante, passou pela minha cabeça que ela estava me incluindo na proposta.

– As meninas gostam dele. Ele gosta das meninas.

– Espere aí! As meninas nem o conhecem!

– Na verdade, conhecem.

Agora Charlotte estava olhando fixamente para o chão.

– Aquela semana em Maiorca – murmurou.

Charlotte tinha levado as meninas para ver a mãe dela em Maiorca sozinha, alegando que era muito raro ela passar um tempo só com as duas. Eu tinha ficado em casa para reformar o banheiro das crianças, que estava ficando um pouco bolorento, o que não era bom para a asma de Bella. Quando as meninas voltaram cheias de histórias das atividades que tinham feito com Robert, eu assumi que elas estivessem falando do padrasto de Charlotte, Robbie. Como era conveniente para Charlotte que os nomes fossem tão parecidos.

Será que ela o tinha levado nas visitas a minha mãe também? Será que tinha pedido que as meninas mentissem para mim?

– Foi a única vez – disse Charlotte, como se estivesse lendo meus pensamentos. – Me desculpe por ter mentido, mas era a única forma em que consegui pensar de testar a proposta sem alterar os ânimos.

– Está certo. Não poderíamos arriscar que alguém ficasse chateado – retruquei.

– O sarcasmo não combina com você.

– Então sua mãe deu aval ao seu caso?

De alguma forma, era mais humilhante saber que terceiros tinham participado da conspiração.

– Sim, deu. Não que isso importe muito para mim.

O que, afinal, importava para ela? Será que se importou comigo algum dia? Fiquei olhando para minha esposa como se a estivesse vendo pela primeira vez: uma mulher muito atraente, perto dos 35 anos e no auge da carreira. Eu estava tão longe de entender o que se passava em sua cabeça quanto naquele primeiro dia em que fizemos amor no quarto do apartamento dela. Será que tudo tinha sido uma farsa? Ou só os dois últimos anos?

– Bem, lamento atrapalhar seus planos tão bem arquitetados e frios, mas não vou concordar com isso – disse a ela. – Não vou permitir que leve as meninas embora!

– Não acho, na verdade, que você tenha escolha – respondeu Charlotte. – Como cuidaria delas sozinha?

- Vou arranjar um emprego!
 - E uma babá, porque vai ter que trabalhar o dia todo para conseguir bancar a hipoteca! Isto é, se alguém aceitar você, com o currículo que tem!
 - Vamos ter que ir para um lugar menor.
 - Não sei se você percebeu, mas os preços estão subindo.
 - Vamos ter que morar no subúrbio, então. As pessoas fazem isso, sabia?
- Eu podia me ouvir como se fosse outra pessoa falando e tudo que dissesse fosse besteira.
- Talvez você esteja disposto a descer o padrão das meninas de acordo com as suas circunstâncias decadentes, mas eu, não. Sou a mãe delas. Do lado de quem você acha que a justiça vai ficar?
 - Você estaria disposta a fazê-las enfrentar uma batalha pela custódia, então?
- Tentei desesperadamente elevar outra vez os padrões morais.
- Se você optar por se opor a mim, é você quem vai estar fazendo isso – retrucou ela.
- Fiquei pensando que ela podia ter sido advogada. Tinha o raciocínio frio e analítico necessário para isso. Então me dei conta de que ela já devia ter conversado com um. Robert provavelmente tinha uma equipe jurídica inteira ao seu dispor. Charlotte ensaiara cada argumento e eu estava em completa desvantagem. Talvez eu devesse pedir um tempo para preparar minha defesa? Telefonaria para Marcus. Em nossa competição não verbalizada, eu agora seria o primeiro corno, o primeiro a se divorciar, o primeiro a enfrentar uma batalha judicial pela custódia dos filhos.
- Se fôssemos uma família normal, você não as veria tanto durante a semana, veria? – ponderou Charlotte, moderando o tom áspero da voz.
- Uma família normal. Era isso que eu queria que nós fôssemos. Será que eu tinha decepcionado todo mundo?
- Onde na Suíça? – perguntei.
 - Genebra – respondeu ela. – Robert tem uma casa com vista para o lago.
- Uns seis meses atrás, ela tinha ido a uma conferência lá. Ou não? Será que tinha sido outra coincidência conveniente ou mais uma mentira?
- Você já conseguiu um emprego lá?
 - Recebi várias ofertas, mas não estou com pressa. As meninas são minha prioridade.
 - Isso, sim, vai ser uma mudança – falei acidamente.

– Não tive muita escolha, tive?

– Não consigo ver nenhuma vantagem para as meninas – prossegui, percebendo que a única discussão que eu tinha chance de ganhar era sobre o futuro delas.

– Há uma escola internacional a apenas uma quadra da casa. Bella não vai saber a diferença. Flora se adapta fácil, como a gente sabe.

Entendi isso como uma referência ao fato de Flora frequentar uma escola pública em vez de uma particular, como Charlotte teria preferido se pudéssemos bancar.

– É um bom momento para elas se mudarem – acrescentou.

Isso era indiscutível. Se elas iam se mudar, era melhor que fosse agora quando ainda eram novas, antes de terem estabelecido laços com amigos e professores.

– Genebra é um lugar fantástico para crescer. Elas vão falar várias línguas, conhecer pessoas fascinantes. Robert é conde, na verdade, apesar de não usar o título.

– Achei que a Suíça fosse uma república.

Charlotte enrijeceu.

– Ele também tem um chalé na Áustria.

– Você não está pensando em deixá-las esquiar, está?

– Você não pode impedi-las de ter uma vida normal só por causa da sua culpa – disse Charlotte.

O fantasma de um sorriso passou pelo seu rosto, como se ela tivesse sentido o gosto da vitória.

– Não é culpa, é um medo racional. Esquiar é perigoso, lembre-se!

Imaginei meu irmão se lançando em meio à branquidão, olhando para trás para ver se eu estava me aproximando.

Era medo. Mas também era *culpa*. Nós dois sabíamos, apesar de nunca termos tocado no assunto em todos aqueles anos juntos. Será que Charlotte me responsabilizava, como minha mãe? Será que ela estava segurando uma faca atrás das costas esse tempo todo, esperando pelo momento certo de enfiá-la nas minhas entranhas?

Esta é sua vingança, Ross?

Como eu pude imaginar que me safaria por ter ficado com a namorada dele? Como pude pensar que merecia as filhas lindas que tinha?

– Ninguém *precisa* esquiar – falei estupidamente.

E então, de repente, comecei a chorar. Não chorava desde os 13 anos, quando aprendi, no meu primeiro semestre na escola pública, a conter as lágrimas porque chorar era coisa de maricas. Agora eu engasgava com as lágrimas, como se a reserva de emoção que tinha guardado esse tempo todo estivesse toda vindo à tona pelos meus olhos, meu nariz e minha boca, como uma enxurrada, causando risco de afogamento.

De repente senti um toque leve e hesitante nas minhas costas e gritei “Saia daqui!” com tanta violência que Charlotte tirou imediatamente a mão, como se tivesse tocado em um fio de alta tensão.

Ela esperou até meus ombros finalmente pararem de sacudir, então me entregou um lenço.

– Você ainda vai vê-las – disse ela, com delicadeza agora, como se o colapso tivesse sinalizado minha derrota. – Genebra fica a apenas uma hora e meia de avião. Não vai ser muito diferente, na verdade, só que vai ser você quem vai ficar com elas nos fins de semana.

– Não seja ridícula! – falei, engolindo as lágrimas, súbita e friamente determinado. – Elas são novas demais para vir para Londres todo fim de semana.

– Bem, uma vez por mês, então – sugeriu ela.

Os termos já estavam ficando piores.

– Você não acha que devemos ver o que as meninas pensam a respeito disso? – perguntei.

Charlotte ficou visivelmente desconcertada, como se eu tivesse arremessado uma bola em sua cabeça. Eu diria que esse era o único cenário que ela não tinha antecipado e quase conseguia ver o cérebro dela a mil por hora para fazer os cálculos, reconhecendo que seria irracional negar que elas dessem opinião.

– Vamos falar com elas de manhã – pressionei. – Elas terão o fim de semana inteiro para fazer perguntas.

– Tudo bem, mas precisamos estar todos juntos – disse Charlotte, ansiosa para estabelecer as regras. – E temos que simplificar as coisas, sem pressão... Vamos dizer algo do tipo: “A mamãe e o papai não se amam mais, mas...”

– Mas isso não é verdade. Não da minha parte... – interrompi.

Charlotte olhou para mim impaciente, como se eu estivesse tentando complicar as coisas sem necessidade.

E eu perdi a oportunidade de perguntar, como as palavras dela sugeriram,

se um dia tinha me amado também e, atormentado por isso e por todas as perguntas que Flora e Bella poderiam fazer, fiquei acordado durante boa parte da noite, até, finalmente, sucumbir ao sono em meio ao frio pálido do amanhecer.

Fui acordado pelo cheiro de torradas. Charlotte e as meninas já estavam sentadas à mesa quando corri lá para baixo, exausto e desganhado.

– Bom dia, dorminhoco – disse Charlotte, fazendo as meninas rirem.

– Vamos fazer panquecas? – perguntei, tentando recuperar o território perdido e acrescentando, quando Charlotte me deu uma olhada: – Nós costumamos fazer panquecas nos fins de semana, quando você não está em casa.

Como era incomum estarmos os quatro juntos, pensei, meu cérebro ainda ferido e oco do choro. Será que a alegação de Charlotte de que não seria tão diferente era, no fim das contas, verdade? Eu me servi uma xícara de café da cafeteira.

– Temos uma coisa para contar a vocês – disse Charlotte em tom alegre, olhando para mim em seguida.

Tentei me lembrar das palavras exatas que tínhamos combinado.

– A mamãe vai morar com o amigo dela, o Robert – comecei.

– Um dos motivos é que eu quero passar mais tempo com vocês duas – esclareceu ela, parecendo querer me pressionar.

– A questão é que nós amamos tanto vocês que nós dois queremos que vocês morem com a gente – falei, odiando a velocidade com que tudo aquilo estava acontecendo.

Olhei para as meninas, esperando lágrimas, mas elas pareciam apenas um pouco curiosas enquanto comiam cereal.

– Vocês vão se divorciar? – perguntou Flora.

Era uma situação com a qual ela estava bem familiarizada, com tantas amiguinhas com pais separados.

Olhei para Charlotte.

– No momento oportuno – respondeu ela.

O que é que uma menina de 7 anos e outra de 3 deveriam apreender de tudo isso?

– Vocês podem ficar morando aqui comigo do jeito que é agora, se quiserem – arrisquei.

– Ou podem vir morar comigo na casa de Robert – disse Charlotte,

olhando para mim.

– Quero ficar com o papai! – gritou Bella imediatamente, como se estivéssemos falando de uma gostosa noite com festa do pijama.

Meu coração pareceu que ia explodir de amor e um sorriso surgiu no meu rosto como um raio de sol.

– Como é a casa de Robert? – perguntou Flora com indiferença.

– Ah, é bem grande e tem uma piscina – disse Charlotte.

– Isso não é justo – murmurei.

– Prefere que eu minta? – perguntou Charlotte.

– Tem jardim? – Flora quis saber.

– Um jardim enorme.

– Tem balanços? – Bella agora se intrometia.

– Não é tão legal quanto Kensington Gardens... – argumentei, desesperado.

– Por que vocês não podem revezar? – perguntou Flora repentinamente, como se tivesse encontrado a solução óbvia.

– Nós *vamos* nos revezar – disse Charlotte, seu cérebro mais alerta do que o meu para a possibilidade de quebrar o impasse. – A única questão é que precisamos decidir onde vocês vão estudar. Bella vai começar a ir para a escola em breve, não vai, meu amor?

– Você vai me levar para a escola, mamãe? – perguntou Bella.

– Vou, sim. Não vai ser divertido?



Marcus me pôs em contato com uma ótima advogada especialista em divórcios, mas ela me deu poucas esperanças. Deu a entender que seria menos prejudicial para as meninas se eu me comportasse como se achasse que tudo aquilo era uma boa ideia. Para minha surpresa, Nash concordou, dizendo que a pior coisa de ter pais separados era o desgaste de fingir para os dois que você era mais feliz com um do que com outro. Acho que no fundo eu estava torcendo para que ela insistisse que eu lutasse mais.

– Mas ir à justiça não vai restabelecer o *status quo*, vai? – ponderou Nash, me fazendo compreender que o que eu queria era impossível.

Minha decisão de não contestar ao menos garantia que eu ficaria com as

meninas nos fins de semana duas vezes por mês e durante as férias.

Escolhi os Kew Gardens como ponto de encontro para conhecer Robert. Não sei bem por quê, já que nunca tinha estado lá na minha vida; talvez porque seria um lugar onde podíamos caminhar sem ser perturbados e ele não poderia se safar de qualquer pergunta difícil. É, na verdade, um lugar maravilhoso, com estufas vitorianas incríveis, mas duvido que eu vá voltar lá um dia.

Enquanto eu estacionava em frente aos grandes portões de ferro fundido de Kew Green, reparei em um homem a alguns carros de distância apontando o controle para um pequeno carro elétrico G-Wiz verde e pensei em como aquilo era bobo e parecia um brinquedo para alguém tão alto e distinto. Sem conseguir imaginar que o amante de Charlotte teria algo menos pomposo do que um Audi conversível branco, caminhei atrás dele todo o caminho até a cafeteria Orangery, onde tínhamos combinado nos encontrar.

Depois de alguns minutos constrangedores parados ao lado do balcão, Robert foi quem ousou se aproximar, com as sobrancelhas erguidas, sorrindo e me dando um aperto de mão firme, como se fôssemos começar uma reunião de negócios.

– Angus?

– Robert?

Minha primeira reação foi uma sensação estranha de alívio, porque ele era tão mais velho que eu que as pessoas poderiam confundi-lo com o avô das meninas. Talvez por conta da diferença de idade, eu não parecia sentir mais tanta raiva dele. No fim das contas, era Charlotte quem tinha decidido me deixar; Robert não poderia tê-la seduzido ou persuadido contra a vontade dela. Se o que ela queria era riqueza e estabilidade, eu nunca conseguiria competir. Robert, um homem claramente rico e poderoso, fazia parte da diretoria de uma fundação de artes e de uma companhia de ópera e, apesar de estar usando calça jeans e uma camisa polo coral da Ralph Lauren no dia em que nos conhecemos, era fácil imaginá-lo com um traje formal no Festival de Salzburgo, com Charlotte a seu lado usando um vestido de gala fabulosamente caro.

Ele demonstrou sinceridade ao contar sua história enquanto caminhávamos pela Broad Walk em direção ao lago. Depois de um divórcio amigável da primeira esposa, com quem tinha um filho que ocupava um cargo em Bruxelas, ele mostrou não ter intenção de roubar o meu lugar na

vida de Flora e Bella, mas fez observações perspicazes sobre as duas para demonstrar que era sensível às suas necessidades.

– Se suas filhas *morariam* conosco, será uma honra receber você em minha casa – prometeu ele.

Eu não consegui entender como é que eu poderia parecer civilizado se recusasse a oferta.

– Não é assim que se fala – me ouvi dizendo.

– Como?

– A frase ficaria melhor se você dissesse “Se suas filhas vierem morar conosco...” – disse a ele, sentindo uma faísca pequenina e idiota de triunfo quando, por um momento, ele franziu sua testa convictamente eurocrata de vergonha.

– Também vou pedir a Flora e a Bella que corrijam meu inglês! – disse ele, rindo, restabelecendo elegantemente sua compostura.

Quando nos despedimos nos portões, duas horas depois, e ele ergueu a mão em um aceno amigável, quase senti pena dele por acabar ficando com a presença gélida de Charlotte, apesar de eu ter certeza de que ele saberia como lidar com ela. E quando as coisas com Charlotte iam bem, eu me lembrei desanimado, ela não era nada fria.



Charlotte levou as meninas para se despedirem de minha mãe, porque eu ainda estava sofrendo com o que ela tinha dito quando liguei para dar a notícia: “Estou impressionada por ter durado tanto tempo.”

Nas idades de 7 e 3 anos, as meninas não tinham a noção exata de como a vida delas seria diferente, então não ficaram tristes. Tentei não demonstrar como eu estava desolado, mas também não queria que elas pensassem que eu não me importava quando percebessem que o acordo não era exatamente o que tinha sido dito a elas. Durante nossos últimos dias juntos, fizemos nossas atividades preferidas e elas ficaram surpresas por terem podido comer todos os doces e sorvetes que pediram. Eu as abracei muito e disse coisas do tipo “Vou sentir muito a falta de vocês!” e “Lembrem-se de que vocês sempre podem me ligar ou falar comigo por Skype. Mamãe e Robert sabem como fazer isso, então é só pedir a ajuda deles!”, e até mesmo um pequeno

melodrama: “Eu amo vocês demais e a minha vida não vai ser a mesma sem vocês!”

Numa dessas vezes, Flora perguntou:

– Mas você ainda vai estar na nossa casa, não vai, papai? E nossos quartos vão ser os mesmos, certo? E vamos vir para casa nos finais de semana e nas férias como Harry e Hermione e Roni em Hogwarts?

Na última noite, preparei um jantar para toda a família, fazendo o prato preferido delas: salada *tricolore* e massa *alla carbonara*, com morangos e sorvete de sobremesa. Depois de comer, elas me arrasaram no tênis no Wii e então foram para a cama e dormiram em uma questão de segundos após eu ler a última página de *Um urso chamado Paddington*.

Fiquei sentado no escuro por algum tempo, inspirando o aroma indescritivelmente reconfortante de crianças de banho recém-tomado, ouvindo a quietude pacífica do sono delas, com grandes lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Charlotte ainda estava sentada à mesa quando desci.

– Foram mais carboidratos do que comi o ano todo – disse ela, esticando-se no sofá.

Automaticamente, comecei a pegar os pratos.

– Não – disse ela, apontando para o teto. – Você vai acordá-las.

Então me sentei de frente para ela, secando o nariz com o dorso da mão, como uma criança que esqueceu de levar o lenço para a escola.

– Sinto muito por isso ser tão difícil para você, Angus – disse ela.

– Sente?

A última coisa que eu queria ser era petulante depois de ter sido tão decente com relação a todo o resto, mas todas as defesas que eu tinha erguido estavam desabando ao meu redor.

– Eu tentei, Angus. Eu tentei muito. Eu realmente tentei...

De repente, percebi que ela também estava chorando. Não me lembrava de tê-la visto chorar antes. Ao menos desde o velório de Ross.

– A questão é que você nunca cedia, nunca havia meio-termo – soluçou.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Eu? Eu? Ela estava invertendo as coisas! Nós sempre tínhamos feito o que *ela* queria, não o que *eu* queria.

– A pressão de ser a única com uma renda... De cuidar de todo mundo... Simplesmente você parecia não se dar conta... Você não entendia! Você

pensou, por um minuto sequer, se eu gostaria de passar um tempo com as minhas filhas? Eu não queria ser uma mãezona em tempo integral, não, mas a maioria das pessoas consegue um pouco de equilíbrio!

– Mas eu pensava...

Eu supunha que a carreira fosse a coisa mais importante para ela. Sempre pareceu satisfeita por estar livre da amolação diária de cuidar da casa.

– Pensava, é? Pensava mesmo?

Claramente, não tanto quanto devia.

Charlotte respirou fundo.

– Sei que você estava tentando exorcizar Ross, na primeira vez que a gente...

O nome dele foi um solavanco, porque sempre fora uma palavra tabu para nós.

–... mas nunca ocorreu a você que eu também estava? Eu ia me casar com ele, Angus, e minha vida toda virou de cabeça para baixo. Eu tive que aprender a cuidar de mim sozinha. Não sabia como conversar com as pessoas sem parecer uma figura trágica. Quando saía com alguém, morria de medo do momento em que ele perguntaria: “Por que alguém tão bonita quanto você ainda está solteira?” Com você, eu não precisava explicar nada.

Fiquei olhando para minha futura ex-mulher. Eu estava prestes a encarar um futuro sem ela e agora era como se o passado tivesse acontecido sem ela também. Sempre a vi como uma mulher fria, sexy, controladora, como o vampiro da foto na lareira. Agora eu me perguntava se, caso ela tivesse se fantasiado de anjo aquele dia, com um vestido branco e asas, eu a teria enxergado de forma diferente.

– O sexo com você era a coisa mais próxima do esquecimento a que eu chegava – disse ela.

– Obrigado.

– Não, no bom sentido. Era como uma droga. E, quando engravidei, pareceu que, sei lá... Não dava para não ter a criança... Dava?

– Não!

Um mundo sem Flora era inimaginável.

– Nós nos viramos bem por um tempo – disse Charlote. – Não foi?

Eu não tinha cuidado dela. Ela precisava ser cuidada. Ela havia usado essa expressão duas vezes. E eu achava que era bom em cuidar de pessoas.

Uma imagem de Charlotte ajoelhada na cama usando aquela lingerie rosa-

claro na noite em que me contou que estava grávida veio à minha mente. “Não dá para você parecer um pouquinho mais feliz?”, ela dissera. E depois, com uma voz baixa e melancólica que eu nunca tinha ouvido antes: “Pode ser divertido, não acha?”

– Não podemos ficar bem? – Eu agora estava gaguejando. – Não existe uma chance? Pelas meninas? Eu faria qualquer coisa...

– Ora, cresça, Angus, pelo amor de Deus!

Ela já havia encontrado alguém para cuidar dela e nós dois sabíamos que ele faria isso muito melhor do que eu.

O silêncio se estendeu até eu finalmente dizer:

– Preciso de uma bebida. Quer alguma coisa?

Ela me deu um sorriso torto.

– Achei que você nunca fosse perguntar.

Havia uma garrafa de champanhe na geladeira, sobra de alguma ocasião mais festiva. Batemos nossas taças.

– Trégua? – sugeriu Charlotte como brinde.

– Trégua – repeti, apesar de, como sempre, não saber ao certo com o que, exatamente, eu estava concordando.

– Eu sabia que não seria para sempre – falei.

– As coisas devem ser para sempre? – perguntou Charlotte. – Se levássemos nossas vidas baseados nisso, nunca aceitaríamos nenhuma responsabilidade.

– Amo minhas filhas – falei.

– Elas continuam sendo suas filhas.

– Vamos ter que encontrar uma maneira de fazer dar certo. Por elas.

Tentei parecer adulto e responsável.

– Um brinde a isso.

Charlotte bateu a taça na minha de novo, de um jeito amigável, antes de se recolher ao seu quarto.

Na tarde seguinte, quando retornei à casa silenciosa e vazia e reparei na taça dela ainda pela metade na mesa de jantar, perguntei-me se tudo aquilo não tinha sido uma forma de impedir que eu fizesse uma cena no aeroporto.

PARTE 4

CAPÍTULO 24

2012

Tess

Árvores com flores cor-de-rosa, narcisos amarelos, grama verdejante em meio a uma fileira de casas que parecia um estojo de tintas – azul, rosa, água-marinha – e pirâmides de frutas alaranjadas, vermelhas e roxas. Minha chave na porta, uma escadaria íngreme de madeira à minha frente...

Todas as manhãs eu acordava com um solavanco de decepção, mas depois, ao sair da cama e sentir as tábuas de madeira sob meus pés, caminhava até a janela, abria uma frestinha da cortina e espiava lá fora. Na rua, os feirantes gritavam uns com os outros enquanto montavam suas barracas, as estacas batiam umas nas outras, um caminhão de lixo dava ré, os corredores se exercitavam, uma mulher bem-vestida arrastava pela calçada uma criança pequena de uniforme escolar que bocejava e o aroma doce de croissants subia do café ao lado, tudo confirmando que não era um sonho.



Comecei a correr pela manhã porque em Londres todo mundo faz algum tipo de exercício – e não como na minha cidade, em que você se matriculava em uma aula de zumba e começava a inventar desculpas após algumas semanas, como a chuva, o cansaço ou a sua série preferida passando na TV. Em Londres, você precisa ter uma resposta quando as pessoas perguntam o que você faz para manter a forma, ainda mais durante as Olimpíadas, quando todo mundo está motivado a ser saudável. A maioria de nossos clientes frequentava uma academia, mas, por ficar dentro do salão boa parte do dia, eu preferia fazer exercícios ao ar livre. Então começara com uma caminhada todas as manhãs, mas, como eu levava uns bons quinze minutos para chegar

ao parque, comprei um par de tênis de corrida e um top esportivo e fui aumentando gradativamente a velocidade até conseguir percorrer mais ou menos 10 quilômetros em uma hora. Eu nunca tinha corrido antes, mas assim que minhas pernas compreenderam o que era esperado delas, tornou-se uma espécie de vício.

As pessoas sempre dizem que gostam de Nova York porque é exatamente como nos filmes. Eu adoro Londres pelo motivo oposto. Nenhum filme que eu tenha visto capturou a pluralidade da cidade: a elegância serena dos terraços de estuque branco; aquele salão inacreditável em formato de bolo de aniversário de tijolos vermelhos que é o Royal Albert Hall; o Albert dourado do Albert Memorial brilhando sob o sol; os cavalos galopando na Rotten Row; nadadores malucos mergulhando no lago Serpentine; e, perto do Hyde Park Corner, onde eu fazia a volta para retornar a casa, jardins com molduras herbáceas exuberantes e pérgulas de rosas, plantadas e cuidadas por nenhum outro motivo que não fosse prover cor para as pessoas admirarem.

Às vezes eu me pegava listando as flores, como Hope e eu fazíamos em nossas caminhadas até a escola – lírios-tocha, lavanda, cravinas, acantos, os nomes se repetiam na minha cabeça até eu alcançar um ritmo em que corria centenas de metros sem nem perceber antes de retornar à movimentada região da Bayswater Road.

Eu sempre reduzia a velocidade quando chegava ao começo da Portobello, perguntando-me se as pessoas que moravam no ático daquelas casas pintadas com cores vivas acordavam todas as manhãs com o mesmo entusiasmo que eu, no meu apartamento no outro extremo da rua.

“Meu apartamento”. Na verdade, é de Doll. Ela diz que foi uma decisão empresarial, mas é coincidência demais ela ter decidido abrir sua primeira loja em Londres exatamente no lugar onde eu sempre sonhei morar.

Por um tempo, depois de Leo, parecia que eu tinha perdido o interesse pelas coisas. Não sei o que eu teria feito se Doll não tivesse aparecido lá em casa toda semana com um DVD e algo para comer, do mesmo jeito que ela fazia antes.

Quando Doll disse que eu devia pensar na minha nova liberdade como uma oportunidade, achei que estivesse falando da universidade, mas, como as mensalidades tinham ficado mais caras, isso nunca iria acontecer. Na teoria, você ganha mais tendo uma graduação, então pode pagar o seu empréstimo estudantil, mas os recém-formados andavam tendo tantas dificuldades em

encontrar emprego quanto qualquer um. E eu estava desiludida com os professores. Eu me lembrava de cada palavra de Leo, mas não tinha certeza se valeria pagar 9 mil libras por ano para ouvi-lo falar, isso sem contar moradia, alimentação e outras despesas.

– Não estou falando da universidade – disse Doll. – Estou falando de morar em Londres, como sempre planejamos...

– Londres é cara, Doll. O tipo de emprego que eu conseguiria não cobriria nem o aluguel.

– É aí que eu entro.

– Não vou aceitar dinheiro seu – retuquei imediatamente.

Doll era muito generosa, mas isso passava dos limites. A pulseira de ouro com pingente que ela tinha dado a Hope no aniversário de 18 anos devia ter custado uma fortuna e fora direto para a gaveta, exatamente como aquela que tínhamos comprado anos atrás na Ponte Vecchio, para nunca mais ser vista.

– Não estou oferecendo dinheiro. Tenho uma proposta de negócio – disse Doll. – Comprei um imóvel na parte oeste de Londres, uma pequena loja com um apartamento em cima. O preço de tudo está subindo por lá agora, com o euro em crise e o capital saindo aos montes da Europa. Acredita-se que Londres seja um porto seguro. Além disso, tem todas as oligarquias. Se eu não entrar no mercado agora, nunca mais entro.

Para quem viu as notas finais de Doll no ensino médio, era inacreditável como ela tinha aprendido sozinha sobre negócios e economia.

– Não tenho, de jeito nenhum, como supervisionar as coisas lá também, com o bebê a caminho...

– Não entendo nada de unhas – interrompi, porque não se deve trabalhar para amigos, é o que todo mundo diz, e eu não ia arriscar perder a amizade dela de novo.

– Mas você tem habilidades versáteis – continuou Doll, inabalada. – Sabe contratar funcionários, entende de salubridade e segurança, sabe gerenciar tarefas e toda aquela coisa de RH. E é inteligente, então não vai levar mais do que uma tarde para aprender sobre os pedidos e as exigências de saúde.

Quando abri a boca para contradizê-la, percebi que ela estava fazendo um discurso motivacional, exatamente como eu sempre fazia com as mulheres de meia-idade que queriam voltar a trabalhar depois de terem filhos, mas tinham perdido a confiança e achavam que ninguém iria querer empregá-las.

– Preciso de alguém em quem eu possa confiar, porque muito depende

disso. E sei que você não vai ferrar com tudo.

– Assim como eu não ferrei com todas as outras coisas da minha vida? – respondi desanimada.

Agora Doll parecia impaciente. Eu me senti um pouco como uma candidata de *O aprendiz* prestes a levar uma bronca. Maria Newbury não tolerava lamúrias, então, se eu queria essa oportunidade, tinha que me recompor e agarrá-la, fosse ela minha melhor amiga ou não.

– Onde fica a loja? – perguntei.

– Então, aí é que está – respondeu Doll. – Fica na Portobello Road.

Fiquei preocupada que Doll estivesse exagerando em um período de recessão, mas ela colocou desta forma: fazer as unhas é como comprar um *latte* com caramelo. Quando você não tem muito dinheiro para gastar, deixa de ir ao spa e diminui as idas a restaurantes, mas merece uns agradinhos mesmo assim.



Minha mãe dizia que, se você fizesse algo com o coração feliz, aquilo lhe traria alegria. E quem não seria feliz saindo todos os dias de manhã direto na Portobello Road e parando em um café português para tomar um *cappuccino* e comer um croissant de amêndoas? Antes de me tornar gerente da Casa das Bonecas Portobello, eu nunca tinha pintado as unhas na vida, muito menos deixado que alguém as pintasse por mim. Mas, da mesma forma que a corrida, era impressionante como aquilo vicia rápido. Se alguém tivesse me dito que um dia eu pintaria as unhas dos pés de turquesa para combinar com a cor de um biquíni novo, eu apostaria minha vida contra essa afirmação. Agora enxergava potenciais designs para unhas em qualquer lugar por onde passava: as pequenas flores fofinhas de uma cerejeira com o céu azul no fundo eram populares entre nossas clientes japonesas; um padrão *art déco* prateado e preto imitava o interior espelhado do The Wolseley, onde muitas clientes empresárias tinham reuniões durante o café da manhã; uma única estrela dourada pequenininha em um azul bem escuro era bem popular durante o Natal. Nosso salão foi o primeiro a reproduzir a logo dos jogos Olímpicos de Londres 2012, até recebermos uma advertência por infração de direitos autorais.

Fui eu quem reparou que os outros únicos empreendimentos que pareciam estar prosperando em meio à crise eram os estúdios de tatuagem. Jamais ousaria fazer uma tatuagem e pensei que devia haver outras pessoas como eu, então consegui arranjar umas tatuagens temporárias lindas feitas de tintas orgânicas vegetais, que eram legais, não doíam e duravam alguns banhos se você não esfregasse com vigor com uma bucha. Doll ficou supersatisfeita por eu estar “agregando valor” ao negócio.

Inscrevi-me em um curso de escrita de não ficção. Eu já tinha tido ficção suficiente com Leo. O curso se chamava “Escrita biográfica” e atraía um bando de excêntricos, como eu, que estavam ali em busca de um divisor de águas em suas vidas.

Sarah fora casada com um homem muito rico que a trocou por uma modelo mais jovem – literalmente, porque ela também tinha sido modelo. Ainda era magra e caminhava cruzando as pernas uma na frente da outra, mas a ansiedade tinha deixado marcas no rosto que um dia fora lisinho.

Lorcan era um motoboy que estava tentando reconstruir a memória depois de sofrer várias lesões graves no cérebro em um acidente quase fatal na estrada. Éramos pessoas bem diferentes, mas passamos a nos sentir confortáveis bem rápido por confiar aos outros muitas informações pessoais.

E então uma cenógrafa australiana chamada Gayle apareceu. Quando ela leu um texto engraçado sobre sua fascinação pelo crescimento da barba bem desenhada do ex-amante, eu soube que seríamos amigas. Ela teve um caso de seis anos com o ex-chefe em Melbourne. Aparentemente, ele tinha sofrido de um “desespero existencial”, assim como Leo. “Crise de meia-idade”, era como Gayle chamava.

Nós duas volta e meia saíamos para beber alguma coisa ou íamos ao cinema juntas depois da aula e, aos domingos, durante o verão, tentávamos conseguir aqueles ingressos superbaratos para os concertos ou para shows gratuitos no Hyde Park. Era bom ter uma amiga da minha idade para sair. Tanto o trabalho como professora-assistente quanto o lá no Waitrose só tinham me rendido amigas de meia-idade, fora Doll, que nunca participava de atividades culturais.

– Sua criatividade finalmente desabrochou – disse Shaun quando ele e Kev vieram passar as férias.

Eles ficaram em um hotel boutique em Fitzrovia e eu os encontrei quase todas as noites, me sentindo bastante sofisticada, porque agora sabia quais

restaurantes estavam em voga e quais eram as peças que não se podia perder. Fizemos programas turísticos também, como tomar chá na Fortnum & Mason e uns drinques no bar americano do The Savoy, apesar de os preços serem exorbitantes se você parasse para pensar em quantos mojitos conseguiria fazer com uma garrafa de Havana Club, um saco de limões e um pacote de hortelã fresca do Waitrose.

– Como você *está*? – perguntou Shaun no dia que passamos sozinhos, quando Kev foi visitar meu pai e Hope.

Estávamos na exposição do David Hockney na Royal Academy. Amei tanto aquela mostra que voltei outras cinco vezes. A maioria das pinturas era de árvores e, apesar de eu ter visto árvores a minha vida toda, aquelas mudaram a minha forma de vê-las. Algumas das cores usadas por Hockney são tão vivas que parecem quase brutas e artificiais, mas, quando você repara nas folhas novas sob a luz do sol da primavera ou nos galhos vermelhos das sebes no inverno, vê que são mesmo vívidas. Para mim, aquela mostra literalmente deixou o mundo mais colorido.

Estávamos em uma sala com telas gigantescas que exibiam a mesma parte de uma floresta nas quatro estações.

– Estou feliz – disse a ele. – E decidi fazer a cirurgia. É preciso passar por um processo, que consiste em aconselhamento para ver se você está preparada psicologicamente, depois consultas com o cirurgião, então talvez leve um ano ou mais...

Shaun assentiu com a cabeça. Eu não sabia dizer se ele achava que era uma boa ideia ou não.

– Mesmo quando você tem uma data, não é fixa porque eles podem adiar se alguém precisar com mais urgência – continuei. – Mas estou no caminho agora e bem otimista com relação a isso.

Entramos em uma sala cheia de pinturas de flores de espinheiro-bravo.

– Antes, se eu retirasse todo o seio, parecia que eu estaria desistindo de tudo, mas agora parece que estou abraçando a vida. – Fiz uma pausa. – E você não vai acreditar, mas decidi fazer a reconstrução também. Primeiro achei que não tinha nada a ver comigo, mas depois pensei: por que não? Eles oferecem de graça. Não é como implantes de silicone, porque eles tiram tecido das suas coxas e da barriga, então ele envelhece junto com você...

– Não parece que tem muito o que tirar – disse Shaun, olhando para minhas novas pernas torneadas.

Consegui dar um sorriso.

– Eu sempre quis seios menores.

Shaun deu um sorriso. Ele aprovava, sim, pensei. E, na verdade, isso não importava, porque eu sabia que era o certo para mim.

Fomos dar uma caminhada no Green Park depois. O sol penetrava por entre as sombras das grandes árvores, desenhando no asfalto pontinhos claros de uma luz branca forte que dançava à medida que os galhos balançavam com a brisa.

– Parece que você está em paz – disse Shaun.

“Estar em paz” era uma das frases que Doll também usava muito.

Sim, eu sempre tinha vontade de dizer. *Estou em Londres!*

– E tem algum novo homem na sua vida? – perguntou Shaun.

– Não – respondi.

Todas as outras pessoas pareciam saber como manter um relacionamento – Doll, meu pai, até mesmo Hope, meu Deus! –, mas eu, não.

Gayle era uma namoradeira de internet. Ela tinha contas em diversos sites de relacionamento e vivia me dizendo que eu deveria dar uma chance, mas, para ser sincera, a longa lista de histórias engraçadas que ela me contava sobre os encontros que tinha me desanimava. Às vezes eu até suspeitava de que ela estivesse indo aos encontros só para escrever sobre eles.

Uma noite, enquanto estávamos sentadas com uma garrafa de Sauvignon Blanc, esperando para assistir a *L’Elisir d’Amore*, que ia ser transmitido ao vivo na praça do lado de fora da Opera House no Covent Garden, ela me fez perguntar várias coisas para treinar para um evento de *speed dating*. Fiz a ela algumas perguntas das entrevistas que fazíamos em RH, como “Como seus amigos descreveriam você em três palavras?” e “Se você fosse uma hortalça, qual seria?”.

– Que tal uma cebola? – sugeriu Gayle.

– Por quê?

– Porque tem muitas camadas...

– Mas o cheiro fica impregnado o dia todo nas mãos e faz você chorar – ponderei.

– Certo. Então vou dizer que sou um tomate.

– Tecnicamente, tomate é fruta.

– Você não serve para o *speed dating* – disse Gayle.

– Eu sei – respondi.

– Como você pretende encontrar alguém? – perguntou.

– Acho que vai ter que ser mais espontâneo.

O que me desanimava com relação a todas essas novas formas de conhecer alguém era que faziam parecer que você estava sentada com uma placa em cima da cabeça dizendo: “Quero um namorado.” Eu tinha o tipo de fantasia dos filmes de Richard Curtis, em que um estranho trombaria em mim, respingando meu *latte*, e nós olharíamos um nos olhos do outro e saberíamos.

– Então, existe um aplicativo novo que você deveria testar, o Tinder – disse Gayle. – Ele mostra as fotos das pessoas na região que também estão usando. Então, se gostar de alguém, é só curtir a pessoa e, se ela também fizer isso, temos um *match* e vocês podem mandar mensagens um para o outro. É meio como trocar olhares com alguém no metrô, sabe? Só que, nesse caso, você está tomando uma atitude com relação a isso.

Ela pegou o iPhone e fez uma demonstração. Havia sete homens nas proximidades usando o aplicativo. Será que algum deles estava ali naquela multidão? Ou mesmo dentro da ópera? Era meio assustador. Gayle curtiu dois deles. Um deu um *match*. *O que vc tá fazendo?*, perguntou ele por mensagem. *Vendo a ópera*, respondeu ela. Ele não escreveu mais.

– Economiza um bom tempo – disse Gayle.

– Você já encontrou alguém, afinal? – perguntei.

– Três caras. Dois fracassados. O terceiro, um matador na cama. Você deveria tentar.

– Você fez sexo com um estranho? – perguntei, com o que Doll sempre chamou de minha “voz de freira”, bem quando a multidão ficou em silêncio para o início do prelúdio.



– O que você tem a perder? – perguntou Doll quando nos encontramos para nossa reunião de trabalho quinzenal.

– Minha dignidade? – respondi.

– Nada de mais, então.

Nós duas nos acabamos de rir.

Costumávamos almoçar no restaurante bem recomendado na mesma rua

da loja, exceto quando, às vezes, Doll trazia Elsie, minha afilhada, com ela. Então comíamos baguetes no apartamento enquanto Elsie fazia um almoço de mentirinha na cozinha de brinquedo que eu tinha comprado para quando ela viesse.

– Ora, vamos! – disse Doll. – Vamos abrir uma conta para você antes que mude de ideia.

Fiquei um pouco alarmada com o entusiasmo dela e me lembrei de quanto ela insistira para que eu ficasse noiva de Dave, quando na verdade, queria estar no meu lugar.

Chegamos a escolher uma foto da minha página no Facebook quando Doll de repente mandou parar tudo.

– Não – disse ela. – Ninguém vai curtir isso.

– Obrigada.

– Só porque você não sabe tirar foto – esclareceu Doll. – Se quiser parecer sexy, faça cara de tédio. E pareça meio brava se for pega desprevenida pela câmera, que não é o que você faz na vida real, juro. O que precisamos é de uma foto profissional. Tire algumas e desconte no imposto de renda como “investimento em publicidade”.

Então passei a tarde em um estúdio de fotografia com um cabeleireiro e um maquiador e saí com uma série de fotos sensuais que não se pareciam nada comigo. O que pensei que era, afinal, um bom negócio, pois, se ninguém me curtisse, eu não ia me sentir ofendida.

Gayle comprou um pacote de camisinhas para mim (porque a única coisa que você não podia fazer era transar com um estranho sem proteção) e uma abobrinha, caso eu precisasse praticar a colocação da camisinha.

– Caramba! – exclamei quando vi o tamanho.

– Se você fosse um legume... – Os olhos dela brilharam. – Como era Leo, então?

– Mais para um pickles – respondi em tom perverso, pensando em como ele me odiaria por dizer aquilo.



Não importa quanto você diga a si mesma que é só para dar umas risadas e que não vai se preocupar de jeito nenhum, curtir alguém e não ser curtida de

volta não é uma sensação boa. Só perseverarei porque Gayle e Doll ficavam me mandando mensagens pedindo por atualizações.

Na manhã de domingo, sentada atrás do meu exemplar do *Observer* no café ao lado da loja, eu pulei quando meu celular vibrou com um *match*. Carl. Nós dois tínhamos Lorcan como amigo em comum no Facebook, o que era um pouquinho tranquilizador.

Thomas Hardy ou David Nicholls?, perguntou ele por mensagem, o que achei inteligente, porque um tinha escrito *Tess* e outro tinha escrito *Um dia*, que tem uma citação de *Tess* no início.

Os dois, respondi.

Café?

Estou tomando agora mesmo.

Onde?

Carl chegou lá em menos tempo do que os dez minutos que ele disse que levaria, então não tive a chance de mudar de ideia. Ele era razoavelmente alto, com ombros largos, cabelo louro e devia ter uns 21 anos. Em um primeiro momento, foi horrível quando ele deu uma olhada em torno do café e seus olhos passaram reto por mim, mas depois sorriu, sobrancelhas erguidas, e eu sorri de volta.

– Tess?

Eu não sabia se devia levantar ou continuar sentada ou dar um beijinho no rosto ou o quê, então simplesmente disse:

– Sente-se.

Como se ele tivesse vindo para uma entrevista de emprego.

Ele usava calça jeans e uma camiseta cinza tão justa que dava para ver o contorno do seu peito. Tinha um cheiro quente, quase animal, de alguém que acabara de acordar. Eu o imaginei esparramado em uma grande cama de casal, o celular no travesseiro, abrindo um olho cansado para olhar para a minha foto sem perceber que eu era pelo menos dez anos mais velha que ele.

– Quer alguma coisa? – perguntei.

– Eu poderia devorar um sanduíche de bacon – disse ele.

Peguei mais um *latte* e uma tortinha de creme.

Ele me disse que era estudante de literatura inglesa e islandês, porque a mãe era da Islândia. Por algum motivo, eu disse a ele que também estudava literatura inglesa e ficamos conversando sobre livros que tínhamos lido recentemente. Quando me perguntou o que eu fazia, disse que era escritora.

– Uau! – exclamou, olhando para a minha boca.

– O quê? – perguntei.

– Você está com um pedacinho de massa... Não, do outro lado.

A conversa pareceu ter chegado a um encerramento natural. Talvez ele não tivesse acreditado que eu era escritora, ou talvez, por ser tão jovem e bonito, escrever fosse a última coisa na cabeça dele.

– Então, o que vamos fazer agora? – perguntou, fixando os olhos nos meus.

– Podemos dar uma caminhada? – sugeri. – O dia está lindo. Mas preciso trocar de calçado. – Eu estava usando chinelos. – Meu apartamento é aqui do lado.

– Certo – disse ele, levantando-se comigo.

Não era o que eu queria dizer. Não tinha certeza se era isso que eu queria. E se ele fosse um estrangulador? Mas agora soaria rude falar: “Não, espere sentado aqui.” Ele provavelmente teria ido embora.

– Eu não estava sugerindo, você sabe... – gaguejei.

Ele me deu um meio sorriso.

– Mas é uma ideia tão ruim assim?

Dez anos mais jovem, mas bem mais adulto que eu.

Esse era um território novo. Sexo casual com um moleque que eu nunca mais veria. Talvez fosse um assassino, mas o mais provável era que tivesse acordado com tesão.

– Está bem, então – falei.

Meu apartamento se resume a um cômodo grande com os armários da cozinha e uma mesa nos fundos e uma cama de casal na parte da frente, perto das janelas de guilhotina que tinham vista para a rua. Imediatamente fui até a pia e enchi a chaleira, mas, quando me virei e perguntei “Café?”, ele já tinha tirado a camiseta. O peito dele era escultural.

– Você depila? – perguntei a ele por pura curiosidade profissional.

– Não preciso – respondeu.

Tão novo que não tinha nem pelos no corpo.

– Não costumo fazer esse tipo de coisa – falei. – Então não faço a menor ideia de qual é o procedimento.

Ele deu uma risada leve.

– Só relaxe – disse, enquanto caminhava na minha direção.

Então tirou a chaleira da minha mão e a colocou na mesa.

Levantei os braços obedientemente quando ele ergueu a blusa de seda soltinha que eu usava e a arrancou pela minha cabeça. Depois tirou meu sutiã e segurou meus seios, como se os estivesse pesando, então deu um beijo em cada um. Abriu minha calça jeans. Saí dela. Pela mão, ele me puxou até a cama e se deitou ao meu lado, seus dedos encontrando lugares que nenhum outro homem tinha encontrado. Comecei a me perder em coceguinhas de prazer tão inesperadas que comecei a rir.

– O que foi?

Ele se afastou.

– Não, não pare, está ótimo!

– Quer que eu use camisinha?

– É claro.

Carl pegou a camisinha que lhe dei e a colocou cuidadosamente – o que foi um alívio, porque, mesmo após ter praticado na abobrinha, eu ainda não me sentia muito confiante – e depois me deu outro sorriso tranquilo.

Era meio esquisito seguir instruções de um estranho, mas achei empoderador olhar para baixo, para o rosto lindo dele, relaxando quando eu fiz direitinho.

– Isso é bom. Agora faça assim... Isso... Assim... Ah, assim mesmo!

Eu era apaixonada pelo Leo, mas nunca tínhamos conversado durante o sexo. Nem sequer conhecia esse cara e, mesmo assim, ele parecia umas cem vezes mais envolvido.

Depois, fiquei encostada no peito dele, seu peitoral esculpido pressionando meus seios, nossas respirações sincronizadas. Então ele saiu de mim com cuidado e enrolou a camisinha em um lenço.

– Muitas mulheres da sua idade querem um filho – disse ele.

Depois do que tínhamos acabado de fazer, achei um pouquinho deselegante da parte dele se referir à minha idade.

– E você faz isso? – perguntei empertigada. – Não tem medo de ter um monte de filhos espalhados por aí?

– Isso é tão ruim assim?

Meu Deus!

Ele começou a se vestir. Eu fiquei na cama, debaixo do edredom, estranhamente envergonhada agora de ficar nua na frente dele.

Carl.

Por algum motivo, aquela propaganda de cerveja que costumava estar em

tudo quanto é lugar passou pela minha cabeça. Comecei a rir de novo. Ele olhou para mim, perplexo.

– Carl refresca os lugares que as outras cervejas não conseguem alcançar – citei a propaganda.

(“Dá para acreditar que ele era novo demais para conhecer essa propaganda?”, falei para Doll quando lhe liguei logo depois de ele ter ido embora. “Não era da Heineken?”, perguntou ela.)

– Então, o que se deve dizer depois de um desses encontros? – perguntei-lhe enquanto ele amarrava os cadarços.

– Foi ótimo – disse ele, debruçando-se na cama para me dar um último beijo.

– Para mim, também – respondi com uma voz aguda, puxando o edredom até o queixo.

Ele abriu a porta e olhou para mim. Acenei por cima do edredom. Quando a porta se fechou, ele tinha ido embora e o apartamento pareceu extremamente silencioso. Pensei, por um instante, que talvez fosse chorar, mas minha mente estava tranquila e feliz; meu corpo formigava inteiro, como se tivesse sido despertado outra vez. *Os prazeres da carne*, pensei, inebriada, me tocando de novo lá embaixo, onde ainda estava quente e atizado, com uma das mãos, passando a outra bem de leve sobre os seios, sentindo os mamilos enrijecerem sob as pontas dos dedos. Parei, afastei as mãos, então toquei novamente, apertando com um pouco mais de força.

O caroço estava bem atrás do mamilo, não nas bordas do seio, onde eu sempre imaginei que o encontraria.

(“Ah, merda”, disse Doll.)



O problema de abraçar a vida é que você se esquece de temer o pior. Só tinham se passado seis meses da minha ressonância magnética anual – um especialista me examinara em preparação para a cirurgia desde então e eu tinha feito o autoexame, mas, claramente, não com tanto rigor quanto deveria, porque o caroço já tinha quase o tamanho de uma avelã.

Se você fosse um tipo de noz, que tipo seria?

O clínico geral substituto disse que provavelmente era um cisto, porque

era muito raro que alguém da minha idade tivesse câncer de mama.

– Veja meu prontuário – falei.

O rosto dele mudou. E então eu tive certeza.

As pessoas falam sobre filas de espera do sistema público de saúde, mas, quando se trata de câncer, tudo se resolve com muita rapidez. Você está seguindo com a sua vida, fazendo sexo casual com um estudante nórdico, e então, duas semanas depois, está deitada com uma daquelas camisolas de hospital para ir para o centro cirúrgico e pensando: *E se eu não tivesse conhecido o Carl? Será que estaria correndo no Hyde Park como sempre? Quanto o caroço teria crescido? Por quanto tempo continuaria me sentindo bem?*

Meu pai e Anne vieram me ver, junto com Hope.

– Primeiro minha esposa, agora minha filha! – começou meu pai antes de Anne mandá-lo para fora para respirar um pouco de ar fresco.

– Você é forte, Tess – disse ela, segurando minha mão.

Os anéis grandes de ouro afundavam nos meus dedos.

– Você tem tudo que precisa para virar esse jogo – encorajou-me ela.

Mas eu sabia que não funcionava assim. Minha mãe era uma mulher forte. Quieta, mas forte. Ninguém simplesmente se rende, não é?

– Você tem um diamante rosa? – perguntou Hope.

– Diamante rosa? – repeti.

– Doll tem um diamante rosa contra o câncer de mama – disse Hope.

A enfermeira me perguntou se eu estava pronta para a anestesia.

Anne me deu um beijo e, então, saiu e me deixou com Hope. Pensei, por um instante, que minha irmã iria imitá-la e me dar um beijo também, mas ela não fez isso. Ficou parada ali. De repente, eu quis sentir o peso constrangido e reservado de Hope em cima do meu peito e o cheiro familiar do xampu L’Oreal Kids morango com o qual eu tinha lavado o cabelo dela tantas vezes e que ela ainda usava porque não lhe ocorrera tentar alguma outra coisa.

Eu sempre a amara incondicionalmente, mas, só dessa vez, queria *muito* ser amada também...

Sentindo-me zozza, estendi a mão na sua direção, mas ela continuou fora de alcance.

– Você não vai morrer, Teca – anunciou de repente.

Mesmo desnorteada, eu conseguia imaginar a conversa que tinha se desenrolado. Hope, ao ouvir a palavra “câncer”, teria perguntado: “Teca vai

morrer?” Anne e meu pai teriam olhado um para o outro, constrangidos, sem saber o que responder, e, então, pouco antes de o silêncio ficar longo demais, um deles, provavelmente Anne, teria dito: “Não. Ela não vai morrer.”

Porque todos nós tínhamos aprendido com o passar dos anos que Hope não entendia “provavelmente” e “ainda”. O que ela precisava era de uma resposta para sua pergunta.

Assim como o restante de nós, na verdade.

Uma onda de alívio abençoado ao saber que eu significava alguma coisa para ela se espalhou pelo meu corpo. Talvez fosse apenas a medicação.

– Você está dormindo? – perguntou Hope.

– Quase – sussurrei.

– Devo cantar para você?

– Sim, por favor.

Então fui dominada pela anestesia ao som do cover perfeito dela de “I Have a Dream”, do ABBA.

CAPÍTULO 25

2013

Gus

Em uma rua arborizada a apenas cinco minutos a pé do hospital onde eu trabalhava, só para me assegurar de que não seria visto, olhei para os dois lados antes de apertar a campainha, como se, de alguma forma, minha consulta fosse secreta ou vergonhosa.

Não havia nenhuma *chaise longue* para eu me deitar, apenas duas poltronas confortáveis. Depois de ouvir minha história, ela pediu que eu falasse sobre o acidente.

– É como um filme que fica reprisando sem parar na minha cabeça – falei.

– Como é o filme?

O rosto de Ross olhando para mim em meio à neve espessa que caía, seus dentes brancos, os olhos escondidos por trás dos óculos de esqui espelhados, flocos de neve repousando em seu cabelo escuro jogado para trás.

– Ele está à minha frente – comecei –, esquiando em alta velocidade, até que olha para trás para ver se estou lá. Só que tem uma árvore e ele perde aquela fração de segundo necessária para evitá-la...

– Mas você não estava lá?

– Não, mas tínhamos disputado corridas umas cem vezes. Era isso que ele fazia.

– Certo, então vamos supor que tenha acontecido *isso* mesmo, apesar de você não poder ter certeza. Se estivesse lá, atrás dele, como isso teria feito alguma diferença?

Eu nunca havia ido além da olhada para trás, da árvore, da batida, do pânico esmagador.

Não tinha uma resposta para a pergunta dela.

Ficamos sentados em silêncio pelo que pareceu uma eternidade.

– Pelas lesões que Ross sofreu – disse ela finalmente –, você poderia ter salvado a vida dele, se estivesse lá?

– Não.

– Mesmo que fosse um médico de emergência?

Sorri. Será que era por isso que eu tinha acabado no setor de emergência do hospital?

– Não. A lesão no cérebro foi catastrófica.

– E, mesmo assim, você acredita que, de alguma forma, causou a morte dele?

– Eu devia estar lá com ele!

– Por quê? Você sabia que era perigoso. Você tentou impedi-lo.

– Talvez eu não tenha me esforçado o suficiente...

Era a admissão que eu tinha prometido a mim mesmo nunca fazer. Nem para meus pais, nem para a equipe de resgate, nem para a polícia. Eu devia ter me esforçado mais. Mas fui embora.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Dorothy me deixou chorar.

– Qual foi a sensação de deixá-lo lá sozinho? – perguntou com toda a delicadeza.

– Foi boa. – Funguei. – Como se eu tivesse deixado de me importar com o que ele pensava de mim.

– Então você o deixou impotente?

– Sim.

Comecei a chorar de novo.

– E foi por isso que aconteceu?

Soava ridículo quando dito em voz alta.

– Você se sentiu aliviado quando seu irmão morreu? – questionou ela. – Você achava que o *bullying* dele iria cessar?

– Parecia que eu não conseguia sentir nada. Era como uma espécie de asfixia, permeada por momentos de pânico, nada de alívio – respondi.

– Porque o *bullying* não parou de verdade, não é? – perguntou ela em tom gentil. – Você estava tão acostumado a ser intimidado que o *bullying* continuou mesmo sem ele.

Era estranho como uma frase podia dar sentido a dezesseis anos.



Foi Nash quem me persuadiu a conversar com alguém depois de eu finalmente explicar o que tinha acontecido com Ross.

– Tive um paciente com condições parecidas – disse ela. – Tenho bastante certeza de que você está sofrendo de estresse pós-traumático.

Fiquei me perguntando por que, em todos aqueles anos de medicina, isso nunca tinha me ocorrido.

– Talvez porque você nunca contou a ninguém? – sugeriu Nash.

Eu lhe contara enquanto bebíamos no clube dela, não aquele ao qual Charlotte e eu fomos naquele dia fatídico em 2001, mas um lugar parecido, de membros exclusivos, na Shaftesbury Avenue.

– Escondo minhas credenciais de esquerdistas na bolsa – Nash me confidenciou, antecipando-se a qualquer comentário sarcástico que eu pudesse fazer quando ela nos registrou.

Nos fundos do clube havia mais um daqueles jardins secretos que você encontra atrás das ruas mais improváveis de Londres. Nash era uma fumante rebelde. Eu fingia não ser um, embora, de vez em quando, comprasse um maço e acendesse um cigarro só para dar umas tragadas antes de apagá-lo com a sola do sapato.

Estávamos no terraço, calados de forma amistosa, quase como se não quiséssemos iniciar outro assunto.

– Você sabe que eu sempre gostei de você.

– E eu sempre gostei de você – respondi.

– Por acaso você estaria a fim de se tornar um incidente na minha vida amorosa desastrosa?

O pânico começou na minha barriga, então rasgou minha garganta em direção ao cérebro. Nash era meu porto seguro desde que as meninas tinham ido embora, me emprestando dinheiro pelos poucos meses que restavam para eu terminar a residência, me apoiando nas primeiras semanas exaustivas de volta ao trabalho, sendo empática com relação à dificuldade de diagnosticar trombose venosa profunda e ao pavor de lidar com ataques com ácido que ela tinha vivenciado em suas experiências no plantão de emergência na TV. Nash conhecia o meu pior lado e eu conhecia o dela, mas eu simplesmente não estava interessado e sabia que com ela seria tudo ou nada.

O que eu queria dizer era: “Por favor, não deixe de ser minha amiga!”

Mas ela tinha feito aquela pergunta bravamente e eu sabia que tinha que criar coragem para responder com sinceridade.

– Não – respondi. – Desculpe.

Eu não podia usar a desculpa “Não estou preparado” com Nash. E tinha certeza de que ela ficaria irritada se eu começasse aquela coisa de “Você é uma pessoa ótima, mas...”.

Houve uma longa pausa antes de ela virar o copo e colocá-lo com cuidado na mesa. Tinha certeza de que ela ia se levantar e sumir da minha vida. Em vez disso, acendeu outro cigarro.

– Bem, isso esclarece as coisas – disse ela, soltando outra baforada tentadora de fumaça pela mesa.



Estava decidido a manter a casa para as meninas voltarem se um dia elas se cansassem de morar com Charlotte. Acho que ela pensou que eu não conseguiria bancar a hipoteca, mas consegui, encontrando um alento estranho no meu trabalho, como sempre fazia no mundo alucinante da emergência, em que você precisa estar ligado o tempo inteiro. Como eu temia, os fins de semana com as meninas foram ficando cada vez mais espaçados, porque eu não quis insistir em um acordo de custódia e prejudicar a nova vida que começavam a estabelecer.

Voltei a correr. A maneira mais rápida de chegar ao parque era pelo gargalo movimentado da estação de Notting Hill, seguindo direto pela Bayswater Road até o primeiro portão. Nas noites de verão, as calçadas ficavam quentes, envoltas na atmosfera barulhenta e no cheiro de gordura no fogo. Nas manhãs de inverno, quando deixava o turno da noite, às vezes parecia que eu era a única pessoa acordada na cidade, meus passos batendo na calçada de concreto, a escuridão veladamente dando lugar a uma luz fria e cinzenta.

Sem correr em um horário fixo, não consegui estabelecer contato com outros corredores como tinha feito no Regent's Park, onde as pessoas que eu reconhecia pela silhueta ou pela cor da roupa de corrida acenavam com a cabeça ou diziam “Bom dia”. *A solidão do corredor de longas distâncias*, eu às vezes pensava, perguntando-me se meu pai era mais perceptivo a meu respeito do que eu imaginava e se ele gostaria que eu o procurasse, mas nunca encontrando, afinal, o impulso necessário para levar a ideia adiante.

Nos dias de folga eu tomava banho depois da corrida e descia a Portobello Road até nosso café preferido, sem nunca me cansar da crosta de açúcar queimado por cima da cremosidade deliciosa das tortinhas deles. Trocava algumas palavras sobre o tempo com o dono, que era português, e ficava sentado em um banco perto da janela com um jornal, observando a vida passar. Às vezes eu avistava uma das mães que costumavam esperar nos portões da escola da Flora e acenávamos um para o outro, sem qualquer pretensão de amizade, pois tudo que tínhamos em comum eram os nossos filhos. Sem as meninas, eu não era um pai solteiro. Era apenas solteiro.

Quando um oncologista sênior apareceu na emergência para examinar um paciente que tinha um caroço enorme na coxa, reconheci meu antigo colega de faculdade e xadrez, Jonathan. Recém-casado com uma produtora de teatro, ele ainda não tinha filhos e conseguia arranjar um tempo para beber algo com mais facilidade que Marcus, que agora era pai de um menino e uma menina.

Em uma tentativa descarada de bancar os cupidos, Jonathan e Miriam me convidaram para um jantar com uma das colegas dela, Gayle, que nos presenteou com suas aventuras no mundo do namoro virtual. Ela era bem mais atraente do que eu imaginaria que as candidatas de sites de namoro seriam. Enquanto caminhávamos até o metrô, sugeri hesitante que fôssemos beber alguma coisa qualquer dia, mas ela disse que eu tinha bagagem demais para ela e que tinha aprendido a economizar um bom tempo sendo sincera logo de cara.

Mais por mera curiosidade do que por uma necessidade urgente, me cadastrei em um site de namoro e encontrei Pippa, irmã de Lucy. Pesando a vergonha e o possível prazer de vê-la de novo, decidi mandar uma mensagem, que foi seguida por uma enxurrada de e-mails por meio dos quais fiquei sabendo que Lucy se casara com Toby e tinha três filhos, com um quarto a caminho. Pippa, por sua vez, estava divorciada, sem filhos, e morava em Strawberry Hill. Combinamos nos encontrar em uma tarde de sábado do lado de fora do Friend's Room, no quinto andar do Tate Modern, que tinha uma das melhores vistas de Londres.

Pippa estava tão magra e frágil quanto no dia de seu casamento, em que eu fiquei preocupado que aquele canadense gigante a esmagasse com seu tamanho e sua bonomia.

– O que eu esperava? – perguntou ela, cutucando o brownie em seu prato com o garfo. – Ele era tão decente, bacana e normal, meu Deus! Pessoas

problemáticas são bem mais divertidas, não acha?

Percebi que ela não estava interessada em ver a exposição do Paul Klee, apesar de ter dito que ficaria feliz em me acompanhar se eu estivesse com muita vontade. Passeamos por toda a margem leste do rio e tomamos vinho demais em um bar espanhol no Morough Market. Enquanto caminhávamos na direção do sol poente, Pippa ficava trombando em mim como se desequilibrada e acabamos de braços dados, tentando completar a letra da música do The Kinks “Waterloo Sunset”.

Na estação de metrô, meu movimento hesitante para dar um beijo no rosto dela resultou em um amasso demorado, cheio de arrependimento e promessa. O corpo dela era sinuoso e flexível debaixo do vestido frouxo.

– Somos malucos! – sussurrou ela, os lábios avermelhados pelos beijos.

O território em que estávamos nos embrenhando parecia perigoso, proibido e sensual.

– O que você está procurando? – perguntei.

– Estou procurando pela pessoa que vai ficar comigo pelo resto da vida.

Pensei no rosto de Nicky. *Ah, Gus, sério mesmo?*

– Não acho que seja eu – admiti.

– Não. Não acho que é você.

– Vamos manter contato?

– Claro!

Demos um beijinho rápido, dos dois lados do rosto, e acenei para ela da plataforma, sabendo que nunca mais a veria de novo.



– Ainda acho que você deveria estudar para ser chef – disse Nash em um dia de julho, pouco antes de as meninas chegarem para as férias de verão.

Tínhamos ido ao cinema e depois fomos jantar na minha casa. Nash queria perder peso e estava fazendo a dieta Dukan para concorrer a um papel de atriz importante. Preparei, então, uma salada tailandesa de tofu com rabanete, pepino e cebolinha.

– Esse é um sonho tão realista quanto o que eu faria se ganhasse na loteria – respondi, sacudindo um molho cítrico de limão, gengibre cortado bem fininho e pimenta em um pote de geleia.

– Você joga na loteria? – perguntou Nash.

– Não! É disso que estou falando.

Ela deu mais uma garfada na salada.

– Na verdade, você não precisa ter muito dinheiro nos dias de hoje. É só chamar as pessoas para virem à sua casa. Você faz um desses jantares pagos, ganha reputação nas redes sociais, seus eventos se tornam a coisa mais legal do mundo e você pode cobrar quanto quiser!

– Mas é preciso conhecer pessoas – respondi.

– Fala sério, Gus, você é UMA PORRA DE UM PESADELO! – gritou Nash de repente. – Não é de admirar que Charlotte tenha se mandado! Você tem desculpa para tudo. Por que nunca se arrisca?

– Não estou dando desculpas! – protestei. – Eu *não* conheço muitas pessoas!

– Mas eu conheço, não conheço? – disse Nash. – Tenho cinquenta mil seguidores no Twitter. Você tem uma casa encantadora na região mais legal da cidade, com uma bela e enorme mesa de jantar ideal para esse tipo de jantar, e é um ótimo cozinheiro!

– E tenho um emprego em tempo integral e um repertório bem limitado de pratos.

– Ok – disse Nash, afastando a cadeira. – Desisto. Desisto mesmo e não vou tocar neste assunto de novo, caso contrário eu acabo matando você.

– Você vai embora? – perguntei.

– Vou. Estou farta de você, Gus.

– Mas e as meninas?

De repente, fiquei com medo de que elas ficassem entediadas. Nash sempre as levava à Primark, que parecia ser uma das maiores atrações de Londres agora.

– Vou pensar – respondeu ela. – Neste momento, só quero estrangular você.



Charlotte estava ficando nervosa com o *boom* do mercado imobiliário londrino.

– Vi uma série de artigos falando que é uma bolha – disse ela quando

trouxe as meninas do aeroporto. – E bolhas estouram!

Londres estava no meio de uma onda de calor, por isso decidi montar a piscina de plástico no jardim. Antigamente, Flora tirava toda a roupa e se jogava na água, mas, aos 9 anos, ela estava mais inibida. Nos três meses que ficamos sem nos ver, seu rosto tinha se alongado e já denunciava a linda mulher que iria se tornar. Bella também crescera, mas ainda era uma criaturinha sardenta com cascatas de cachos ruivos. Abracei as duas e elas foram para o andar de cima procurar seus antigos maiôs. Fiquei surpreso quando Charlotte aceitou meu convite para ficar e tomar um café, que eu fizera apenas como formalidade. Empoleirada na beirada do sofá, ela tomava água com gelo enquanto eu ligava a máquina de *espresso*.

Pelo visto, ela e Robert estavam dispostos a me fazer uma proposta. Se eu vendesse a casa, depois que a hipoteca fosse quitada, eles me ofereceriam metade do valor de mercado, o que, aos preços atuais, provavelmente seria um pouco mais que meio milhão de libras e bem mais do que a quantia que eu tinha investido.

A expressão no rosto dela me dizia que ela esperava gratidão por essa oferta generosa.

– Acho que eu teria direito a isso, de qualquer forma – respondi friamente. – Dado o tempo que durou nosso casamento e a minha contribuição para a educação das meninas.

Uma das sobrancelhas de Charlotte se ergueu em surpresa.

– Seja como for, não vou vender – concluí.

Então a sobrancelha dela abaixou e seu nariz se franziu.

– Você não acha que três anos como marido enganado já não foi tempo suficiente? – perguntou ela, exausta.

– Você já não impôs mudanças demais na vida delas? – retruquei.

Eu devia ter imaginado que iria pagar pelo burburinho que provoquei com aquela discussão. Teria sido bem mais inteligente dizer a ela que eu pensaria no assunto e esperar até o último dia para anunciar minha decisão.

O que eu não tinha antecipado era a disposição dela em manipular as meninas, apesar de eu não ter prova alguma disso.

– É uma casa tão grande só para você, papai – disse Flora, suspirando, quase no mesmo instante em que tínhamos nos despedido e acenado para Charlotte na rua.

– Você não fica solitário aqui sem ninguém? – perguntou Bella.

Antes, elas brincavam dando gritinhos maravilhados ao redescobrirem o antigo quarto; dessa vez ficaram em silêncio.

– Em casa, temos nossos próprios quartos – Flora me informou.

– Tenho papel de parede da Hello Kitty – completou Bella.

Elas estavam crescendo e eu me alegrava que estivessem felizes com a nova vida. Tem um ditado – não tem? – que diz que você é tão feliz quanto a criança mais infeliz.

Entreguei a elas dois copos de limonada rosa que tinha preparado.

– *Fiada!* – exclamou Bella.

Eu gostava do fato de ela ainda usar a expressão familiar que tínhamos adotado para algo cujo gosto não nos apetecia.

– Se quiserem, podemos redecorar o quarto de vocês enquanto estiverem aqui – sugeri. – Vocês podem escolher as cores, as cortinas e tudo o mais.

Como isso não provocou nenhuma reação, aumentei a oferta:

– Que tal se cada uma tiver o próprio quarto? Podemos transformar o antigo quarto da mamãe em um quarto para Bella...

– Para quê, se só vamos ficar aqui uma semana? – perguntou Flora.

– Uma semana?

– Tenho certeza que falei disso – alegou Charlotte quando liguei para o celular dela para protestar. – As meninas estavam tão animadas para ir para o acampamento de verão com os amiguinhos... Não pensei, nem por um minuto, que você iria querer impedi-las.

Eu me perguntei se teria minhas três semanas se tivesse concordado com a proposta de Charlotte, mas agora era tarde demais para esclarecer as coisas.

Ao menos não houve perigo de ficarmos entediados, apesar de não ser tão fácil quanto antes me comunicar com minhas filhas. Nós nos falávamos por Skype regularmente, mas era difícil lembrar nomes e nacionalidades de melhores amigos que eu nunca iria conhecer, em especial porque, na idade delas, isso muda com muita frequência.

Flora, agora, estava mais interessada em olhar os desenhos de tatuagem na vitrine de um estúdio ao lado do café do que nas tortinhas de creme.

– Você é nova demais para fazer tatuagem! – falei.

– Mas essas saem no banho, papai!

Pensar no pavor de Charlotte ao ver as meninas “tatuadas” foi irresistível.

Flora fez um golfinho no ombro e Bella, uma estrela no pulso minúsculo.



– Descemos até Greenwich de barco, pegamos o teleférico que passa por cima do rio, fomos à faculdade de Christ Church, em Oxford, ver onde *Harry Potter* foi filmado – contei à Nash quando falei com ela por telefone. – Mas, na maior parte do tempo, elas só queriam falar com as amigas no WhatsApp.

– Pare de tratá-las como turistas – aconselhou Nash. – Elas provavelmente só querem ficar com você. O tempo está ótimo. Leve-as a Brighton para passar o dia e faça-as deixar os celulares em casa. Diga a elas que celulares e areia não combinam!

– A praia de Brighton é de pedras, não é?

– Ah, pelo amor de Deus, outra praia, então!

Eu conhecia um lugar onde a areia era macia e dourada. Como não tinha mais carro, pegamos um trem para Lymington e depois outro em Brockenhurst, na New Forest.

– Aonde estamos indo? – perguntou Flora.

– Atravessar o mar!

Em Yarmouth, comemos sanduíches no pub a céu aberto com vista para Solent, onde os pequenos iates e os grandes cruzeiros pareciam brinquedos de criança de diversos tamanhos em uma banheira de água perfeitamente azul.

Talvez por ser uma ilha, Wight parece imóvel no tempo. As lojas ainda vendem baldinhos, pazinhas e bandeirinhas de papel para colocar no castelo de areia, além de gelo de coco, caixas de docinhos de leite com paisagens na tampa e sorvetes de casquinha com pedaços de chocolate que sempre tinham gosto de algo meio velho. Quase não tinha mudado desde a minha infância.

Como eu me esquecera de levar toalhas e era necessário pegar ônibus para chegar às melhores praias, compramos linha e um pacote de bacon recheado e passamos a tarde agachados no pequeno cais ao lado do pub, tirando caranguejos desavisados da água e colocando no balde até enchê-lo pela metade.

– O que vamos fazer com eles agora? – perguntou Flora.

– Tenho uma ideia: vamos deixá-los disputar uma corrida de volta para o mar – respondi.

– Como vamos saber qual é o nosso?

– Cada um fica de olho em seu caranguejo! Não pode trapacear!

A não ser que você seja pai. Toda vez que o de Flora se adiantava demais,

eu dava um jeito para que o meu caranguejo vencedor se tornasse o de Bella. O placar final ficou empatado entre Bella e Flora, cada uma com seis, e o papai com três.

– Com quem você disputava corridas quando era pequeno, papai? – perguntou Bella.

Ela era uma criança esperta. Às vezes, eu me perguntava se os problemas que teve quando bebê a tinham tornado mais empática que a irmã.

– Com o meu irmão mais velho, Ross.

– O tio Ross morreu, papai?

– Quem contou a vocês sobre o tio Ross?

Tentei manter meu tom de voz leve e neutro.

– A vovó. Era para ele casar com a mamãe, só que ele morreu, aí a mamãe teve que casar com você. Então, no fim das contas, nós somos como filhas dele também – explicou Flora.

Senti a ânsia de costume subir no meu estômago.

É um dia lindo e você está com suas filhas, pensei. *Deixe para lá.*

– Quantos anos o tio Ross tinha quando morreu? – perguntou Bella.

– Ele tinha 22 – respondi.

O rostinho dela se enrugou.

– Com quantos anos as pessoas morrem? – perguntou.

– Ross era muito jovem. As pessoas morrem com idades diferentes, mas a maioria morre quando é bem velhinha.

– Quantos anos você tem, papai?

– Tenho 34.

– Isso não é muito velho para um adulto, é?

– Não, meu amor, não é muito velho para um adulto – garanti a ela.

– Estou triste pelo tio Ross – disse Bella.

– Você não pode passar a vida toda triste – disse Flora.

Foi como se eu ouvisse a voz ríspida de Charlotte.

– Por quê? – questionei.

– Porque assim você deixa as outras pessoas tristes.

– Quando você fica triste? – perguntei com delicadeza.

– Às vezes fico triste depois que eu converso com você por Skype – admitiu ela.

– Eu também fico triste nesses momentos – falei.

– Não tem problema ficar triste – disse Flora. – Desde que você fique

feliz a maior parte do tempo.

– Isso mesmo – concordei.

O ângulo do sol estava deixando a superfície da água perolada; o vento estava calmo.

– Gosto da ilha de Wight – disse Bella. – Podemos voltar aqui todas as férias?



Conseguimos pegar uma mesa no trem de volta para casa e, por um tempo, as meninas se divertiram com as revistas de charadas que compramos na estação, enquanto eu lia um jornal que alguém tinha deixado de lado.

Quando tudo ficou quieto de repente, olhei para elas e vi que Bella tinha pegado no sono em cima de Flora, que ainda estava lendo, seu braço envolvendo de forma protetora o ombro da irmã. Ela colocou o dedo nos lábios quando me viu olhando; estava realmente levando suas obrigações de irmã mais velha muito a sério.

Mandei mensagem para Nash. *No trem de volta da praia. Excelente sugestão. Vamos fazer compras com elas amanhã?*

Uma mensagem de resposta pipocou imediatamente. *Pode ser, mas cedo. Encontro importantíssimo com a cabeleireira às 14h. Audição final em Los Angeles!*

Parabéns! Respondi de volta.

Não estou muito confiante.

O papel que ela estava tentando conseguir era o da Princesa Margaret em um filme sobre o romance dela com o capitão Peter Townsend, chamado *A escolha*. Era perfeito para ela, que não somente possuía aquela sensualidade levemente desleixada da princesa, mas também tinha um talento real para trazer à tona o lado vulnerável de pessoas arrogantes ou difíceis. O tipo de papel – real, biográfico, de época – que com frequência era premiado com um Oscar. Mas eu não disse isso a ela. Com Nash, sempre era preciso traçar um limite cauteloso entre elogiar e lançar um desafio ao seu destino.

– Quando você vai embora? – perguntei ao nos encontrarmos na manhã seguinte na frente da Primark do Marble Arch.

– Hoje à noite. Vou perder o show dos Stones – disse ela.

– Mesmo assim, que legal!

Tentei imprimir mais entusiasmo na minha voz do que realmente sentia naquele momento.

Tinha tirado três semanas de folga do trabalho. Agora, depois de apenas uma, minhas filhas estavam indo embora e minha amiga não estaria por perto para me fazer companhia.

Saímos da loja com sacolas de papel pardo repletas de tantos vestidos, blusas, leggings, bolsas, potinhos de coisas purpurinadas e acessórios para o cabelo que fiquei assustadoramente contente ao cogitar que Charlotte tivesse que pagar excesso de bagagem no voo de volta.

A calçada estava lotada de consumidores e Nash já estava atrasada para o salão, então não tivemos tempo de nos despedir direito. Dei um abraço nela e desejei boa sorte. Ela saiu correndo, mas, de repente, lembrou-se de alguma coisa, revirou a bolsa e voltou correndo com um envelope para mim.

– Aproveite! – disse ela, saindo em disparada de novo.

– Nash é a sua namorada, papai? – perguntou Bella.

– Não é minha namorada. É uma grande amiga.

– Ela é sua melhor amiga? – quis saber Flora.

– Sim, acho que é – respondi, olhando com carinho para a figura que desaparecia se equilibrando nos saltos pelas calçadas de Londres.

– Estou com fome! – exclamou Bella.

Olhei ao redor em busca de inspiração, então me peguei olhando para as colunas familiares da Selfridges.

– Conheço o lugar perfeito para almoçarmos – afirmei.

O Brass Rail quase não tinha mudado desde a época em que meu pai nos levava lá para comer sanduíches de rosbife quando íamos à cidade para ver as luzes de Natal, mas o dia estava escaldante demais para pedaços gordos de sanduíche de carne entre fatias grossas de pão de centeio. Em vez disso, nós nos sentamos nos bancos altos do YoSushi, onde pegávamos os pratos que nos apeteciam à medida que passavam pela esteira.

Depois, deixei cada uma das meninas escolher um cupcake para sobremesa e, como elas insistiram (e eu sabia que não havia quase nada que deixaria Charlotte mais irritada), também fui generoso e permiti que escolhessem um cupcake particularmente espalhafatoso rosa e violeta com cobertura alta rosa e roxa para levar para a mãe.

Na seção de perfumaria fria por conta do ar condicionado, encorajei as

meninas a testarem diferentes cores de esmalte nas unhas e passar perfumes deliberadamente, devolvendo-as à mãe agitadíssimas de tanto açúcar em meio a uma nuvem de *Purr*, de Katy Perry.

Charlotte comprara ingressos para *Matilda*, sem me incluir porque achou que eu não ia querer ir com minha mãe. Flora e Bella passariam a última noite no hotel porque pegariam um voo cedinho no dia seguinte e Charlotte não iria suportar o estresse de eu levá-las para o aeroporto. Na última vez, apesar de não ter sido culpa minha, pegamos trânsito na linha Piccadilly do metrô e cheguei em cima da hora. Charlotte estava soltando fogo pelas ventas porque os celulares não funcionam no subsolo e ela não tinha conseguido entrar em contato comigo.

Quando as meninas perceberam que eu não ia passar a noite com elas, criaram uma confusão bem gratificante.

Eu me abaixei para dar um abraço em cada uma.

– Obrigada por todas as roupas – agradeceu Flora.

– Não quero que você vá, papai – Bella começou a choramingar.

Apertei o corpinho delicado dela contra meu peito, seu rostinho triste e molhado contra minha face.

– Vejo você amanhã no aeroporto – prometi.

– Se o metrô estiver funcionando – disse Charlotte.

– Por que você precisa ser tão babaca? – sussurrei em seu ouvido quando trocamos beijinhos no ar, só por causa das meninas.

A expressão dela mudou de furiosa para condescendente em um instante. Charlotte pode forçar a barra, mas também é capaz de ceder. Não sei por que eu sempre esquecia disso e tentava conseguir o que queria sendo legal em vez de ser babaca.



O Hyde Park estava tomado por uma multidão de fãs dos Rolling Stones. Ao me esforçar para reconhecer a música enquanto seguia para casa, decidi que devia ser a banda de abertura tocando.

Havia grandes cercas em torno da área delimitada, mas as pessoas se amontoavam nas frestas para conseguir dar uma espiada de graça no show. Fizera sol o dia todo e o ar escaldante parecia estremecer de expectativa.

– Nunca fui muito fã dos Stones – contei a Nash quando ela tinha dado a ideia de comprar ingressos. – Meu pai é. Não vai estar cheio de sessentões imitando o Mick Jagger?

– Faz parte da lista de coisas que todo mundo deve fazer antes de morrer, não é? Ver um show dos Stones? – retrucou ela.

– Que lista?

– Caramba, continue assim, Gus! A lista de coisas para fazer antes de morrer.

Os jornais disseram que os ingressos esgotaram em menos de três minutos.

Agora a atmosfera estava tão energizada que quase me arrependi de minha relutância.

Peguei uma rua lateral e me vi sozinho após uns 200 metros. Adoro como Londres muda de frenética para pacífica. É algo que nunca vivenciei em outras cidades. Em Londres, até mesmo uma rua bem movimentada pode ser tão silenciosa à noite quanto o campo.

Ao chegar em casa, decidi tomar um banho para me refrescar.

O envelope de Nash caiu de um dos bolsos quando tirei a bermuda.

O primeiro papel era o ingresso para o show dos Stones que ela havia comprado só para ela depois da minha falta de entusiasmo.

O segundo era um *voucher* de viagem de férias, reservada em meu nome aquela manhã, para um curso de gastronomia de duas semanas na Toscana que começaria em dois dias.

O recado deixado no bilhete da reserva dizia o seguinte: *Será que você consegue fazer o check-in on-line pelo menos?*

Liguei imediatamente para ela, mas seu celular estava desligado, então supus que o avião dela já tivesse decolado.

De certa forma, fiquei feliz, porque é difícil encontrar as palavras certas quando você está estupefato e eu não queria parecer um babaca de novo.



Quando cheguei ao show, o sol começava a se pôr e os Stones tinham começado a tocar. O palco estava bem distante, mas havia uma passarela para Mick Jagger se exhibir, dando a impressão de que ele estava surfando sobre a

multidão. Telões enormes exibiam clipes em sincronia com a música, permeados por closes dos rostos bastante enrugados da banda.

No meio de “Honky Tonk Women”, percebi que estava cantando junto, minha boca formando as palavras tão automaticamente quanto canções de ninar. Compartilhar aquela experiência era libertador, como ser parte de algo bem maior que você. Eu nunca tinha ido ao Glastonbury ou a qualquer outro festival, mas em uma noite quente de verão, em meio a uma multidão de 150 mil pessoas, compreendi por que as pessoas amavam isso. Durante uma canção, você podia esquecer tudo que aconteceu antes e tudo o que está por vir e viver despreocupado o presente. Quando uma música terminava, todo mundo vibrava, gritava e sorria um para o outro, estranhos unidos pelo momento.

Escureceu sem que eu percebesse e, quando a banda começou a tocar “Miss You”, borboletas brancas gigantes apareceram nas telas brilhantes de LED, passando a ilusão de estarem flutuando sobre a plateia e iluminando rapidamente cada rosto.

Umaseis pessoas à minha frente, reparei em uma mulher alta seguindo a imagem branco-prateada temporária, sua expressão maravilhada e tão inocente quanto a de uma criança admirando um trapezista de circo, seus lábios sincronizados com a letra da música. Quase como se ela tivesse sentido que eu a estava observando, nossos olhos se encontraram, sua boca deixou de se mexer e o tempo parou. Então a borboleta voou para longe e o rosto dela desapareceu outra vez na escuridão.

A sensação de *déjà vu* foi tão forte e o momento de reconhecimento tão irresistivelmente curto que eu não sabia dizer se ela era alguém que eu conhecia ou alguém famoso. Sem conseguir enxergar por causa das explosões pirotécnicas que vinham do palco, meus olhos vasculharam a multidão à procura dela em vão.

O bis de “Satisfaction” foi tão longo que estava começando a parecer que eles tinham ficado presos para sempre no refrão e, então, de repente, acabou.

Os aplausos explodiram, continuaram, otimistas, e depois morreram quando todos notaram que a banda já tinha escapado do parque. As pessoas começaram a se mover na direção das saídas, exaustas e desoladas, como crianças após uma festa de aniversário.

O fluxo de pessoas estava relativamente tranquilo até que alguém desmaiou alguns metros à minha frente e os seguranças tiveram que intervir

para conter a maré de gente em movimento.

– Alguém aqui é médico?

– Eu sou médico!

A multidão se abriu para me deixar passar.

Várias pessoas estavam ajoelhadas em torno de uma mulher inconsciente, debatendo o procedimento correto de primeiros socorros.

– Você não deveria colocar a cabeça dela entre os joelhos?

– Deitá-la de lado?

Enquanto um segurança tentava manter a multidão afastada, outro abanava a mulher com o boné. Os walkie-talkies deles sibilavam de vez em quando e emitiam mensagens incompreensíveis em meio ao burburinho de ansiedade.

Não havia nenhuma lesão visível na cabeça; não parecia um ataque; ela não tinha enrolando a língua. Estava usando uma regata, shorts jeans e chinelos, então não havia roupa para afrouxar.

Ao me ajoelhar ao lado dela, pedi ao segurança que se sentasse de costas para ela, então coloquei as pernas da mulher nos ombros dele para fazer o sangue descer para a cabeça. Ela estava respirando, mas sua pulsação era bastante lenta e irregular.

Ao meu redor, eu ouvia os murmúrios de diagnósticos amadores.

– Para mim, ela bebeu demais.

– Deve ser apenas o calor.

– Você chamou a ambulância, certo? – perguntei ao segurança.

Como que em resposta à minha pergunta, uma sirene distante começou a gritar.

– Ela vai ficar bem, doutor? – quis saber ele.

O rosto da mulher estava assustadoramente pálido.

– Vamos lá, acorde – eu me ouvi implorando. – Acorde agora!

De repente, ela abriu os olhos e os fixou diretamente em mim.

A mulher da borboleta!

– Conheço você? – perguntou.

– Eu me chamo Gus.

Foi então que ouvi os paramédicos que vinham abrindo caminho pela multidão.

– Afastem-se. Deem a ela um pouco de espaço, pessoal!

A mulher agora estava sentada. A multidão começou a se mover outra

vez, com um leve ar de decepção pelo drama ter acabado.

– Vamos levar você para o pronto-socorro – disse o paramédico.

– Estou melhor, de verdade – respondeu ela. – Vou ficar bem.

– Qual é o seu nome?

– Tess. Olhe, você realmente não precisa...

– Só queremos examinar você, Tess – continuou o paramédico. – Quer ir na maca ou acha que consegue andar?

– Consigo andar! – afirmou ela, levantando-se e, então, desequilibrando-se de leve.

Dei um passo adiante para segurá-la, mas um paramédico chegou antes de mim.

– Vamos colocar você na ambulância – disse ele.

O rosto alegre de repente entristeceu. Quando nossos olhos se encontraram de novo, ela fez uma súplica silenciosa por ajuda e então, como que aceitando a derrota, sentou-se obedientemente na maca.

Quando as portas da ambulância se fecharam, ela me deu um aceno rápido.

O motorista deu a volta até a frente do veículo. Eu o segui.

– Posso ir com ela?

– Você é o namorado dela?

– Não!

– Parente?

– Não – admiti. – Mas sou médico.

Ele me deu aquela olhada desdenhosa que eu não recebia desde que era estudante de medicina, então bateu a porta, seu grande braço peludo apoiado na janela.

A ambulância começou a se mover. Fiquei paralisado de indecisão. Então, quando ela estava prestes a ganhar velocidade, minhas pernas começaram subitamente a correr.

– Para onde vocês vão levá-la? – gritei.

Se o semáforo não tivesse ficado vermelho, eu não os teria alcançado. O motorista olhou para mim com arrogância. Então, quando as luzes mudaram para verdes, ficou com pena.

– Para o St. Thomas, parceiro.

Ele ligou a sirene e pisou no acelerador. Tive que pular para trás para evitar que os pneus traseiros passassem por cima dos meus pés.



A maior parte da multidão estava se dirigindo para Piccadilly. Cortei caminho pela rua que passa pelos muros do palácio de Buckingham, então atravessei a parte sul do parque St. James em direção a Westminster. A Parliament Square estava praticamente vazia; os holofotes da abadia de Westminster faziam-na parecer bidimensional, como uma peça enorme de um cenário de teatro. No meio da ponte, com o hospital St. Thomas a pouco mais de 200 metros de mim, reduzi até parar, o suor escorrendo pelas costas.

Uma mulher intrigante chamada Tess tinha desmaiado na minha frente. Agora ela estava em boas mãos.

Meu pequenino papel na história da vida dela tinha terminado, de forma que minha compulsão por vê-la de novo era irracional. Seria esquisito aparecer do nada no hospital.

Debruçando-me na ponte, olhei para baixo. As luzes na água faziam-na parecer espessa e preta, como petróleo.

Ouvi Nash dizer: *Por que você simplesmente não se arrisca?*

Comecei a correr de novo, o mais rápido possível.

Como era de esperar em um sábado à noite em meio a uma onda de calor, o pronto-socorro estava lotado de pessoas rosadas sofrendo de insolação. Não havia nem sinal de uma mulher bem magra, com um corte de cabelo curto e um sorriso cintilante.

– Estou procurando por uma mulher que deu entrada aqui, talvez uma meia hora atrás, de ambulância – informei à recepcionista.

– Nome?

– Tess. Ela desmaiou depois do show dos Stones. Eu só queria checar se está tudo bem. Sou médico, aliás.

– Sobrenome?

– Não sei – admiti.

– Se você é médico, sabe que não posso lhe dar nenhuma informação sobre os pacientes.

– É claro. Me desculpe!

Virei-me para ir embora, mas parei.

– Posso só saber se ela está aqui?

- Não posso lhe dar nenhuma informação.
- Se eu deixar um bilhete, você poderia entregar a ela?

A mulher hesitou.

- Eu juro que sou médico...
- Você não se parece com nenhum médico que já vi – retrucou ela.
- Por favor...

Não era uma palavra que os médicos usam com frequência com os subordinados.

- Se você deixar um bilhete, vou tentar entregar a ela.
- Você teria um pedaço de papel para me emprestar?

Ela meneou a cabeça, incrédula, então me entregou um bloco de notas de propaganda de um antidepressivo.

- Acho que você vai querer algo para escrever também, não é?

Ela empurrou uma esferográfica pelo balcão.

- Na verdade, não. Não precisa – respondi.

Era uma ideia maluca. Talvez eu é que tivesse tomado sol demais.

A recepcionista agora parecia quase decepcionada. Ela suspirou e pegou a caneta de volta.

- Desculpe – falei, abaixando os olhos com uma esperança tardia de que ela não me reconhecesse caso um dia eu trabalhasse naquele hospital.

O ar ainda estava sufocantemente quente do lado de fora e minha boca estava ressecada. Quando me lembrei de que havia mercadinhos abertos até tarde na estação de Waterloo, atravessei a rua. Peguei uma garrafa de água mineral gelada e fiquei parado na fila das caixas olhando para os buquês de flores frescas perto da saída.

Por que você simplesmente não se arrisca?

Era loucura, não era, pensar em dar flores a uma estranha?

- Por favor, dirija-se à caixa nove – instruiu uma voz sem corpo.

Senti a pessoa atrás de mim na fila bufar quando hesitei.

- Desculpe. Se importa se eu pegar só mais uma coisinha?



Quando voltei para o hospital e fui até o balcão da emergência carregando um buquê de goivos roxos e rosas cor-de-rosa, já havia outra recepcionista.

– São para mim? – perguntou ela, dando uma piscadinha. – Que aroma maravilhoso!

Ela era mais simpática que a primeira e menos parecida com um dragão cuspidor de fogo nos portões do castelo onde a princesa estava aprisionada.

– Será que posso deixá-las para uma paciente?

– Nome?

– Tess.

– Espere aí. Foi você quem...?

Confirmei com a cabeça.

– Tão romântico!

Ela sorriu para mim.

– Posso esperar?

Dei uma olhada em volta em busca de um lugar vago na sala de espera lotada.

– Acho que eles vão mantê-la aqui a noite toda, em observação.

– Vou voltar amanhã cedinho, então, que tal?

– Não posso prometer nada!

Então me lembrei de que iria ao aeroporto me despedir das meninas às 8h.

– Na verdade, não posso – me corrigi. – Preciso ir ver minhas filhas.

A expressão amigável desapareceu. Eu queria dizer: *Não é o que você está pensando*. Tudo aquilo estava ficando complicado demais.

– Você poderia só me fazer o favor de entregar as flores a ela?

Entreguei o buquê a ela.

– E você é o doutor...?

– Gus. Apenas Gus – falei e fui embora.



Eu estava no show dos Stones, só que não era o show dos Stones, era o casamento de Pippa, mas o músico estava tocando “You Can’t Always Get What You Want”. Tinha percorrido o caminho todo até a igreja correndo e a camisa suada grudava nas minhas costas... Na fileira da frente, havia uma mulher alta com cabelo encaracolado curto e eu sabia que tinha que chegar até ela, então comecei a atravessar o corredor na ponta dos pés, torcendo para

que ninguém reparasse em mim, mas, quando ela se virou, era a mãe de Lucy, Nicky... Eu estava dançando na tenda e o globo espelhado lançava pontos de luz por todo canto, iluminando os rostos das pessoas por um instante e, depois, mudando de lugar, e eu queria que parasse para poder ver os rostos direito, mas a luz ficava se evadindo. Corri até o jardim e me deitei no balanço, então a tenda se abriu, enviando um triângulo de luz pelo gramado, e uma mulher alta e magra saiu de lá e o triângulo se fechou novamente. No escuro, eu não tinha sequer certeza se conseguia ver a silhueta dela e...

Acordei com um salto, mais exausto do que quando pegara no sono. Cheguei ao aeroporto em cima da hora e descobri que o voo estava atrasado. Aeroportos são lugares tão desprovidos de alma que não parecia um tempo útil com minhas filhas, apenas um limbo frustrante e infinito. Não havia muitas lojas para Charlotte se esconder, fingindo não estar nos vendo enquanto comíamos muffins de chocolate branco e framboesa na doceria. Quando chegou a hora de irem para a sala de embarque, tínhamos esgotado todos os assuntos. Flora conversava no WhatsApp e Bella jogava Fruit Ninja.

Nenhuma das duas olhou para trás quando fiquei na ponta dos pés do meu lado do portão para dar uma última olhada na hora em que elas passassem pela segurança. Quando me virei para ir embora, meus olhos se encheram de lágrimas, mas não foi nada em comparação com a enxurrada que me fez ir até a plataforma de observação e acenar ao acaso para aviões que estavam decolando antes de cambalear desolado de volta para o metrô.

Estávamos ficando acostumados com a separação. Eu não conseguia decidir se isso era bom ou ruim.

Em vez de descer em South Kensington e caminhar para casa atravessando o parque, permaneci no trem e troquei para a linha Jubilee no Green Park.

Havia uma recepcionista diferente na emergência do St. Thomas. Eu estava prestes a falar quando notei o buquê de goivos roxos e rosas cor-de-rosa, ainda com o celofane e o papel, dentro de uma jarra de água do hospital em cima do balcão.

– Posso ajudá-lo?

– As flores. – Apontei para elas. – Eu as deixei aqui para uma pessoa ontem à noite.

– Foi você? – perguntou ela.

Eu era o assunto da vez, provavelmente motivo de piada.

– Nós tentamos entregar as flores, mas a paciente disse que seria melhor se elas ficassem aqui para alegrar as pessoas.

– Então ela não passou a noite aqui?

– Os médicos queriam que ela passasse, mas sua amiga não aceitou de jeito nenhum.

Eu sabia que não chegaria a lugar algum se perguntasse se ela havia deixado algum endereço.

– Mas foi muito legal da sua parte – disse a mulher, com um tom de voz gentil e maternal, como se estivesse tentando melhorar as coisas. – O aroma é uma mudança ótima, não é? Alguém comentou que você é médico.

– Ela perguntou quem deixou as flores?

– Nós dissemos que foi o Gus.

Pelo tom da recepcionista, eu podia ver que Tess não tinha reagido.

Conheço você?

Eu me chamo Gus.

Ela havia acabado de acordar de um desmaio.

Meu nome não significara nada para ela. Tanto eu quanto a recepcionista sabíamos disso. Olhamos um para o outro.

Então me virei e fui embora.

PARTE 5

CAPÍTULO 26

Julho de 2013

Tess

Quando Doll gosta muito de alguma coisa, ela diz que morreu e acordou no paraíso. É exatamente assim que me sinto deitada no meu quarto, olhando para o teto. Há querubins fazendo grinaldas de festão em um céu azul-claro. As gotas do lustre lançam pequenos arco-íris nas paredes. A cama é tão grande que posso esticar os braços e as pernas como uma estrela e, ainda assim, não encostar nas beiradas e os lençóis são de puro algodão branco e reconfortantemente pesados. Está quente demais para usar cobertor, mas, com o ar-condicionado, ficou fresquinho durante a noite.

O piso de azulejos é frio sob a sola de meus pés descalços enquanto caminho até a janela e abro as cortinas para ver as colinas, marcadas pelo bosque de oliveiras verdes e ciprestes espetando o céu azul. Ao longe, consigo avistar os telhados de terracota de uma pequena cidade, que suspeito ser Vinci, onde Leonardo nasceu.

A piscina de borda infinita era um dos elementos do site que Doll mais tinha amado. Quando entro na água fria e espelhada e começo um silencioso nado de peito – consciente de que os outros hóspedes ainda estão dormindo perto dali –, sinto como se pudesse nadar para sempre em direção ao céu. Libélulas sobrevoam rapidamente a superfície; o ar está impregnado de uma fragrância de jasmim e das primeiras lufadas de café da cozinha.

A única regra na Villa Vinciana é que os hóspedes, que vieram em busca de atividades artísticas individuais, precisam fazer as refeições juntos. A ideia é criar um sentimento de comunidade, apesar de, no primeiro dia, nós, novatos, não termos nos misturado muito com aqueles que estão aqui há algum tempo e já formaram grupos de amigos. Um bufê de café da manhã é servido em mesas sobre cavaletes ao lado da área de refeições: travessas de *prosciutto* e queijo, fatias de melão e cestas de pequenos doces recheados

com geleia, creme ou marzipã – não tem como saber até você morder –, tudo delicioso.

Nem todos são solteiros. Algumas pessoas vieram com seus parceiros, mas são as mais quietas, porque estão acostumadas a se ver pela manhã. Aqueles de nós que chegaram no micro-ônibus do aeroporto de Pisa na noite passada fazem perguntas cautelosas uns aos outros sobre por que estão aqui, tomando o cuidado, nesta etapa tão recente, de não ser enxeridos ou revelar coisas de mais. Além de escrita criativa, a Villa Vinciana oferece cursos de gastronomia italiana, escultura em pedra – apesar de isso acontecer em um moinho de azeitonas reformado a alguns quilômetros dali, por causa do barulho –, ioga, arte e cultura.

Depois do café da manhã, a diretora dos cursos, que se chama Lucrezia, esquematiza o programa e as excursões. Dá para entender o que ela diz, mas nem sempre ela usa as palavras certas no meu idioma. Para os participantes dos cursos de artes, as manhãs são de trabalho solitário, antes que o sol fique quente demais e quando nossa criatividade é maior. Depois vêm o almoço, um momento recreacional e um seminário em grupo às seis da tarde. O jantar é um bufê de alguma coisa leve. Também é possível comer pizza de forno a lenha.

Sentada a uma mesinha de madeira em frente à janela aberta, me sinto tão animada por estar neste lugar mágico que minha vontade é mandar um e-mail para Doll dizendo a ela que o quarto com vista valeu cada centavo extra, mas não tenho a senha do wi-fi e estou com um pouquinho de medo de Lucrezia. Ela parece bastante rígida. Suponho que isso seja necessário, para garantir que cerca de quarenta pessoas façam todas as suas diferentes tarefas. De qualquer forma, pode ser que Doll fique irritada se achar que estou perdendo tempo contando em detalhes o lugar para ela, quando o propósito é que eu escreva meu livro.

Depois de uma hora, ainda estou olhando para a página em branco. É que parece meio estranho tentar descrever a vida em uma cidadezinha negligenciada no litoral inglês quando estou aqui sentada em um palácio toscano.

Quero terminar meu livro, mas é realmente importante que o faça? Às vezes acho que tenho medo de terminar, porque o que vai acontecer depois? Fico me perguntando se todo escritor tem momentos como este.

Decido explorar os arredores. Se encontrar Lucrezia por acaso, posso

fingir que estou compondo na minha cabeça, ou algo assim. Empurro a cadeira para trás e me levanto devagar porque não quero desmaiar de novo – não neste piso duro de cerâmica. Passo protetor solar fator 20 nos braços e nas pernas e coloco meu grande chapéu de palha.

O *agriturismo* compreende a ampla *villa* onde fica meu quarto – um edifício que parece uma igreja, só que sem uma cruz no topo – e algumas outras construções térreas anexas, que provavelmente eram estábulos antes de tudo ser convertido em centro cultural e refúgio artístico. Fica situada em um morro bastante íngreme – que é o motivo pelo qual a piscina de borda infinita funciona, já que fica no terraço. Logo abaixo do grande paredão de pedra que a sustenta, há um deque com um dossel onde o pessoal pratica ioga. Uma trilha íngreme cheia de pedras leva a outro terraço lá embaixo, onde há vinhedos com frutas alaranjadas, verdes e vermelhas que, percebo de repente, são aqueles tomatinhos pequenos e caros vendidos no Waitrose. Tomates no vinhedo! Nunca tinha visto um tomate sendo cultivado antes. Estico a mão para pegar um e uma borboleta branca pousa por um momento em uma folha bem ao lado da minha mão. Eu a sigo enquanto ela voa e pousa aleatoriamente na latada até, de repente, perceber que tem um cara de camiseta cáqui e bermuda jeans com um cesto no braço olhando para mim.

– *Buongiorno!*

Perco o equilíbrio e escorrego na trilha de terra que dá no terraço seguinte, parando minha queda com as palmas das mãos.

– Você está bem? – pergunta a voz do terraço acima.

– Estou, obrigada...

Estou com vergonha demais para olhar ao redor.

Na verdade, minhas mãos estão raladas e ardendo, mas é só superficial. Levanto rapidamente e continuo andando com tanta dignidade quanto meu orgulho ferido e meus chinelos permitem.

Gus

Não consigo ver o rosto dela direito por causa do chapéu enorme que está usando, então ela escorrega.

Fico na ponta dos pés para enxergar por cima do vinhedo e ela está

sentada na trilha de terra, um terraço abaixo. Ela se levanta rapidamente, toda pernas e cotovelos, e continua caminhando, sem perceber a grande mancha marrom-argila na parte de trás de seu short branco.

O sol está alto no céu e ofusca de tão brilhante. É quase meio-dia e eu devia estar usando chapéu também, porque o calor está me fazendo delirar.

Volto à cozinha com os *ciliegi* e estou lavando-os na grande pia de aço inoxidável quando o chapéu passa por mim, segurando o braço na altura do pulso, a palma virada para cima, como uma criança que caiu no parquinho.

– Gus! – grita o chef.

– *Si?*

– *Facciamo la pasta?*

Vamos preparar a massa?

– *Certo!*

Eu tinha comprado um livrinho de expressões no aeroporto esta manhã, com um CD que fiquei ouvindo enquanto vinha no carro alugado para a fazenda. Tinha sido um erro escolher italiano no GPS com apenas duas horas de conhecimento do idioma, mas acabei encontrando o lugar.

Éramos só três alunos no curso de gastronomia ajudando os dois chefs a preparar o almoço. Um de meus colegas é um alemão grande como um urso com uma barriga protuberante sob as listras do avental; o outro é uma americana divorciada com uns 45 anos que usa expressões culinárias diferentes das minhas. Kurt está suando em cima do *ossobuco*; Nancy está na fase final de preparativos de um prato vegetariano de *melanzane farcite*; eu, por ter sido o último a chegar, fiquei encarregado do *spaghetti al pomodoro*, cujos ingredientes simples precisam ser preparados e adicionados pouco antes de servir, então fico meio perdido até o chef apontar para as frutas frescas e demonstrar como quer que eu as corte.

Servir espaguete para quarenta pessoas é mais emocionante do que eu imaginava, especialmente usando um jaleco branco de chef, mas também é mais satisfatório e, enquanto sirvo as últimas porções, presto atenção nos comentários das pessoas que estão comendo.

– Tão fresquinha!

– Massa no ponto perfeito!

– Será que eles vendem esse azeite de oliva? Preciso levar um pouco para casa!

– O que são essas coisinhas verdes? – pergunta uma voz que parece um

eco na minha cabeça.

Ergo os olhos. É ela. É ela! A mulher da borboleta!

Ela tirou o chapéu, mas o suor achatou seu cabelo curto no topo da cabeça e os cachos finos e úmidos parecem o cabelo de um bebê na banheira. Ela está examinando desconfiada os últimos fios de espaguete.

– Manjerição – me ouço dizendo em meio ao nervosismo sufocante que trouxe meu cérebro.

– Tem gosto de espinafre?

A voz tem um leve tom anasalado, não de Essex, mas não distante dali.

– Não exatamente.

– Ponha na mesa, então!

Minha mão está tremendo tanto quando coloco uma porção na tigela que ela está segurando que sujo seu polegar sem querer com azeite de oliva com sabor de tomate.

– Me desculpe!

Pego o pano de prato que está pendurado no meu ombro, mas ela já colocou o polegar na boca e, ao fazer isso, respingou um pouquinho na camiseta.

– Droga – diz ela. – É a segunda hoje.

Ela vira a mão para me mostrar um grande curativo na palma.

– Dizem que as coisas ruins acontecem em múltiplos de três, não dizem? – pergunta. – Não que algo possa ser tão ruim assim em um lugar como este, não é?

O rosto dela se abre naquele sorriso ridiculamente familiar que me faz sentir como se nos conhecêssemos desde sempre e faz minha pulsação disparar.

– Gus! – o chef chama.

– *Si, chef. Vengo!*

Estou indo. Está certo? Ou será que tem algum outro significado em italiano, assim como em inglês?

– *La frutta!* – ralha ele.

É preciso cortar as folhinhas dos morangos e regá-los com o suco das laranjas que ainda tenho que espremer. E, depois, é preciso limpar tudo.

Quando saio da cozinha de novo, a maioria dos hóspedes já deixou o refeitório para tomar um café no pequeno bar à sombra do outro lado do terreno, mas meu coração palpita quando vejo o chapéu ainda sentado ali,

sozinho, escrevendo em um caderno.

Por que você simplesmente não se arrisca?

Porque vai parecer esquisito, não vai? Ela obviamente não me reconheceu e, mesmo que esta seja uma enorme coincidência, ela nunca vai acreditar, ainda mais depois das flores. Vai pensar que eu a estou perseguindo.

Ela se levanta e vem em minha direção, os chinelos batendo no deque.

– Muito bom – diz ela, entregando-me o prato. – Mas, para ser honesta, prefiro sem o manjericão.

– Vou me lembrar disso.

– Foi você que fez?

– Estou fazendo o curso de gastronomia aqui. Preparei as frutas, também.

– As frutas estavam maravilhosas – disse ela. – Principalmente a melancia. Em geral, ela é cheia de sementes.

– Há um jeito certo de cortá-la

– Você vai ter que me mostrar. Não que eu um dia vá comprar uma melancia inteira na Inglaterra, não é? Iria enjoar depois de alguns dias, não acha? Não tem o mesmo gosto na Inglaterra, de qualquer forma. É mais parecida com pepino. Sou inútil na cozinha. Não consigo nem fritar um bife sem queimá-lo!

– Todo mundo já queimou um bife.

– Mesmo?

Confirmo com a cabeça e recebo um sorriso em retribuição.

– E você está...?

– Escrevendo – responde ela. – Deveria estar, de qualquer forma. Melhor eu voltar, senão estou frita.

Não consigo pensar em uma maneira de impedi-la.

– Vejo você mais tarde? – pergunto.

– Não temos muita escolha, não é?

Tess

Eu gostaria de não tagarelar quando fico nervosa. Ele é muito gentil, mas tudo tem limite, não é? Ele tem um daqueles rostos que mudam por completo, dependendo do que está fazendo. Quando está ouvindo, fica sério e atento,

mas, se você o faz rir, parece um menino, sem nada a esconder. É do tipo sardento, como aquele ator que interpretou o Marius em *Os miseráveis*, infantil, mas, ainda assim, extremamente sexy. Ele é meio assim. Só que mais alto. Ele é bem alto.

Será que está aqui sozinho? Ou acompanhado? Fugindo de algum trauma? Os olhos dele são azuis, mas são meio dourados também, oscilando entre a diversão e a ansiedade.

Areia demais para o meu caminhãozinho, obviamente, com esse linguajar de escola pública e tudo o mais. Enfim... Não é para isso que estou aqui.

Completando o primeiro rascunho.

Novos escritores geralmente encontram dificuldades em terminar seu primeiro rascunho...

A rubrica no topo do cronograma do curso é igual à do anúncio do site que chamou a atenção de Doll. Ela pensou na Toscana porque eu sempre disse que queria voltar, mas achou que eu fosse me sentir solitária se fosse sozinha, visto que ela não podia vir comigo, por causa de Elsie e porque de novo está grávida, de sete meses.

Deixe-nos mostrar o caminho. A Villa Vinciana, situada nas colinas toscanas acima de Vinci, onde um dos gênios criativos do mundo nasceu, é um refúgio para a criatividade. Todas as suítes têm ar-condicionado e são mobiliadas com uma escrivaninha para você trabalhar durante o dia. À noite, seminários em grupo liderados por nossos tutores especializados proverão oportunidades de discussão de técnicas literárias, crítica especializada e feedback de apoio.

Dia 1

Os participantes vão se apresentar e falar de seu trabalho para o grupo.

Nós nos encontramos na área sombreada abaixo da piscina, onde vi as pessoas fazendo ioga esta manhã. Éramos cinco, incluindo Geraldine, a líder do curso. Concluí que o curso de ioga era, de longe, o mais popular, já que havia pelo menos vinte inscritos e, antes mesmo de começarmos, estou me perguntando se deveria trocar, apesar de nunca ter gostado de ioga.

Não tive uma boa impressão de dois dos meus colegas – um casal de meia-idade – durante o voo. Não era culpa do comissário de bordo que as tortilhas tinham acabado e, se você está usando a Ryanair, não pode contar com uma variedade de lanches.

Quando eles o chamaram pela terceira vez, quase me virei e disse:

– Vocês deviam ter comido no aeroporto, não acham?

Ainda bem que não fiz isso, porque foram eles que eu encontrei amontoados no micro-ônibus.

Um clima competitivo se instaurou imediatamente. Do tipo “Quantas páginas você já rascunhou?”. Os dois, Graeme e Sue, eram professores de geografia. Ele está escrevendo um suspense de ação que se passa durante uma excursão; ela está trabalhando em uma comédia romântica sobre dois professores. Geraldine nos pede para adivinhar o título pela descrição. É óbvio que nenhum de nós se sente confortável para fazê-lo.

– Por que você não nos conta? – pede Geraldine em tom amigável.

– *Professores paqueradores!* – revela Sue, triunfante.

– Isso é muito legal! – diz Erica, uma americana bem gorda.

Ela está escrevendo uma série vampiresca para adolescentes que garante não ter nada a ver com *Crepúsculo*. Eu ficaria mais feliz se ela dissesse que era exatamente como *Crepúsculo* porque gostei muito da série.

Agora todos estão olhando para mim. É difícil chutar a idade de Erica, mas acho que sou a mais nova do grupo.

– Não estou escrevendo uma obra de ficção – começo.

– Interessante – diz Erica.

Reparo em Sue e Graeme trocando olhares perspicazes, como se eu fosse uma estudante travessa que não leu direito a pergunta da prova.

Geraldine – que tenho certeza que é uma mulher adorável, mas se parece bastante com a esposa de Leo, com seu cabelo comprido com mechas grisalhas e seu vestido estilo túnica – me dá um sorriso encorajador.

– Chama-se *Vivendo com esperança* e meio que trata sobre minha mãe e minha irmã, que tem síndrome de Asperger.

– Então é uma autobiografia? – pergunta Sue em um tom que me infantiliza.

– É mais um livro de memórias – respondo.

Graeme esconde a risada atrás da mão, como se eu fosse idiota. Talvez não haja distinção? Talvez “memórias” simplesmente soe melhor.

– Existe um nome para esse tipo de livro, não existe? – pergunta Erica, espremendo os olhos já pequeninos em um esforço para lembrar.

Geraldine intervém:

– Não vamos nos apegar a categorizações.

– O nome de minha irmã é Hope, que significa esperança, sabe...

– Isso é muito legal – diz Erica.

Geraldine apresenta algumas regras básicas do curso, como termos que respeitar um aos outros e tentar ser positivos, todas essas coisas que eu já sabia. Então nos pede para ficarmos em silêncio, observando as características físicas dos arredores e ouvindo os sons à nossa volta, e escrevermos o que ela chamou de uma descrição global para apresentar o cenário, focando gradualmente em um grupo de personagens.

O momento pacífico de contemplação foi interrompido por Graeme:

– “O sol estava se pondo nas colinas toscanas e os grilos estavam cantando...” É esse tipo de coisa que você está buscando?

– Você pegou o espírito da coisa – diz Geraldine.

– Bem, então já fiz minha parte – retruca Graeme, como se houvesse um prêmio para quem terminasse primeiro.

Uma brisa leve, aromatizada com um cheiro de pizza, sussurra no dossel acima de nós.

Não consigo acreditar que estou com fome de novo.

– Se vocês completarem o exercício a tempo, vamos ler os textos amanhã. Depois discutiremos algumas técnicas para aperfeiçoar as habilidades críticas de vocês – conclui Geraldine, encerrando a sessão.

– *Misery memoir!* – grita Erica de repente.

Todo mundo olha para ela.

Ela aponta para mim.

– É o gênero que você está escrevendo! Algo como “literatura da tristeza”.

– Não, não é – retruco.

– Sim, é assim que chamam nos Estados Unidos! – insiste ela.

Quase digo: “Não tem nada de triste na história.” Mas então percebo que não quero que ela, nem nenhuma dessas outras pessoas, saiba de mais nada. Eles não são como a minha turma no City Lit e não quero que meus capítulos sejam esmiuçados por eles, ainda que seja de uma forma “construtiva”. Na verdade, não estou preparada para dividir minha história com eles.

De volta ao quarto, me sinto mal porque Doll gastou um dinheirão. Foi muito generoso da parte dela e não quero decepcioná-la.

Vou aproveitar mesmo assim, digo a ela por telefone, porque o lugar é lindo e a piscina de borda infinita é ótima e há excursões de micro-ônibus todos os dias. Talvez eu me inscreva no curso de cultura, ou talvez eu mesma me encarregue da parte da cultura.

– Faça o que você quiser! É para ser um período de férias – diz Doll.

Sinto um alívio.

– Algum homem interessante?

– Não passei nem um dia inteiro aqui ainda!

– Já entendi!!!! – brinca ela.



Ele está trabalhando no forno a lenha das pizzas, fatiando os discos enormes com um cortador.

Há uma apetitosa com molho de tomate, pedaços de muçarela derretida e uma erva diferente, que ele diz ser orégano, que dá aquele sabor típico italiano. Temos orégano seco na Inglaterra, mas esse é fresquinho da horta da *villa*. Se quiser, é possível acrescentar anchovas ou pedacinhos de *salsiccia*. Eles colocam os discos de massa crua em uma pá achatada enorme e enfiam na fornalha só por um ou dois minutos, porque é quente à beça.

O rosto dele está rosado de ficar ao lado do forno, ou talvez seja por causa do sol, porque as pessoas ruivas queimam bem fácil. Ele é simpático, mas não se pode conversar muito, com uma fila de pessoas famintas atrás de você.

Evito sentar com o grupo de escrita, mas todas as outras pessoas parecem ter se reunido com os colegas de curso e ninguém demonstra estar muito a fim de abrir espaço para mim. Os escultores chegaram tarde e estão cobertos com uma poeira fantasmagórica branca, o grupo de ioga ficou olhando abismado para a salsicha na minha pizza, porque são todos vegetarianos, então acabo me acomodando na ponta de uma mesa, sozinha, observando-o servir as pessoas. Não acho que ele esteja aqui com alguém, porque volta e meia olha para mim e fico tendo que fingir que estou olhando para o nada, compondo para o meu livro ou algo assim.

Depois de todos comermos pizzas deliciosas, podemos voltar lá e pegar uma fatia com frutas frescas e açúcar em cima. Eu não sabia que pizza podia ser doce.

– Tem gosto de folhado dinamarquês de ameixa! – exclamo.

Então, me sentindo uma idiota, acrescento:

– Só que é de pêssego.

– E italiano – complementa ele.

Mas de um jeito gentil. Não como Sue ou Graeme falaria.

– Quer tomar um café quando eu parar de trabalhar? – pergunta.

– Não tomo café à noite. Quem sabe eu possa tomar um refrigerante? – sugiro rapidamente.

– Combinado. No bar, depois que limparmos tudo?

Combinado!



É só quando abro a porta do guarda-roupa que vejo o reflexo da parte de trás do meu short no espelho da parede. Quando termino de me trocar, lavar o rosto, debater comigo mesma se devo me maquiar, decidir que não e borrifar o Chanel N^o 5 que comprei no *duty free*, o bar está fechado e a *villa* está envolta na escuridão e na quietude profunda que você só consegue no campo.

Gus

Eu entendo que as cozinhas dos restaurantes precisam ser imaculadamente limpas, mas minha estadia foi paga pela Nash e parece meio abusivo a *villa* só empregar dois chefs e um ajudante de cozinha e as pessoas do curso de gastronomia terem que fazer a maior parte dos preparativos, cozinhar e limpar. Na hora em que termino a limpeza, o café já está deserto e a mulher da borboleta já desistiu e foi dormir.

No meu quarto, ao lado da piscina, fico deitado acordado ouvindo as cigarras e os gritos ocasionais de um galo em uma fazenda distante, sorrindo no escuro ao pensar nela dormindo em algum lugar ali perto.



Acordo de um sono sem sonhos com o barulho de panelas e o cheiro doce amanteigado de croissants quentes.

Enquanto sigo até o terraço para o café da manhã, reparo num micro-ônibus que está aguardando em frente à porta principal da casa. O rosto dela me encara pela janela quando ele arranca. Ela acena, exatamente como tinha feito na ambulância, e então, de repente, franze a testa, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa.

- Aonde vai o micro-ônibus? – perguntei à diretora, Lucrezia.
- Um tour cultural por Florença.
- E quando eles voltam?
- Hoje à noite.

Tess

Do lado de fora da estação ferroviária, onde o ônibus nos deixa, uma guia com uma sombrinha vermelha aguarda para levar o grupo do curso de cultura para um tour. Informo a ela que vou fazer compras, para não dizer que quero seguir meu próprio itinerário e não parecer rude.

Na minha memória, as outras paradas da nossa viagem de trem são como cartões-postais: o anfiteatro iluminado em Verona com o céu azul-marinho ao fundo; a baía de Nápoles; a vista da ilha de San Giorgio, em Veneza. Mas daquele último dia despreocupado que passamos em Florença, um dia antes de a minha vida mudar, eu consigo me lembrar hora a hora, quase passo a passo, e, por razões sentimentais, quero percorrê-los outra vez.

Pego o ônibus para Fiesole, sento-me no assento da janela aberta e sinto o vento no meu rosto. Quando o ônibus me deixa no ponto final, soltando uma nuvem de diesel ao fazer a volta para retornar à cidade, a praça fica repentinamente pacífica e um sussurro da brisa das montanhas gela meus braços despidos. No anfiteatro romano, sento-me na pedra quente, minha memória tão perfeita que quase consigo ouvir uma Tess mais nova gritando “*Amanhã, amanhã e ainda outro amanhã!*” de cima do palco.

Tiro uma foto e mando para Doll com a mensagem *Saudades!*

No café, sento-me sob a sombra de uma videira, tomando água mineral com gás. Saboreio *spaghetti al pomodoro* sem manjeriço enquanto admiro Florença, uma cidade em miniatura ao longe, como o pano de fundo de uma pintura de Leonardo.

Gus

O chef está me ensinando a fazer *vitello tonnato*, que é um prato que nunca provei porque sempre achei que tivesse um gosto estranho. Não sou muito fã de vitela nem de atum, ainda mais os dois juntos. Como é que isso vai dar certo? O chef me garante que vai ficar *buono* se eu seguir a receita com cautela.

Primeiro, preciso assar a carcaça da vitela, garantindo que fique cozida, mas não seca. Depois, a carne precisa repousar e esfriar, porque o prato é servido frio. Em seguida, preparo a maionese com gemas de ovos, suco de limão e azeite de oliva e tempero com alcaparras fatiadas bem fininho e uma pequena quantidade de cerfólio e cebolinha picados da horta. A isso acrescento algumas anchovas esmagadas e salgadas e uma lata de atum ralado escoada. Depois, fatio a vitela fria na máquina e alterno camadas com a maionese temperada. Não parece promissor, mas o gosto é divino.

– *Perfetto!* – diz o chef, fazendo um aceno de aprovação com a cabeça.

A piscina está completamente lotada e, como a minha pele não é adequada para tomar banho de sol, decido explorar a região em meu carro alugado.

A primeira placa que vejo diz que Florença fica a apenas 50 quilômetros, então pego a via de ligação para a rodovia Fi-Pi-Li e chego à periferia pouco promissora da cidade em menos de quarenta minutos. Placas de sinalização me levam ao estacionamento da Piazzale Michelangelo. À medida que o Fiat Panda sobe a rua em zigue-zague até o topo do morro, começo a reconhecer onde estou.

O calor me atinge como uma rajada de fofalha quando saio do ar condicionado do carro no que deve ser o estacionamento mais bonito do mundo. A vista do Duomo com o céu azul vívido ao fundo se assemelha tanto a um cartão-postal que parece surreal. Vou até uma das barracas de

souvenires lotadas de camisas de futebol e réplicas de plástico do *David* de Michelangelo e compro um pote de filtro solar fator 50 e um mapa, do qual não preciso de fato porque consigo reconhecer com exatidão a rota que eu corria partindo da cidade e passando pela paisagem rural incongruente quando estive ali pela última vez.

Agora, um pouquinho adiante da estrada principal sombreada, pareço me lembrar de uma escadaria que dá em uma igreja maravilhosa que eu conseguia avistar da piscina no terraço do hotel onde nos hospedamos naquela época.

Tess

Deve haver um ônibus para San Miniato al Monte, mas as pessoas me informam paradas diferentes, ou sou eu que não entendo as indicações delas, então decido fazer o que Doll faria e pego um táxi. A estrada gira pelos subúrbios, que parecem os de qualquer outra cidade, e então sobe o morro com um bosque pontilhado por *villas* elegantes expostas friamente sobre o emaranhado de ruas medievais do *centro storico*. O táxi me deixa ao pé de uma escadaria íngreme sob o sol escaldante. Preciso parar duas vezes para recuperar o fôlego, mas não me permito olhar em volta até chegar ao topo.

A vista é tão absurdamente linda que meus olhos ficam marejados, do mesmo jeito que tinham ficado anos atrás. Não sei qual era meu problema na época, com toda a vida pela frente e nem ideia do que estava por vir. Lembro-me de pensar que seria um lugar ótimo para casar, o que é peculiar, porque eu não era uma daquelas meninas que se imaginavam de vestido de noiva.

Dentro da igreja está tão escuro, depois de toda aquela luz do sol, que não enxergo nada por um instante. Mesmo depois de tirar o chapéu e colocar os óculos de sol na cabeça, meus olhos levam um tempinho para se ajustarem. Subo os degraus até o púlpito, plenamente ciente das batidas irreverentes das minhas sandálias, e coloco uma moeda de 1 euro na máquina, que logo inunda a abside com uma luz dourada.

Ao olhar fixamente para o rosto enorme e julgador de Cristo, sinto uma vontade avassaladora de pedir desculpas a Ele.

– Não é que eu não acredite em Você – digo a ele em silêncio. – É da

Igreja que eu não gosto e, para ser sincera, acho que nem você mesmo iria gostar, se estivesse por aqui nos dias de hoje.

A luz se apaga com um ruído repentino, punindo-me por meus pensamentos hereges.

Mas, depois de uma pausa supercurta, acende de novo e eu me viro.

O homem alto da Villa Vinciana está parado ao lado da máquina. Sob a luz dourada, o cabelo dele é de cor âmbar.

Ficamos olhando um para o outro por alguns segundos e, então, falamos ao mesmo tempo:

– É você!

– Eu *achava* que conhecia você de algum lugar! – grito. – Você estava aqui no dia em que recebi o resultado das minhas provas!

– Você estava aqui. E depois falou comigo na Ponte Vecchio! – diz ele.

– Você tirou aquela foto de mim e de Doll. Estivemos olhando para ela um dia desses!

– Você me falou da Gelateria dei Neri – lembra ele.

– Falei?

Uma imagem guardada no fundo de minha memória de repente ressurge. Estávamos a caminho de pegar o nosso trem noturno para Paris quando o vi parado na fila daquela sorveteria caríssima ao lado da ponte. Não sei o que deu em mim.

E Doll disse “O que aconteceu com você?” enquanto continuávamos caminhando, porque era ela quem costumava flertar com as pessoas.

– Você foi lá? – pergunto.

É uma conversa estranha para se ter em uma igreja.

– Duas vezes – responde ele.

A luz se apaga de novo. Ele coloca outra moeda de 1 euro.

Ficamos parados um ao lado do outro olhando reverentemente para o rosto solene de Cristo e, então, ele pergunta:

– Você acha que ainda existe?

– O quê?

– A *gelateria*.

Depois do interior escuro da igreja, o mirante de mármore parece radiantemente branco.

Minha acompanhante caminha até a balaustrada e se apoia nela, os olhos distantes na paisagem. Há uma aura de melancolia em torno dela.

– Naquele dia em que estive aqui – diz ela baixinho –, jurei que iria voltar. Sabe esse tipo de coisa que você faz quando tem 18 anos?

– Eu prometi a mesma coisa – confidencia. – Achava que seria impossível ser infeliz rodeado de tanta beleza.

Ela se vira e me dá um sorriso que me faz querer deixar de lado a cautela e dizer como *ela* é linda, mas a única palavra que sai de minha boca é:

– Pronta?



O mármore é liso e escorregadio. Ofereço minha mão enquanto caminhamos juntos, tomando cuidado para não apertar demais o curativo grande que cobre a palma dela.

– Eu caí ontem – disse ela, seus chinelos estalando alto a cada degrau.

– Eu vi.

– Era você escondido no meio dos tomates?

– Sim. E não estava me escondendo, por sinal.

Lá embaixo, nós dois damos uma olhada para a basílica e, então, sem precisar mais da minha mão para se equilibrar, ela a solta. Passeamos tranquilamente pela estrada, que agora está movimentada com o trânsito do fim da tarde. Ao passarmos pela entrada do camping, ela diz:

– Foi aqui que ficamos. Onde você ficou?

– Em um hotel na Piazza Santa Maria Novella. Estava com meus pais. Preferiria ter ficado em uma *villa* com vista para as colinas.

– Como a Villa Vinciana?

– Acho que sim!

Ela dá aquele sorriso transformador dela, como o sol saindo de trás de uma nuvem, e eu não consigo mais segurar:

– Seu nome é Tess, não é?

– Sim – responde ela. – Como você sabe?

– Adivinhe...

O nariz dela se franze de concentração.

– Você viu nos registros de Lucrezia? – arrisca, quando começamos a descer os degraus curtos que vão nos levar de volta à cidade.

– Errou!

– Quantos chutes eu tenho?

Escolho um número qualquer.

– Cinco!

– Você ouviu alguém falando no café da manhã?

– Eu não estava no café da manhã! Três!

– Você viu na capa do meu caderno.

Ela para e tira um caderno de exercícios da bolsa, apontando para a capa, onde ela escreveu à mão: *Teresa Mary Costello. Se encontrar, favor ligar...* Depois, coloca-o de volta na bolsa antes que eu tenha a chance de decorar o número do celular.

– Não! Só mais duas!

Eu queria ter dado mais chances a ela. Devia ter dito dez, ou vinte, ou o número total de degraus até chegarmos à cidade, porque não quero que este momento acabe.

– Espere aí, como vou saber que você está falando a verdade? – pergunta ela de repente.

– Confie em mim, sou médico!

Como se aquela palavra tivesse acionado uma lembrança distante, ela olha para mim com uma curiosidade intensa.

– Então qual é o seu nome? – pergunta.

Hesito.

– Gus.

Paramos sob a sombra de uma árvore.

– Gus? – repete ela.

– Olhe, sei que é um pouco estranho, mas eu estava no show dos Stones no sábado e você desmaiou... e eu sou médico de verdade.

– Você é o Gus que foi ver se eu estava bem e me levou flores rosas e roxas? – pergunta ela, incrédula.

Confirmo com a cabeça.

– Me desculpe, mas tive que deixá-las no hospital por causa do meu voo para cá. Em 34 anos, eu nunca recebi um buquê. E, na única vez que recebo, nem posso... Espere aí, eram rosas brancas...

Ela deixa a brincadeira de lado e fita intensamente os meus olhos.

– Obrigada, Gus. As flores tinham um aroma maravilhoso.

Ela acredita que é uma coincidência nós dois estarmos aqui. O que, afinal de contas, é mesmo.

Sorrio de volta para ela e então nós dois desviamos o olhar rapidamente, retornando ao constrangimento de pessoas que acabaram de se conhecer. O ar paira entre nós com perguntas silenciosas.

– Então você é fã dos Stones? – questiona ela finalmente quando voltamos a andar.

– Não muito – respondo.

Lembro-me da frase de Nash.

– É uma dessas coisas que você tem que fazer antes de morrer, não é?

– Você não está prestes a morrer, está?

– Espero que não! – respondo. – E você?

Ela franze a testa de novo.

– Eu queria sentir como era estar em meio à multidão e cantar junto com ela.

– Uma energia incrível, não é?

– Sim – concorda ela.

O sol está um pouquinho mais ameno agora e metade da estrada até a cidade está sombreada.

– Por que você estava infeliz? – pergunta ela. – Na última vez em que estive aqui.

– Como você sabe que eu estava?

– Lá em cima! – Ela aponta para o morro. – Você disse que queria viver aqui porque parecia impossível ser infeliz. Eu só pensei...

Demos mais alguns passos.

– Meu irmão tinha morrido alguns meses antes, em um acidente de esqui.

– Oh, sinto muito.

Ela toca no meu braço só por um segundo, mas o carinho do gesto se demora na minha pele.

– Todos nós estávamos sofrendo com o luto, mas, à nossa maneira inglesa, tentávamos não deixar que isso atrapalhasse as férias. Ridículo, na verdade.

Passei tanto tempo sem contar às pessoas, mas agora, com uma estranha, as palavras começaram a fluir.

– Há um tabu enorme em torno da morte, não há?

Ótima cantada! Quase consigo ouvir Nash me repreendendo.

– Sabia que, na Itália, as famílias visitam os túmulos dos parentes no dia de Natal? – conta Tess. – As floriculturas do lado de fora dos cemitérios lucram um bocado.

– Que bela ideia. Adoro o estilo de vida daqui.

– Eu também – concorda Tess.



A Gelateria dei Neri não existe mais. Percorremos toda a Via dei Neri, onde ela ficava, várias vezes para cima e para baixo. Minha decepção foi menos pelo sorvete e mais por algo que tínhamos em comum e que se fora, desfazendo nossa conexão. Mas, quando prosseguimos para a basílica de *Santa Croce*, avistamos a fila na mesma hora. A Gelateria dei Neri mudou de lugar e está bem maior agora.

Tess escolhe uma casquinha com três sabores: framboesa, melão e manga. Depois de um pouco de indecisão, opto por mirtilo, tangerina e maracujá. Os sabores capturam tanto a acidez quanto o doce da fruta – como nenhum outro sorvete que já provei na vida. Não nos conhecemos bem o suficiente para oferecer uma lambida ao outro e, depois de alguns “humms” de apreciação enquanto caminhamos de volta para a praça principal, Tess para de repente:

– Esquecemos a regra dos dois sabores!

– O que é a regra dos dois sabores?

– Se você escolhe três sabores, por algum motivo, acaba sentindo o gosto só de dois, então eu e Doll concluímos que seria melhor pedir dois sabores três vezes ao dia em vez de três sabores duas vezes.

Ela tem razão. Minha primeira lambida de mirtilo foi como a destilação pura da fruta, mas agora não consigo perceber a diferença entre a tangerina e o maracujá.

– Vamos terminar estes, tomar um copo d’água para limpar o paladar e depois voltamos lá – sugiro.

– Você faz o meu tipo! – diz ela, rindo.

Está falando sério? Está sentindo o que eu estou sentindo? Sinto

pequenas ondas de euforia, explosões minúsculas de adrenalina zunindo pelos meus membros, me deixando zozinho de felicidade e nervosismo ao mesmo tempo.

– Nunca fui à Galleria degli Uffizi – diz Tess quando passamos em frente à entrada da galeria. – A fila estava enorme aquele dia e minha amiga não sobreviveria a tanta arte em um dia só.

Olho para o relógio.

– Temos tempo para ver uma pintura.

– A *Primavera* de Botticelli?

Aponto para a bilheteria.

– Não tem fila.

A bilheteria está fechando. Jogo duas notas de 20 euros para a atendente perplexa e corremos escada acima até o salão onde lembro que os Botticellis estão pendurados.

– Meu Deus! O teto! – exclama Tess enquanto voamos pelo corredor. – Ninguém nunca fala sobre o teto!

Encontramos o salão que contém dois dos quadros mais famosos do mundo e um funcionário desolado que achava que já tinha terminado seu dia de trabalho.

– Esta pintura tem tantos elementos que você poderia olhar para ela o dia todo e ainda encontrar coisas – diz Tess, aproximando-se tanto quanto pode da *Primavera*.

– Tem quinhentas espécies de plantas e mais de cem flores diferentes – conto.

– Você contou?

Rio.

– Não, eu li!

– É tão grande! – diz ela. – Eu não fazia ideia de que era enorme assim. Tenho um pôster, mas só de um metro de largura. As cores não são como nas outras pinturas, não é? Tem tanto verde... É como uma pintura religiosa e pagã ao mesmo tempo, não acha? Se você pensar na Vênus como a Nossa Senhora, esses reis são como os santos... Sinceramente, dá para ficar olhando para ela por um mês, não dá? Ei, o que é isto?

Ela segue para *O nascimento de Vênus* na parede adjacente, fascinada pelo baixo relevo na frente do quadro.

– Isso deve ser para as pessoas cegas verem a tela – diz ela. – Como um

quadro em braile. Não é legal?

Nós nos alternamos em fechar os olhos e sentir.

– Quando as pessoas cegas imaginam a tela desse jeito, você acha que o cérebro delas forma imagens, como o nosso quando estamos dormindo, apesar de estarmos com os olhos fechados? – pergunta Tess.

O comentário dela me leva a sentir como se eu estivesse vendo tudo pela primeira vez.

– Você acha que um dia vamos saber como é ser outra pessoa?

Ela faz perguntas que a maioria das pessoas da nossa idade já está estafada demais para fazer.

O funcionário solta um pigarro pela milionésima vez.

– Acho que ele quer ir para casa – sussurro.

Deixamos o salão e caminhamos pela galeria vazia até as janelas do outro lado, que têm vista para o rio.

– Acho que é isso que os escritores tentam fazer – continua Tess. – Estar dentro de outra pessoa...

– E pintores de retratos – digo.

– Você sabia que existe uma passagem cheia de retratos de artistas que acompanha a lateral da Ponte Vecchio?

Tess aponta na direção da ponte.

– A passagem se chama Corredor Vasari. Li sobre esse lugar em um site – complementa ela.

Tess indica uma fileira de janelas acima das lojas na qual eu nunca tinha reparado antes.

– Vai daqui ao Palazzo Pitti, assim os nobres florentinos não precisavam se misturar com a plebe, suponho.

– É aberta ao público?

– Acho que é preciso reservar com meses de antecedência – diz ela.

– Eu adoraria fazer isso.

– Eu também!

Será que ela está pensando o mesmo que eu? Que tem algo rolando entre nós que é maior que aqui, agora, hoje?



Sob a colunata do lado de fora, artistas de rua fazem esboços dos turistas.

– Você nunca ficou tentada? – pergunto a Tess quando paramos por um instante para observar.

– De jeito nenhum! Quando me olho no espelho, me acho ok, mas, nas fotos, sempre fico horrorosa... e a câmera nunca mente, não é? Isso seria ainda pior!

– Eu adoraria desenhar você.

– Você sabe desenhar?

Ela me dá uma olhada cética.

– Um pouquinho.

– Um homem de muitos talentos! – exclama ela. – Cozinha, desenha... Gus, você poderia fazer uma fortuna aqui! Você deveria se mudar para a Itália, abrir um restaurante e desenhar pessoas, como Van Gogh fazia. Teve uma exibição das cartas dele na Royal Academy. Você viu? Quero dizer, não acho que era o próprio Van Gogh quem preparava a comida, mas ele pintava todas as pessoas do bar. Daria uma série de TV brilhante, não acha? Podia se chamar *A arte da culinária italiana*, ou será que existe uma série com esse nome?

Um artista de rua está tocando jazz num clarinete na Ponte Vecchio e o pavimento de paralelepípedos se acha lotado de turistas.

– Vamos fazer uma *selfie* – propõe Tess. – Vou mandar para Doll para ver se ela adivinha quem você é.

Ela coloca um braço em torno de mim, o rosto perto do meu, e segura o celular o mais longe que consegue.

– Diga “xis”!

– *Ics!*

Na foto, nossos olhos saem fechados porque estamos rindo, então tiramos outra e, enquanto a estamos analisando, o braço dela permanece nas minhas costas e, quando erguemos os olhos da tela, eles se encontram e eu quero desesperadamente beijá-la.

– Você acha que já deu tempo suficiente?

– Tempo?

– Para tomarmos nosso próximo *gelato*?

Adoro a maneira como ela diz “próximo”, como se tivéssemos uma noite inteira de comilança de sorvetes pela frente.

Congelo.

– O que foi? – pergunta ela.

– Era para eu estar fazendo o jantar!

Tess olha para o relógio.

– Acabei de perder o micro-ônibus!

– Certo – digo. – Então temos duas opções: a) pegarmos um táxi até a Piazzale Michelangelo e dirigirmos como italianos para chegar atrasados para o jantar ou b) passarmos uma noite relaxante passeando pela cidade...

Com celulares e câmeras enlouquecidos ao nosso redor, este nosso momento aparece no fundo de várias fotos no Instagram.

– Acho que devemos avisar a eles onde estamos – pondera Tess.

Minha decepção momentânea por ela não ter dito “b” se transforma em alegria quando percebo que ela disse, sim.

Me esforço em uma conversa difícil com Lucrezia fingindo que entendo menos das frases truncadas que ela diz do que realmente entendo e, quando desligo, Tess olha para mim ansiosa.

– “Chef está muito zangado” – digo a Tess, imitando Lucrezia. – “Grupo de cultura não gosta esperar uma hora em ônibus muito quente. Todo mundo interessante em nossa segurança... Contudo, pagamos nosso dinheiro...”

– Então podemos fazer o que bem entendermos! – alegra-se Tess. – Estamos de férias, afinal, não estamos?



Aparentemente, Doll adoraria ouvir que estamos sentados na Piazza della Signoria tomando Aperol Spritz.

– Ela acha que o gosto é melhor quando você paga mais caro – explica Tess.

Mandamos outra *selfie* para Doll, desta vez à mesa do café. Tento imaginar essa mulher, que é tão importante para Tess, mas de quem eu não me lembro de jeito nenhum, e torço para que ela goste da minha aparência quando vir as fotos no celular dela.

– Quer saber? – digo, tomando um gole. – Acho que Doll tem razão!

É tão fácil fazer Tess sorrir e, mesmo assim, cada vez é como um presente inesperado.

Fico querendo, o tempo todo, dizer algo como “Você tem noção de como

é deslumbrante?” e tenho que lembrar a mim mesmo que estou com 34 anos, não sou um adolescente.

– Tem um lápis? – pergunto a ela.

Ela revira a bolsa e tira um pedacinho de lápis de dentro.

Pego um guardanapo de papel do porta-guardanapos na mesa e começo a desenhar.

Ela passa os dedos pelos cachos finos, tenta manter uma expressão séria.

Estou achando impossível capturá-la. Lembro quando desenhei a Lucy; eu a via como uma boneca cuja expressão não mudava nunca, mas a essência da beleza de Tess está justamente em sua vitalidade. É por isso que ela não sai bem nas fotos. Mas a câmera mente, sim.

– Fique parada! – ordeno.

Talvez seja meu tom paternal que a faz perguntar:

– Você é casado?

– Não – respondo.

Em seguida acrescento, sem querer enganá-la com uma meia verdade:

– Sou divorciado. Minha ex-mulher mora em Genebra com minhas duas filhas. É uma longa história.

– Ah, sinto muito – diz Tess, pegando seu drinque alaranjado-neon e tomando um gole pelo canudo.

– E você?

– Eu? Não. E minha história nesse quesito é bastante curta.

Ela se debruça sobre a mesa, tentando ver como o esboço está ficando.

– É assim mesmo que eu sou?

– Não exatamente.

– Não falei? Posso ficar com ele?

– Claro!

– Vou colocar dentro do meu caderno – diz ela. – Caso contrário, me conhecendo como conheço, vou acabar vasculhando a bolsa em busca de um lenço e assoar meu nariz com este guardanapo ou algo assim.

Ela coloca o guardanapo com cuidado entre as páginas do meio do caderno.

– O que você está escrevendo? – pergunto.

– Uma espécie de livro de memórias – revela. – Mas pareço ter chegado a um impasse.

– Qual é o seu prazo?

– Na verdade não tenho – diz ela, pedindo licença para ir ao banheiro.

Eu a observo caminhando em direção ao café, abaixando a cabeça para passar debaixo dos guarda-sóis amarelos.

Chamo o garçom e peço uma recomendação de um bom restaurante, tentando mostrar, de um jeito de homem para homem, que quero impressionar, mas acabando por parecer um personagem suspeito de *O poderoso chefão*.

– *Una persona molto importante, capisce?*

Assim que pego uma nota de 20 euros, ele repentinamente se lembra do melhor restaurante de Florença e liga do próprio celular para reservar uma mesa.

Quando Tess vem em nossa direção, ele diz:

– *Bellissima, la signorina!*

E pisca para mim.

– Para ser sincera, depois de tanto sorvete, eu já ficaria satisfeita só em bater perna por aí com uma fatia de pizza – diz Tess. – É um pecado ficar sentado em um restaurante quando se está em um lugar assim, não é?

Meu plano de impressioná-la com uma boa garrafa de Chianti e um bife florentino malpassado tão grande que é cobrado por quilo se desfaz tão rápido que não consigo nem pensar em por que sequer considereei prendê-la a uma mesa à luz de velas com um garçom colocando um guardanapo de linho sobre suas pernas longas e expostas.

Perambulamos pelas calçadas de paralelepípedos na parte menos turística do rio Arno, onde idosas vestidas de preto se sentam em cadeiras de cozinha do lado de fora de suas casas e conversam com os vizinhos. O ar está impregnado do cheiro e do chiado de alho sendo frito e dos barulhos de mãos invisíveis preparando o jantar.

– Nunca exploramos esta parte – diz Tess quando chegamos a uma praça com um pequeno parque no centro.

Ela olha para a fachada iluminada da igreja com a mesma expressão de fascinação que vi em seu rosto no show dos Rolling Stones naquele fim de semana, em San Miniato al Monte, esta tarde e na primeira vez, muitos anos atrás.

– Acho que é o bairro dos estudantes – digo.

Há um pequeno carrossel para crianças debaixo dos plátanos e uma procissão lenta de jovens casais com carrinhos de bebê e mulheres mais

velhas de braços dados para a *passegia* da noite. O ar está agradável, o clima, suave.

Nós nos sentamos a uma mesa do lado de fora de uma pequena pizzaria. O garçom acende a vela em nossa mesa, traz um pote cilíndrico cheio de *grissini* e anota nosso pedido.

– Na outra vez que estive aqui, eu ia fazer faculdade – Tess me conta.

Ela quebra um palito de pão ao meio enquanto olha para o grupo de pessoas jovens reunidas na escadaria da igreja em torno de uma pessoa tocando violão.

– Tinha reservado meu quarto na residência estudantil e estava com meu pôster da *Primavera* de Botticelli prontinho para ser colado na parede.

– O que aconteceu? – pergunto.

O garçom nos traz duas taças de vinho e pizzas com o dobro do tamanho das tábuas em que são servidas.

– Quando cheguei em casa, tudo mudou.

A comida permanece praticamente intocada enquanto ela me conta sobre a morte da mãe e a responsabilidade de ter que cuidar da irmã mais nova. Faz uma pausa depois de descrever o funeral da mãe de um jeito que é engraçado e triste ao mesmo tempo e diz:

– Você deve saber como é, já que seu irmão morreu tão jovem. Você nunca supera, não é? Não importa o que as pessoas digam. Você se acostuma, mas a saudade nunca acaba.

Fico olhando para a vela tremeluzente, perguntando-me se sou tão honesto quanto ela. Sei que preciso contar a verdade, porque esta atração, esta conexão, o que quer que seja que me leva para ela, não vai me permitir dissimular.

– A questão é que eu não gostava muito de meu irmão. Não queria que ele morresse, é claro, mas não parecia conseguir sentir muita coisa além de culpa.

Tess fica em silêncio por tanto tempo que tenho certeza de que estraguei tudo.

– Então deve ter sido pior para você, Gus – diz ela finalmente. – Não que seja uma competição, nem nada assim. Quero dizer, eu gostaria que minha mãe não tivesse morrido, mas eu sempre soube que ela me amava e ela sabia que eu a amava. Mas você ficou aqui achando que odiava seu irmão e que ele odiava você, porque é assim que os irmãos são... Eu mesma tenho dois... E

vocês nunca tiveram a chance de se tornarem homens juntos e descobrirem que podiam ser amigos.

Será que eu e Ross poderíamos ser amigos algum dia? Essa ideia nunca tinha me ocorrido.

– Todo mundo que fica para trás se sente culpado – garante Tess. – Eu amava muito minha mãe, mas ainda me torturo com tudo que eu poderia ter feito para mudar as coisas. Quem dera eu tivesse reconhecido os sinais, quem dera não estivesse viajando, quem dera não estivesse tão empolgada para ir para a maldita universidade como se fosse a coisa mais importante do mundo... Mas você não pode viver a vida toda pensando *quem dera*, não é? Isso é fácil de dizer...

Olho para a mesa e depois para Tess.

Ela se curva na minha direção, seu rosto inclinado levemente para o lado, como se estivesse tentando entrar no meu campo de visão e me fazer erguer os olhos, como você faz quando quer arrancar um sorriso de uma criança rabugenta.

– Duas palavras – diz ela.

– Outro *gelato*?

Tess

Em um minuto, estávamos conversando como se nos conhecêssemos a vida toda; no outro, calados como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Ambas as situações eram verdadeiras, suponho. Ao retraçarmos nossa rota, senti a presença física dele ao meu lado com intensidade, nossas mãos quase se tocando, mas sem se tocar.

– Então, onde você estudou medicina? – pergunto a ele.

– University College.

– Mas era lá que eu ia estudar! – grito, como se ele tivesse roubado algo meu. – Onde você morava? – pergunto, com mais polidez.

Ele me conta sobre a chegada ao dormitório com os pais, sobre a vontade de ter uma nova identidade e sobre a amiga Nash, que pegou o quarto vizinho ao dele por causa de um cancelamento de última hora.

– Será que era o meu quarto? – pergunto quando pisamos novamente na

Ponte Vecchio.

– Isso seria estranho, não é?

As lojas estão todas fechadas agora, os artistas de rua foram para casa. Nós nos apoiamos na parede sob os arcos que sustentam o Corredor Vasari, por onde pessoas poderosas costumavam ir e vir por cima sem serem vistas pela população comum.

– Você acha que teríamos nos dado bem na época?

Gus está olhando fixamente para o rio Arno.

Fica mais bonito à noite, mais romântico. Durante o dia, é marrom lamacento, mas agora é preto como petróleo com reflexos cintilantes das luzes dos postes ao longo da margem.

Meu instinto diz que não, se eu for sincera. Ele era um garoto de classe média. Teria me visto como uma pessoa pouco refinada e eu teria ficado retraída, achando que não era boa o suficiente para ele, o que talvez não seja mesmo. Tudo o que tínhamos em comum na época era o amor pela arte e pelo sorvete. Será que isso teria sido suficiente?

– Minha mãe dizia que você não pode entrar no mesmo rio duas vezes – conto a ele. – E nunca entendi direito o que ela queria dizer, mas talvez seja que, se tivéssemos nos conhecido naquela época, não estaríamos aqui agora. Você nem sequer teria se tornado “Gus” se não houvesse conhecido Nash!

– Como a teoria do caos. – Ele se vira para me fitar. – Se uma única borboleta bater as asas do outro lado do planeta, desencadeia uma série de eventos que podem levar a um temporal...

– Ou a um arco-íris – digo, porque não precisa ser algo ruim.

Há um momento de silêncio, então nos endireitamos, nossos corpos tão próximos e trêmulos que é como se uma corrente elétrica estivesse zunindo entre nós. Ele me fita nos olhos, suas mãos seguram meu rosto como se fosse um vaso precioso e delicado e os lábios dele tocam os meus por uma fração de segundo antes de se afastarem. Ele olha de novo para mim pelo que parece uma eternidade e então me beija com intensidade, os olhos fechados, como se estivesse se entregando a mim em oração; os lábios dele são tão suaves e experientes que meu corpo esquenta como cera de vela, derretendo no dele.

Ele pega minha mão e saímos da ponte, os dois com sorrisos largos.

As ruas estão surpreendentemente vazias; os restaurantes, fechados. Chegamos à Gelateria dei Neri bem quando o proprietário está abaixando as venezianas para fechar. Gus escolhe *nocciola* e limão e eu, *fior di latte* e pera.

Seguimos de volta à Duomo Square. Os holofotes fazem a fachada da catedral parecer plana, como um cenário gigante de uma peça, oco atrás. Não há mais ninguém em volta e é como se as luzes estivessem acesas só para nós, como se tivéssemos ganhado um passeio VIP particular.

Quando digo isso, Gus me beija de novo. Mantenho os olhos abertos para gravar na minha memória o rosto dele com as listras pastel do Campanário atrás.

Dois adolescentes de skate aparecem do nada, rodeando-nos e gritando o que presumo significar “Vão procurar um quarto!” em italiano. Depois vão embora.

– O hotel onde ficamos – apontou Gus – é logo ali.

– Legal.

Então percebo que nós dois estamos pensando a mesma coisa.

– Melhor voltarmos para Vinci...? – diz ele, como se fosse uma pergunta.

– Melhor voltarmos.



É o mesmo trajeto de táxi que fiz da Piazzale Michelangelo seis horas atrás, mas o eixo da minha vida mudou, meu murmúrio silencioso de nostalgia substituído por um crescendo de expectativa que me anima e me assusta, caso eu amaldiçoe sem querer o que talvez esteja acontecendo ao acreditar naquilo.

No estacionamento, enquanto ficamos parados olhando para o Duomo iluminado, agora distante em frente ao céu escuro, tremo subitamente com uma espécie de premonição de que tenho que capturar cada detalhe preciso na minha mente porque nunca mais terei a chance de ver essa imagem de novo.

– Não quero ir embora!

Minha voz vacila.

Gus coloca um braço protetor em torno de mim, me puxando para perto. Adoro a maneira como minha cabeça repousa no ombro dele.

– Sempre podemos voltar – diz ele.

– Podemos?

– Todos os dias, se você quiser. Ou podemos visitar outros lugares. Estamos de carro. Podemos usar a Villa Vinciana como base.

– Meio que como acampar – digo. – Sem as pedras sob suas costas e a caminhada até o banheiro, é claro...

Quase consigo ouvir Doll gritando: “O que está havendo com você?”



– Quero saber mais sobre Hope – diz Gus quando liga o carro.

Então conto a ele sobre como ela era uma menininha divertida e obstinada e como agora eu nunca sabia se estava agindo da maneira certa com ela; e como morar com ela me alertou para todas as mentiras que todo mundo conta o tempo todo só para manter o mundo girando; e como ela podia ser difícil e como era musical. E isso me leva a falar de Dave.

Por sua vez, Gus me conta sobre Lucy e como ela o fez se sentir mais seguro e o ajudou a se manter na linha; e como ele não contou a ela sobre o irmão. E isso o leva a falar de Charlotte.

A estrada só tem duas pistas, separadas por uma mureta de concreto em vez de um canteiro central, então Gus dirige concentrado – embora, às vezes, seja mais fácil falar quando você não está olhando para o rosto da outra pessoa.

Ele pega a saída em Empoli Est e atravessamos uma cidade deserta por um tempo antes de ele admitir que pegou a saída errada e que estamos perdidos. Ele para o carro em uma rua lateral e tenta ligar o GPS, conseguindo mudar de italiano para outra língua, que achamos que seja russo, mas, em vez de achar isso engraçado, ele se torna agitado e pega minha mão, olhando para mim com tanta intensidade que fico quase assustada.

– Você me odeia agora? – pergunta.

– Por que odiaria?

– Porque você é uma pessoa tão honesta e eu me comportei tão mal.

– Eu não odeio você – afirmo, convicta. E completo: – E nem sempre sou honesta.

Conto a ele sobre Leo enquanto rodamos pela estrada de uma faixa só sem parar até que, finalmente, Gus avista a placa para Vinci e saímos da cidade, subindo os morros às escuras, em uma via com curvas íngremes e inesperadas.

Quando os faróis iluminam a placa pintada à mão da Villa Vinciana, parte

de mim fica aliviada por termos encontrado o caminho de volta, mas também desejando que ele tivesse passado reto, porque o interior do carro parece quase um confessionário, onde podemos dizer coisas um ao outro e não há como escapar da verdade. Mas ainda não chegamos exatamente ao fim de nossas histórias.

O carro sacoleja ao descer pela trilha irregular e entramos no estacionamento arremessando cascalho para tudo quanto é lado. Gus puxa o freio de mão e desliga os faróis, deixando-nos em um breu. O silêncio parece carregado com todas as perguntas que talvez tenhamos feito durante o trajeto, mas que agora parecem pessoais demais.

– Então você se tornou escritora? – pergunta Gus.

– Só no meu tempo livre. Durante anos as pessoas ficaram dizendo “quando Hope ficar bem”, mas ninguém jamais pensou que isso fosse de fato acontecer, então, quando aconteceu, senti que não tinha feito nada e comecei a escrever esse livro. Para dar à minha vida uma espécie de sentido. E suponho que parte de mim pense que seria legal para Hope ter uma recordação, se ela um dia quiser saber sobre seu passado, apesar de que, para ser sincera, isso não seria bem do feitio dela...

Há um silêncio longo e fico me perguntando se ele entendeu o subtexto de tudo o que eu disse.

– Então você se tornou médico, no fim das contas? – pergunto.

– Sim. Tenho que pagar as contas de casa para que ela possa ser o lar das meninas pelo tempo que quiserem. Apesar de que, nessa última visita, não tive tanta certeza de que elas ainda queriam. O que provavelmente é uma coisa boa, como você diz. É preciso encontrar dentro de si mesmo o necessário para deixar que as pessoas que você ama sejam independentes de você.

Ele ri com pesar.

– Eu só gostaria que não tivesse acontecido tão cedo.

– Onde fica a sua casa? – pergunto.

– Na Portobello Road.

– Portobello Road?

– No final, perto do Sun in Splendour.

– Uma daquelas casinhas todas pintadas de cores diferentes?

– Sim! – confirma ele. – Você conhece a Portobello Road?

Gus

Minhas filhas tinham feito tatuagens temporárias no salão que ela administra, ela reduz a velocidade toda vez que passa em frente à minha casa, tomamos café no mesmo lugar todas as manhãs há quase dois anos, mas, de alguma forma, ela nunca trombou comigo, respingando seu *latte* na minha camisa.

– Tive que desmaiar para você reparar em mim, caramba!

Em Londres há tanta luz que nunca dá para ver as estrelas, mas aqui é tão escuro que o céu é um dossel de veludo preto incrustado com uma miríade de diamantes.

– Você acha – pergunta Tess enquanto estamos parados olhando para o céu – que se tivéssemos um dispositivo rastreador, uma luzinha que você pudesse ver do espaço, os caminhos de todo mundo iriam se sobrepor e emaranhar como os nossos?

– Não. Acho que isso é... um mistério.

Eu ia dizer que era para ser assim, mas ouvi a voz arrogante de Charlotte dizendo “As coisas realmente acontecem porque têm que acontecer?”, e não há espaço para ela aqui.

– Um mistério?

– Um milagre? – sugiro em substituição.

– “Milagre” é uma bela palavra – diz Tess.

Nós dois estremeçemos quando nos beijamos porque parece que há muito mais em jogo agora que conhecemos todas as esperanças e transgressões um do outro.

Tess tem gosto de pera e creme e, quando fecho os olhos, o sorriso dela permanece na minha visão, como o instante em que um arco-íris se desfaz mas você acha que ainda está lá.

Não muito longe, uma coruja pia.

– Posso segurar sua mão? – pergunta Tess enquanto subimos pelo terreno irregular. – Estes malditos chinelos! Esqueci de pôr calçados na mala, o que não é do meu feitio, mas estava com muita pressa, para não perder o voo.

Se ela tivesse perdido, nós estaríamos aqui agora? Ela teria pegado o voo seguinte? Teríamos chegado a San Miniato al Monte no mesmo momento? A conexão entre nós parecia inevitável e, ao mesmo tempo, tão frágil.

Beijamo-nos de novo na escadaria de pedra que leva ao quarto dela e, no momento em que nos afastamos para recuperar o fôlego e eu a puxo escada acima, ela perde um chinelo.

Ficamos assistindo ao chinelo quicando até chegar lá embaixo. De repente, ouvimos passos se aproximando, então corremos pelo patamar, derrubando as chaves de Tess e depois enfiando-as sem sucesso na antiga fechadura de ferro até finalmente conseguirmos entrar aos trancos, bem a tempo de fechar a porta com firmeza antes de sermos descobertos. Com nossas costas apoiadas na porta, prendemos a respiração como prisioneiros foragidos até os passos se afastarem.

No escuro, minhas mãos encontram as mãos de Tess; minha boca, sua boca; minha pele, a pele dela. Nosso desejo é tão frenético que parece que estamos tentando entrar um no corpo do outro, como se estivéssemos nos rendendo por completo, como se fosse a última coisa que teríamos a chance de fazer na vida.



Quando acordo, o quarto está levemente iluminado por réstias de luz do sol que penetram pela fresta das cortinas. Tess está dormindo ao meu lado, seus cachos escuros no travesseiro branco. É estranho ver os traços dela tão estáticos e pacíficos; assisti-la a dormir parece quase mais íntimo do que beijá-la para fazê-la acordar.

Com cuidado, saio de baixo do lençol e, colocando a bermuda, vou na ponta dos pés até a porta, saindo sem fazer barulho.

O terraço ainda está silencioso e deserto, mas o bufê de café da manhã já está posto. Encho os bolsos de doces e frutas. O chef me encurrala na máquina de café.

– *Mi dispiace* – digo. – *Non posso lavorare... Una cosa molto importante...*

Provavelmente teria sido melhor falar em inglês.

O chef olha para as duas xicrinhas que estou enchendo de café e, então, pisca para mim.

– *Amore!*

Ele é italiano. Sabe o que é importante.

No caminho de volta para o quarto, pego o chinelo de Tess na base da escadaria.

Percebo que devia ter levado a chave, porque agora vou ter que acordá-la, de qualquer forma.

Bato de leve na porta.

– Quem é?

Ela parece ansiosa. Será que pensou que eu fosse sair de fininho e abandoná-la?

– Sou eu!

– Senha! – exige ela, com uma risadinha nervosa.

– Café da manhã.

Ela destranca a antiga porta de madeira e volta correndo para a cama, puxando o lençol para esconder o corpo nu.

Com os *espressos* equilibrados na sola do chinelo como uma bandeja de café da manhã em miniatura, coloco um em cada lado da cama, então dou um morango a Tess e me aproximo para beijar sua boca umedecida pela fruta.

Quando ela sorri para mim, as palavras que estavam borbulhando no meu corpo como champanhe desde que eu tinha ficado parado ao lado dela sob o sol do lado de fora da igreja de San Miniato al Monte subitamente disparam pelos meus lábios:

– Acho que eu te amo!

A resposta dela é de uma inesperada beleza e inocência, como uma criança na manhã de Natal:

– Eu não só *acho* que te amo! Eu te amo! Eu te amo!

Fico imensamente feliz em ter dito aquilo.

– Você tem uma mente maravilhosa, um corpo totalmente incrível...

– Não!

De repente, ela ergue a mão e dá as costas para mim, olhando além das cortinas fechadas da janela, como se estivesse admirando uma paisagem muito distante.

– Tess?

– Meus seios não são reais!

– Eu sei.

Ela se vira imediatamente para me encarar.

– Você *sabia* que eu tive câncer de mama?

Você está escrevendo um livro de memórias e só tem 34 anos!

– Ontem à noite... – hesito –... senti as cicatrizes... E com o seu histórico familiar...

O quarto paradisíaco se transforma em um consultório médico. Tento pegar a mão dela, mas ela a afasta. Então, com os olhos fixos nos meus, deixa o lençol cair.

Sob as listras finas do sol que bate no peito dela, as marcas da incisão são mais rosadas e brilhantes do que o tom natural da sua pele. Se há algo certo a dizer, eu não sei o que é. Quero muito fazê-la ter a certeza de que não faz diferença alguma, mas suspeito que isso talvez soe como se fizesse, então simplesmente me recuso a desviar o olhar.

– Eles parecem reais, não acha? – pergunta ela finalmente. – Debaixo da camiseta?

– Sim.

– São bem menores do que eram os naturais. Sempre fui meio avantajada na parte de cima, para ser sincera. Corpo de nadadora, sabe?

Confirmo com a cabeça.

– Então, tudo bem se eu amar você? – pergunto.

Ela pensa por um instante.

– Acho que sim.

Tess sorri e se afunda de volta nos travesseiros, seus olhos agora brilhando, convidativos.

Deito na cama ao lado dela, me apoiando sobre o cotovelo.

– Eu te amo, Tess. – Acaricio o rosto dela. – Nunca disse isso a ninguém e só agora entendi o que significa.

– Eu também te amo, Gus. E eu já disse isso a duas outras pessoas, e de coração, mas isso foi antes de ontem... antes de encontrar você.

Eu a beijo de leve.

– É engraçado, não é? – pergunta ela. – Temos dicionários cheios de palavras incríveis, mas a única frase que os seres humanos inventaram para expressar sua paixão singular e infinita são quatro sílabas pequeninas e inadequadas.

“Paixão singular e infinita” são dez sílabas, penso.

Ela se ergue com os braços abertos e, enquanto damos um beijo demorado, sinto como se nossas almas se encontrassem e fizessem promessas solenes.

Eu a aperto com força, tentando absorver a essência dela dentro de mim, e

começamos a fazer amor novamente, sem nenhum barulho – conscientes dos outros hóspedes passando pela nossa porta no caminho para o café da manhã –, falando sem palavras, olhando nos olhos um do outro, tocando-nos com um carinho silencioso e excruciante.

Adoro sentir cada milímetro do corpo longo e esguio dela pressionado contra o meu, adoro quando ela está perto do orgasmo e, de repente, ri de prazer.

Adoro o fato de irmos além do esquecimento sensual do prazer, alcançando um paraíso de felicidade pura e extasiante.

Ambos congelamos quando ouvimos as batidas agudas e regulares de saltos altos se aproximando.

Alguém bate na porta. Prendemos a respiração.

– *Signorina Costello?* – chama a voz severa da Lucrezia.

– Sim? – responde Tess, cheia de culpa.

– Você sabe onde está o Sr. Gus? O carro dele, “ela bloqueia o micro-ônibus”.

Nenhum de nós responde porque estamos enfiando o lençol em nossas bocas para abafar as risadas.

Tess

Se existe um lugar no mundo aonde você deve ir no dia em que se apaixona, é Pisa.

Chegamos lá por uma longa feira de rua que se parece com outra centena de lugares para turistas. Até a muralha grande fortificada, não conseguimos ver nada. Mas, assim que passamos pelo arco, temos a visão de um mármore branco brilhante, com gramados verdes e planos e um céu azul anil.

Eu achava que houvesse apenas a torre, porque é só isso que você vê nas fotos, mas há a catedral, o batistério e os claustros, uma praça incrível repleta de beleza.

As cores são tão luminosas que parecem geradas em computador. Então você pensa nas pessoas que construíram aquilo, centenas de anos atrás, antes de haver eletricidade ou guindastes ou qualquer coisa assim. Deve ser por isso que é chamado de Campo dei Miracoli. O Campo dos Milagres.

Parece que a torre está espiando por trás da catedral. O folder que conta sua história diz que, quando foi construída, consideraram-na um fiasco arquitetônico tão grande que ninguém quis assumir a autoria. Então não se sabe nem o nome da pessoa que criou esse edifício visitado por milhões de turistas todos os anos.

Há uma fila de pessoas tirando fotos de seus amigos fazendo pose para parecer que estão segurando a torre.

– Vamos tirar uma!

Fico parada com a mão no ar enquanto Gus acerta o enquadramento. Estou prestes a mandar para Doll quando ele sugere:

– Por que não tiramos uma de todas essas pessoas do outro lado, sem a torre, para ver se ela adivinha onde estamos?

O que é uma ótima ideia e, como Doll não responde, suponho que esteja tentando adivinhar.

Nós nos sentamos na grama, como centenas de outras pessoas, apesar de as placas proibirem.

Uma borboleta branca voa aleatoriamente de um botão de flor para outro. Tento tirar uma foto dela, branca contra a grama verde, branca contra o céu azul, mas ela nunca fica parada tempo suficiente.

Um casal de mochileiros se aproxima de nós e nos pede para fotografá-los em frente à catedral, entregando-nos a câmera. O mármore é tão branco quanto a renda de um vestido de noiva e as camadas parecem um bolo com cobertura cheio de detalhes. No cume do telhado, há uma estátua dourada da Virgem Maria com o Menino Jesus em seus braços.

O casal sorri em agradecimento quando lhes devolvo a câmera.

– Você acha que é permitido casar aqui? – pergunto sem quaisquer segundas intenções.

Ajudo Gus a se levantar para tirar uma *selfie* nossa com o Duomo.

– Vamos? – propõe ele.

Analisamos a *selfie*. A catedral está perfeitamente enquadrada e consegui pegar toda a estátua de bronze, mas só o topo de nossas cabeças.

Então tiramos outra e estou prestes a enviar para Doll quando Gus insiste:

– Tess, você ouviu o que eu acabei de dizer?

Finjo estar me concentrando na mensagem e ele, delicadamente, tira o celular da minha mão.

– Quer casar comigo? – pergunta.

- Não posso!
- Quer que eu ajoelhe?
- Não, por favor, não! Gosto de você alto!

E não consigo suportar a ideia de aparecer no fundo das fotos de outras pessoas.

- Só nos conhecemos há dois dias...

– Não, Tess – retruca ele, muito sério –, nós nos conhecemos quando tínhamos 18 anos, mas houve uma pequena alteração no destino e ficamos nos descontraindo. Sei que parece piegas, mas não consigo pensar em outra maneira de explicar. Tudo que sei é que essas últimas 24 horas foram como a vida inteira deveria ser. Nunca tive tanta certeza de nada, Tess, mas tenho certeza disso.

Tento me concentrar na pureza do branco contra a claridade do azul para conter as lágrimas que estão embaçando minha visão. Mas, quando falo, consigo manter a voz firme, porque não vou mentir e também não vou sentir pena de mim mesma, porque este é com certeza o melhor dia da minha vida.

– A questão é... – começo –... A questão é que eles se livraram do meu câncer de mama, mas tive alguns episódios de tontura nos últimos tempos, então eles querem fazer uma ressonância no meu cérebro para ver se há algum tumor secundário, e é por isso que estou aqui na Itália agora, porque, quando eu voltar, é isso que vai acontecer e, acredite em mim, você não vai querer estar por perto para encarar a quimioterapia e é provável que eu fique maluca e, depois, morra!

– Não – diz ele com firmeza. – Há muitas razões pelas quais você pode ter desmaiado. Estava quente no show. Você ainda está bem magra e fraca depois da cirurgia. Olhe, tenho um amigo que é um oncologista brilhante e vai atender você assim que voltarmos. Ele vai se certificar de que você vai ter o melhor tratamento. E eu vou cuidar de você. Não importa o que aconteça. Eu prometo que vou cuidar de você.

Aperto a mão dele com muita força, tentando forçá-lo a encarar a realidade.

– Minha mãe morreu. Ela fazia ressonância todo ano, mas morreu mesmo assim.

- Mas pode ser que você não – diz ele.

Não acho que ele tenha tanta certeza, mas adoro o fato de ele não me dizer que vou ficar bem se lutar bastante.

– Este é o nosso começo, Tess – diz ele.

– Não é que eu tenha desistido – explico a ele –, mas a questão é que o câncer, na verdade, não está nem aí para isso...

Ele sorri para mim, seus olhos azuis e dourados brilhando, repletos de compaixão.

– Case comigo! – insiste.

Eu continuo a encará-lo.

– Ou, se não quiser se casar, apenas fique comigo. “Venha viver comigo e ser meu amor!” – diz ele, citando um poeta inglês.

Ele parece tão decidido.

– Vamos nos mudar para a Itália! Afinal, o que nos impede? Posso colocar minha casa à venda! Tenho certeza de que vou conseguir vender rapidinho. As meninas podem vir nos visitar aqui com a mesma facilidade. E Hope também, se ela quiser. Vou preparar pratos gostosos e saudáveis para nós. Quem sabe até começar um *supper club*!

– Ou podemos ficar na Portobello Road. – sugiro.

– Ou podemos ficar na Portobello Road – concorda Gus.

– Não quero que pareça que estamos fugindo...

– Não vamos fugir.

– Mas talvez não tenhamos muito tempo – digo.

– Ninguém sabe quanto tempo tem, sabe? – pondera ele.



Olho para a estátua dourada de Nossa Senhora e, de repente, penso em como minha mãe deve ter se sentido depois do primeiro câncer, quando Hope era apenas um bebê. E, apesar de ter dado o título *Vivendo com esperança* ao meu livro, eu nunca tinha entendido por que minha mãe tinha dado aquele nome a minha irmã. Sempre achei que fosse pelo fato de Hope ser diferente e minha mãe se preocupar com ela, mas agora entendo que ela não podia ter percebido isso na época, não quando Hope era recém-nascida.

Ficou súbita e radiosamente claro para mim que “hope”, a “esperança”, se tratava de não permitir que o câncer estragasse sua vida.

Parada ao sol maravilhoso no Campo dos Milagres, tenho a forte sensação de que minha mãe está perto de mim e sorrindo por finalmente eu

ter entendido.

– Encontrei um homem bom para mim, mãe. Um homem que entende quem eu sou – digo a ela em silêncio.

E, enquanto converso com minha mãe, uma borboleta branca voa ao nosso redor, como confete dançando no ar.

FIM
~

SOBRE O AUTOR

Kate Eberlen cresceu em uma cidadezinha a 50 quilômetros de Londres e passou a infância lendo livros e sonhando em escapar de lá. Estudou literatura clássica em Oxford e trabalhou em diversos setores do mundo editorial e artístico. Recentemente, Kate se especializou em ensinar inglês para estrangeiros com o objetivo de passar mais tempo na Itália, país pelo qual é apaixonada e que já visitou várias vezes. É casada e tem um filho.

www.kateeberlen.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista, O resgate e O milagre, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução e Lições do desejo, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; O salmão da dúvida e Agência de investigações holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Parte 2

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Parte 3

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Parte 4

Capítulo 24

Capítulo 25

Parte 5

Capítulo 26

Sobre o autor

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)